

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

NOVA EDIÇÃO

REDONDILHAS (ANACREONTICAS), CANÇONETAS,
GLOSAS, FABULAS, EPIGRAMMAS, ELOGIOS DRAMATICOS,
DRAMAS ALLEGORICOS, FRAGMENTOS,
VERSÕES LYRICAS, EPISODIOS TRADUZIDOS, FASTOS

VOLUME II

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54

1910

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ODES ANACREONTICAS

I

Veloz Borboleta,
Que leda girando
Penosas idéas
Me estás.avivando:

Insecto mimoso.
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato:

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentis, penetrantes:

Tu andas brincando
De flôr para, flor ;
Anardamaguêa
D' amor em amor.

2

Os teus prisioneiros,
Cupido, os que devem
Saber definir-te,
Que mal te descrevem !

És aspide (affirmam)
Cuberto de flôres,
Sedento d'estragos,
Amigo de horrores:

Sustentam carpindo
 Que os féres, e enlêas
 Com aureos virotos,
 Com ferreas cadêas:

Enganam-se, oh nume!
 Teus laços, teus tiros
 São longas madeixas,
 São ternos suspiros.

3

De liquido aljofar
 As faces bordadas,
 Ao vento dispersas
 As tranças douradas:

«Vingança, meu filho
 (Clamava Erycina)
 Que a vil natureza
 Se atreve á divina:

«Em damno de um impio
 Mortal, que me affronta,
 Venenos prepara,
 Tormentos aprompta:

«Elmano em seus hymnos
 Prefere-me Isbella;
 Diz que é mais mimosa,
 Mais loura, mais bella.

«Os teus males todos
 Me vinguem, oh nume !. . . »
 Amor a interrompe:
 — Não basta o ciume

4

Formosa Marina.
 Modêlo das Graças,
 Que mil pensamentos
 Accendes, e enlaças:

Áquelle, que animam
Teus dôces agrados,
Terror dos amantes,
Mimoso dos fados,

Se folgas de ouvil-o
Por ti suspirar,
Ao céu dos amores
Não deixes voar.

Dos homens ignoras
A indole errante ?
Quem é muito amado
Não é muito amante.

5

Do vasto abysmo
Do eterno horror
Surgiu a Angustia
De negra côr:

Logo apoz ella
Veiu o Queixume,
E o delirante
Feroz Ciume:

Determinavam
Em crua guerra
De pranto e sangue
Banhar a terra:

Eis que Amarilis

Idolo meu.

Entre mil graças

Lhe mereceu.

Oh milagroso

Dom-da belleza!
No mesmo instante
Riu-se e a Tristeza:

O agro Lamento
Mudo ficou;
Só o Ciúme
Desesperou.

6

Poupando votos
Á loura Isbella,
Se Amor fallasse
Nos olhos d'ella:

De almos prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na phantasia:

Outros, que as almas
Tambem tem presas,
Se regosijam
De ouvir finezas:

Eu antes quero
Muda expressão;
Os labios mentem,
Os olhos não.

7

(Imitada de Mr. Parny)

Se os deuses me conferissem
A suprema faculdade
D'espriar a luz do dia,
E a nocturna escuridade:

Tarde no roxo horisonte,
Candida Aurora, assomaras;
Tarde as viçosas boninas
Com teu pranto rociaras.

O deus, de que és percursora,
Só duas horas, não mais,
Vibrara n'este hemispherio
Seus raios a Amor fataes.

Mais longa seria a noute,
Mais felices os amantes;
E eu, a sabor dos prazeres,
Dividira os meus instantes:

A quarta parte do tempo
Ao grato somno a daria;
Outra egual ás brandas Musas,
E ametade á' minha Armia.

8

(Imitada do mesmo)

Brando leito de verdura,
Linda alcatifa de flôres,
Formoso vergel, plantado
Pelas Graças, e os Amores:

Recebe estas frescas aguas,
Que te deve um grato amante,
C'roa-te de nova hervinha
Viceja, logar fragrante.

Quando lá no ethereo cume
Raios o sol dardejar,
Almos, benignos Favonics
Te venham desaffrontar.

As debruçadas alfênas,
Presas n'um confuso enleio,
Miudo pranto da Aurora
Destillem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave pezo
Da minha Armia. engraçada;
Dobra-te, relva mimosa,
De boninas matizada.

Mas depois ergue-te á pressa,
Que se os brincos amorosos
Amarrotada indicares,
Não faltarão invejosos.

9

Em torno d'áurea colmêa
Amor adejava um dia :
E a mãosinha introduzindo
Humidos favos colhia :

Abelha, mais forte que eu,
Porque de Amor não tem medo,
Eis do guloso menino
Castiga o furto n'um dedo.

Chupando o tenro dedinho
Entra Cupido a chorar ;
E ao colo da mãe voando
Do insecto se vae queixar.

Venus carinhosa, e bella,
Diz, amimando-o no peito :
« Desculpa o que te fizeram,
Recordando o que tens feito.

«O tenue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões ;
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações. »

10

(Traduzida de Argenson)

Vê se uma traça
Pódes achar
Para meus dam nos
Remediar.

— Empenha afagos,
Roga humilhado...—
Afago, e rogo,
Tudo é baldado.

Lidia me abraza
Em chamma accêza ;
E as duras pedras
Vence em dureza.

— Pulsa o laúde,
Cantos lhe ajusta...
Laúde e cantos
Despreza a injusta.

— Pranto derrama,
Meigo te ostenta,
Que isto a Cupido
Tambem contenta. —

Brando me ostento,
Ais d'alma accêza,
Rios de pranto,
Tudo despreza.

— Punhados d'ouro
Sólta profuso...
De dões tão grandes
Só reis tem uso.

— Dóme a distancia
Tão grande amor... —
Não póde o tempo,
Que elle é maior.

— Se nada pode
Findar-te a lida,
Aprompta um laço,
Põe n'elle a vida :

Porque te vejo
Triste hesitar ?
Só assim pode
Teu mal findar. —

11

Armia

(Pastoril)

Tardi's avvede
 D'uo tradimento
 Chi mal di fedo
 Mancar non sa.

Metast., *Clemene. di Tit...*

Att. II, Se. I.

Já tinha a noile estendido
 O véo de estrellas bordado,
 Estava-o campo deserto,
 Mudo o vento, o mar calado :

Quando Elmano, o triste Elmano
 Para desgraças nascido,
 Suspirava, em amorosos
 Pensamentos embebido.

A lyra, que n'outro tempo
 Sanhudas feras domava,
 Rochedos embrandecia,
 Turvos áres azulava.

A lyra, que d'antes fôra
 Recreio e gloria de Amor,
 Já não adoçava as magoas,
 Do consternado pastor.

Jaziam pela violencia
 Das paixões, e dos destinos
 Rotas as cordas brilhantes,
 Que espalharam sons divinos.

A descorada Tristeza
 Posse do infeliz tomava,
 E viçosas esperanças
 Em desenganos trocava.

Armia, a formosa Armia,
 No coração lh'as plantou ;
 Armia, a perfida Armia,
 No coração lh'as murchou.

Seu definhado rebanho
Em torno d'elle balava,
Que de si mesmo esquecido,
Só de Armia se lembrava.

Rouca a voz, pallido o rosto,
Junto ao Tejo susurrante
Pranteava solitario
D'est'arte o misero amante:

« Echos, que Moraes nas grutas,
Ondas, ventos que dormís,
Ah! Como não vos despertam
Clamores de um infeliz !

« Vós, a quem tenho enviada
Tantas queixas, tantos ais,
Sois surdos, sois insensíveis,
Oh céos, que mo não vingaes !

« Por vós a traidora Armia
Jurou de me ser leal;
Vingae, profanados numes,
Vosso respeito, e meu mal.

« Ah ! Porque não quiz minha alma
Crêr nos presagios, que ouviu,
Quando Armia os falsos votos
N'este logar proferiu ?

« Subito as ondas bramiram,
Todo o ar se ennegreceu,
Seccou-se aquelle ribeiro,
Aquella rocha tremeu.

« Horrendo á parte direita
Funesto corvo grasnou;
Tres vezes a ouvi, tres vezes
Junto de mim revoou.

« Estremeci, mas a ingrata
Que me despreza, e me enjeita,
Não palpitou; já vivia
A taes enganos sujeita.

« Já mil amantes por ella
Haviam sido enganados:
Já mil vezes tinha ouvido
Predizer-lh'o a voz dos fados.

«Eu inda então não sabia
Que o semblante, e o coração
Differem; julguei-lhe a alma
Pela ext'rior perfeição.

«Ditoso de mim se crêra
No que o céu me annunciou !
Mas Armia co'um sorriso
Meus terrores dissipou.

«Em torrentes de delicias
Engolphado o pensamento,
Me esqueci de que não póde
Durar o contentamento.

«Quando os humanos protejes
Oh Fortuna, a condição
Com que outorgas teus favores
E' a curta duração.

«D'esta amargosa verdade
Posso, posso exemplo ser
Eu, que nos olhos de Armia
Bebi celeste prazer.

«Ah! Para que vens pintar-me,
Para que, fatal memoria,
Os luminosos instantes
Da minha perdida gloria ?

«Gados, bosques, fontes, penhas,
Arvoredos, prados, flores,
Vós, vós fostes testemunhas
De meus ditosos amores.

«Quantas vezes no regaço
Do meu bem, da minha amada
Lancei recentes boninas,
Dons da estação namorada !

« Quantas vezes ajudado
Dos Amorinhos, com ellas
Lhe augmentava a formosura
Das longas madeixas bellas !

« Quantas vezes a teu lado,
E á sombra de antigo ulmeiro,
Quando o sol se ia sumindo
Por detraz d'aquelle outeiro:

«Misturei com meus prazeres,
Falsa Armia, os teus louvores,
Adormecendo os Favonios,
Pondo inveja aos mais cantores !

«Ao som da amorosa lyra
Meus brandos versos voavam;
Eram teus olhos piedosos
As Musas, que me inspiravam.

«Fitos, pasmados, absortos
D'alta gloria os meus enchiam:
Mil desejos me pintavam,
Mil segredos me diziam !

«Mas n'elles só não fiada,
Tambem co'a voz maviosa,
Tingindo-te a face em tanto
Lindo pejo côr de rosa.

«N'estas fagueiras palavras,
Cortadas de ternos ais,
N'estas mimosas palavras
Que te não hei de ouvir mais;

« — Quando em Armia (affirmavas)
Feias traições encontrares,
Verás, suspirado amante,
Unidos os céos, e os mares.

« — Só tu, meu bem, me arrebatas
A vontade, o pensamento;
Vivo de vêr-te, e de amar-te,
E detesto o fingimento.

«Teu coração desafoga,
Que entre temores fluctua;
Não desconfies, Elmano,
Não temas, pastor, sou tua.»

Cuidei que a voz da verdade
Soava na voz de Armia...
Deuses! Céos! Que horror! Que assombro!
A deshumana mentia.

Não duraste longamente,
Encantadora illusão !
Desfez amarga exp'riencia
Os phantasmas da paixão.

Dareis credito, mortaes,
 Ás perfidias, que lamento?
 Oh terra, treme ! Apagae-vos,
 Oh luzes do firmamento !

Armia, que ser só minha
 Votara ao deus dos Amores,
 Recebe, acolhe, premêa
 Mil cultos, mil amadores.

Cançada já de fingir
 Me aborrece, me desdenha,
 E em azedar meus tormentos
 Toda a tyrannia empenha.

Aquella, por quem movido
 De ufano, accezo transporte,
 Ás vezes me presumia
 Superior ao Fado, e á Morte;

Meus ledos competidores
 Sem pejo. sem custo afaga,
 E pelo rasgado peito
 Me vae dilatando a chaga.

Ai de mim ! Nem quer ouvir-me
 Tristes ais, tristes queixumes;
 Manda que soffra calado
 Os devorantes ciumes !

Fero Amor, e assim me roubas
 O siso, o prazer, e a paz ?
 Os fructos, que tens, são estes ?
 Estes os premios, que dás ?

Bem como em agra montanha
 Descuidado caminhante,
 Contemplando a face pura
 Do céo risonho, e brilhante:

De repente, quando a planta
 Mover distraído vae,
 Em precipicio profundo
 Faltando-lhe a terra, cáe:

Assim do alteroso cume
 Da minha fallaz ventura
 Caí no medonho abysmo
 Da desgraça, e da amargura.

Ah desleal, que em meus males
Sacias tua fereza,
Que estimas vêr-me penando
Entre as garras da tristeza !

Se ninguém seus fados vence,
Se é meu fado arder por ti,
Suspirar, morrer d'amores,
Ao menos não seja aqui!

Se a vida, que tu condemnas
A tormentos, e anciedades,
Hão de roubar-me desprezos,
Antes m'a roubem saudades.

Não posso (ai de mim !) não posso
Vingar minhas afflicções,
Proferindo em tua affronta
Raivosas imprecações:

Não temas que pelos troncos
Vá teus enganos lavrar;
O terno, infeliz Eimano
Nasceu para te adorar.

E a traição, que em tantas almas
Com raiva, com odio vi,
Doce ingrata, me parece
Menos horrorosa em ti.

Adeus, eu parto a sumir-me
Nas sombras d'erma floresta,
Até perder a cançada
Vida fatal, que me resta.

Ali do mocho agoureiro
Me ha de ser suave o canto;
Ali, sem que te dê gloria,
Livre correrá meu pranto.

Ali não verei ao menos
Desvanecidos rivaes,
A cevar-se em meus martyrios,
A sorrir-se de meus ais.

Mas ah! Se oppostos não fossem
Os sentimentos em nós,
Loucos, Elmano podia
Ser tão feliz como vós.

Vós suspiraes pela posse
 Das externas perfeições;
 Vós cubiçaes os deleites,
 Eu cubico os corações.

Fartae-vos de ouvir mil vezes
 Juramentos de paixão,
 Que profere a voz de Armia
 Sem que o saiba o coração.

E vós, quando o quiz a Sorte,
 Meu prazer, cuidados meus,
 Cordeirinhos, ovelhinhas,
 Amado rebanho, adeus!

Eis para sempre vos deixa
 O vosso infeliz pastor;
 Vae findar seus turvos dias,
 Triste victima de Amor.

12

Á Illustrissima e Excellentíssima Senhora
 D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho

Piedosa, excelsa heroína,
 Tu, que em transcendente altura,
 Com alma quasi divina
 De uns evitaste a ruína,
 De outros creaste a ventura:

Tu, que em formosa união
 Com refulgente nobreza
 (Accidental condição)
 Ligas mais alta grandeza,
 Grandeza do coração:

Tu, que á mãe do luso estado,
 Chorada, augusta rainha,
 Mereceste honroso agrado,
 Colhe os ais, que te encaminha
 Triste victima do Fado.

Teus brandos, faceis ouvidos,
Ouvidos ha tantos affeitos,
Senhora, a attender gemidos
De roucos, anciados peitos,
Pela desgraça opprimidos:

Teu favor, tua piedade,
Com que viva ao céo te elevas,
Abriguem minha anciedade,
Versos nascidos nas trevas,
Entre a dôr, e a adversidade:

Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno escura,
Impios zoilos derramaram
Em vida de crimes pura:
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

Eis doloso, eis negro véo
Meu são character encerra;
Monstros me pregoam réo,
Tornam-me odioso á terra,
Fingem-me rebelde ao céo:

Desesperada agonia
Aggrava mais minha sorte,
E a meus olhos noute, e dia
Gira o phantasma da morte
Co'a turva melancolia.

Desparziu preces em vão
Angustia, que em mim se exalta;
Mas no centro da afflicção
Conheço que inda me falta
Invocar teu coração.

Esse adoravel thesouro,
Thesouro da natureza,
Furtado ao seculo de ouro,
Póde expellir-me a tristeza,
E mal peor, — o desdouro.

Não te imploro, alta matrona,
Como aquelle, a quem o enxame
De vicios mil desabona,
E em si cáe depois que infame
Sobre o delicto resona.

Eu, desvalido mortal,
Ludibrio de sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao mal
As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.

Se casuaes erros fiz
(Socios da edade imprudente)
Meu desvario infeliz
No coração innocente
Não teve infesta raiz.

Da vaidade activo ardor,
Que o peito inexperto inflamma,
Das Musas suave amor,
Sede implacavel de fama
Me sumiram n'este horror.

Em versos não baixo, ou rude
A teu animo propicio
Já sagrar louvores pude:
Se grato me fôra o vicio,
Eu não cantára a virtude.

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attraír da Fama o brado:
Um bando inerte, e maligno
D'inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flôres
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Affagavam minhas penas.

Dom divino, almo, e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O mérito é grave offensa
Ao coração do invejoso.

Alma gentil, não presumes
Que exaggera altivo abalo
Torpes, sordidos ciumes;
Se de mim com gloria fallo,
Honro a dadiva dos numes.

Mas á triste, á maviosa
Phrase da consternação
Já volve a voz lamentosa;
Mais cubico a compaixão,
Q'um nome, que mal se gosa.

Não te interesse o valor
(Se algum tem) do vate afflicto,
Commove-se o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandam teu favor.

Exerce efficaz valia
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impia:
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.

Pelo misero intercede,
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede:
O que pódes, o que vales
Por minhas angustias mede.

Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso, e mudo curvei.

Que, ainda que a rota lyra
No chão desprezível jaz,
E a Musa, que já delira,
Sem harmonia, sem paz,
Em vez de cantar suspira:

No meu estro aniquilado
Revivendo a morta chamma,
Te daria eterno brado,
Se ha muito o grito da Fama
Não te houvera eternisado.

CANÇONETAS

1

A Armania

Armania, de alvo rosto,
Encantador, divino,
Vagava junto á margem
Do Tejo cristallino:

Em torno á branda nympha
Se ria a Natureza,
Ufana em ter creado
Tão nova gentileza:

Zephyro, enchendo as rosa
De magoa, e de ciume,
Ia nos labios d'ella
Gosar melhor perfume:

Lindos, subtis insectos
A roda lhe adejavam
E os louros Amorinhos
De inveja os enxotavam:

Sobre o matiz dos prados
O deleitoso Abril
Tornava-se de vel-a
Mais ledó e mais gentil:

A flor, que pelo vento
Jazêra debruçada,
Erguia o tenro colo,
Dos tenros pés tocada:

Com rapidos gorgeios
O rouxinol, que encanta,
Para seguir-lhe os passos
Ia de planta em planta:

A nympha, que o pizava,
O chão se amollecia;
Cada sorriso d'ella
Abrilantava o dia:

Dobrando a graça, o lustre
Do azul, etliereo véo,
No maior bem da terra
Se recreava o céo:

O Tejo namorado
Cedêra a urna de ouro,
Se Amor lhe dêsse em troca
Tão singular thesouro:

Tudo prazer sentia
Ao ver um tal portento:
O céo, a terra, as aves,
O rio, o sol, e o vento:

Mas o amoroso Elmano
Notando occulto a bella,
Colhia outros effeitos
Dos attractivos d'ella;

Vibram-se-lhe seus olhos
Envenenado tiro;
Por onde a frecha entrava
Saía-lhe um suspiro:

Eis que o menino Idalio,
Que aos tristes amadores
Cruentas serpes guarda
Entre mimosas flores ;

Ao som de um ai, que exhala
O mavioso amante,
Encara, vôa, e diz-lhe
Com rispido semblante:

«Dos Fados no volume
Este decreto está:
— Quem fôr mais estremoso
Mais infeliz será. —

N'isto revôa o nume
Da nympha para o lado,
Deixando em amarguras
Submisso o desgraçado.

Ah lastimoso Elmano!
O que ao traidor ouviste
Desterra vãos desejos
Para o silencio triste.

Mas sempre ardor interno,
Muda paixão te rale,
Que a perfeição de Armania
Os teus martyrios vale.

E se entre agudas garras
De acerbos desprazeres
A mil fataes combates
Teu coração renderes,

A linda mão, que adoras,
Em fim compadecida,
Talvez te doure a morte,
Se te escurece a vida.

Pode a teu ponto extremo
Illuminar o horror,
A bella a dôce Armania,
Astro do céu de amor,

Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais,
Que antes morrer por ella,
Do que viver co'as mais.

2

Aos annos da Senhora D. Maria do Carmo...

Roxeava no horisonte
Serenos, amorosos dias;
Rosas, e jasmims a Aurora
No puro céu desparzia.

De ameno matiz brilhante
A natureza esmaltada,
Não surgiu tão magestosa
No ponto em que foi creada.

Como que não satisfeito
O artifice divinal.
Primoroso, ultimo toque
Déra ao quadro universal.

Gorgeava em tom mais doce
O plumoso, aereo bando;
De ventos, flores, e rios
Era o murmurio mais brando.

Suas plantas se vestiam
De recedentes verdesores,
Em tudo o mez das searas
Imitava o mez das flores.

Ganhava o mundo desperto
Força nova, novo ardor,
E em beneficio do mundo
Tinha madrugado Amor.

Suspenso o costume antigo
De velar na escuridade,
De cerrar caçados olhos,
Quando aponta a claridade;

Dormira o gentil menino,
Quando não usa dormir,
E chusma de affaveis sonhos
Lhe fôra em torno sorrir.

Da mãe no molle regaço
O deus volatil pousou,
Depois que o plano sublime
De estranha empreza ideou.

Qual era o desenho excelso,
Qual a grande, illustre empreza ?
Era dar mais luz, mais graça,
Mais prazer á natureza.

Era entornar sobre a terra
Os seus dons, e os da ventura,
Era eternisar um dia
Consagrado á formosura.

Peitar o sol, demoral-o
Sobre o Tejo cristallino,
A Jove extorquir o imperio,
Romper as leis do Destino.

Mal vê que renasce o dia,
São dos lares de Amathunta;
Fugindo á mãe carinhosa,
Os tenros socios ajunta.

Facil não foi congregal-os,
Por mil partes desparzidos,
Aqui sorrisos soltando,
Além soltando gemidos.

Alguns descobre enredados
Nos laços vis da avareza,
A' prepotente fortuna
Sacrificando a belleza.

Alguns entre as labaredas
De ardente bruteza impura,
Ao negro vicio teimoso
Dando os premios da ternura.

Vê seus bens falsificados
Em um, em outro lugar,
E ao longe co'as mãos nos olhos
A Verdade a suspirar.

Exhala um ai despeitoso
O menino encantador,
E recorda os tempos d'ouro,
Em que era virtude amor.

Depois de estar pensativo
Curto espaço o meigo deus,
D'esta arte ao extasi arranca
Os falsos ministros seus:

«Vinde, insanos delegados,
Que abusaes do meu poder,
Vinde n'uns olhos, que adoro,
Estudar, vosso dever.

«E tu, deusa profanada
De torpe, audaz vituperio,
(Diz para a triste Verdade)
Vem recobrar teu imperio.

«Tu por mim serás vingada
Dos não devidos insultos,
Em dous corações ligados
Verás os teus, e os meus cultos.»

Tremendo á voz poderosa
Salta o bando dos Amores,
E a denegrada deidade
Renova os seus resplendores

Brama o vicio abandonado,
 E á turba de balde acenas,
 Vil, cavilloso Interesse,
 Que o cego mundo envenenas.

Pára em roda ao lindo chefe
 O arrependido tropel,
 E jura ás leis aggravadas
 Nunca mais ser infiel.

Amor lhes dá n'um sorriso
 Mostras de estar aplacado,
 Na frente dos sócios vôa,
 Vôa a Verdade a seu lado.

A terra não vem c'roar-se
 De teus dons, benigna Flora,
 Colhe as flôres, que semêa
 No ethereo jardim a Aurora.

Eis d'ellas o côro alado
 Num ponto grinaldas tece,
 Tambem se enfeita a Verdade,
 Que já de adornos carece.

Mutuamente engrinaldados,
 Baixam pelos tenues ares,
 E da Candida Marilia
 Pousam ledos ante os lares.

Vinha assomando entre as graças,
 Quando a manhã renascia,
 E estranhava a Natureza
 Duas auroras num dia.

«N'aquella (aos brandos sequazes
 Diz Amor) aprendereis
 A manter-me os puros gostos,
 A zelar-me as dôces leis.

«Olha, Verdade lustrosa,
 Dos céos adoravel filha,
 Como o teu fulgor suave
 N'aquelles encantos brilha.

«Em teu nome. em gloria tua
 De Hymeneo cingi no altar
 Corações incomparaveis,
 Venturoso, amavel par.

«A quem me deu mil suspiros,
De mil glorias fiz senhor;
Ao mais extremoso amante
Dei o maior bem de amor.

«Hoje, que em nascer Marilia
Se alteou a esphera humana,
Hoje colherei triumphos
Até da commum tyranna.

«Hoje da terrivel Parca
O poder será coarctado:
Contra mim não tem valia
Leis de Jove, ou leis do Fado.

«A quem conferi thesouros,
Que não ha na humanidade,
Tambem cabe em. meus portentos
Conferir a eternidade.

«Vive, encanto do universo,
Vive sup'rior á Sorte;
Triumpho, reina commigo
Sobre o tempo, e sobre a morte.

«Quando os Fados subjugarem
O mundo em perpetuo somno,
E o cahos tenebroso, informe
Recobrar seu negro throno:

«Inda de graças c'roadado,
De entre a desordem sombria,
Risonho, candido, illeso
Surgirá teu fausto dia.

«Entre os estragos da morte
Irás luzindo immortal,
Suprirá tua existencia
A existencia universal.

«Tenha dos céos o destino
Quem tem dos céos a belleza.»
Disse Amor, sorriu-se a nympha,
E sorriu-se a Natureza.

3

A Rosa

Tu, flôr de Venus,
Córada Rosa,
Leda, fragrante,
Pura, mimosa;

Tu, que envergonhas
As outras flôres,
Tens menos graça,
Que os meus amores.

Tanto ao diurno
Sol coruscante
Cede a nocturna
Lua inconstante;

Quanto a Marilia
Té na pureza
Tu, que és o mimo
Da Natureza.

O buliçoso,
Candido Amor
Poz-lhe nas faces
Mais viva côr;

Tu tens agudos,
Crueis espinhos,
Ella suaves,
Brandos carinhos;

Tu não percebes
Ternos desejos,
Em vão Favonio
Te dá mil beijos:

Marilia bella
Sente, respira,
Meus doces versos
Ouve, e suspira.

A mãe das flôres,
A Primavera
Fica vaidosa,
Quando te gera:

Porém Marília

No mago riso
Traz as delicias
Do paraíso.

Amor que diga
Qual é mais bella,
Qual é mais pura,
Se tu, ou ella;

Que diga Venus. . .
Ella ahi vem . . .
Ai! Enganei-me,
Que é o meu bem.

Filis, e Amor

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;

Por entre a rama
Fresca, e sombria
De tenro arbusto,
Que me encubria,

Vi sem aljava
Jazer Cupido,
Junto de Filis
Á mãe fugido.

Entre as nevadas
Mãos melindrosas
Tinha um fragrante
Festão de rosas.

A mais brilhante
D'elle afastando,
Dizia a Filis
Com riso brando:

«Mimosa nympha,
Gloria de Amor,
Dás-lhe um beijinho
Por esta flor?

«Sou criancinha,
Não tenhas pejo.»
Sorriu-se Filis,
E deu-lhe o beijo;

Mas o travesso
Logo outro pede
A simples nympha,
Que lh'os concede:

Que por matar-lhe
Doces desejos
A cada instante
Repete os beijos.

Assim brincavam
Filis, e Amor,
Eis que o menino,
Sempre traidor,

Co'a pequenina
Bôca risonha
Lhe communica
Sua peçonha.

Descora Filis,
E de repente
Solta um suspiro
D'alma innocente.

Mal que o gemido
Férvido sôa
O mau Cupido
Com elle vôa.

«Ninguem, oh nympha,
(Diz a adejar)
Brinca commigo
Sem suspirar.»

A Noute

A deusa, que esmalta
De estrellas o céu,
Já tinha dobrado
Metade do véo;

O fero inimigo
Da ovelha medrosa
Jazia ululando
Na serra fragosa:

A rã rouquejava
No turbido lago,
Carpia entre as moutas
O môcho aziago:

De alados insectos
Nos ares vagava
Caterva lustrosa,
Que as sombras dourava:

Os lassos Favonios
Dormiam nas flores,
Em quanto velavam
Famintos Amores:

Susurro aprazível,
Que o Tejo fazia,
Coarctava a tristeza
Da noute sombria.

Então solitario,
Seu mal, seus segredos
O languido Elmano
Contava aos penedos.

De gélidas gotas
O rosto orvalhado,
De zelos mordido,
Da vida enjoado:

Destinos ! (clamava)
Que assim retardaes
O termo infallível,
Que imploram meus ais:

«De que me aproveita
Viver d'esta sorte ?
A vida é aos tristes
Mais agra que a morte.

«Feliza deixou-me,
Fugiu-me a perjura,
Depois de votar-me
Perenne ternura:

«Fugiu-me, deixou-me
Curtindo a anciedade,
Que geram, que nutrem
Ciume, e saudade:

«Entre estes dous males
Meu peito se sente,
Qual entre dous lobos
Cordeiro innocente.

«Ah céos ! Tu, minha alma,
Tu, idolo meu,
Manchando teus olhos
No torpe Sileu !

«A mão, que no peito
Me abriu funda chaga,
Nojoso vaqueiro
Te beija, te afaga !

«C 'os braços macios,
Apoio das Graças,
O collo rugoso
Lhe amimas, lhe enlaças!

Consentes-lhe, ingrata,
Que libe, que empeste
Nos teus doces labios
O nectar celeste !

«Cedendo aos assaltos
De impuras caricias,
Tambem lhe franquêas
Vedadas delicias !

«Ah! Vinguem-me, estorvem
Seus jubilos ternos
Com raios, com furias
Os céos, e os infernos !»

Aqui os sentidos
Nas azas de um ai
Lhe escapam, lhe fogem,
E o misero cáe.

Nas grutas os éccos-
Ao grito espartaram,
E, d'elle doídos,
A Amor o levaram.

Voando ao fragrante
Vergel de Cythéra
Por ti frequentado,
Louçã primavera.

Encontram Cupido,
Que ha pouco voltára
De empreza brilhante,
Que ufano acabára.

Folgavam do numen
As carnes mimosas
Em molle alcatifa
De goivos, e rosas;

Dormia, e na idéa
Morphêo lhe pintava
Sanguineos triumphos,
Que o mundo chorava;

Não longe, em silencio,
Pousavam Encantos,
Desdens, Esperanças,
Sorrisos, e Prantos;

Mordazes Suspeitas,
Que o deus vigiavam,
Raivando, em si mesmas
Os dentes cevavam:

Do tronco de um myrto
Pendia o luzente
Carcaz, salpicado
De sangue inda quente;

Nas pontas hervadas
Dos aureos farpões
Ainda arquejavam
Fieis corações.

A gárrula turma
 Rodêa Cupido,
 Repete, anhelante,
 De Elmano o gemido.

Eis fremem os ventos,
 Eis aves álerda,
 Convulsos os montes,
 E Amor não desperta.

Os Éccos, pasmados
 O corpo lhe abalam,
 E apenas o acordam,
 D'esta arte lhe faliam:

«E' crivei, menino,
 Que durmas em paz
 Ao som de um gemido,
 Que penhas desfaz ?»

— «Deixae-me, importunos,
 (Lhes brada o travesso)
 Que ao som de suspiros
 E' que eu adormeço.»

6

(Bacehica)

Amor é fonte
 De riso, e graça,
 Porém não passa
 De um só sabor:

O doce Baccho
 Tempéra Amor.

Baccho entre o côro
 Das lindas Graças
 Exhaure as taças
 De almo elixir.

D'um denso exemplo
 Cumpre seguir.

7

Bacchica

Descuida-se Jove
Na olympica mesa,
Da summa grandeza,
Do eterno poder:

Consente um sorriso
Nos lábios, que mólha,
E humano se ant'ólha
No gesto, no ser;

A monotonia
Dos bens, em que impera,
O nectar lhe altera,
Lhe faz esquecer:

O nectar, que adoça
Mortaes azedumes,
Até entre os numes
Matiza o prazer.

Se Jupiter bebe,
Não hei de eu beber?

De Baccho opulento
Compõe-se o thesouro,
De perolas, de ouro,
Topazio, rubí.

Do nectar sentindo
Nas fauces o travo,
Diserrimo escravo
Desdenha o Sofi.

Lustrosas chimeras
Lhe vagam na mente,
Do mundo é contente,
Contente de si.

Amigos, libemos
O pico sagrado,
Tão mal condemnado
Na seita de Ali.

Teimosos cuidados,
Caterva importuna,
Visões da Fortuna,
Deixae-nos, fugí.

O nosso universo
Não passa d'aqui.

Em torno a Baccho
Susurra, adeja,
Ri-se, graceja,
Scintilla Amor.

Ao deus Idálio
Baccho é preciso,
Doura-lhe o riso,
Lhe accende a côr.

Amor, oh Baccho,
Tem por costume
Juntar seu lume
Com teu ardor.

Ambos se adorem
Com egualdade,
Tenha a vontade
Mais de um senhor.

Baccho triumphe,
Triumphe Amor.

ENDECHAS

I

A Armia

Já de illusões não vivo
Meu bem, sou desgraçado:
Nenhum mortal se esquiva
Do que lhe ordena o Fado.

Em vão com mil sorrisos
Os candidos Amores
Me afagam, me promettem
Dulcissimos favores:

Em vão meiga esperança
Me diz que em brandos laços
Hei de expirar de gosto
Nos teus mimosos braços.

Suspeita roedôra
Me gasta o frouxo alento,
De imagens pavorosas
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,
Onde mil serpes cria,
Ouço-lhe em surdas vozes:
«Não lograrás Armia.»

Usa sonhar venturas
A credula esperança;
Só entre mortas cinzas
No tumulto descança:

As lagrimas nos olhos,
No peito enfrêa os ais,
Doura crueis desastres
A miseros mortaes.

Em rapidos momentos
Aos deuses me egualou,
Phantasticas delicias
Na idéa me traçou.

Mil vezes, doce amada,
Fingiu ao meu desejo
Patentes os thesouros
Que recatava o pejo:

Mil vezes (ah ! Foi sonho,
Mas sonho encantador)
Me fez voar contigo
Á gloria, ao céu de Amor.

Ali do térreo manto
Minha alma solta, e nua,
Philtrando-se em teus labios,
Ia aggregar-se á tua;

Ali teu brando peito,
De Amor altar sagrado,
De accezos pensamentos.
Só visto, só tocado,

A' boca melindrosa, .
Leda, suave, e pura
Suspiros te enviava
De gosto, e de ternura.

Mas eis que a luz se extingue
Da fulgida illusão,
E escura, horrenda nuvem
Me abafa o coração.

Tenaz desconfiança.
Que ás fibras se me afferra,
Garras mortaes vibrando,
Move aos prazeres guerra.

Subito, abrindo as azas,
As azas côr de neve,
Foje de horror a instavel
Turba risonha, e leve.

Debalde a companheira
Fiel dos desgraçados
Quer suspender o adejo
Dos jubilos alados:

Por corações tranquillos,
Soltos das leis de Amor
Te abrigas, te repartes,
Oh bando voador!

Nos ais, Armia, em tanto
Minha alma se evapora,
Victima lamentavel
Da angustia, que a devora:

E além do turvo Lethes
Zelos temendo achar,
Phrenetica deseja
Poder-se aniquilar.

Se o racional tivesse
Do irracional a sorte,
Se as almas se apagassem
Ao halito da morte;

Feliz de um terno escravo,
Feliz de um triste amante,
Remindo-se do jugo
No derradeiro instante!

Mas ai que a turba insana
Dos méstos amadores
Té lá no reino escuro
Vae suspirar de amores.

Sobre os elysios prados
Inda a sydonia Dido
Guarda as fataes memorias
Do Teucro fementido;

Entre os formosos pomos
O golpe inda roxêa,
Inda goteja o sangue,
Que a neve purpurêa.

Tambem nas margens tuas,
Oh rio somnolento,
Sem demandar o abysmo
Do eterno esquecimento,

Carpindo a bella esposa,
(Ah! Que não póde Amor!)
Arde, suspira o thracio,
Miserrimo cantor.

Ali aos olhos d'alma
Lhe retrocede o dia
Em que applicára os monstros
Da região sombria;

Ali no pensamento
 O estygio rei figura;
 Vê-lhe os terriveis olhos,
 A torva catadura:

Vê-o fervendo em raiva,
 Troando em ameaços,
 Porque um vivente ousára
 Tocarlhe os negros paços.

Eis fere a maga lyra,
 Que infunde o céu no inferno:
 De assombros assaltado,
 Cede o tyranno eterno:

Acóde aos igneos olhos
 Doce, invencível somno,
 Baquêa o férreo sceptro
 Sobre os degráus do throno.

Até que em si volvendo
 Do subito lethargo,
 Contempla Orphêo saudoso,
 Desfeito em pranto amargo.

Soffrendo um ar benigno
 No carrancudo aspecto,
 Mostra sentir piedade
 Do mavioso objecto.

Co'a féra mão, que firma
 Dos réos a eterna pena.
 Para indagar seus males
 Em fim ao vate acena.

Inquire a causa ignota,
 Pergunta o gran motivo
 De lhe invadir o imperio,
 De ir aos infernos vivo.

Mal que as razões lhe escuta
 Quebranta a lei da morte,
 Manda que á luz do dia
 Volva a gentil consorte.

Mas ai, que o vingativo,
 Terrifico Plutão
 Une á maior das graças
 Pezada condição !

Nas férvidas entranhas
Feroz despeito occulto
Quer da amorosa audacia,
Quer despicar o insulto.

«Vae (diz ao triste amante)
Que um não sei que me obriga
A permittir que os passos
Eurídice te siga;

«Mas nega-lhe teus olhos
Em quanto profanares
Co'a temeraria planta
Meus horrorosos lares.

«A' clausula, que imponho
Se execução não dás,
Sem a chorada esposa
Rever o mundo irás.»

Ah malfadado ! Aceitas
O rigoroso artigo,
Mas subito exp'rimentas
Um barbaro castigo.

Pela mordaz saudade
Roto o cruel preceito,
Olhas, e vês em sombras
Teu jubilo desfeito.

Sumindo-se a teus olhos
A cara esposa vae,
E a teu inutil grito
Responde ao longe um « ai ! »

Soltando-se, apoz ella
Te vâa o coração,
Para alcançal-a emp'rhendes
Tudo, mas tudo em vão:

Ás ferrolhadas portas
Do amplo salão ruidoso
Tornas de novo, e queres
Entrar-lhe o seio umbroso:

Extrâes um som da lyra
Mais tentador, mais terno,
Mas o divino encanto
Não move o surdo inferno.

D'est'arte a meiga esposa
Do misero amador
Foi por amor ganhada,
Perdida por amor.

Ah brando Orphêo! Não chores,
Supprime os ais que lanças,
Turbado o pensamento
Com tão crueis lembranças.

Eu sou mais desgraçado,
Tu não padeces tanto,
Tu logras, tu desfructas
O premio de teu pranto:

Aquella, que soava
Na tua doce lyra,
Qual suspirava d'antes
Inda por ti suspira:

Eu, miserando objecto
De dôr, e de piedade,
Junto á fatal balisa
Da triste humanidade,

Queimando o véo dos Fados
Co'a luz da phantasia,
Vejo futuros males,
Vejo traições de Armia.

Dura exp'riencia antiga
No coração me diz
Que o lacrimoso Elmano
Jamais será feliz.

Oh domador das fêras !
A doce, a bella ingrata
Que o laço da existencia
Me sólta, me desata,

Eurídice é nas graças,
Mas na paixão, na fé,
No afago, nos extremos
Eurídice não é.

Votos de amor lhe escuto,
Mas no benigno rosto
Um animo lhe observo
Para a traição disposto.

Os bens instaveis préza
Da lubrica Ventura,
E o desvelado Elmano
Não tem senão ternura.

Na mente a cada instante
Diviso (oh céos ! Que horror !)
Volver a ingrata os olhos
A novo adorador;

Sacrificar excessos
Aos dons da varia Sorte,
Sumir-me os tristes dias
Na escuridão da morte:

E, ainda não contente
Da enorme aleivosia,
C 'o presumçoso amante
Pizar-me a campa fria:

Ali, entre seus braços,
Para o cruel fartar,
Do extinto Elmano as cinzas
De imprecações manchar.

Mas trema a deshumana
Se desleal me fôr,
Trema, que até na morte
Terá dominio Amor.

Fará surgir do Averno
Meus manes vingadores,
Para terror, e exemplo
De corações traidores.

Qual o afanoso Orestes,
Das Furias acochado,
Sempre terás, oh féra,
O meu phantasma ao lado;

Como a continua sombra
Persegurei teus passos:
Não folgarás ao menos
Do meu rival nos braços.

Irei lá no silencio
Da erma noute escura
Turbar-te os deleitosos
Mysterios da ternura.

Quando (ai do mim) sentires
 Teu coração tremer,
 Voar tua alma ao cume
 Do rapido prazer,

«Perjura! (hei de gritar-te
 Com pavorosa voz)
 Eu sou Elmano, e venho
 Punir teu crime atroz.»

Verei de horror gelar-se
 Teu animo infiel,
 E o nectar de teus gostos,
 Impia, mudar-se em fel:

Teu complice odioso
 Verei, dando um gemido,
 Fugir-te d'entre os braços,
 Convulso, espavorido.

Armia, ah não te exponhas
 D'um numen ao furor:
 Se as leis de Amor não cumpres,
 Teme o poder de Amor.

2

A gruta do Ciume

Ha um cerrado bosque
 Áquem do abysmo eterno,
 Vê-se o vapor do inferno
 Nos ares negrejar;

Ali rebentam, crescem
 Mil plantas venenosas,
 Mil serpes tortuosas
 Ouvem-se ali silvar;

Rochedos escabrosos
 As nuvens ameaçam;
 Rios por elles passam,
 Medrosos de os tocar;

Ali tremúla a rama
Do teixo, e do cypreste,
Fermenta estygia peste,
Que as almas vem damnar;

De infestas, roucas aves
O bando ali se acouta,
Que está de mouta em mouta
Desastres a agourar;

As azas não menêas,
Ali, Favonio brando,
Tufões de quando em quando
Só se ouvem rebramar.

Ali umas com outras
As arvores se fecham,
De sorte que não deixam
Do dia a luz entrar:

A custo ali respira,
Cercada a Natureza
De horror, e de tristeza,
Capaz de a suffocar;

Ali, sempre aclarado
Pelo tartareo lume,
Jaz do cruel Ciume
O temeroso lar.

Na aborrecida entrada
Véla a mordaz Suspeita,
Continuamente affeita
A crer, e a recear;

No seio da caverna
A torpe Inveja escura
Phrenetica murmura,
Venenos a espumar:

Sente-se lá no fundo
Da estancia sinuosa
Caterva pavorosa
De monstros ulular:

N'um férreo throno em braza
Reina o Ciume horrendo,
Angustias mil tecendo,
Para os mortaes tragar:

Na mão tem negra taça
Cheia do fel da morte,
Com rábido transporte
Não cessa de arquejar;

Ara fatal ao mundo
Terror n'um canto inspira,
Sulphurea, ardente pyra
N'ella se vê fumar;

N'ella milhões d'amantes
Vão por destino infausto
Ser misero holocausto,'
As vêas esgotar;

Ministro carrancudo
Frio cutélo amóla,
E as victimas dególa
Sobre o medonho altar.

Vós deveis crer, humanos,
Que a descripção, que ouvistes,
É de quem foi tão tristes
Objectos contemplar.

Ah ! Sim, já tenho sido
Pelo tyranno alado
Mil vezes arrastado
Ao horrído logar;

E se eu, mortaes, não pude
Como poderam tantos,
Em sangue, em ais, em prantos
O espirito soltar;

Foi porque Amor cruento
Não quiz que extincto eu fôsse:
Achou que era mais dôce
Morrer do que penar.

RETRATOS

1

Em quanto os gados
Pascem dispersos
Casem-se á lyra
Meus brandos versos.

Tyrso, que adoras
Nize engraçada,
Ouve o retrato
Da minha amada.

Em seus cabellos
Soltos, e ondados
Mil Cupidinhos
Estão pousados:

Lá, convertidos
Em virações,
Ordenam laços,
Armaam traições.

Os olhos d'ella
São como o céu
Depois que a Noute
Desdobra o véo:

Tem tal virtude,
Tal movimento,
Que encolhe as azas
Ao pensamento:

Na linda face
De neve pura,
Onde entre as rosas
Brilha a candura,

Ha certa graça,
Certa viveza
Mais attractiva
Que a gentileza:

Nos dôces labios
Qualquer sorriso
Aviva idéas
Do paraíso:

Ornam-lhe o seio
De eburnea côr
Por fóra as Graças,
Por dentro Amor:

Ali assaltos
De audaz desejo
Move a ternura,
Rebate o pejo:

Das melindrosas
Mãos transparentes
Os alvedrios
Ficam pendentés:

Lisas columnas,
Taes como as creio,
De obras divinas
Candido esteio.

Guardam thesouro
De alta valia,
Que só se gosa
Na phantasia.

Ah! Que attraído
Da imagem bella,
Meu pensamento
Se absorve n'ella !

Tyrso, não posso
Pintar o mais,
Meus brandos versos
Tornam-se em ais.

Já tu conheces
A formosura
Que foi objecto
D'esta pintura.

Quem do retrato
Não ajuiza
Que ou é de Venus,
Ou de Felisa?

2

Vive na margem
Do Tejo louro
Candida nympha,
De Amor thesouro.

Madeixas bellas
Ao ar lhe ondêam,
Que os pensamentos
Soltas enlêam:

Seus olhos ternos
De alta belleza
São dous milagres
Da natureza:

A liberdade
Morre de os ver,
Mas tem na morte
Doce prazer:

Em suas lindas
Faces lustrosas
O pejo enfeitam
Jasmins, e rosas:

Nos puros labios
De aceza côr
Mudado em riso
Triumpho Amor.

Um véo lhe some
Globos de neve,
E a phantasia
Só se lhe atreve.

Nas mãos formosas
Mudos desejos
Dão-lhe invisiveis,
Sôfregos beijos.

De mil delicias
Cofre sagrado,
Tão escondido
Quão suspirado.

Recebe d'ella
Virtude tanta,
Que até na idéa
Gosado encanta.

O deus terrivel,
O summo Jove,
Que os céos occupa,
Que os astros move,

Um dia os olhos
Volvendo á terra
Viu esta nympha,
Das almas guerra.

Sentiu de gosto
Doce desmaio,
Mudou de aspecto,
Caú-lhe o raio.

Pasmou do humano,
Raro portento,
Fugiu-lhe Venus
Do pensamento ;

De novo em cysne
Foi transformar-se,
Mas a Virtude
Soube o disfarce.

Ah ! Se até Jove
Ferve em ternura,
Vendo os encantos
De Armania pura:

Se elles o ferem,
Que mal, que damno
Farão no peito
Do terno Elmano !

QUADRAS

« Deus de Amor (a Amor eu disse)
Sou feliz, venci meu fado,
Quebrei de antigas tristezas
O jugo a que estive atado;

«Achei piedade em Felisa,
Entre as mais bellas tão bella,
Que nem tua mãe possui
Olhos como os olhos d'ella.

«Aquelles astros benignos
Com que influes teu poder
Me deram cândidas mostras
De ternura, e de prazer.

«Tenro deus, (eu prosequia)
Tenro deus, sou venturoso...»
Eis me interrompe o menino
Em tom suave, e piedoso:

—« Meu fiel, submisso escravo,
Triste exemplo dos amantes,
Não folgues, não te hallucines,
E's infeliz como d'antes.

«Tenho em vão lidado, Elmano,
Por melhorar teu destino:
Um poder mais formidavel
Destróe meu poder divino.

«Irrevogavel sentença
E' a sentença do Fado:
Eu desejo-te ditoso,
Elle te quer desgraçado.

«Ah servo meu! Vê, repára
Se de ti doído estou:
Teu grilhão romper quizera
Com esta mão, que o forjou;

Mas, infeliz, eu não posso
Desatar teu coração:
O jus de remir amantes
E' do tempo e da razão.

«Sabe que vens illudido,
Felisa não te acarinha;
A compaixão, que notaste,
Não era d'ella, era minha.

«Eu, quando louco de amores
A seus pés foste gemer,
Jazia em seus lindos olhos
Sem a tyranna o saber.

«Commigo ali se abraçava
A afagadora esperança,
Mas no coração da ingrata
Velava a fera esquivança.

«Por mais que instantes de gosto,
Ou de descuido lhe espreito,
E' baldada a vigilancia,
Não posso invadir-lhe o peito.

«Se de novo contemplares
Seus olhos, que n'alma tens,
D'onde afagos mil brotáram
Verás brotar mil desdéns.

«Abate o vão pensamento
A tanta gloria exaltado,
E sejam teu desafôgo
Imprecações contra o Fado.»

Aqui soluço ancioso
A doce voz lhe enleou,
E as rosas das tenras faces
Miudo pranto aljofrou.

Eu desconsolado, eu mudo
Quanto d'antes ledó, ufano,
Offrendas, que a Amor levava,
Fui levar ao Desengano.

2

A Armia

(Imitadas de Parny)

Occulte-se, doce Armia,
Negue-se, minha deidade,
A scena dos nossos gostos
Á nociva claridade.

Nunca os segredos da noute
Contêmos, meu bem, ao dia;
Frios corações ignorem
Nossa mútua sympathia.

Amor em sendo ditoso
Costuma ser imprudente,
E nos gestos de quem ama
Logo o vê quem o não sente.

Por ti receio a viveza
De experta mãe vigilante,
E o Argos, que tem no peito
Um coração de diamante:

Esse espia encanecido,
Alma rispida, e sombria,
Cuja espinhosa virtude
Só com ouro se amacia.

Em quanto luzir de Appollo
O importuno resplendor,
Nãe rutilem nos teus olhos
Desejos que accende Amor,

Se te apparecer Elmano,
Não córes as lindas faces,
Nem o mais leve suspiro
Do coração desenlaces;

Mostra-me um ar distraído,
Como quando os outros vês,
Não haja no teu semblante
Turbação, nem languidez...

Mas ai! Que de quanto disse
 Quasi arrependido estou.
 Minha Armia, ah não abuses
 Dos conselhos que te dou!

Em nome de Amor te rogo
 Que nunca em minha presença
 Com perfeição arremedes
 A descuidada indiff'rença.

«Aquillo é brinco, é disfarce»
 Diria... mas oh tormento !
 Receoso da verdade
 Me deixára o fingimento.

3

Inalia melhor que a Rosa

Assim como a madrugada
 Na manhã de Abril formosa
 Derrama suave orvalho
 Sobre a pudibunda rosa:

Do mesmo modo Natura
 No resto de Inadia bella
 Vai lançando tantas graças
 Quantas não tem uma estrella.

Á proporção que o sol cresce,
 Na rosa se augmenta a côr;
 Em Inalia a cada instante
 Se encontra graça maior.

Da rosa agudos espinhos
 A guardam de impuro tacto,
 De Inalia a pureza a guarda
 Inda com maior recato.

Da rosa o doce perfume
 Um só sentido arrebatá;
 Mas o habito de Inalia
 Tanto encanta, que até mata.

Empenha-te, oh Natureza,
Em crear flôr mais mimosa,
Que á vista da minha Inalia
É de pouco preço a rosa.

Outro ente jámais formaste
Tão terno, nem tão perfeito;
Quebrou-se, mal que o acabaste,
O molde por que foi feito.

Não pódes outro segundo
Ao primeiro egual fazer;
Porque nem sempre o acaso
Nos deve favorecer.

Quando o faças inda assim,
Não terás ganhado a palma;
Pois tu só dás a figura,
Porém nós formâmos a alma.

Alegra-te, Inalia minha,
Mais pura que a rosa pura,
Que essa alma de que és dotada,
E' maior que a formosura.

Revive, Inalia, revive
Para modelo das flôres,
Chefe d'obra da Natura,
Doce incentivo de amores.

Oh Tempo! Oh Morte! De Inalia
Os días vos são vedados:
En li nas mãos do Futuro,
Que vos eram reservados.

TRABALHOS DA VIDA HUMANA

*Je Suis forcé de m'abaisser
Pour me faire entendre.
Voltaire.*

Se em verso cantava d'antes
O poder da formosura,
Hoje vou chorar em verso
Inconstancias da ventura.

Vou pintar os dissabores,
Que soffre meu coração,
Desde que lei rigorosa
Me pôz em dura prisão.

A dez de Agosto, esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto,
O meu socego deu fim.

Do funesto Limoeiro
Já tóco os tristes degraus,
Por onde sobem, e descem
Egualmente os bons, e os maus.

Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feroz conductor me enterra
No sepulchro dos viventes.

Para a casa dos assentos
Caminho com pés forçados;
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manuel Maria —
E logo á margem — *Segredo*. —

Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.

Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte,
Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.

Estufa de treze palmos
Co'uma fresta, que dizia
Para o logar ascoroso,
Denominado enxovia.

Fecham-rne, fico assombrado
Na medonha solidão,
E, sem cama a que me encoste,
Descanço os membros no chao.

Mil terriveis pensamentos
Da minha alma se apoderam,
Gostos, e bens d'este mundo
Então conheci o que eram.

Nos olhos o pranto ferve,
No coração cresce a dôr,
E com males da fortuna
Se mixtura o mal de amor.

Quando mais se lamentava,
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta, e me conforta.

Era Ignacio, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Credor dos meus elogios,
Por heróe da humanidade.

Do amavel carcereiro
Me patentêa o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.

Junta a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'esta lastimosa vida.

Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino,
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes
Me tinham desamparado;
E nas garras da indigencia
Eu gemia atribulado;

Quando Aonio, o caro Aonio,
Da natureza thesouro
A' triste penuria manda
Efficaz auxilio de ouro.

Em quanto existir Elmano,
Sempre, oh genio singular,
Na sua alma, e nos seus versos
Terás honroso logar.

Passados vinte e dous dias,
Sofrendo mil magoas juntas,
Em fim por um dos meus guardas
Fui conduzido a perguntas.

O ministro destinado
Era o respeitavel Brito,
Que logo viu no meu rosto
Mais um erro, que um delicto.

Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda, amigavel fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amavel Ponte.

Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendencia;
Do peso da opinião
Aligeirei a innocencia.

Puni pelo caro amigo,
Ferido de interna dôr:
Singular sou na amisade,
Como singular no amor.

Posto fim ao acto serio,
O meu guia me conduz
Para segredo mais largo,
De que não tem medo a luz.

Fiquei mais desafogado,
Mas tambem fiquei mais só,
E de amargura sentia
Soltar-se da vida o nó.

Lembrava-me a curta fresta,
Por onde á presa matula
Ouvia de quando em quando
Conto vil em pbrase chula.

Lembrava-me a gritaria,
Que faz a corja, a quem passa,
Loucamente mixturando
O prazer com a desgraça.

Lembrava-me este catando
Piolho, que d'alvo brilha,
Aquelle a chuchar gostoso
Cigarro, que ou compra, ou pilha.

Um por baldas, que lhe sabe,
Ao outro dando matraca;
Estes cantando folias,
Aquelles jogando a faca.

Cousas taes, que n'outro tempo
Me fariam anciedade,
Eram então para mim
Estimulos de saudade.

Servindo-me de tormento
A minha imaginação,
Em claro passava as noutes,
Passava os dias em vão.

O meu extremoso Ignacio
Benigno me visitava,
E com suaves conselhos
A minha pena adoçava.

Qual foi commigo ao principio,
Commigo a ser continua:
Os desgraçados encontram
Poucas almas, como a sua.

Céo, que todas as venturas.
Todos os bens tens contigo,
Faze que ser grato eu possa
Ao meu benefico amigo.

Ou tantas felicidades
Te digna, céo, de lhe dar,
Quantas as razões, que eu tenho
De todas lhe desejar.

Em fim, depois de soffrer
Tardas horas de tormento,
Fui costumando a minha alma
Ao solitario aposento.

O Deus creador do mundo,
Pae, amigo universal,
Com saudavel, brando somno
Foi-me interrompendo o mal.

D'este centro da tristeza,
Morada das afficções,
Fiz ao logar das perguntas
Inda mais tres digressões.

Amo, professo a verdade:
Nas tres digressões que fiz,
Sempre achei o amavel Brito
Mais bemfeitor, que juiz.

Tal tem sido a minha sorte
N'esta dolorosa estancia,
Aonde a philosophia
As vezes despe a constancia.

Ha já quarenta e tres dias
Que choro n'este degredo:
Hei de ser muito calado,
Costumaram-me ao *segredo*.

ALLEGORIAS

1

A Anarda

Candida pomba mimosa.
Ave dos niveos Amores,
Cingida por mão das Graças
D'um lindo colar de flôres:

Venus, macia a meus versos,
Grata aos cultos, que lhe dou,
Já desde o ninho amoroso
Para mim te destinou.

A pomba de Anacreonte,
Nuncia dos suspiros seus,
Tinha parte em seus desvélos,
Tu gosas todos os meus.

Ella não foi tão fagueira,
Tão delicada, e tão bella,
Tão dôce á mãe de Cupido,
Tão digna dos mimos d'ella.

Se vive na branda Musa
Do terno, rugoso amante,
Tu tens juvenil Camena,
Que te idolatre, e te cante:

Tens os sons da minha lyra
Sagrados a teu louvor,
Vezes mil nas aureas cordas
Uno teu nome ao de Amor.

Se a que voava a Bathylo
Mereceu posteridade,
A teus encantos compete
Não menos que eternidade.

Se em templo, que os muros de ouro,
Que a base nos céos escora,
Defeso ao monstro implacavel
Que os proprios filhos devora,

Se junto ás aras luzentes
 D'alta Memoria superna,
 Em galardão de meus cantos
 Me cabe memoria eterna;

Áquella enchente de glorias
 Ou tu voarás commigo,
 Ou hei de, enjeitando o premio,
 Morrer de todo contigo.

Não vale este excesso a dita
 De só por ti conhecer
 Que inda existia o teu vate
 Para amor, para o prazer?

Tu despertaste em minha alma
 A dormente sympathia,
 Sentimentos, que a desgraça
 Quasi amortecido havia:

No horror de escuros desastres
 Abafando o coração,
 Das carinhosas delicias
 Era esquivo á commoção;

Mas apenas a meus olhos
 Em molle adejo assomaste,
 De mil serenas idéas
 Minha phantasia ornaste.

Eis surgir d'entre as ruinas
 Vejo o imperio da belleza,
 N'alma outra vez me resôa
 O grito da natureza.

Tórno a sonhar a ventura,
 Tórno a suspirar de amores,
 E julgo o céo resumido
 Nos teus dons encantadores.

Meus pensamentos se apuram,
 Apuram-se os meus desejos
 No tenue philtro celeste
 De teus espontaneos beijos.

Ás vezes, porém, meus gostos
 Saltêa azedo temôr
 De que nas garras farpantes
 Te arrebate ousado açôr.

Cuido vêr-te injusta preza
Do roubador famulento,
Que exulta no inacessível,
Remoto asylo do vento:

Cuido vêr-te lacerada
De fero, voraz instincto,
E quantas feridas sentes
Em dôbro, em tresdôbro sinto...

Mas longe, longe d'esta alma,
Arripiados terrores;
Cessae, que no meu thesouro
Estão velando os Amores:

Elles não querem perdel-o,
Elles sabem-lhe a valia,
Sabem quanto a Natureza
D'este penhor se atavia.

Porém tu, menino Idalio,
Se te enternecem meus ais,
A teus prodigios immensos
Ajunta um milagre mais.

Deixando-me a vida illesa,
Abre-me o peito inflammado,
Abre, oh nume, e desvanece
Este medroso cuidado:

A gentil pomba, que adoro,
Dirije co'a tenra mão;
Em meu peito se resguarde,
Pouse no meu coração.

2

O Zephyro e a Rosa

(Imitada de uns versos de Parny)

Linda Rosa sobre a margem
De um regato cristalino,
Ia abrindo o rubro seio
Ao dôce humor matutino:

Acaso um Zephyro, errante
Nas amorosas paixões,
A viu, e quiz dos prazeres
Dar-lhe as primeiras lições:

Porém não foi attendido
Da florinha esquiva, e bella,
«Por quem sois voae, deixae me.
Não posso amar (lhe diz ella):

«Ainda sou pequenina,
Ainda apenas vos vejo,
Tornae á tarde, e de ouvir-vos
Talvez terei menos pejo.»

N'isto o Zephyro adejando
Vai cuidar de outros amores,
Que o que vos succede, oh nymphas,
Succede tambem ás flôres. .

Indo já longe, eis um Euro
Para a rosa se encaminha,
E com rusticos affagos
Lhe desprende uma folhinha.

Cáe no arroio, e vai com elle
(Oh grosseiro, oh fatal brinco!)
Apoz esta segue-se outra,
Depois tres, e quatro, e cinco.

Finalmente o rude amante
Mimosas graças desfaz,
Que os meigos deuses lograram,
Se a Rosa fôra sagaz.

Vólta o Pavonio ancioso
Por gosar ternos carinhos;
Mas ai, que em logar da Rosa
Não acha mais do que espinhos !

Armia, observa este exemplo,
Desterra illusões, e enganos,
Segue Amor, antes que o tempo
Te desfolhe a flôr dos annos.

GLOSAS

1

*Que, eu fosse em fim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda;
Triste do meu coração!*

GLOSA

Tres vezes sobre meus lares
Vozeou, quando eu descia,
Ave, que aborrece o dia,
Que prevê crueis azares:
Amor dividira os ares
De seus tormentos cercado;
A' funda estancia do Fado
O vôo havia abatido,
E ambos tinham resolvido
«Que eu fosse em fim desgraçado.»

— Esse, que os primeiros ais
Vai soltar triste, e choroso,
Seja á Fortuna odioso,
Seja pezado aos mortaes:
Dos mimos de Amor jamais
Desfructe a consolação;
Ame, porém ame em vão,
Ferva-lhe n'alma o ciume. —
Isto no horrendo volume
«Escreveu do Fado a mão.»

Cresci, cresceram commigo
Meus damnos, e n'um transporte
Curva maga a ler-me a sorte
Com roucas preces obrigo:

Eis que toma um livro antigo,
 Abre, vê, folhêa, estuda,
 Té que me diz carrancuda:
 «Nos caracteres que olhei
 Fim ao teu mal não achei;
 «Lei do Fado não se muda.»

Absorto, convulso, e frio,
 Deixo de errieada grenha
 A Furia em concava penha,
 Seu lar medonho, e sombrio:
 Debalde lucto, e porfio
 Contra a Sorte desde então;
 Céos ! Não achar compaixão !
 Céos! Amar sem ser amado !
 Barbara lei do meu fado !
 «Triste do meu coração !»

2

*Se amor vive além da morte,
 Constancia eterna hei de ter ;
 Se amor dura só na vida,
 Hei de amar-te até morrer.*

GLOSA

Fui onde o sabio Fatino,
 Vate pelos annos curvo,
 Rompe o véo tapado e turvo,
 Que envolve as leis do Destino:
 Entro a gruta, a fronte inclino,
 E exclamo em vivo transporte:
 «Oh tu, que falias co'a Sorte,
 Eia, dize ao mais constante,
 Ao mais abrazado amante
 «Se amor vive além da morte.»

Analia, deusa na face,
Deusa até no coração,
Temeu que a minha paixão
Como as outras desmaiasse:
Para que o meu bem deixasse
De vacillar, de gemer,
Abalancei-me a dizer:
— «Despe, amada, um vão temor,
Que por milagre de Amor
«Constancia cterna hei de ter.»

«Talvez foi voto indiscreto...»
Proseguia; eis meneando
O gran velho venerando
Tres vezes seu grave aspecto:
«Que não ousa um louco affecto!
(Me diz com voz desabrida)
Alma insana, alma atrevida,
Ha quem confie, ha quem jure,
Que amor entre cinzas dure,
«Se amor dura só na vida!»

«Doudo amante hallucinado,
Como ha de a paixão, como ha de
Ir alterar a egualdade
Que aos entes impoz o Fado ?
Não ha permanente estado,
O Nada provém do Ser;
Torna, vae-te desdizer,
E faze o teu voto assim:
«Mais poder não cabe em mim,
«Hei-de amar-te até morrer.»

3

*Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
É dos lusos valorosos
Character, costume, e lei.*

GLOSA

Fernando avilta o braço
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes pezares,
E vai co'a tremenda espada,
Co'a gloria resuscitada
«Defender os patrios lares.»

Correm tempos, e o destiuo
De Lysia outra vez se altera;
No berço Bellona fera
Bafeja real menino:
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei:
Ai! Segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
«Dar a vida pelo rei.»

Cáe o moço miserando
Sobre as barbaras arêas;
Rebenta o sangue das vêas,
Inda victoria anhelando:
Férreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos:
Serie de tempos nublosos,
Que a Roma cadêas lança,
(Bem como os da gloria) herança
«É dos lusos valorosos.»

Rompe enfim de Lysia o somno
 Alto impulso repentino,
 E o renovo bragantino
 Reluz no remido throno:
 Oh lusos ! Celeste abono
 Verificae, merecei:
 Duro assalto removei;
 Jus vos dão para a victoria
 Um Deus, a razão, a historia,
 «Character, costume, e lei.»

4

*Perguntei a Amor, e á Sorte,
 Se. tem remedio o meu mal;
 Respondeu-me em tom severo
 — Que o não tem, porque é mortal.*

GLOSA

Eu, que sinto o peito arder
 Na pura neve d'Isbela,
 Que um volver dos olhos d'ella
 Não posso ao menos obter:
 Cançado enfim de soffrer
 Vida peor do que a morte,
 Em paixão tão cega, e forte
 Que já passa a desatino,
 Qual seria o meu destino
 «Perguntei a Amor, e á Sorte.»

«Nunes! Poderosos Nunes !
 (Clamaram meus labios tristes)
 Vós, que de mim sempre ouvistes
 Brados, suspiros, queixumes;
 Vós, que as ancias, os ciumes
 Lancaes n'esta alma leal;
 Vós, que permittis que um tal
 Incendio me offenda, e queime,
 Ah! Consolae-me, dizei-me
 «Se tem remedio o meu mal ?»

Disse; e logo o deus alado
 Que céos, e terra avassalla,
 Com voz soberba assim falia
 Á deusa, que tinha ao lado:
 «D'este amante o cruel fado
 Que exponhas, oh Sorte, eu quero;
 Ergue a voz, pois te assevero
 Que o seu pranto me importuna.»
 Calou se Amor, e a Fortuna
 «Respondeu-me em tora severo:»

«Tu, que dourada corrente
 Toléras, mostras, arrastas:
 Que os dias, e as noutes gastas
 Em chôro infeliz, e ardente:
 Tu, que buscas finalmente
 Remedio prompto, e cabal
 A tua dôr sem equal;
 Sabe, para teu terror,
 Que o não tem, porque é de Amor,
 «Que o não tem, porque é mortal.»

5

*O tempo, que Amor perdeu,
 Finezas mal merecidas,
 Promessas nunca cumpridas,
 Nada d'isso chôro eu.*

GLOSA

Graças aos céos, já não sinto
 Aquella viva paixão,
 Das liberdades prisão,
 Dos corações labyrintho:
 Já não lamento, nem pinto
 Cruezas do genio teu;
 A verdade enfim rompeu
 Trevas d'esse engano antigo;
 Nem já me lembra contigo
 «O tempo, que Amor perdeu.»

Reina em meu peito a alegria,
Minh'alma de todo é sua;
Brilhe o sol, ou gire a lua
Chegue a noute, ou venha o dia:
Sinto em dura antipathia
Minhas paixões convertidas;
Em mil vozes desabridas;
Troquei por justas razões
Amorosas expressões,
«Finezas mal merecidas.»

Virtude, só teus altares
Incensarei com fervor,
Proferindo contra Amor
Imprecações a milhares:
Loucuras, ancias, pezares
Elle causa ás tristes vidas;
E quando glorias subidas
Jura dar ao coração,
As suas promessas são
«Promessas nunca cumpridas.»

Queixe-se embora do Fado
Aquelle que vê, que alcança
Em vez de ternura, esp'rança,
Desprezo, rigor, enfado:
Chore-se qual desgraçado
O que a vontade rendeu:
Sabendo que vive o seu
Rival nos braços da amada;
Chore-se embora, que nada
«Nada d'isso chóro eu.»

6

*Pondo a mão nas sacras aras
Tu juraste, e eu jurei;
Cuida tu em ser constante,
Que eu á fé não faltarei.*

GLOSA

No templo do nume alado
Cujas leis adoro, e sigo,
Entrei, Marilia, contigo
De verde myrtho c'roadado:
Ali jurei ao teu lado
Vivo amor, finezas raras;
E tintas as faces claras
Do purpureo pejo honesto,
Tu fizeste egual protesto
«Pondo a mão nas sacras aras.»

Cupido a frente menêa,
E pago da jura amante,
Co'um sorriso no semblante
O seu prazer patentêa:
A multidão, que o rodêa,
Escrava da sua lei,
Tu ouviste, eu escutei
Hymnos mil, Marilia amada,
Louvando a fé, que prostrada
«Tu juraste, e eu jurei.»

Aureo thuribulo então
Prompto ministro nos dá,
Mutuamente o movem já,
A minha, e a tua mão;
Perturbando os ares vão
Nuvens de incenso fragrante;
E do solio de diamante
Diz Amor a mim, e a ti:
«Guarda o voto, que te ouvi,
«Cuida tu em ser constante.»

Eu com a voz do respeito
Ardendo em férvido lume,
Lhe respondo: «Oh Gnideo nume,
Nume a quem vivo sujeito !
Dos votos, que tenho feito,
Eu jámais me esquecerei;
Dos deuses o pae, e o rei
Com raios.o mundo estrague,
O céu caia, o sol se apague,
«Que eu á fé não faltarei.»

7

*Só o nome de Maria
Inconstancia quer dizer;
A mulher, que, assim se chama,
Ingrata sempre ha de ser.*

GLOSA

É desatino, é loucura
No mundo haver quem pretenda
Que até dos nomes dependa
A condição meiga, ou dura:
Mas, bem que esta conjectura
Tem visos de errada, e fria,
Eu não sei que antipathia,
Que desgosto, que aversão
Desperta em meu coração
«Só o nome de Maria !»

Jámais o numen vendado
Alcançou de mim victoria,
Jámais fundei minha gloria
Na posse de um puro agrado:
Mas se por força de fado
Chegar um dia a querer,
Ninguem me verá morrer
Pelo nome de Maria,
Pois se por « mar » principia,
«Inconstancia quer dizer.»

Licio, de quem longos annos
 A crespa cerviz humilham,
 E em cujo aspecto já brilham
 A montões os desenganos:
 Diz — que é causa de mil damnos,
 Que mil discordias derrama,
 Que é furia pelo que inflamma,
 Que é crocodilo no pranto,
 Serêa na voz, no canto
 «A mulher, que assim se chama.»

Vós pois, que as aras beijaes,
 E a quem eu meus votos nego,
 Vós, que insanas leis de um cego
 Tão cegamente adoraes:
 Se não quereis de vãos ais
 Os ares subtis encher,
 Vêde a quem ides render
 Vossa interna idolatria,
 Que toda a que fôr Maria
 «Ingrata sempre ha de ser.»

8

*Eu quero bem á Desgraça,
 Que sempre me acompanhou;
 Tenho aversão á Ventura,
 Que no melhor me faltou.*

GLOSA

Deuses! Commigo indignados,
 Meneando a sacra mão,
 Vertei no meu coração
 Milhões de acerbos cuidados:
 Exemplar dos malfadados
 O vosso rigor me faça;
 Persiga-me a Sorte escassa,
 Que não me obriga a queixume:
 Não, deuses, não ; por costume
 «Eu quero bem á Desgraça.»

Esta deidade sombria,
Em cujo livido rosto
Nunca resplandece o gosto,
O riso, a paz, a alegria:
Apenas a luz do dia
Os olhos meus illustrou,
Entre os braços me apertou,
Ao peito me trouxe unido,
E tão leal me tem sido
«Que sempre me acompanhou.»

Satisfaz-se o meu desejo
Quando nos candidos ares
Denso tropel de pezares
Correr a buscar-me vejo:
Ventura, não te festejo,
Vae-te, outras almas procura;
Vae-te, que de ti murmura
Meu infeliz coração;
Tenho ao prazer aversão,
«Tenho aversão á Ventura.»

Desgraça, numem immenso,
Tu, tu, que desejas tanto
Em vez dos hymnos o pranto,
Os ais em logar do incenso:
Vê que com affecto intenso
Minha alma e vida te dou:
Nunca jámais (pois teu sou)
Desprezes a quem te abraça;
Não se diga da Desgraça
«Que no melhor me faltou.»

9

*A Razão manda que ea parta,
Amor me quer demorar;
Minha Sorte é quem decide
E me obriga a separar.*

GLOSA

A razão, fulgente nume,
Que o vicio torpe intimida, »
Baixou dos céos attraída
Pelo som do meu queixume:
Vendo esta alma por costume
De suspirar nunca farta,
Vendo em fim que não coarcta
Marcia a sua tyrannia,
Da presença d'esta impía
«A Razão manda que eu parta.»

Mas Amor, de cuja mão
Té Jove teme o castigo,
Amor, feroz inimigo
Da Virtude, e da Razão:
Com um leve turbilhão
Armado fendendo o ar,
A deusa corre a buscar,
Que a meu lado affavel sente,
E se ella quer que eu me ausente,
«Amor me quer demorar.»

Arma então disputa forte
Uma e outra divindade,
Na Razão brilha a verdade,
Em Amor louco transporte:
Eu, que os vejo d'esta sorte
Sem que um ao outro intimide,
Lhes digo: «Não mais se lide,
Dignae-vos de me seguir;
Se hei de ficar, ou partir,
«Minha Sorte é quem decide.»

Fomos pois da Sorte ao templo,
 E mal que os altares beijo,
 Os olhos turvos lhe vejo,
 Triste o rosto lhe contemplo:
 Ella exclama: «Infausto exemplo
 De quantos sabem amar,
 Faze o que a Razão mandar.»
 Disse; e a pezar da porfia
 De Amor, a Razão me guia,
 «E me obriga a separar.»

10

*Basta, pensamento, bauta;
 Deixa-me em fim descançar;
 Um bem, que ser meu não póde,
 E um tormento lembrar.*

GLOSA

Desvelado pensamento,
 Que a minha mágoa requintas,
 Quando em illusões me pintas
 Suave contentamento:
 Se um dever duro, e violento
 Do bem, que adoro, me affasta,
 Se barbara lei contrasta
 Os desejos da paixão,
 De enganar-se o coração
 «Basta, pensamento, basta.»

Nize em braços de um tyranno
 Mesmo a seu pezar suspira;
 Em quanto geme, e delira
 Longe d'ella o triste Elmano:
 O meu rival gosa ufano
 A dita mais singular:
 E se a dor de o invejar
 Tu me excitas, pensamento,
 Em profundo esquecimento
 «Deixa-me em fim descançar.»

Bem, que se não gosa, ancêa;
 Não me presentes, memoria,
 A perda da minha gloria
 Na imagem da gloria alhêa:
 Nize arrasta uma cadêa
 Que só a morte sacode,
 E por isso não me acode,
 Nem me paga a sympathia
 Um bem, que ser meu devia,
 «Um bem, que ser meu não póde.»

Pensamento namorado,
 Não promovas minha pena;
 Ceda-se ao que o fado ordena,
 Que ninguem resiste ao fado:
 Alto prazer suspirado,
 Que se não pode alcançar,
 Porque em se não desfructar
 Deixa em fim de ser prazer,
 E' uma dita esquecer,
 «E' um tormento lembrar.»

11

Do meu Myrtilo a saudade.

(Decimas improvisadas por ocasião do fallecimento do Senhor
 dr. Manuel Bernardo de Sousa Mello)

Não chores, coração meu,
 A mágoa, que te assaltou;
 A immensidade ganhou,
 E o quasi nada perdeu:
 O que é de um numen é seu,
 Inda a par da divindade
 No cume da eternidade
 Bebe a luz do paraiso;
 Mortaes, converta-se em riso
 «Do meu Myrtilo a saudade.»

O Lethes, rio fatal
De margens seccas e nuas,
Confunde nas aguas suas
Memorias do bem, e do mal:
Eu, ainda que mortal,
Não pago á fatal deidade
O feudo da humanidade;
Bem que, oh Sorte, o não promettes,
Levarei além do Lethes
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não dou a Myrtilo incensos
Ante seus manes não desço,
Ao chão; porque só off'reço
Tal culto aos numes immensos:
Porém affectos intensos,
Cordeal sinceridade,
Doce pranto á amisade,
Que não tem, nem terá fim,
Estão demonstrando em mim
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Em serras se afôfa o ar,
Estoura a rocha em gemidos,
E estão medrosos ouvidos
Ao longe a titubear:
De nuvens se peja o ar,
Morre a solar claridade,
D'alma terna amenidade
Desbota funerea tinta;
Ah! Justo céo! Tudo pinta
«Do meu Myrtilo a saudade.»

Não só c'os tempos modernos
Meu louvor affouto egualo;
Com Grecia, com Roma fallo,
Fallo com céos, com infernos:
Meus elogios eternos
Lanço pela immensidade;
Entro n'uma, e n'outra idade,
Por varios seculos entro,
E em todos elles concentro
«Do meu Myrtilo a saudade.»

12

Terno amor, doce amisade.

(Ao mesmo assumpto)

GLOSA

Desde que o mundo é composto,
Os seus refrigerios são
Dous bens, que no peito estão,
E que apparecem no rosto:
São dous principios de gosto,
Precisos á humanidade,
Ambos attráem a vontade
Com seus mimos feiticeiros;
Ah! Sede meus companheiros,
«Terno amor, doce amisade.»

Jove, immenso creador,
Para os mortaes se sorriu,
Eis que das mãos lhe caú
No mundo amisade, e amor:
Soltando o alto clamor
De que treme a eternidade,
Disse á triste humanidade:
«Attento a vossos queixumes,
Ahi vos mando dous numes,
«Terno amor, doce amisade.»

Amei o sexo mimoso,
Amei o sexo constante,
Fui amigo, e fui amante,
E nunca fui venturoso:
Nunca vi peito extremoso
Ornaldo de lealdade;
Achei sempre a falsidade
N'elle, e n'ellas; e assim
Não nascestes para mim,
«Terno amor, doce amisade.»

O bom Myrtilo morreu,
Morreu com elle áureo estylo,
E Lilia a par de Myrtilo
A fria terra desceu:
O mundo nos dous perdeu
Bens de summa qualidade,
Ficou pobre a humanidade
Esvaíram-se os affectos,
E já não tendes objectos,
«Terno amor, doce amisade.»

13

Meigos sorrisos de amor.

GLOSA

A minha imaginação
Escura sempre, e funesta,
Males sobre males me empresta
Ao misero coração:
As amarguras estão
Com o dente roedor
Cercando esta alma de horror;
Eu morro, acabo infeliz,
Se acaso não me acudís,
«Meigos sorrisos de amor.»

Lilia, mais bella que as flores,
Mais bella que o paraiso,
Depois de dar-me um sorriso
Me deu mil encantadores:
De delicias percursos,
Ternos mimos inda em flor
Me fizeram sabedor
De arcanos; já, já conheço,
Já, já sei que não têm preço
«Meigos sorrisos de amor.»

Habíto ameno desvio
Da gente, e vícios tambem;
Este logar flores tem,
Tem um valle, e tem um rio:
Verde arvoredado sombrio
Aqui mostra o fructo, a flor;
Que logar encantador!
Que logar, que vale tanto!
Só me faltaes n'este encante,
«Meigos sorrisos de amor.»

Tempestades esbravejam,
Fuzilam nuvens medonhos,
E as esperanças tardonhas
Já dentro do peito arquejam:
Subir aos astros forcejam
Mil sombras de negra côr;
Ah! N'este mal, n'este horror,
N'este assanhado Oceano,
Sêde Santelmos d'Elmano,
«Meigos sorrisos de amor.»

Cypria, abrindo os tenues ares,
Das Graças a mãe formosa,
Desce na concha lustrosa
A superficie dos mares:
Lá se encolhem os pezares,
Lá se vai sumindo a dôr;
O despêro, o pavor
A seus lindos olhos cedem:
Lá vem Venus, e a precedem
«Meigos sorrisos de amor.»

14

*Quem póde deixar de amar ?***GLOSA**

Amor, doce flamma acceza
Nos céos, pela mão de Jove,
Agita, transporta, e move,
O seio da Natureza:
O leão despe a braveza,
Se o vem leôa amimar;
No salso bojo do mar
Arde o mudo nadador;
O mundo todo é amor;
«Quem póde deixar de amar?»

Lilia, se vê genios duros,
A ataca-os se resolve,
E co'um ar magico volve
A elles os olhos puros:
Eis que vê soberbos muros
Sobre a terra a baquear;
Lilia depois de ganhar
Immensos louros, que ajunta,
Com um sorriso pergunta:
«Quem póde deixar de amar?»

Perguntei á natureza
No seu alcaçar sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infectava a redondeza?
Ella que meus cultos préza,
E me franquêa o altar,
Respondeu-me a prantear,
Exhalando um ai ancioso:
«Ah ! E' o mais criminoso
«Quem póde deixar de amar.»

Mandou o supremo auctor
 Ao mundo esta paixão doce,
 Para que alimento fosse
 Da terrea machina Amor:
 De tudo se fez senhor,
 Em tudo erigiu altar;
 Quem a Amor pretende obstar
 Transgride uma lei divina;
 E o fim do mundo machina
 «Quem póde deixar de amar.»

15

O painel da Natureza.

(Improvisada na occasião de um eclipse da lua)

GLOSA

Minha sorte foi brilhante,
 Minha sorte é hoje triste,
 N'estas mudanças consiste
 A sorte de todo o amante:
 Sumiu-se a lua radiante,
 Que estava em fulgor acceza;
 Minha dôr, minha tristeza
 Com mil reflexões misturo,
 Vendo ora claro, ora escuro
 «O painel da Natureza.»

O Olvmpo assustando a terra,
 Dando-lhe mortaes desmaios,
 Raios em cima de raios
 Das entranhas desencerra:
 Os elementos em guerra
 Blasonam mutua braveza;
 N'este horror, n'esta graveza,
 Que nao cede, não se acalma,
 E' o quadro da minha alma
 «O painel da Natureza.»

16

A mulher é bem, e mal.

GLOSA

De varia côr se tingiu
 Fado, que póde o que quer,
 E unido á recém-mulher,
 A varia côr lhe imprimiu:
 Subito o mundo luziu
 C'o objecto divinal,
 E sobre a estancia fatal,
 Sobre o triste globo errado,
 Segundo o matiz do Fado,
 «A mulher é bem, e mal.»

Não haja no mundo alguém,
 Que com um, ou outro affecto,
 Chame á mulher mal completo,
 Ou chame completo bem:
 Nada d'isto lhe convém;
 Por um systema formal
 Como em tudo é desigual
 Causa gostos, e dá ancias,
 E em diversas circumstancias
 «A mulher é bem, e mal.»

17

*Mortal, que teus mimos gosa.
 Disputa co'a divindade.*

GLOSA

Alta influencia amorosa,
 Milagroso e doce lume,
 Ah ! Tu convertes em nume
 «Mortal, que teus mimos gosa:»

Mal que a alma sequiosa
Embebes na eternidade,
Mal que prova a immensidade
De almo, indizível prazer,
Faz o que deve fazer,
«Disputa co'a divindade.»

Quantas fragancias a rosa
Entre os Favonios aspira,
Tantos perfumes respira
«Mortal, que teus mimos gosa:»
Sobe á esphera venturosa
Onde tudo é claridade,
Muda ali de qualidade,
Todo o céo em si reune,
E não farto de ser nume
«Disputa co'a divindade.»

Sei que á morte pavorosa
Tambem feudo eu pago, eu dou;
Mas tambem, Marília, eu sou
«Mortal, que teus mimos gosa:»
E' mais que todas honrosa,
Sublime esta dignidade,
Não pareça atrocidade,
Sacrilego atrevimento,
Se um, como eu, no pensamento
«Disputa co'a divindade.»

Ouve, Marilia formosa,
Composto de riso e neve,
Quanto ao mesmo Fado deve
«Mortal, que teus mimos gosa:»
Disse-me a voz estrondosa,
Que perpassa a eternidade:
«Tu, que estás na humanidade,
Como és de Marilia amado,
Vae, vae ser órgão do Fado,
«Disputa co'a divindade.»

Quanto (oh céos!) é milagrosa
 Paixão, que adorar se deve,
 E a quanto, oh Lilia, se atreve
 «Mortal, que teus mimos gosa!»
 Sonha a paixão amorosa
 Que se despe a humanidade;
 Jove deve ter piedade
 Se commette doce engano,
 Se audaz pensamento humano
 «Disputa co'a divivindade.»

18

*Analia não é perjura,
 Analia cede a seu fado.*

GLOSA

Julguei deshumana, e dura
 Minha amada, e sinto horror
 Depois que me disse Amor:
 «Analia não é perjura:»
 Se o poder da desventura
 Seu ardor tem subjugado,
 E se um vinculo sagrado
 A liberdade lhe prostra,
 Quando em si crenças lhe mostra
 «Analia cede a seu fado.»

Foi altar a sepultar,
 Disse-me: — «Juro por esta
 Medonha estancia funesta,
 «Analia não é perjura:»
 Inda Analia em cinza escura
 Sentirá o ardor sagrado;
 Ali será requintado
 O extremo da sua ardencia
 Inda que aqui na apparencia
 «Analia cede a seu fado.»

19

Analia terna, e constante.

GLOSA

No triste imperio da Morte
Vagueei já turvo dia;
Eis que em minha alma sentia
Um desusado transporte:
Tu, que reges minha sorte,
Que sempre me está diante,
Oh! Feliz o teu amante
Quando baixar ao jazigo,
Se repousares commigo,
«Analia terna, e constante!»

Consta o bem da humanidade
Em objectos mui diff'rentes;
Alguns existem nas mentes,
Outros vivem na verdade:
Estes que tem dignidade
Dá-os sciencia brilhante,
Outros um gráo triumphante,
Palma, louvor, gloria, louro;
Mas inda é maior thesouro,
«Analia terna, e constante.»

Entre os teus mimos, e a vida
Não acho nenhum espaço;
Desate-se aquelle laço
Se esta prisão fôr partida;
A minha alma sempre erguida
N'uma idea relevante,
Não imita indigno amante,
Que aspira a tenue prazer;
Ou possuir-te, ou morrer,
«Analia, terna, e constante.»

Iremos ambos unidos
Onde nossas almas voam,
Ou onde os prazeres soam,
Ou onde soam gemidos:
Ambos seremos punidos
Feliz um, e outro amante,
Soará no céu brilhante,
Soará no escuro inferno,
Josino constante, e terno,
«Analia terna, e constante.»

A natureza corrupta
É objecto ante quem tremo;
Nem padece mal supremo,
Nem bem supremo desfructa:
Ora o vicio amado enluta
Esta machina ambulante,
Ora a virtude anda errante,
Entre temor, e incerteza;
Ah ! Corrige a natureza,
«Analia terna, e constante.»

20

Dos lusos a gloria herdada.

GLOSA

Nasci no tempo ferrenho,
E apenas razão me move,
Grito aos céos, exclamo a Jove,
«Oh Jove ! Em que tempos venho !
Um despenho, outro despenho
Me apresenta a sorte irada;
Minha essencia collocada
Está no ponto mais baixo;
Já não vejo, já não acho
«Dos lusos a gloria herdada.»

As nossas armas brilharam
 Pondo ao universo espanto,
 E as letras poderam tanto,
 Que as armas mesmo eclypsaram:
 Os nossos timbres voaram
 Pela massa organisada;
 E o gran monstro, que inda brada
 Lá no promontorio seu,
 Fero Adamastor, teme
 «Dos lusos a gloria herdada.»

21

És gloria da Natureza.

GLOSA

Jove, o soberano Jove,
 Ante quem tudo é pequeno,
 Esse, que co'um leve aceno
 O mundo, e as estrellas move:
 Esse, que ora os raios chove,
 Ora anima a redondeza,
 Pasma na tua belleza:
 Por cem raras qualidades,
 És iman das divindades,
 «És gloria da Natureza.»

Tu não tens um só momento
 Em que dês o galardão
 Ao que vale o coração,
 Ao que vale o pensamento:
 Não achas merecimento
 N'um ai, ou n'uma fineza,
 És exemplo da dureza,
 Modelo de um peito ingrato,
 E inda em tal desacato
 «És gloria da Natureza.»

22

Deliro entre susto, e dôr.

GLOSA

De que aproveita a razão
 No estado em que me diviso?
 Ai de mim ! Que é o juizo ?
 Flagello do coração:
 Não, não póde a reflexão
 Repellir o activo amor;
 Contra elle não tem vigor,
 O seu esforço é baldado,
 Não por fraqueza, por fado
 «Deliro entre susto, e dôr.»

São todos os meus instantes
 Instantes de atra agonia;
 Para mim a noute, e o dia
 São tristes, são similbantes;
 Venço todos os amantes
 Nos extremos, no temor
 Os mais alenta o favor,
 A mim não me dá descanso;,
 E quando mimos alcanço
 «Deliro entre susto, e dôr.»

23

Dobra o joelho a Razão.

GLOSA

Um Deus é supremo auctor
 Do globo, do céu, e lua,
 E a Razão, ministra sua,
 Tem parte em seu resplendor:
 Porém quando o encantador
 Principio d'aurea prisão,

Que cinge o meu coração,
 Presenta os encantos seus,
 No Olympo estremece um Deus,
 «Dobra o joelho a Razão.»

Em quando da formosura
 O encanto se não observa,
 Livre a Razão se conserva,
 Tranquilla, serena, e pura:
 Mas quando o céu se affigura
 Em humana perfeição;
 Quando se forja o grilhão
 Tão funesto á liberdade,
 Inda sendo divindade,
 «Dobra o joelho a Razão.»

24

*Os erros da educação
 Extraem de amor delidos.*

GLOSA

Estes, Marilia, estes são
 Os males que o céu nos fez;
 São os erros em que crês
 «Os erros da educação:»
 Por mais que o meu coração,
 E o teu desatem mil gritos,
 Os hypocritas maldictos,
 Os que têm tartarea voz,
 (Ai!) armados contra nós
 «Extraem de amor delictos.»

Sobre a humana geração
 Têm suprema auctoridade,
 Contra as tuas leis, Verdade,
 «Os erros da educação:»
 Some-se a luz da razão
 Em preceitos infinitos;

De mortaes negros peritos
 Dura voz o amor condemna,
 Extraem fel d'assucena,
 «Extraem de amor delictos.»

25

*Em amor não soffre eguaes
 Paulino, exemplo de amor.*

GLOSA

Os meus extremos são taes,
 Que levam a tudo a palma;
 Original a minha alma
 «Em amor não soffre eguaes:»
 Peço aos sensiveis mortaes
 Mais justiça que favor:
 Em sentido extremo horror
 N'um epitaphio a verdade
 Inculque á posteridade
 «Paulino, exemplo de amor.»

No orgulho abafando os ais
 Clamei ao genero humano: —
 Entre vós sómente Elmano
 «Em amor não soffre eguaes:»
 Eis que o numen dos mortaes
 Indisputavel senhor,
 Me diz com agro clamor:
 «Enfunado amante, escuta,
 Vê que a gloria te disputa
 «Paulino, exemplo de amor.»

26

*Um só momento de amor
 Faz feliz um desgraçado.*

GLOSA

Peço aos céos alto favor
 Que toca ao supremo excesso;
 Eternidades não peço,
 «Um só momento de amor:»

Este deus, este senhor
 Da vida, do tempo, e fado,
 Este numen transformado
 No ente, que chamam mulher,
 Pode tudo quanto quer,
 «Faz feliz um desgraçado.»

Movido da minha dôr
 O auctor dos males, e bens,
 Disse-me um dia: «Aqui tens
 «Um só momento de amor:»
 Não julgues pouco valor
 No donativo sagrado;
 Em sendo a Lília annexado,
 Por gloria de um terno amante,
 De amor o minimo instante
 «Faz feliz um desgraçado.»

27

*Elmano foi mais que Deus;
 Hoje é misero mortal.*

GLOSA

Quando entre os carinhos teus
 Gosou dos bens a excellencia,
 Elmano despiu a essencia,
 «Elmano foi mais que um deus:»
 Entranhou-se pelos céos,
 Foi ao cume divinal,
 A Jupiter viu-se igual,
 Fallou-lhe a felicidade:
 Volveu á humanidade,
 «Hoje é misero mortal.»

Desenganae-vos, athêos,
 Vêde a vossa insipiencia,
 Eu vos mostro a omnipotencia,
 «Elmano foi mais que um deus:»
 Eia, acreditae os céos,
 Crêde no bem divinal;

Mas oh pranto ! Oh dôr! Oh mal!
 Tornae á incredulidade,
 Porque quem foi divindade
 «Hoje é misero mortal.»

28

Lilia geme, Lilia chora.

GLOSA

De Lilia o dôce amador,
 O seu objecto querido,
 Jaz (oh Fados!) jaz sumido
 No abysmo do eterno horror:
 Com seus frecheiros Amor
 O triste caso deplora;
 E qual em nuvens a Aurora
 Fecha o rosto divinal;
 Sobre a campa funeral
 «Lilia geme, Lilia chora.»

Nasceu Lilia; a Natureza.
 Soltou por tudo alegria:
 Cresceu Lilia; eis veiu um dia
 Em que tudo foi tristeza:
 A face da redondeza
 Eis vasto incendio; devora,
 E soando a toda, a hora
 Ais, queixumes, gritos, prantos,
 Sentida de seus encantos
 «Lilia geme, Lilia chora.»

29

*Depois de te haver creado
 A. natureza, pasmou,*

GLOSA

A mãe, que em berço dourado
 Pôz teu corpo cristalino,
 É sup'rior ao Destino,
 «Depois de te haver creado:»

Quando Amor, o nume alado,
Tua infancia acalentou,
Quando os teus dias fadou,
Minha Lilia, minha amada,
A mãe ficou encantada,
«A Natureza pasmou.»

Deve dar breve cuidado,
Motivar grande atenção,
A um Deus a criação,
«Depois de te haver creado:»
Deve de ser refinado
O engenho, que elle mostrar
Desde o ponto em que crear;
Cuide n'isto a omnipotencia,
Porque ao ver a sua essencia
«A Natureza pasmou.»

Ao mesmo céo não é dado
(Bem que tanto poder gosa)
Crear cousa tão formosa
«Depois de te haver creado:»
N'aquelle instante dourado,
Em que teus dotes formou,
Apenas os completou,
Arengando-lhe o Destino;
Em um extasi divino
«A Natureza pasmou.»

O céo nos tem outorgado
Quanto outorgar-nos podia;
O céo que mais nos daria
«Depois de te haver creado?»
Nympha, das Graças traslado,
Nympha, de que escravo sou,
Jove em ti se enfeitiçou,
Cheio d'espanto, e de gosto,
E absorta no teu composto
«A Natureza pasmou.»

O teu rosto é adornado
 Dos prodigios da belleza;
 Foi um deus a Natureza
 «Depois de te haver creado:»
 Poz em teu rosto adoçado
 O que nunca o céu formou;
 Ella a Jove envergonhou
 N'esse deleitoso espanto,
 E de ter subido a tanto
 «A Natureza pasmou.»

Todo o concilio sagrado
 Do almo Olympo brilhador,
 Subiu a gráo superior
 «Depois de te haver creado:»
 Da meiga Venus ao lado
 O teu ente a nós baixou;
 Ente, que Jove apurou,
 Ente de todos diverso,
 Assombrou-se o universo,
 «A Natureza pasmou.»

30

*Quem vê de Analia o semblante
 Julga vêr a mãe de Amor.*

G L O S A

Fica cego, e delirante,
 Veneno em nectar destilla,
 Abraza-se, e se anniquilla
 «Quem vê de Analia o semblante:»
 Ella surge triumphante
 Sobre as plumas do louvor,
 E d'esse mesmo fulgor
 D'onde os corações conquista,
 Quem de cá debaixo a avista
 «Julga ver a mãe de Amor.»

A Primavera brilhante
 Vem ver a origem da vida,
 Vê toda a terra florída
 «Quem vê de Analia o semblante:»
 Mas inda não é bastante
 Este applauso, este louvor;
 Quem seu gésto encantador
 Olha, de graças portento,
 N'aquelle ethereo momento
 «Julga ver a mãe de Amor.»

Duro nó, nó diamante,
 Que horrivel jugo nos traz,
 Impetuoso desfaz
 «Quem vê de Analia o semblante:»
 Embora a virtude cante
 Por triumpho extincto ardor,
 Que em attentando o amator
 N'um rosto mais que as leis forte,
 Esquece-se da consorte,
 «Julga ver a mãe de Amor.»

31

*As settas, que Amor dispara,
 Se as tu não tocas, são nada.*

GLOSA

Branda maravilha rara,
 Do orbe, cujo imperio gosas,
 Tu fazes mais poderosas
 «As settas, que Amor dispara:»
 Elle, que os deuses encara
 Na estellifera morada,
 Pende de ti, minha amada,
 Em seu poder, sem escudo;
 E as settas, que vencem tudo,
 «Se as tu não tocas, são nada.»

32

Amor em Baccho se accende.

GLOSA

Salvé, divino liquor,
Com que a tristeza se acalma;
Tu és porção da minha alma,
Pois Baccho é parte de Amor:
Unido de ambos o ardor
Das angustias nos defende:
Quanto as ancêa, as offende,
Minha alma de si derrama;
Baccho em o amor se inflamma,
«Amor em Baccho se accende.»

33

*Mimos, carinhos, finezas
Reuniu em ti Amor.*

GLOSA

Maravilhas e extranhezas
Te deram as Graças bellas,
E vincularam com ellas
«Mimos, carinhos, finezas:»
Eis, eis mil chammas accêzas
Em um, em outro amador;
Não, não cabem no louvor
Oh Lilia, os encantos teus:
Quanto em si reune um deus
«Reuniu em ti Amor.»

34

*Quem meus extremos condemna
Não offende o meu amor.*

GLOSA

Não é da massa terrena,
Não pertence á redondeza,
Mãe não chama á Natureza
«Quem meus extremos condemna:»
Da nympha, que excede Helena
De Páris e Troya ardor,
Não reconhece o valor,
A graça, o mimo, o regalo;
Quem não póde avalial-o
«Não offende o meu amor.»

35

Da terra cáí no chão.

GLOSA

Andei por mar, e por terra,
Pela India, e pela China,
Aturei fome canina,
Com que muita gente berra:
Supportei de Amor a guerra,
Tive uma certa paixão,
E outros males, que são
Proprios de quem sabe amar;
Só me faltava glosar:
«Da terra cáí no chão!»

36

*A minha antiga alegria
Bateu as azas, voou.*

GLOSA

Das vêas o sangue esfria,
O coração não descança,
Apenas trago á lembrança
«A minha antiga alegria:»
De mil glorias algum dia
Meu pensamento adornou;
Mas quando mais me encantou,
Quando a julguei mais segura,
Qual relampago a ventura
«Bateu as azas, voou.»

37

A gloria d'este animal.

GLOSA

Deuses, que lá n'essa altura,
Que lá n'essa immensidade
Onde tudo é claridade,
Onde tudo é formosura,
Gosaes suprema ventura,
A' eternidade equal;
Quando a vista divinal
Vós lançaes ao mundo tosco,
Vereis hombrêa comvosco
«A gloria d'este animal.»

38

*Amor depende de nós.***GLOSA**

Amor tem summa grandeza,
Grosa innumero trophéo,
Tanto brinca com o céo,
Como co'a vil redondeza:
A deidade, e a natureza
Jamais a elle se oppoz;
Tudo escuta a sua voz,
Tudo a seu jugo é ligado:
Mas para ser adorado
«Amor depende de nós.»

39

*Como vive quem não vice
Com quem deseja viver.***GLOSA**

Depois que a desgraça tive
De perder a bella Armia,
Fiquei qual estatua fria,
«Como vive quem não vive:»
O céo da vida me prive,
O meu desejo é morrer;
Que se não póde soffrer
Da vida nem um instante,
Quando não vive um amante
«Com quem deseja viver.»

40

*Os duros grilhões de Amor.***GLOSA**

Vejo-te a face mimosa,
Porque a tanto Amor se atreve,
Vejo sorrir d'entre a neve
Uma rosa, e outra rosa:
Vejo-te a mão preciosa,
Que tem dos jasmims a côr;
Vejo-te o rosto inda em flôr,
Que é iman do meu desejo,
E adoro, idolatro, beijo
«Os duros grilhões de Amor.»

41

*Terá fim, mas não sei quando.***GLOSA**

Socrates, rei da razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema lucha
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno, e brando:
Dos discipulos ao bando
Disse: «Eu morro, e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo,
«Terá fim, mas não sei quando.»

42

*A natureza premêa
Quem as suas leis adora.*

GLOSA

Quanto o fanatismo odêa
Co'a voz, que altera, e que engrossa,
Tanto a Natureza adoça,
«A Natureza premêa:»
Não quer alma fofa, e cheia
D'uma ambição, que a devora;
Quer o amante, que a implora,
Que em pranto as faces alaga,
Acarinha, ameiga, afaga
«Quem as suas leis adora.»

43

*Em amor não ha limite,
Todos fogem á razão.*

GLOSA

Queres, Marilia, que evite
De amor o mui louco excesso ?
Marilia, perdão te peço;
«Em amor não ha limite:»
Por mais que a razão me dicte
Sisuda moderação,
Vae sempre avante a paixão,
Buscando seu dôce fim;
Os amantes são assim;
«Todos fogem á razão.»

44

De quanto é capaz amor!

GLOSA

Lilia, sabe em theoria,
Para que discreta falles,
Quantos bens, e quantos males
Amor sobre a terra envia:
Conhece que a sympathia
E' o principio motor
Do gosto, e do dissabor;
Mas, nympha d'alta excellencia,
Não saibas por experiencia
«De quanto é capaz Amor !»

45

*Se Elmano geme de amor,
A sorte de Analia o manda.*

GLOSA

Não é falta de favor,
Não penuria de caricias,
Não carencia de delicias,
«Se Elmano geme de amor:»
Elle já teve o penhor
Que os males todos abranda:
Venceu a inveja nefanda,
N'um bem, que não cede á morte,,
E se chora a sua sorte
«A sorte de Analia o manda.»

46

*A vida de um desgraçado
E' peor do que morrer*

GLOSA

Carrancudo, horrivel Fado,
Numen feroz, iracundo,
De que te serve no mundo
«A vida de um desgraçado?»
E' á morte comparado
O meu infausto viver;
Mas eis me sinto tremer,
Eis ouço voz desabrida,
Que diz: «Mentes, essa vida
«E' peor do que morrer.»

47

Amor a amar nos convida .

GLOSA

Com dura, e branda cadêa,
Com facho activo, e suave,
De seus mysterios co'a chave
Amor entre nós voltêa;
Já deprime, já glorêa,
Já dá morte, já dá vida;
E n'esta incessante lida,
Que em si traz, que em si contêm,
Com o mal, e com o bem
«Amor a amar nos convida.»

48

*Flagellam-se agros ciumes,
Tyrannos zelos me matam.*

GLOSA

Todo sou dôr, sou queixumes,
Ao que soffro não resisto,
Venenosa origem d'isto
«Flagellam-me agros ciumes:»
Da razão activos lumes
Elles suffocam, e empatam;
Os fios vitaes desatam;
Na essencia de infausto amante
Cheguei ao ultimo instante;
«Tyrannos zelos me matam.»

49

*Caíam sobre mim os raios
Se eu deixar t/e se/ amante.*

GLOSA

Venham ancias, e desmaios,
Quantos tem a Morte fera,
Rebente a azulada esfera,
«Cáiam sobre mim os raios:»
Faça Jove, faça ensaios
Do seu poder fulminante,
Caia o fogo crepitante,
Que vem dos pólos eternos,
Converta-me nos infernos
«Se eu deixar de ser amante.»

50

*Elmano por ti amado
Não teme o rigor da Sorte.*

GLOSA

Se foi dos homens cantado,
Se teve louvor outr' hora,
Como ha de ficar agora
«Elmano por ti amado !
Irá ter a iam gráo sagrado
Accezo em almo transporte;
Não será sujeito á morte
Seu coração, seu talento;
E firme em tal pensamento
«Não teme o rigor da Sorte.»

51

*Aonio, Jonio, e Elmano
São de Amor adoradores.*

GLOSA

O fado, o Fado tyranno
Quiz feroz, quiz violento
Arrojar no esquecimento
«Aonio, Jonio, e Elmano:»
Eis o austero Desengano
Chefe dos deuses melhores,
Lhe diz: «São vãos teus furores,
Não lhe anniquillas a essencia,
Têm contra ti resistencia,
«São de Amor adoradores.»

52

*Eu vi nos braços da Aurora
O sol tremendo com frio.*

GLOSA

Se isto vae de foz em fóra,
Tambem com luz diamantina
Vir raiando a matutina
« Eu vi nos braços da Aurora :»
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio,
Ver os effeitos do cio.
Cantar modas um macaco,
A lua a tomar tabaco,
«O sol tremendo com frio !»

53

Almas, ridas, pensamentos.

GLOSA

Calções, polainas, sapatos,
Persevejos, pulgas, piôlhos,
Azeites, vinagres, môlhos,
Tigelas, pires, e pratos:
Cadellas, galgos, e gatos,
Pauladas, dôres, tormentos,
Burros, cavallos, jumentos,
Naus, navios, caravellas,
Corações, tripas, moellas,
«Almas, vidas, pensamentos !»

54

A negra furia Ciume.

GLOSAS

Morre a luz, abafa os ares
Horrendo, espesso negrume,
Apenas surge do Averno
«A negra fúria Ciume.»

Sobre um solio côm da noute
Jaz dos infernos o nume,
E a seus pés tragando brazas
«A negra furia Ciume.»

Crespas viboras pentêa,
Dos olhos dardeja lume,
Respira veneno, e peste
«A negra furia Ciume.»

Arrancando á Morte a fouce
De buido, hervado gume,
Vem retalhar corações
«A negra furia Ciume.»

Ao cruel socio de Amor
Escapar ninguem presume,
Porque a tudo as garras lança
«A negra furia Ciume.»

Todos os males do inferno
Em si guarda, em si resume
O mais horrivel dos monstros,
«A negra furia Ciume.»

Amor inda é mais suave
Que das rosas o perfume,
Mas envenena-lhe as graças
«A negra furia Ciume.»

Nas azas de Amor voâmos
Do prazer ao aureo cume,
Porém de lá nos arroja
«A negra furia Ciume.»

Do ferreo calix da morte
 Próva o funesto azedume
 Aquelle a quem ferve n'alma
 «A negra furia Ciume.»

Do escuro seio dos fados
 Saltam males em cardume:
 O peor é o que eu soffro,
 «A negra furia Ciume.»

Dos immutaveis destinos
 Se lê no idoso volume
 Quantos estragos tem feito
 «A negra furia Ciume.»

Amor inda brilha menos
 Do que subtil vagalume,
 Por entre as sombras, que espalha
 «A negra furia. Ciume.»

55

A minha Lilia, morreu,

G L O S A S

Assim como as flores vivem
 A minha Lilia viveu;
 Assim como as flores morrem
 «A minha Lilia morreu.»

Assomando o negro dia,
 Ave sinistra gemeu:
 Cumpriu-se o funesto agouro:
 «A minha Lilia morreu.»

Desfallece, oh Natureza,
 Accelera o fado teu;
 Esta voz te guie ao nada:
 «A minha Lilia morreu.»

Fadou-me o caso medonho
 Vate, que nos astros leu;
 Os vates são como os nunes:
 «A minha Lilia morreu.»

Que é do sol? Que é do universo?
Tudo desapareceu;
Foi-se toda a Natureza:
«A minha Lilia morreu.

A minha ventura, e Lilia
N'um só laço Amor prendeu:
Morreu a minha ventura,
«A minha Lilia morreu.»

Em parte da minha essencia
Minha essencia pereceu;
Não vivo senão metade:
«A minha Lilia morreu.»

Oh quanto ganhava o mundo !
Oh quanto o mundo perdeu !
Doce lucro, e triste perda !
«A minha Lilia morreu.»

Para exultar o universo
A minha Lilia nasceu;
Para os numes exultarem
«A minha Lilia morreu.»

Meu coração desgraçado,
Desgraçado porque és meu,
Evapora-te em suspiros:
«A minha Lilia morreu.»

As estrellas se apagáram,
A Natureza tremeu,
Os promontorios gemeram,
«A minha Lilia morreu.»

Disse, ao ver sereno effluvio,
Que o puro Olympo correu:
Aquella é a alma de Lilia,
«A minha Lilia morreu.»

56

*Um coração como o meu.***GLOSAS**

Milhares de maravilhas
Tem Jove em tudo o que é seu,
Mas não tem n'esse thesouro
«Um coração como o meu.

Déste, Amor, á minha amada
Um semblante como o teu:
Amor, porque lhe não déste
« Um coração como o meu ?»

*Instantes afortunados.***GLOSAS**

Sacrifiquei á bellezã
Meus dias, e meus cuidados;
Esperava em recompensa
«Instantes afortunados.»

Olhos da branda Marilia,
Olhos no céo fabricados,
Minha fé vos merecia
«Instantes afortunados.»

Mas com meus duros destinos
Impiamente conjurados,
Negaes á minha ternura
«Instantes afortunados.»

Ai de mim ! Vós me pozestes
Na lista dos desgraçados,
Esquivando a meus suspiros
«Instantes afortunados.»

Uma vez compadecidos
Porque não soltam meus fados
D'entre as cadêas do tempo
«Instantes afortunados?»

Não têm ditosos momentos
Os amantes estremados;
São para os amantes frouxos
«Instantes afortunados.»

Os prazeres sobre a terra
Estão de angustias cercados;
Só no Olympo se desfructam
«Instantes afortunados.»

Alma, voêmos da terra
Para os orbes estrellados,
Gosem-sé na eternidade
«Instantes afortunados.»

A vida é uma procella
Onde trovejam cuidados;
São relampagos da vida
«Instantes afortunados.»

N'estes mares da existencia
Continuamente empolados,
São momentaneos Santelmos
«Instantes afortunados.»

Da belleza pende o gosto,
Mais poderosa que os fados;
Concede á mesma desgraça
«Instantes afortunados.»

Ha momentos infinitos
Pela desgraça enlutados;
Escaçamente reluzem
«Instantes afortunados.»

Sceptos, vós não daes venturas,
Sois temidos, venerados;
Mas quanto de vós se alongam
«Instantes afortunados !»

Ouço a voz do desengano,
Ouço da verdade os brados:
Não são partilhas do mundo
« Instantes afortunados.»

Mortaes, ide á natureza,
Fugi dos tectos dourados;
Demandae nos livres campos
«Instantes afortunados.»

Ali o rapido tempo
Sobre peitos não manchados
Sacóde das azas de ouro
«Instantes afortunados.»

Ali prazeres celestes
Sobre a terra são gostados;
Convertem-se em natureza
«Instantes afortunados.»

Á peste geral do mundo
Estão sumidos, vedados,
Nos corações innocentes
«Instantes afortunados.»

A morte negros momentos
Traz á mente dos malvados;
Dos justos conduz á mente
«Instantes afortunados.»

Vivei vós, que em vãos prazeres
Andaes na terra enlodados;
Que eu busco em globo sublime
«Instantes afortunados.»

Face a face enrosco os numes,
Revolvo arcanos dos fados;
Ha para os vates sómente
«Instantes afortunados.»

Quando no horror da desgraça
Vates estão sepultados,
Fabricam na phantasia
«Instantes afortunados.»

Tempo já Marilia bella
Me deu risonhos agrados;
Vinde a mim por ordem sua,
«Instantes afortunados.»

Marilia com mago riso
Me dá momentos dourados;
Ou tenha o tempo, ou não tenha
«Instantes afortunados.»

Momentos do teu desprezo
São momentos agourados,
E os instantes de teus mimos
«Instantes afortunados.»

Tens os thesouros do tempo
Em teus olhos apinhados;
Elle, a teu sabor, desprende
«Instantes afortunados.»

Quando lateja um sorriso
Em teus beijos nacarados,
Chovem c'roados de flôres
«Instantes afortunados.»

Se nos teus braços morresse
Seriam por mim chamados
Os instantes da agonia
«Instantes afortunados.»

Quero contigo os instantes
Mais tristes, mais enlutados;
Com outra, meu bem, não quero
«Instantes afortunados.»

Aprende nos teus favores
Quando dos cofres dourados
Extráe a mão da Ventura
«Instantes afortunados.»

Aquelle, que céos, e terra
Do nada tirou formados,
Foi maior quando creou
«Instantes afortunados.»

G L O S A S

Sou dos que não querem vida,
Sou dos mais desesperados:
Valei-me, instantes da morte,
«Instantes afortunados.»

São muito mais que momentos
Os momentos desgraçados,
São muito menos que instantes
«Instantes afortunados.»

D'entre os céos com alvas plumas
Lá nos seculos dourados,
Sobre a terra, Amor, trouxeste
«Instantes afortunados.»

Estes instantes volveram
Aos puros, Elysios prados:
Já nem a innocencia gosa
«Instantes afortunados.»

Sinto de sorte á tristeza
Meus desejos costumados,
Que nem cubico, nem sônho
«Instantes afortunados.»

APÓLOGOS

1

O passarinho preso

Na gaiola empoleirado,
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.

«Nasci para ser escravo,
(Carpia o cantor plumoso)
Não ha ninguem n'este mundo,
Que seja tão desditoso.

«Que é do tempo, que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousando entre flôres?

«Mal haja a minha imprudencia,
Mal haja o visco traidor;
Um raio, um raio te abraze,
Fraudulento caçador !

«Em que pequeei? Por ventura
Fiz-te á seara algum mal ?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damninho pardal ?

«Agrestes, incultas plantas
Produziam meu sustento,
Inutil aos que se prezam
Do alto dom do entendimento...

«Do entendimento ! Ah malignos !
Vós, possuindo a razão,
Tendes de vicios sem conto
Recheado o coração.

«Ah ! Se a vossa liberdade
Zelosamente guardaes,
Como sois usurpadores
Da liberdade dos mais ?

«O que em vós é um thesouro,
 Nos outros perde o valor?
 Destróe-se o jus do opprimido
 Pela força do oppressor ?

«Não tem por base a justiça,
 Funda-se em nossa fraqueza
 A lei, que a vós nos submete,
 Tyrannos da Natureza.

«Em offensa das deidades,
 Em nosso damno abusaes
 Da primazia, que tendes
 Entre os outros animaes.

«Mas ah triste! Ah malfadado!
 Para que me queixo em vão ?
 Que espero, se contra a força
 De nada serve a razão ? »

Aqui parou de cançado
 O volatil carpidor;
 Eis que vê chegar da caça
 O seu barbaro senhor.

Trazia encostado ao hombro
 O arcabuz fatal, e horrendo,
 E alguns passaros no cinto,
 Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
 Ainda o sangue pingava,
 E do cruento verdugo
 As curtas vestes manchava.

O preso vendo a tragedia,
 Coitadinho, estremeceu,
 E de susto, e de piedade
 Quasi os sentidos perdeu.

Mas apenas do soçobro
 Repentino a si tornou,
 C 'os olhos nos seus finados
 Estas palavras soltou:

«Entendi que dos viventes
 Eu era o mais infeliz:
 Que outros tem peor destino
 Aquelle exemplo me diz.

«Da minha sorte j'agora
Queixas não torno a fazer:
Antes gaiola que um tiro,
Antes penar que morrer.»

2

O lobo e a ovelha

Uma ovelha em tempo antigo
Estreita união travou
Co'um lobo: não sei que santo
Este milagre operou.

Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos mattos se metteu.

Ali a que d'antes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis prompta a comadre ovelha
Para a sanguínea funcção.

Se, vendo as prêas, não tinha,
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre
No pervertido animal
Os progressos, que fazia
A sua escola brutal.

De prazer, e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.

Mas um dia em que esfaimado
 Saiu com ella caçar,
 Nem rasto do que buscava
 Pôde ao menos encontrar.

Montes, valles, bosques, tudo
 Farejou, subiu, correu;
 Em fim, só farto de vento,
 Na cova se recolheu.

Cozeu-se á terra esfalfado,
 E depois que repousou
 Para a debil companheira
 Os crueis olhos lançou.

«Que ! (disse o mau lá consigo)
 Não ha soffrimento equal !
 Hei de curtir esta angustia,
 E morrer por ser leal !

«A natureza me instiga,
 E devo dar-lhe attenção:
 Está primeiro que tudo
 A propria conservação.

«Tu, virtude, és attributo
 Dos homens, dos racionaes;
 Não me pertences: eu sigo
 Meu instincto, e nada mais.»

N'isto, veloz como um raio,
 Co'a pobre ovelha investiu,
 E logo dentes, e garras
 Nas entranhas lhe sumiu.

Com trémula voz pergunta
 Ao desleal a infeliz:
 «Porque me tiras a vida,
 Ingrato, que mal te fiz ?

«Que lei o rigor te ordena
 A que eu motivo não dei? »
 E elle sofrego responde:
 «Tenho fome, a fome é lei.»

D'esta arte cevando a furia,
 Não cessou de lacerar,
 E, antevendo alguma urgencia,
 Os ossos nús foi guardar.

Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror,
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos d'esta casta
Ou cedo, ou tarde encontreis.

3

O amante e a borboleta

Na solidão da alta noute
Que céos, e terra enlutava,
Lauro em seu curto aposento
Ao somno os olhos negava.

Em meza, d'onde esparzia
Candida vela o clarão,
Apoiava os frouxos braços,
E a turva face na mão.

Tinha absorto o pensamento
Nos motivos do seu mal,
Nos desprezos de uma ingrata,
Nas venturas de um rival.

De quando em quando arrancava
Das entranhas vãos queixumes,
Já pedindo a Amor vingança,
Já pedindo a morte aos numes.

Leve borboleta em tanto
Por entre os crebros suspiros,
Junto do lume ondeante
Vaguêa em rapidos giros.

Eil-a de espaço em espaço
Roçando a flamma luzente:
Dóe-se, mas que evite o damno
Cégo instinçto não consente.

Cevando o fatal desejo,
 Que á crua morte a conduz,
 Vae, e vem, vòa, e revòa
 Embellezada na luz.

Susurro, que faz co'as azas,
 Quando n'ella a simples cáe,
 Os olhos amortecidos
 Do terno mancebo attrae.

Olha o triste, e vê o effeito
 Da luminosa negaça,
 Contempla o crestado insecto,
 Que já languido esvoaça.

Dôr de o ver n'aquelle estado
 Lhe penetra o coração:
 Quem ama, franquêa o peito
 Facilmente á compaixão.

«Onde vás, louca teimosa ?
 (Grita-lhe elle) encolhe as azas,
 Torna em ti; não vês, não sentes
 Que te destroes, que te abrazas?»

«E tu com que jus (diz ella)
 Me increpas porque me mato?
 Ah! Se em teu siso estivesse,
 Viras em mim teu retrato.

«Se te expões qual eu me exponho,
 Se no mesmo caso estás,
 Insano, porque não tomas
 O conselho, que me dás?

«Eu, e tu victimas somos
 Da mais funesta loucura,
 E esquecemos o perigo,
 Pasmados na formosura.

Ardes n'uns olhos, que adoras;
 Eu n'esta luz, que contemplo;
 Argue-te, ou não me arguas,
 Emmudece, ou dá-me exemplo.»

Proficua moralidade
 Deve extraír-se d'aqui:
 Ninguem reprove nos outros
 O que não reprova em si.

4

O corvo e o rouxinol

Vinha apontando a serena
Percursora do aureo sol,
E entoava em selva amena
Um saudoso rouxinol
Maviosa cantilena.

A voz, que aos ares soltava,
Attraía o côro alado,
Que em torno d'elle pousava:
Assim não fosse escutado
De um corvo, que ali morava.

Cego de inveja, e furor,
Detestando a melodia
Do namorado cantor,
Comsigo mesmo dizia
O sinistro, o grasnador:

«Que este animalsinho encanto
Tudo, apenas abre a boca,
E que eu afugente, espante
Com voz desabrida, e rouca
Quanto se me põe diante!

«Aos homens no meu pregão
Infaustos annuncios mando
(Diz a vã superstição)
E tenho certa, em grasnando,
Ou pedrada, ou maldição.

«A raiva em meu peito acceza
Com o que escuto se atiça:
Soffrer vantagem é vileza;
Vou-me vingar da injustiça,
Que me faz a Natureza.»

Eis n'isto o bruto agoureiro
Para o rouxinol caminha,
Mostrando-se prazenteiro,
E á delicada avesinha
Diz com modo lisongeiro:

«Respira tanta doçura
 O teu canto, que por certo
 Abranda a penha mais dura;
 E assim de te ouvir de perto
 Quero ter hoje a ventura.

«Não fujas, cantor mimoso,
 Não te assustes, continúa.
 Como o céo te fez ditoso!
 Que linda prenda é a tua!
 Que voz! Que dom milagroso!»

Não tendo astucia, que sonde
 O projecto, que o malvado
 Nas vis entranhas esconde,
 Já da lisonja tentado,
 O passarinho responde:

«Sejas bem vindo, que assás
 Afortunado me acclamo
 Em vêr que atenção me dás;
 Pousa aqui sobre este ramo,
 E a teu commodo ouvirás.»

«Vamos, de novo começa,
 Que a teus sons o ouvido applico...»
 Torna o corvo, e se arremessa,
 E no torto, negro bico
 O pobresinho atravessa.

Elle em tamanha afflicção
 Entra a carpir-se da Sorte,
 E ao invejoso glotão
 Diz, sentindo já da morte
 As ancias, a convulsão:

«Que fiz, que te obrigue a tanto?
 Meigos amores suaves
 Em dôces versos eu canto:
 Eu sou a gloria das aves,
 Eu sou dos bosques o encanto.»

D'esta arte pediu favor
 O melhor dos passarinhos,
 Porém foi vão seu clamor,
 Que moendo-lhe os ossinhos,
 Assim gagueja o traidor:

«Simples, vaidoso, insensato !
 Devias ser mais remísso
 Em produzir teu retrato:
 Não te defendes com isso,
 Que por isso é que eu te mato.»

5

As damas e a borboleta

Batendo as azinhas leves,
 Matizadas de mil côres,
 Ia veloz borboleta
 Libar o sueco das flôres.

Anhelante, cubiçosa,
 Voou a ameno jardim,
 E a flôr, que tocou primeiro,
 Foi o candido jasmim.

Da bonina côr de neve
 Esquivou-se, desdenhosa,
 Practicando igual desprezo
 Co'a fragrante, idalia rosa.

Sobre insipido, amarello
 Malmequer em fim pousou,
 E n'elle o vivo appetite
 A mitigar começou.

Não longe d'ali jaziam
 Duas mimosas donzellas,
 Taes que, a serem tres, seriam
 De Venus as filhas bellas.

Tendo seguido co'a a vista
 Os vôos do lindo insecto,
 Uma d'ellas para a outra
 Disse com iroso aspecto:

«Olha a brutinha! Bem mostra
 De razão não ser dotada;
 Deixa o jasmim, deixa a rosa,
 E do malmequer se agrada!»

Ouviu isto a borboleta,
 Fitou-lhe os olhos, e assim
 Co'a voz, que teve algum dia,
 Perguntou: «Fallaes de mim ?

«Suppondes extravagante
 A escolha, que tenho feito?
 Ah vaidosas ! Que não vêdes
 Vosso principal defeito !

«Despi, loucas, o amor proprio,
 E depois conhecereis
 Que fallaes contra vós mesmas
 No que contra mim dizeis.

«Quem faz mais errada escolha
 Que a mulher? Sendo a melhor
 De todas as creaturas,
 Sempre se inclina ao peor;

«E só nutre, só conserva
 Amor firme, ardente, e liso
 Se encontra no objecto d'elle
 O nome da flôr, que pizo.»

6

O leão vencido pelo homem

(Traduzido de Lafontaine)

Poz-se em venda uma pintura,
 Onde estava figurado
 Leão de enorme estatura,
 Por mãos humanas prostrado.

Mirava a gente com gloria
 O painel; eis senão quando
 Um leão, que ia passando,
 Lhe diz: «É falsa a victoria.

«Deveis o triumpho vosso
 Á ficção, blasonadores;
 Com mais razão fôra nosso,
 Se os leões fossem pintores.»

7

A raposa e as uvas

(Traduzido do mesmo)

Contam, que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viu rôxos, maduros cachos
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: «Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar.»

Eis cáe uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E crendo que era algum bago
Volta depressa o focinho.

8

O corvo e a raposa

(Traduzido do mesmo)

É fama que estava o corvo
Sobre uma arvore pousado,
E que no sofrego bico
Tinha um queijo atravessado.

Pelo faro áquelle sitio
Veiu a raposa matreira,
A qual, pouco mais ou menos,
Lhe fallou d'esta maneira:

«Bons dias, meu lindo corvo;
És gloria d'esta espessura:
Es outra phenix, se acaso
Tens a voz, como a figura.»

A taes palavras o corvo
Com louca, estranha afouteza,
Por mostrar que é bom solfista
Abre o bico, e sólta a presa.

Lança-lhe a mestra o gadenho,
 E diz: «Meu amigo, aprende
 Como vive o lisonjeiro
 Á custa de quem o attende.

«Esta lição vale um queijo,
 Tem d'estas para teu uso.»
 Rosna então comsigo o corvo
 Envergonhado, e confuso:

«Velhaca ! Deixou-me em branco,
 Fui tolo em fiar-me d'ella;
 Mas este logro me livra
 De cair n'outra esparrella »

9

A cigarra e a formiga

(Traduzido do mesmo)

Tendo a cigarra em cantigas
 Folgado todo o verão,
 Achou-se em penúria extrema
 Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha,
 Que trincasse, a tagarella
 Foi valer-se da formiga,
 Que morava perto d'ella.

Rogou-lhe, que lhe emprestasse,
 Pois tinha riqueza, e brio,
 Algum grão, com que manter-se
 Té voltar o accezo estio.

«Amiga (diz a cigarra)
 Prometto á fé de animal
 Pagar-vos antes de Agosto
 Os juros, e o principal.»

A formiga nunca empresta,
 Nunca dá, por isso ajunta:
 «No verão em que lidavas ?»
 Á pedinte ella pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noute e dia, a toda a hora.»
«Oh bravo ! (torna a formiga)
Cantavas ? Pois dança agora.»

10

A montanha, que pare

(Traduzido da mesmo)

Começou a berrar com dôr de parto
Certa montanha, e fez tamanho estrondo,
Que acudiu muita gente, a qual suppondo
Que d'ali nasceria uma cidade
Maior do que Paris, eis nasce um rato.
Quando por esta fabula discorro,
E observo que o sentido é verdadeiro,
Logo se me afigura auctor inchado,
Que diz: «Eu cantarei a horrivel guerra,
Com que os filhos da terra
Sacrillega invasão nos céos tentaram,
E a Jove assoberbaram.»
Promette grandes cousas, cousas bellas;
Que produz?—Bagatellas.

O leão velho

(Traduzido do mesmo)

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.
Eis o lobo c'os dentes o maltracta,
O cavallo c'os pés, o boi co'as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas:
Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de infima sorte,
«Ah vil raça! (lhe diz) morrer não temo,
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte.»

O leão caçando com o burro

(Traduzido do mesmo)

Fez annos o leão, quiz ir á caça,
 E a d'elle não costuma ser escaça:
 Não consiste em pardaes, em bagatellas,
 Mas em bons javalis, e em corças bellas.
 O rei dos bosques pródigo, e discreto,
 Para sortir effeito o seu projecto,
 Chama o burro, animal de voz não fina,
 E o burro vai servir-lhe de bozina.
 Elle ao posto o conduz, cobre-o de ramos,
 Ordena-lhe que zurre, e a seus reclamos
 Crê que inda os mesmos brutos, que dão provas
 De atroz braveza, fugirão das covas.
 Não era aquella tropa ainda usada
 Ao fragor de asinina trovoada:
 No ar o espantoso orneio em fim resôa,
 Vaga o terror, e as grutas despovôa:
 Tremendo, a turba agreste alonga o passo;
 Foge tudo, e fugindo, eis cáe no laco,
 Onde os espera a garra penetrante.
 «Então, que tal, que tal? Não sou chibante?»
 (Diz o burro ao leão, co'a fronte alçada,
 Arrogando-se a gloria da cacada.)
 «Trôas (volta o leão) tôas deveras,
 E se não conhecesse quem tu eras,
 Eu mesmo com teus zurros me assombrava.»
 O burro, se podesse, resmungava,
 E tinhamos harenga, inda que havia
 Motivo para aquella zombaria;
 Pois quem ha de soffrer, quieto, e mudo
 Que um, que não vale nada, arrote em tudo?
 Quem soffrerá que audacia o burro affecte?
 Character fanfarrão não lhe compete.

13

O cão e a cadella

Tinha de uma cadella um cão fome canina,
 Elle bom perdigueiro, ella de casta fina:
 Mil foscas lhe fazia o terno maganão,
 Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em vão.
 Dando no chichisbéo dentada, e mais dentada
 A femea parecia uma cadella honrada,
 E incapaz de ceder ás pretensões de amor:
 Mas o amante infeliz em fim foi sabedor
 De que a mesma em que via acções tão desabridas
 Era co'um torpe cão fagueira ás escondidas.
 Se és sagaz, meu leitor, talvez que tenhas visto
 Cadellas de dous pés, que tambem fazem isto.

14

O corvo e o pavão

Passeando o pavão com ufanía,
 E' fama que dissera ao corvo um dia:
 «Repara quanto devo á natureza,
 Olha que lindas côres, que viveza !
 Que adorno, que matiz ! Olha este rabo !
 Em mim não ha senão; e tu, diabo,
 Negro como um carvão, como um bisouro,
 Inda és, de mais a mais. ave de agouro !»
 O corvo, que na língua não tem papas,
 Lhe responde:— «Essas pennas são mui guapas;
 Mas para refrear teu desvario,
 Observa d'essas pernas o feitio.»
 Ainda (quem dará credito a isto?)
 As pernas o pavão não tinha visto;
 Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
 Que em seus olhos não vê nem uma trave?

O cão de fralda e a raposa

N'um dos pés arranhado um cão fraldeiro
Temeu chegar ao transe derradeiro;
O medico chamou, poz-se de cama,
E a dôr encareceu como uma dama;
(Porque n'este melindre, ou n'esta balda,
Uma dama equivale a um cão de fralda.)
Era então a raposa arteira, e fina,
Entre os brutos doctora em medicina.
Entrou n'um passo grave, um ar sisudo,
E era tom de quem dizia: — Eu saro tudo ! —
Tendo-lhe visto o pé, que lhe doia,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalgar com fofa prosa,
Concluiu: «A doença é perigosa;
Mas hei de conseguir a grande empreza
De ajudar, ou vencer a natureza.»
E' certo que logrou tão alta sorte,
E' certo que a venceu, mas foi co'a morte.
Tendo emplastos, e purgas decretado,
E com mil beberagens misturado
Mil gordos aphorismos de Avicena,
Ou de Averroes, seguiu-se-lhe a gangrena,
Que tornando mortal a arranhadura,
O cãesinho encaixou na sepultura.
Assim que o duro medico feroz
O mandou visitar a seus avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais,
A paga foi pedir aos tristes paes.
Clamaram: — «Inda a terra te não traga !
O filho nos mataste, e queres paga !...»
—«Que ! (responde a raposa) Ora essa é bella!
E o trabalho, que eu tive, é bagatella ?
Dar vida não está na nossa mão;
Tanto nos rende o morto como o são.»

16

O macaco declamando

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma pregação.

Creio que seria o thema
Indigno de se tractar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes:
Nescios o que entendem menos
E' o que celebram mais.

17

Os dous burros e o mono

Um burro lançado á margem
Ostentava de talentos;
Moía um seu camarada,
Exemplar dos pachorrentos.

Zurrando conceitos graves,
Como quem falia, e não pensa,
Cumpria o rifão do vulgo
— Tal cabeça, tal sentença. —

O trombudo companheiro
A longa orelha abaixando,
Sem lhe responder palavra
Ia ouvindo, ia pastando.

«És bruto ! Não me respondes ?
 (Diz o orelhudo doctor)
 Envergonho-me de sermos
 Eguaes na fórma, e na côr.»

Extranhando-lhe a basofia
 Um mono dos mais astutos,
 Que n'uma arvore trepado
 A alliviava dos fructos,

Co'uma gargalhada exclama:
 «Não verão quem alardêa !
 Burro com fumos de mestre !
 Isto é cousa, que se creia !

«Não zombes d'esse coitado,
 Faz bem em não responder:
 Um tolo só em silencio
 E' que se póde soffrer.»

18

Os cães domesticos e o cão montanhez

Affirma escriptor antigo
 Que lá n'um grande sertão
 Tres cães perdidos na caça
 Viram sósinho outro cão.

Que este era côr de azeviche,
 Aquell'outros côr de neve
 (Porque isto faz muito ao caso)
 Primeiro notar-se deve.

Nascêra de lãs forrado
 O tal cão, e era montez:
 Tinham pello muito fino,
 E eram da cidade os tres.

«Um d'elles, o mais disposto
 Afazer qualquer aggravo,
 Dsse para o bom camponio:
 Oih amigo, és nosso escravo.»

Ao som do termo affrontoso
 Que os ouvidos lhe offendeu,
 O rustico alçou a orelha,
 Rosnou, e se enfureceu.

Queria lançar-se a elles,
 Mas tinha ouvido uma vez:
 — Nem Hercules contra dous,
 E inda menos contra tres. —

Em fim, co'um ar espantado
 Lhes disse o pobre lapuz:
 «Eu captivo! Porque crime?
 Vós senhores! Com que jus?»

O valentão já citado
 Dá um pulo, e de repente
 Ao miseravel responde,
 Arreganhando-lhe o dente:

«O nosso jus é a força,
 O teu delicto é a côr.»
 De homens pretos, e homens brancos
 Cuido que falia este auctor.

19

O lobo, a raposa, e a ovelha

Estando o lobo doente
 Sem se poder arrastar,
 E em necessidade urgente
 De exercer, de ensanguentar
 O rijo, faminto dente:

Ao vêr entrar pela gruta
 A raposa a visital-o,
 Lhe disse: «Ai comadre astuta !
 A' mingoa esmoreço, estálo,
 A fome commigo lucha.

«Tu conheces a amisade
 Com que ha dous annos te trato:
 Vale-me por caridade,
 Vae buscar por esse matto
 Allivio á minha anciedade.»

— «Eu vou cuidar no teu bem»
 Responde o falso animal,
 E parte: menos porém
 Para livral-o do mal,
 Que para o fazer a alguem.

De serra em serra caminha,
 Até que vê desgarrada
 Uma innocente ovelhinha;
 «Topar-te (diz a malvada)
 Foi teu bem, e é gloria minha.

«Crê que a raposa não manga,
 Sou de ingenua condição;
 Nenhum vivente me zanga;
 Todos amo, á excepção
 De gallo, gallinha. ou franga.

«Tanto, amiga, pôde em mim
 O dó de expostas vos vêr
 Aos crueis lobos, que vim
 Felizmente hoje a obter
 De vossos males o fim.

«Dos lobos o rei voraz
 Quasi em artigos de morte,
 Carpiu suas acções más;
 E com piedoso transporte
 Jurou ás ovelhas paz.

«Fez este promettimento
 Por si, e seus adherentes;
 Não receies fingimento;
 Personagens eminentes
 Não fazem vão juramento.

«Agora pede a razão,
 Quer da cortezia o termo,
 Que venhas sem dilação
 Visitar o illustre enfermo
 Em signal de gratidão.

«A sua cova não dista
Muito aqui d'este logar,
D'aquelle outeiro se avista:
Toca pois a caminhar,
Vem tu seguindo-me a pista.»

Aquillo, que se deseja,
Quão facil se conjectura !
A ovelha de gosto arqueja,
E, graças dando á ventura,
Vai seguindo a malfazeja.

Entram por aquelle horror,
E a conductora ladina
Vendo da ovelha o terror,
Lhe disse: «Chegae, menina,
Beijae a pata ao senhor.»

A repugnancia vencendo
Com bem custo a coitadinha,
E callada extremecendo,
Pouco a pouco se avisinha
Ao bruto feroz, e horrendo.

Vibrando os olhos scentelhas,
O tyranno lhe afferrou
Dente, e garra entre as orelhas:
D'esta arte se confirmou
A paz dos lobos, e ovelhas.

Ingenuo, tem conta em ti !
No mundo ha nmitos enganos,
Eu o sei, porque os soffri:
Os bons padecem mil danos
Julgando os outros por si.

O tigre e a doninha

Pezou sempre o beneficio
Porque a vaidade offendeu,
Principalmente se um grande
De um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma historia
 Succedida entre animaes,
 Uma historia, que se applica
 Bellamente aos racionaes:

Ia um tigre muito ufano,
 Fiado na garra, e preza,
 Credo que a tudo excedia
 No reino da natureza.

D'esta idéa hallucinado
 Incauta planta foi pôr
 Em perfida rêde armada
 Por experto caçador.

Preso, lucta sem proveito,
 Tenta em vão desenlear-se,
 Lida, revolve-se o bruto,
 E o que faz é apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,
 Perdida enfim a esp'rança,
 Céssa, e do peito raivoso
 Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,
 Por aquelle sitio vinha
 Demandando agrestes fructos
 A leve, experta doninha.

Extremece, ouvindo o monstro
 Envolto na rêde urrar;
 Foge, porém curiosa
 Põe-se de longe a olhar.

O tigre, que a vê, que sabe
 Quanto é versada em roer,
 Despe a soberba, e lhe roga
 Que o venha ali soccorrer.

Tanto adoça o tom pezado
 Da rude, extrondosa voz,
 Que segura a desprendel-o
 Parte a doninha veloz.

Affinca o subtil dentinho
 No tenaz, urdido laço;
 Roe aqui, roe acolá,
 E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisões apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino
Fraco animal se envergonha:

E acceza em feroz orgulho,
Carregando-se na frente
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte)

Deita-lhe a garra damnosa,
A debil vida lhe extráe. . .
Ninguem acuda ao malvado,
Se no precipicio cáe.

21

Os dous cães

Tinha dous cães perdigueiros
Certo moço caçador,
Um excellente no faro,
Outro no feitio, e côr.

Aquelle pela esperteza
Do prompto, do agudo olfato
A rôla, a perdiz sumida
Desencantava no matto;

E apenas soando o tiro
Caía a caça no chão,
Com pasmosa ligeireza
Do dono a trazia á mão.

O segundo inerte, e molle,
Que o primeiro acompanhava,
Por costume, ou arremedo,
Não por genio farejava.

Te as aves muitas vezes
Ao venatorio ruido
D'entre os pés lhe rebentavam,
E não as tinha sentido.

Mas, sendo incapaz, ao socio
Excedia na ventura,
E o nescio domno prezava
Mais que o préstimo a figura.

Assim succede, leitores,
A um sem-sabor Narciso,
N'uma assembléa com outro'
De má cara, e bom juizo.

Diz um d'ali: «Este amigo
É de graça e prendas cheio:»
Respondem a isto as damas:
«Apre lá ! Que homem tão feio !»

Diz outro: «Aquelle peralta
Põe mil asneiras n'um dicto:»
Acodem logo as meninas:
«Que importa, se é tão bonito?»

22

O elephante e o burro

No tempo em que inda fallavam
Os animaes como a gente,
É tradição que tiveram
Conferencia em caso urgente.

O burro, que não sei como
Se introduziu no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.

Eis n'um tom, que differia
Bem pouco do que hoje é zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como um burro.

Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elephante
Lhe disse, torcendo a tromba;

«Esse tempo, que tens gasto
 Inutilmente em clamar,
 Insensato, não podias
 Aproveital-o em pastar?

«Vens affectar eloquencia,
 Animal servil, e abjecto!
 Um tolo nunca é mais tolo
 Que quando quer ser discreto.»

23

A mona e o filho

Mona tão horrorosa, ou mais do que o diabo,
 Com callos o trazeiro, e sem cabelo o rabo,
 N'um moninho brincão, que tinha dado ao prelo,
 Cegamente empregava o maternal desvelo;
 E era a sua ternura,, o seu amor tão fino,
 Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino.
 Se alguma sua amiga ia fazer-lhe festa,
 Dizia-lhe: «Não, não, deixe-m'o, que o molesta!...»
 Se lhe pegava ao collo até o proprio pae,
 A mãe gritava logo: «Ai! Não m'o esmagues, ai!...»
 E com mimo importuno a rustica entretanto
 Ao tenrinho animal desafiava o pranto,
 Pois em beijo, e mais beijo, abraço, e mais abraço
 Anciava, opprimia o filho a cada passo,
 E um dia o abraçou com tal contentamento,
 Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.
 Tal (me diz a experiencia) é o zeloso amante;
 Por amor importuna, enfada a cada instante;
 O que quer para si do mesmo sol recata,
 Por amor atormenta, e até ás vezes mata.

O papagaio e a gallinha

Loquaz pagagaio
Seccava a goela,
Soltando mil gritos
A uma janella.

Olhou para a rua
Por onde vagava
Gallinha de pôpa
Que depinicava:

Na lingua das aves
Co'um ar superior
Lhe deu estes chascos
O vão palrador:

«Devéras, visinha,
Que pódes campar,
Co'a prenda galante
De cacarejar!

«Deixando ironias,
Sempre és cousa pouca,
Não tens outro chiste
Senão essa touca.

«Depois de defunta
Só causas prazer;
Para te comerem
Te dão de comer.

«Eu em alma, e corpo
Sou ave excellente;
Não pasmas de ouvir-me
Fallar como a gente?»

«Não pasmo (responde
Dos gallos a amiga)
Villão, carioca,
Mordaz de uma figa.

«Da lingua, que allegas,
Basofia concebes ?
Que importa que a falles,
Se não a percebes ?

«Com isto te abates
 No meu parecer;
 Os tolos só dizem
 O que ouvem dizer.»

25

A macaca

Nos serros do Brazil diz certo auctor que havia
 Uma namoradeira, uma sagaz bugia.
 Milhões de chichisbéos pela taful guinchavam,
 E por não terem aza o rabo lhe arrastavam.
 Qual, caindo-lhe aos pés, de amores cego e louco
 Nas cabelludas mãos lhe apresentava um côco;
 Qual do assucar brilhante a summarenta canna,
 E qual um ananaz, e qual uma banana.
 Ella com riso astuto, ella com mil caretas
 Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as petas;
 Os olhos requebrava ao som de um suspirinho:
 A todos promettia o mais fiel carinho,
 E se algum lhe rogava especial favor
 A' terna petição dizia: «Sim, senhor:»
 Mas com muita esperança o fructo era nenhum,
 E os pobres animaes ficavam em jejum.
 Leitores, ha mulher tão déstra, e tão velhaca,
 Que n'isto lhe não ganha inda a melhor macaca.

26

O leão e o porco

O rei dos animaes, o rugidor leão
 Com o porco engraçou, não sei porque razão.
 Quiz empregar-o bem para tirar-lhe a sorna;
 (A quem torpe nasceu nenhum enfeite adorna),
 Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,
 Poder de despachar os brutos pretendentes,

De reprimir os maus, fazer aos bons justiça,
 E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;
 Mas em vão, porque o porco é bom só para assar
 E a sua occupação dormir, comer, fossar.
 Notando-lhe a ignorancia, o desmazelo, a incuria,
 Soltavam contra elle injuria sobre injuria
 Os outros animaes, dizendo-lhe com ira:
 «Ora o que o berço dá, sómente a cova o tira! »
 E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,
 Ficava muito enchuto. Attenção n'isto, oh paes !
 Dos filhos para o genio olhae com madureza;
 Não ha poder algum, que mude a natureza:
 Um porco ha de ser porco, inda que o rei dos bichos
 O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

27

Os dous gatos

Dous bichanos se encontraram
 Sobre uma trapeira um dia:
 (Creio que não foi no tempo
 Da amorosa gritaria).

De um d'elles todo o conchego
 Era dormir no borralho;
 O outro em leito de senhora
 Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde
 Espinhas apenas dava;
 Com exquisitos manjares
 O segundo se engordava.

Miou, e lambeu-o aquelle
 Pelo vêr da sua casta;
 Eis que o brutinho orgulhoso
 De si com desdem o afasta.

Aguda unha vibrando
 Lhe diz: «Grato vil e pobre,
 Tens semelhante ousadia
 Commigo, opulento, e nobre?

«Cuidas que sou como tu ?
Asneirão, quanto te enganas !
Entendes que me sustento
De espinhas, ou barbatanas ?

«Lógro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão;
Tu lazéras, e dormimos
Eu na cama, e tu no chão.

«Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci;
lias para vêr que não minto
Basta-me olhar para ti.»

«Ui ! (responde-lhe o gatorro,
Mostrando um ar d'extranheza)
E's mais que eu? Que distincção
Poz em nós a Natureza?

«Tens mais valor? Eis aqui
A occasião de o provar.»
«Nada (acode o cavalheiro)
Eu não costumo brigar.»

«Então (torna-lhe enfadado
O nosso villão-ruim)
Se tu não és mais valente,
Em que és sup'rior a mim?

«Tu não mias?» — «Mio.» — «E sentes
Gosto em pilhar algum rato ?»
«Sim.» — «E o comes?» — «Oh! Se o como !...»
«Logo não passas de um gato.

«Abate, pois, esse orgulho,
Intractavel creatura:
Não tens mais nobreza que eu;
O que tens é mais ventura.»

O rouxinol, o cuco e o burro

Um cuco e um rouxinol
Tiveram grave disputa
Sobre quem melhor cantava,
Qual tinha voz mais arguta.

Junto das aves o bando,
Todas ellas mui picadas,
Fizeram que se calasse
O basofio com risadas.

Elle, pois, injuriado
«Apostem (diz) ou se calem;
E para se convencerem
Ambos ouçam, logo fallem.»

O partido era prudente,
E conforme á sã razão;
Nenhum outro poderia
Melhor solver a questão.

Um juiz foi necessario
A pró de todos eleito;
Entre os burros vão buscal-o,
Dos burros o mais perfeito.

Obteve o cantor dos bosques
No cantar a primazia,
E soltando a voz do peito
Mil requebros repetia.

Depois que atroou os ares
Alumno digno de Orphêo,
Parou, e logo o logar
Ao seu contrario cedeu.

Começa o cuco a cantar
Seu «cuco» que mais não diz,
Esp'rando por fim a palma
Alcançar do seu juiz.

Feita a prova, o burro então
Esta sentença profere:
«E' melhor cantar o cuco,
A philomela prefere.»

Da fabula o documento
Mostra bem que as decisões
Quasi sempre assim são dadas
Por juristas asneirões.

ADIVINHAÇÕES

1

Bem que pareço a verdade,
Tórno a verdade illusão :
Quereria o mesmo Apelles
Ter a minha perfeição.

2

De meu nome no começo
Inculco ser principal;
No resto em sombra esmoreço,
E com meu nome total
Ainda a sombra appeteco.

3

Quem é de mim tudo coberto
Em parte de mim se entende;
N'outra parte a vida expérto,
E se inteiro alguém me offende,
Morre meu dono de certo.

4

Haver em mim luzimento
Depende de qualquer mão;
Engulo, e não me alimento,
Porque extranhos, que sustento,
Comem tudo o que me dão.

5

Sendo insensível, de um bruto
Uso andar acompanhada;
E sendo sensível, fui,
Ou sou co'um homem ligada.

6

Quem me observa, e quem m'escuta
Diversas cousas me crê:
Sou imperfeita a quem me ouve,
Sou perfeita a quem me vê.

Amam-se tanto nas sombras
Quanto na luz se enfastiam;
Em mim acabam-se muitos,
Muitos em mim principiam.

EPIGRAMMAS

1

Pedi pelo amor de Deus
Dez réis um mendigo a um nobre:
Respondeu-lhe o cavalheiro:
«Que nunca trazia cobre.»

Eis por «excellencia» o triste
Supplica nova começa;
Enternece-se o fidalgo,
Põe-lhe nas mãos uma peça.

2

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente:
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

3

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humano,
E o taful sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando
Lhe disse: «Amigo, que tal?
Deveis gabal-o, que vós
Conheceis o original.

«Foi ditosa a pincelada;
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora!...»
Pergunta o poeta: «A quem?»

4

Um chapado, um retumbante
Coriphêo de medicina
Certa menina adorava,
E adoeceu-lhe a menina.

Eis para cural-a o chamam,
 Pela alta fama que tem:
 Geme o doctor, e responde:
 «Não vou, que lhe quero bem.»

5

Levando um velho avarento
 Uma pedrada n'um olho,
 Pôz-se-lhe no mesmo instante
 Tamanho como um repolho.

Certo doctor, não das duzias,
 Mas sim medico perfeito,
 Dez moedas lhe pedia
 Para o livrar do defeito.

«Dez moedas ! (diz o avaro)
 Meu sangue não desperdiço:
 Dez moedas por um olho !
 O outro dou eu por isso.»

6

Lavrou chibante receita
 Um doctor com todo o esmero;
 Era para certa moça,
 Que ficou sã como um pero.

«Tão cedo ! É milagre !» (assenta
 A mãe, que de gosto chóra)
 «Minha mãe, não é milagre,
 Deitei o remedio fora.»

7

Um homem, que toda a vida
 Passou fomes por querer,
 Co'a muita debilidade
 Poz-se em termos de morrer.

Doctor, que de graça o vía,
 E co'a doença atinava,
 Off'receu-lhe uns certos dôces,
 Para vêr se o melhorava.

«Obrigado (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão)
Dê cá. . . Bom será guardal-os
Para maior precisão.»

8

Estando enfermo um poeta
Foi visital-o um doctor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.

«Regule-se, coma pouco»
(Diz-lhe o medico eminente)
«Ai senhor! (acode o louco)
Por isso é que estou doente.»

9

(Dialogo)

ALCÊO

Perdôa, tu tens, Elmano,
Um defeito entre diversos,
Que cheira muito à doudice.

ELMANO

Sim? Qual é?

ALCÊO

Fazer versos.

ELMANO

Oh! Pois tu tambem tens outro,
E folgara de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCÊO

Eu ! Qual é ?

ELMANO

Não os fazeres.

10

Com tão má gambia andas tanto.
 Tanto d'aqui para ali!
 Procurador, não me enganas;
 Tu procuras para ti.

11

(Traduzido de Dufresny)

De ciumes Amphriso envenenado
 A' bella Nize um dia
 «Entrega-me (dizia)
 A fita, que te hei dado,
 Entrega-me o meu cão, e o meu cajado.»
 Ella, para applacar-lhe os vãos furores,
 Meiga lhe respondeu: «Sobre estas flôres
 Mais terno que sisudo
 Sem respeitar-me a candidez, e o pejo,
 Tambem me déste um beijo:
 Não quero nada teu, recebe tudo.»

12

Dizes que Fileno é tosco,
 Molle, feio, e sem-sabor;
 Não levas á paciencia
 Terem-lhe as moças amor:
 Nenhum merito lhe encontras
 Porque o devam attender;
 Que mais mérito lhe queres ?
 Agradar é merecer,

13

Certo enfermo, homem sisudo,
 Deixou por condescendencia
 Chamar um doctor, que tinha
 Entre os mais a preferencia.

Manda-lhe o fofo Esculapio
 Que bote a lingua de fôra,
 E envia dez garatujas
 A' botica sem demora.

«Com isto (diz ao doente)
 A sepultura lhe tapo.»
 Replica o pobre a tremer:
 «Aposto que não escapo.»

14

Conheces um certo Albano,
 Homem de raro primor?
 (Perguntou Fileno um dia
 A Silvio, gran jogador):

«Oh! (responde-lhe o gatuno
 Que aos mais tafues pede meças)
 Eu sou seu intimo amigo:
 Hontem lhe ganhei cem peças.»

15

(Traduzido de Mad. Bernard)

Quando o velho Damon me diz que emprega
 Amor tiro mortal no peito humano,
 Sem que elle ouse clamar contra o tyranno;
 Quando me diz que Amor engana, e céga;
 Que ás lagrimas, que aos ais é insensivel,
 Então não me parece Amor terrivel:
 Mas quando o moço Alphêo me diz, sorrindo,
 Que Amor é meigo deus, menino amavel,
 Mais que as flôres mimoso, alegre, e lindo,
 Quanto então me parece formidavel !

16

«*In fide parcehi* attesto
 (Escrevia inchado cura)
 Que soffreu Lopo Forçura
 Da morte o golpe funesto,

«Tal clareza não se achou
 Dos obitos no registo;
 Mas attesto-o por ter visto
 A receita, que tomou.»

17

Um Philosopho enfermou;
 Não tinha mal de perigo,
 Mas soffreu a medicina
 Por agradar a um amigo.

Consentiu que receitasse
 Hypocratico impostor,
 E logo para um criado
 Disse, brando, e sem tremor:

«Não deixes lá na botica
 Esse amargo fructo do erro:
 Inda tem mais serventia:
 Supre os escriptos de enterro.»

18

Arrimado ás duas portas
 Pingue boticario estava,
 E brandamente acenou
 A um doctor, que passava.

Mal que chega o bom Galeno
 Diz o outro com ar jocundo :
 «Unamo-nos, meu doctor,
 E demos cabo do mundo !»

19

Quiz inda fresca viuva
 Casar, mas tinha esquecido
 No alfarrabio dos enterros
 Pôr o enterro do marido.

«Leve este papel ao Cura»
 (Lhe aconselha um maganão).
 Era excellente receita
 Das que importam n'um milhão.

«Padre, (diz ella, entregando
O papel, que se lhe deu)
O meu homem tomou isto...»
Torna o Cura: «Então morreu !»

20

Dos obitos o volume
Consta que um Cura perdeu,
E contou este desastre
A intimo amigo seu.

De supprir o triste livro
Não póde occorrer-lhe idéa;
«Ai! (diz o amigo) isso é facil:
Compre uma pharmacopéa.»

21

(Traduzido de Mad. Scudery)

A corrente, que beija aquella areia,
Esta rosa, que ao Zephyro abre o seio,
A viração, que as arvores meneia,
Nos dizem que é o amôr dôce recreio.

A pura chamma egual d'um par constante
Em dôbro o faz feliz, o faz contente:
Tem um'alma, não mais, o indiff'rente,
Duas almas encerra um peito amante.

22

(Dialogo)

CORYDON

Elmano, lê-me os teus versos.

ELMANO

Melhor sorte me dê Deus!
Tremo d'isso.

CORYDON

E porque tremes ?

ELMANO

Porque pódes ler-me os teus.

23

(Traduzido de Bois-Robem)

Que! De tão tenra idade nos verdores
 Ninguém te póde ouvir, mimosa Isbela,
 Nem ver teus olhos sem morrer de amores!
 Ah! Fosses mais crescida, ou menos bella:
 Para causares as feridas nossas
 Espera o tempo, em que saral-as possas.

24

Bojudo pharmacopóla,
 De cangalhas no nariz,
 Lia um papel, dos que a gente
 Pregam em vasa-barris.

O papel era receita,
 Isto bem se deixa ver:
 Eis o algoz dos palladares
 A molestia quiz saber.

Soube-a, pouco mais, ou menos,
 E exclama um tanto impaciente:
 «O medico hallucinou-se !
 Com isto sara o doente !»

25

Para curar febres pôdres
 Um doctor se foi chamar,
 Que, feitas as ceremonias,
 Começou a receitar.

A cada pennada sua
 O enfermo arrancava um ai.
 «Não se assuste (diz Galeno)
 Que inda d'esta se não vai.»

«Ah senhor ! (torna o coitado,
 Como quem seu fado espreita)
 Da molestia não me assusto,
 Assusto-me da receita.»

26

Tinha uma dôr muito aguda
Um homem. Veio um doctor,
E disse: «Com tres regrinhas
O livro já d'essa dôr.»

Corre a lançar mão da penna,
Eis diz o enfermo a tremer:
«Ai! Nada, senhor doctor:
Antes penar, que morrer.»

27

«Ante mim não vales nada;
(Disse a Morte á Medicina)
Eu de tudo quanto existe
Sou a fatal assassina.»

«Ui ! (a mãe dos aphorismos
Responde á Parca amarella)
Olha a tola ! Eu sou o mesmo,
Mas com mais methodo que ella.»

28

Certo Avertões quiz no prélo
Ver seus aphorismos juntos:
Poz-lhe o editor singelo:
«Arte de fazer defuntos.»

29

A morte era uma idiota
Antes de aphorismos ter;
Mas depois que ha medicina
Já sabe ler, e escrever.

30

Disse um Avicena ao ver
Certo doente: «É confusa
Esta molestia; por tanto
A maligna se reduza.»

Eis a mão faccinorosa
 Lavra potente receita,
 Que anonyma enfermidade
 Torna em maligna perfeita.

Co'a prompta metamorphose
 O infesto doctor se alegra,
 E diz sorrindo-se: «Agora
 Se matar, mato com regra !

31

Disse um dia o Fado á Morte
 Que chuchasse um tal doctor,
 Que punha em cada receita
 Ao menos um estupor.

«Não ousou (responde a Parca)
 A teu mando obedecer:
 Se com medicos se mette,
 Té póde a Morte morrer.»

32

Inda novel demandista
 Um letrado consultou,
 Que, depois de cem perguntas,
 Tal resposta lhe tornou:

«Em Cujacios, em Menóchios,
 Em Pegas, e Ordenação,
 Em reinicolas, e extranhos
 Tem carradas de razão.

«Sim, sim, por toda essa estante
 Tem razão, razão de mais.»
 «Ah senhor ! (o homem replica)
 Tel-a-hei nos tribunaes?»

33

Um medico receitou;
 Subito o récipe veio,
 Do qual no bucho do enfermo
 Logo embutiu copo e meio.

«Adeus até amanhã. . .»
 (Diz o fôfo professor)
 Responde o doente: — «Adeus
 Para sempre, meu doctor!»

34

(Traduzido de Perrault)

Amor é um menino
 Tão velho como o mundo,
 Dos deuses o maior, e o mais pequeno:
 De seu fogo divino
 Occupa o céu sereno,
 O largo mar profundo,
 A populosa terra
 E nos olhos comtudo Iris o encerra.

35

(Dialogo)

A.

Que vem do chefe dos Matas
 Sustenta o doctor Maleitas,
 E com mil papeis o prova.

B.

Com que papeis?

A.

Com receitas.

36

Uma d'estas, que adoecem
 Porque um mosquito as mordeu,
 Disse para um seu criado:
 «Chamem-me o doctor Sandêo.»

Eis o Hypócrates, que abonam
 Honrosos cabellos brancos,
 E eis subitamente a dama
 Aos soluços, e aos arrancos.

D'onde lhe veio este excesso
 Na hypocratica presença ?
 De estar doente deveras:
 E era o medico a doença.

37

Um velho cahiu na cama:
 Tinha um filho Esculapino,
 Que para adivinhações
 Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
 E receitar depois vai:
 Diz-lhe o velho, suspirando:
 «Repara que sou teu pae !»

38

Sempre é teima de viver
 A que tem Celio caduco !
 Não sei que molestia possa
 Chuchar-lhe da vida o succo.

Tinha uma chaga no bofe:
 O bofe sem chaga está;
 Um aneurisma no peito:
 Vestigios d'elle não ha.

De lhe cerrarem tres fontes
 Nenhum damno resultou:
 Isto ainda não é nada;
 Té d'uma junta escapou !

39

Chiron foi medico insigne,
 Segundo nos livros acho;
 Porém cavallo o descrevem
 Da cintura para baixo.

Doctor, em nada o simelhas;
 Elle foi besta nos pés,
 Nas ancas, mãos, e costado:
 Tu só na cabeça o és.

D'onde lhe veio este excesso
 Na hypocratica presença?
 De estar doente deveras:
 E era o medico a doença.

37

Um velho cahiu na cama:
 Tinha um filho Esculapino,
 Que para adivinhações
 Campava de ter bom tino.

O pulso paterno apalpa,
 E receitar depois vai:
 Diz-lhe o velho, suspirando:
 «Repara que sou teu pae! »

38

Sempre é teima de viver
 A que tem Celio caduco !
 Não sei que molestia possa
 Chuchar-lh.e da vida o succo.

Tinha uma chaga no bofe:
 O bofe sem chaga está;
 Uni aneurisma no peito:
 Vestimos d'elle não ha.

De lhe cerrarem tres fontes
 Nenhum damno resultou:
 Isto ainda não é nada;
 Té d'uma junta escapou !

39

Chiron foi medico insigne,
 Segundo nos livros acho;
 Porém cavallo o descrevem
 Da cintura para baixo.

Doctor, em nada o simelhas;
 Elle foi besta nos pés,
 Nas ancas, mãos, e costado:
 Tu só na cabeça o és.

40

«Fabio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alphêo consternado)
Dos medicos mais insignes
Está já desamparado.»

«Oh! (sáe d'ali um sujeito,
De circumspecta presença)
«Feliz, se o desamparassem
No principio da doença !»

41

Gratis pespéga o verdugo
No pescoço ou laço, ou córte;
O espadachim mata gratis;
O medico vende a morte;

42

Um homem rico, outro pobre
Grave molestia prostrou.
Qual d'elles morreu ? O rico,
Que mais remedios tomou.

43

Um medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:

«Para punir este indigno,
Este vil, tomára um raio.»
Acode o outro: «Ha um meio
Muito mais facil: curae-o !»

44

A Morte um dia enjoou-se
D'um nome, que se abomina;
Quiz o azedume adoçar-lhe,
E crismou-se em Medicina.

45

Quanto és, Dido, desgraçada
 Cora dous maridos no mundo !
 Foges, morrendo o primeiro,
 Morres, fugindo o segundo.

46

Um medico, antiga peste
 Do triste genero humano,
 De costumado a enganar-se
 Pôde acertar por engano.

Fez uma receita idonea,
 Apezar do formulario;
 Mas o que ao medico escapa
 Lá vae ter ao boticario.

47

Disse a Morte ao vêr entrar
 Milhões de almas nos abysmos:
 «Bravo ! Bravo ! Que colheita !
 Muito devo aos apriorismos ! »

48

A morte, perdendo a fouce,
 Creu sua força desfeita:
 Disse-lhe um medico insigne:
 «Aqui tens esta receita ! »

49

Compôz para leve andaço
 Um doctor, doctor fatal,
 Famosa receita, onde era
 A menor dóse mortal.

Indo depois á botica,
 D'esta sorte o dono o investe:
 «Receite a todos o mesmo,
 Meu doctor, e temos peste !»

50

Um escrivão fez um roubo;
 Diz-lhe o juiz: «Que razão
 Teve para fazer isto?»
 Responde:—«Ser escrivão.»

51

Trouxe-se a pobre doente
 Um récipe singular.
 Morreu do récipe? Não:
 Só da tenção de o tomar.

52

A um enfrornado em poeta

Longe estás de ser pateta,
 Flavio, tens varias noções,
 Entendes bem a Selecta,
 Lês, estudas, e compões;
 Por um tris não és poeta !

53

(Traduzido)

Mordeu uma serpe Aurelia:
 Que pensaes que resultou ?
 Que Aurelia morreu ? Historia:
 A serpente é que estourou.

54

Epitaphio

Aqui jaz um escrivão,
 Que já na propecta idade
 Tomou o habito de frade;
 Só merecia o cordão.
 Deus tenha d'elle piedade !

55

Podre victima de Venus,
 Metaphora da existencia,
 Fiou-se de um boticario,
 Homem de sã consciencia.

Tinha o pustuloso enfermo
 Uma gambia retorcida,
 Que para a parte de fóra
 Como que enxotava a vida.

Tenaz emplastro lhe estende
 A pharmacopola mão,
 Com que dê nome á botica,
 Dando cabo do aleijão.

«Deixe estar (diz o mestraço)
 Que isto logo, logo abranda.»
 Que succedeu ! Pôr-lhe a perna
 Torta para a outra banda !

56

Epitaphio

Aqui jaz um homem rico
 N'esta rica sepultura:
 Escapava da molestia,
 Se não morresse da cura.

57

(Traduzido de Marcial)

Se me lembro, Elia, tiveste
 De bellos dentes a posse:
 N'uma tosse dous se foram,
 Foram-se dous n'outra tosse.

Segura noutes, e dias
 Pódes tossir a fartar;
 Pódes, que tosse terceira
 Já não tem que te levar.

58

Lê-se n'uma sepultura
De antiguidade Affonsina:
«Aqui jaz quem não jazera
Se jazesse a medicina.»

59

Empobreceu todo o bairro
Fabio com penna, e cordão;
Foi quatro mezes letrado,
Quinze dias escrivão.

60

Um doctor, accommettido
Das chufas de um boticario,
(Que não sei porque motivo
Se lhe quiz mostrar contrario)
Disse-lhe: «Inda que nós ambos
Somos dos humanos mágoa,
Mais do que eu faço com tinta
Faz sua mercê com agua.»

61

Bernardo envolto em lemiste
Insulsas nenias recita:
Ao riso ninguem resiste;
E o vate funereo grita:
«Não riam, que é cousa triste !»

62

(Dialogo)

A.

Laura divertiu-se muito
N'uma funcção menos má.

B.

Qual foi o divertimento?

A.

Não ter o marido lá.

63

Rechonchudo franciscano
Desenrolava um sermão;
E defronte por acaso
Lhe ficara um beberão.

Tractava dos bens celestes,
Proferindo: «Ouvintes meus,
Que ditas, que immensa gloria
Para os justos guarda um Deus !

Falsos, momentâneos gostos
Ha n'este mundo mesquinho:
Mas no céo ha bens sem conto...»
Pergunta o bebado: «E vinho?»

64

Um procurador de causas
Tinha na dextra de harpia
Nojenta, incuravel chaga,
Que até ossos lhe roía.

Exclama um taful ao vel-o:
«Que pena de talião !
Quem com a mão roeu tanto
Ficou roido na mão.»

65

(Traduzido)

Venus ao parto visinha
As Parcas foi consultar,
Para conhecer que fructo
Seu ventre havia brotar.

Uma responde — Que um seixo;
Outra — Que um tigre traidor;
Terceira — Que fogo;— E tudo
Confirmou nascendo Amor.

66

Uma terra dizem que ha,
 Onde a fome acerba e dura,
 Cabo dos medicos dá:
 Porque é isto? E' porque lá
 Pagam sómente a quem cura.

67

A um enfatuado em nobreza

Conferes nas senhorias,
 Fofa Alcêo, mais fofos bens ;
 E fazes n'isso um milagre,
 Porque dás o que não tens.

68

**Á estanqueira do Loreto,
 celebre pelo seu grandissimo nariz**

Examina-se um planeta
 Com telescopio de cá:
 Vêr-se-ía a cara da Helena
 Sem telescopio de lá.

69

«Salve-se! (diz o Diabo)
 Nas masmorras infernaes
 Se eu hospedasse essa cara
 Onde accomodar as mais ?»

70

Salvo-te (diz Deus ao Demo)
 Das masmorras infernaes,
 Se metteres esta cara
 Onde accomodas as mais.

71

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa !...
Todas estas caras juntas
Não são tanto como a tua.

72

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa !...
Que revolução é esta ?
Anda pela terra a lua?

73

A estanqueira tem marido,
Que quando deitar-se intenta,
Como não cabe na cama
Dorme dentro de uma venta.

74

A cara da estanqueira
Por um milhão a comprara;
Se fosse cara de assucar,
Um milhão, não era cara !

75

Disse-lhe um sério taful
Que tabaco lhe comprara:
«A sua loja é pequena;
Porque não vende na cara? »

76

Disse-lhe certo estrangeiro
Que ajunta papeis com massas:
«Quero pôr a sua cara
N'esta loja de caraças!»

77

São nadegas, ou bochechas?
Arrenego do diabo!
Tem a cabeça no chão,
E sobre o balcão o r...

78

Domingo dous do corrente
Se faz pela vez primeira
O brinco dos cavallinhos
Sobre a testa da estanqueira.

79

Dizem os da Encarnação;
«Que em morrendo a estanqueira
Faz-se a obra, e o cemiterio,
Tudo dentro da caveira.»

80

Deu a estanqueira um espirro
Gritam os visinhos seus,
Julgando ser terremoto:
«Misericordia, meu Deus!»

81

Quer vinhos? Não tem que errar,
Trépe por esses focinhos,
Bata nas ventas, que dentro
Tem dous armazens de vinhos.

82

Nariz, nariz, e nariz,
Nariz, que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba
Fará o mundo infeliz:

Nariz, que Newton não quiz
 Descrever-lhe a diagonal;
 Nariz de massa infernal,
 Que, se o calculo não erra,
 Posto entre o sol e a terra
 Faria eclipse total !

83

Ouviu do rei dos reis a voz sagrada
 Da lusa monarchia o rei primeiro :
 E aos duros golpes da tremenda espada
 Fez que mordesse a terra Ismar guerreiro;
 Alta promessa pelo numen dada
 Manterá Portugal feliz, e inteiro;
 Voae á guerra, á gloria, illustre gente !
 Um Deus vos chama sua, um Deus não mente.

84

Oh Morte ! Para que venças,
 E sorvas em teus abysmos
 Doctor de grandes sentenças,
 São necessarias doenças
 Peiores que os aphorismos.

85

« A este sepulchio vim,
 Eu, das existencias corte,
 (Dizia um letreiro assim)
 Fui medico, e foi meu fim
 Estratagem da Morte.»

86

(Imitado de Marcial)

Barbeiro demorador,
 Não me pilhas outra vez,
 Mal haja o pae quo te fez,
 Devêra ser malfeitor.

Com a barba em sangue, em fogo,
Tanto tempo aqui sentado,
Que outra nova tem brotado,
Mal que a rapas cresce logo.

87

Cançado de dissabores
Morre-se aqui sem tristeza;
Dormir coberto de flôres
No seio da natureza,
Doura, oh Morte, os teus pavores !

88

Um medico, que se ria
Do pouco, que Adão durou,
Por engano em certo dia
Dm seu récipe tomou;
Quando não, nunca morria !

89

(Dialogo)

P.

O que é mais leve do que o ar ?

R.

O fumo.

P.

O que é mais leve do que o fumo?

R.

O vento.

P.

E que o vento?

R.

A mulher.

P.

Que a mulher ?

R.

Nada.

90

Se alguma palavra digo,
E o halito á bocca pucho,
Sobem-me as tripas e o bucho
A escutar se mastigo.

91

Disse, em ar de novidade,
Lelio, que a rugosa Elvira
Soffrêra longa molestia,
De que a bem custo surgira.

«Creio: o seu medico é bom.»
(Proferiu grave pessoa)
Acode um taful: «E eu sento
Que a molestia é que foi boa.»

92

No mundo ha gloria suprema !
(Roncava Euclidico auctor.)
— «Qual é? (diz taful da gemma)
Qual é ! (torna o cismador)
E' resolver um problema.»

93

Um geómetra zombou
Ao ver que amante infeliz
Por linda moça expirou;
Mas ao sabio o que o matou ?
Não dar c'o valor d'um xiz.

94

(Traduzido de Alciato)

Os teus melhores principio »
Convertes em vituperio;
E profanas, e envileces
O teu proprio ministerio.

Tu, Elmiro, és como as cabras,
 Que, no tarro escouceando,
 Perdem as próprias riquezas,
 Seu mesmo leite entornando.

95

Da feia mulher Andronio
 Com zelos arte, e rebenta;
 N'isto o não julgo bolonio:
 A mulher é um demonio,
 Porém o demonio tenta.

96

Do Meirel fórmas querelia.
 Porque os dentes te dispensa;
 Não t'os tirou por doença,
 Tirou-t'os por cautela
 Bem atalha quem bem pensa.

97

(Dialogo)

A

Vae curar o doutor Campa
 Sua futura consorte.

B

Já se não diz quando casam ?

A

Recebe-a á hora da morte.

98

A um mau medico

Doutor, até do hospital
 Te sacode enfermo bando:
 Qual será d'isto a causal ?
 E' porque em tu receitando
 Qualquer doença é mortal.

99

Se o Padre-santo tivera
Um pé tão largo e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

100

Definição do Ouro

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doctos e a rudes,
Gero vicios e virtudes,
Torço as leis, domino a terra.

101

(Imitado de D'Anchet)

Um tempo breve, urgente
As rosas tem sómente
Para ostentarem bellas
O seu aroma e côr:
Para agradar como ellas
Tem um só tempo Amor.

102

(Traduzido de Rabutin)

Rosas, oh como um coração, que adora,
Vos conhece o valor, vos crê felizes !
Nasceis no seio da benigna Flora,
Morreis no seio da benigna Lizes.

103

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dôr infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno, ou um punhal.

«Não ha (lhe disse um visinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem.»

104

De que é só de seu marido
Laura tem reputação:
Este merito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se á cara, se ao coração.

105

«Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: — «Recorre
Ao teu medico assistente.»

106

A Morte foi sensual
Quando ainda era menina:
C'o peccado original
Teve copula carnal,
E pariu a Medicina.

107

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: «Não estou
Para tornar mais ao mundo!»
Disse um medico: — «Eu lá vou.»

108

Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina:
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

109

Pôz-se medico eminente
Em voz alta a receitar:
«Récipe...» (diz) — De repente
Grita da cama o doente:
— «Basta, que mais é matar!»

Madrigaes

1

(Traduzido)

Eu tinha promettido á minha amada
Constancia até morrer; e esta promessa
Foi na folha de um alamo gravada,
Mas quebrou-se depressa:
Ergueu-se um pé de vento,
Adeus folha, e com ella o juramento !

Zephyros, que brincaes co'as tranças bellas
Da minha doce Analia,
Voae ás flôres da viçosa Idalia,
Bem que na graça e côr são menos que ella».
Não é por vós, Favonios, que a frescura
Trazeis ao niveo seio,
E á face melindrosa em que deliro:
E' só porque receio
Que de astuto rival, de audaz ternura
Comvosco se disfarce algum suspiro.

Epitaphios

1

Se estiver nos meus fados a proxima extincção de meus dias

D'Elmano eis sobre o marmore sagrado
 A lyra, em que chorava, ou ria Amores;
 Ser d'elles, ser das Musas foi seu fado:
 Honrem-lhe a lyra vates, e amadores.

Este, com quem se ufana a pedra erguida,
 Ah!... se encantou com sonoras côres...
 Já Bocage não é!... não sois, Amores!...
 Chora-lhe a morte, — e celebra-lhe a vida.

**Na morte de uma sobrinha, fallecida em 21 de março
 de 1805**

(Improviso)

Trocando amargas horas
 Por doce eternidade,
 Gemeu co'a Natureza,
 Folga co'a Divindade.

O que é nos céos contemplo,
 Contemplo o que era aqui:
 Gemi, porque gemia,
 Rio, porque ella ri.

ELOGIOS

1

Aos faustísimos annoa da Fidelíssima Rainha
de Portugal, D. Maria I

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, em 17 de Dezembro de 1799)

A rispida estação tumultuosa,
Que de vapor medonho assombra os ares,
Que das Eólias grutas desferrolha
Estrondosos tufões, e além das nuvens
O pélagos arrogante em serras manda;
Esse triste oppressor da Natureza,
Monarca das horrisonas procellas,
Cujá grenha erriçada os gêlos c'roam;
Que arremessa o trovão, que accende o raio
Na voz terrível, nos terriveis olhos,
E, saudoso do cáhos, como que intenta
Fingil-o, arremedal-o em seus horrores:
O carrancudo, tenebroso Inverno,
A' face de alto horóscopo brilhante
Foi por lei divinal, por lei dos Fados
Constrangido a despir tartáreo luto.

Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,
O tyraimo da luz sacode ? as trévas:
Respira a Natureza, o céo respira,
Vitrosos os mares sobre as praias dormem,
Onde Aquilo rugiu Favonio brinca,
A nascer entre a neve aprendem rosas;
Amor sentindo, o rouxinol se inflamma,
Contente, illuso, não conhece o tempo,

Vêl-a imagina, e canta a primavera.
Surgindo em tanto na purpurea nuvem,
Télas trajando fulgurantes de ouro,
De jasmins immortaes a fronte orlada.

Com risos, que estudou de um Deus na face
 A scintillante Aurora o pólo esmalta.
 Seus lumes como nunca então raiaram.
 E gota, e gota de macio orvalho
 Que esparziu no teu seio, oh Lysia, oh patria
 Foi ledo agouro, foi suave emblema
 De mil bens, que dos céos a ti dimanam.

Maria, a mãe de heróes, de heróes a filha
 A Jove mereceu tão novo indulto,
 Trouxe tão novo indulto á Natureza.
 Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes
 Quanto no ethereo cume, alardeando
 Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,
 Vence o planeta majestoso, intenso
 Tenue luz, que esmorece em negra estancia.

Sim, Rainha immortal, se a bem do mundo
 Prenda tão cara, não lhe houvesses dado;
 Se, doce fructo de amorosa planta,
 Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,
 João, sangue de heróes, que o Tejo adora,
 A nossos corações negado fosse,
 Ninguem te egualaria áquem dos numes.

Elles teu grande horóscopo envolveram
 No immenso resplendor da eternidade,
 Tua alma se embebeu na essencia d'elles;
 E ao ponto em que dos céos se derivava,
 Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
 Presumiu assombrada a Natureza
 Que radiosa porção vivificante
 Do facho universal se desprendia.

A Jove teu natal deveu sorrisos;
 E, attento na mimosa infancia tua,
 Com rosto afagador te olhou, te disse:
 «Qual é teu dia, tal será teu fado.»

Aos annos da mesma Augustissima Senhora

Musas, Musas do Tejo, alçae ao pólo
Versos dignos de reis, da patria dignos.
Desenrugue-se o Fado: os tempos voltem
Quaes a vate Cumêa os viu na mente;
Em manto côr de neve Astréa envolta
As éras de Saturno acorde, e guie
Ao seio escuro da ferrenha idade.
Apenas tenham que invejar aos numes
Os ditosos mortaes: luzeiro errante
Surja, rutíle da sinistra parte,
E com faustos satellites discorra
D'este áquelle horisonte os céos de Lysia,
Ingente, portentoso, e qual outr'hora
Dourou a alma de Julio o céu de Roma:
As vestes abrilhante ao carrancudo
Monarcha das horrisonas procellas,
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam;
Cuja mão tenebrosa além das nuvens
O pélagó arrogante em serras manda;
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,
Que arremessam trovões, que accendem raios,
Soffra o duro oppressor do aereo campo,
Soffra o silencio, e a paz; desdobre, alize
Ondas o pégo, e sobre as praias durma;
Brinque Favonio onde Áquilo esbraveja,
Respire a natureza, o céu respire;
A nascer entre a neve aprendam rosas;
Puro, espontaneo mel destillem troncos;
Na rubra nuvem fulgurante de ouro
De jasmíns immortaes co'a fronte orlada
Sempre n'este aureo dia assome a deusa,
Que sobre as flores a existencia entórna:
No semblante de um Deus a Aurora estude
Risos, que a Natureza extranhe, e adore:
Derrame pelos céos mais luz, mais pompa,
Sol, reflexo de Jove, imagem sua.

Maria, mãe de heróes, de heróes a filha,
 Indulto singular merece ao Fado;
 Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes,
 Quanto no ethereo cume alardeando
 Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,
 Vence o planeta fulgurante, immenso,
 Tenue luz, que esmorece em negra estancia.

Sim, Rainha immortal, modelo augusto
 De quantas perfeições, quantas virtudes
 De Astréa ao lado para o céo fugiram:
 Sim, Rainha immortal; se a bem do mundo
 Prenda tão cara não lhe houvesse dado;
 Se, doce fructo de amorosa planta,
 João, prole de heróes, que o Tejo adora,
 A nossos corações negado fosse,
 Ninguem te egualaria áquem dos numes.

Elles teu grande horóscopo envolveram
 No vasto resplendor da eternidade;
 Tua alma se embebeu na essencia d'elles,
 E ao ponto em que dos céos se desprendia
 Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
 Presumiu assombrada a Natureza
 Que radiosa porção vivificante
 Do facho universal se desprendera.

Oh rei da immensidade, oh rei dos Fados!
 Os idolos da patria, a mãe, e o filho
 No throno avito, heroico, á sombra tua
 De seculos em seculos triumphem:
 D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
 Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
 O Tejo despejando as urnas de ouro
 Ás plantas lhe deponha o gran tributo,
 Até que a eternidade absorva as éras.

São mimosos do Fado, a Jove acceitos
 O filho, a mãe de reis, de heróes, de numes;
 Cobrem azas de um Deus os dignos d'elle,
 Lysia, flôr das nações, prospéra, exulta !

3

Aos faustíssimos annos do Serenissimo Senhor D. João
Príncipe Regente de Portugal

(Recitado no Theatro do Salitre, em 13 de Maio de 1799)

D'entre a primeira das edades mortas
Um dia resurgiu, soltou-se um dia
A bem da humanidade, á voz do Fado.
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,
Foragidos do mundo, ao céo tornados,
Ao mundo volvem co'a sisuda Astréa.
Subito, remoçada a Natureza,
Leda, vaidosa de se olhar qual fôra,
Nas meigas faces amiuda o riso.
Turba subtil de olympicos Favonios
Vôa com flores, que não temem Phebo,
E á mãe universal perfuma o seio;
Insoffridos Tufões nas cavas grutas
Cerra, agrilhôa, abafa, opprime Eólo;
Mel espontaneo pelos troncos desce,
Lambem rios de nectar margens de ouro.
Saturno inclina a fronte ao ver na terra
De seus dias luzir a amena imagem;
Da sobranceira esphera ao filho exclama,
E d'alta novidade inquire a causa.

«Ente, digno de mim (responde Jove)
De heroes emanação, de heroes principio,
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,
Escolhida porção de meus thesouros;
Hoje o fructo immortal de planta excelsa,
Que nas margens dispuz do insigne Tejo,
Surgiu, por meus influxos bafejado;
Da grande lusitana a digna prole,
O eximio coração, com quem reparto
A dignidade, a força, os pensamentos,
No seculo fatal, de horrores fertil,
Sobre o terreno herdado attráe teus dias,
Epoca da innocencia, e da ventura !
Viste ha seis lustros melhorar-se o tempo

Com seu fausto natal, viste ha seis lustros
 De incognito matiz nos lusos campos
 Ornar-se a Natureza em honra sua.
 Então sorrisos d'ella annuncios foram
 Dos luzentes futuros milagrosos,
 Que para o tenro heróe zelava a Sorte.

«Se tanto não brilhou, como hoje brilha,
 O doce clima productor de assombros,
 Foi porque inda na edade inerte, e molle
 Desatar não podia o regio moço
 Altas idéas em acções mais altas.
 Agora, que da illustre monarchia
 Modera as longas rédeas, escudado
 Das aptas forças, e do avito exemplo,
 Agora se embellezam céos, e terra
 Na gloria, no prazer, nos bens sem conto,
 Que do grande João recebe a patria,
 A patria de que é pae, senhor, e ornato.

«Unido em aureo vinculo á virtude,
 Aos mil encantos de heroina augusta, "
 Tempéra o coração nos olhos d'ella,
 Nos olhos d'ella o sentimento apura,
 E um numen bemfeitor se ant'olha aos povos.
 Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,
 Tempestuoso horror, bramindo ao longe;
 Em vão boceja o pestilente inferno,
 Na lava abrazadora em vão sacode
 Horridos crimes, que outra plaga infamam.
 Senhor de alta nação, que vale o mundo,
 João, mimo do céo, João triumphá;
 Seu throno em corações está sentado,
 E tem na eternidade os alicerces.
 D'ella emanou seu dia, é parte d'ella,
 E lá depois que o sol milhões de vezes
 Houver com elle enriquecido a terra,
 O puro, amado, memoravel dia
 No resplendor sem termo irá sumir-se.»

Assim Jove fallou: Saturno annue,
 E fica mais brilhante a Natureza.

Aos annos do mesmo Senhor

(Recitado no Theatro da rua dos Condes, em 18 de Maio de 1801)

Honra, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno !
 Objectos venerandos, majestosos,
 Lustrae na escuridão, que abrange o mundo,
 Do vate a phantasia erguei de abysmos.

Em tanto que no céo renasce o dia,
 Dia eterno, sem par nos lusos fastos,
 Mordendo-se, escumando, Erynnis vôa
 Ante o carro fatal do deus das armas,
 Onde nuvens de horror gotejam sangue.
 Na truculenta mão rodêa o facho,
 Cresta os Favonios, as delicias varre.
 De sanhudos leões ondêa a coma,
 Longo rugido horrisono rebrama,
 Pelos troncos se amolam, dentes, garras.
 O bronze aloja em si rivaes do raio;
 No espectaculo atroz, na scena infesta,
 Sedentas de um futuro ensanguentado,
 As Furias se embellezam, ri-se a Morte...
 Debalde rebentaes, vulcões do inferno,
 Longe, agouros crueis! Lysia não treme,
 Lysia será qual foi, qual é no globo,
 Mãe de heróes, das nações a flôr, o esmalte,
 Da virtude esplendor, da gloria templo,
 Pomposo torreão de férrea base;
 Lysia embraça o pavez de eternos Fados:
 Se Lysia baquear, baquêa o mundo:
 Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.

Range os dentes Ismar, anhêla a preza,
 Urram de Lybia os monstros, amotinam
 O mar, a terra, o céo com grita horrenda:
 Eis que de rosea côr se reste o pólo,
 O ar, porque espera um Deus, o ornato apura.
 Assoma o recto, o sabio, o grande, o Tudo!
 Vacilla a Natureza ao pezo enorme:
 Me olha, e d'este olhar vê campo, e campo.

Reluz o amor, o esforço, a fé nos lusos,
 Na bruta multidão negreja o crime;
 Da traição, da avareza os genios torvos,
 As serpes da blasphemia, em roda aos impios,
 Por aqui, por ali sibilam, trôam.

A voz, freio aos tufões, ameiga o Nume;
 Ao guerreiro christão, que os seus inflamma,
 O triumpho assegura, e fada os lusos.
 Ao solio portuguez submete os tempos,
 Co'a sacro-santa mão lhe descortina
 Fervendo o Granges por ceder-lhe as palmas;
 D'elle homenagem recebendo o Tejo,
 Ufano recostado á urna de ouro;
 Montanhas de trophéos, ao longe, ao perto,
 E sempre illustre a paz, illustre a guerra.

Desapparece o Deus, mas fica Affonso,
 E de Affonso no ferro espantos brilham:
 Sáe d'elle estrondo, morte, horror, victoria,
 Não soffre arnez, escudo, é raio o ferro,
 E cada portuguez leão se ant'olha,
 Que, rebanhados touros assaltando,
 Atassalha, desfaz, estróe, devóra.

Lá nos ares de Ourique inda vaguêam
 Sagrados éccos da palavra augusta,
 E das turbas fieis, do heróe terrível
 Inda o marcio rebombo estruge os valles.

Eia, enleva-te, oh Lysia, em teus destinos!
 Um Deus te perfilhou, te dá, te escuda
 Os dias de João, saudaveis dias,
 Claros, celestes, como a luz que, eterna,
 Que, immensa, resplandece além dos astros.
 Quaes foram teus avós serão teus filhos,
 Leaes, ardentes, invenciveis, grandes.
 Nos olhos de João se nutre a gloria;
 Basta volvel-os: heroismo é tudo.

Virá, virá de novo a paz mimosa
 Com sorriso gentil dourar teu clima;
 As Furias outra vez aferrolhadas
 Na masmorra infernal darão bramidos.
 Em quanto do aureo Tejo á lisa margem
 (No formoso terreno, onde se encantam

Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas),
 Hymnos mandando ao céo teus povos ledos,
 Sentirão palpitar, ferver no peito
 Branda ternura, que humedece os olhos,
 pranto mais dôce, mais fiel que o riso;
 É sem que a gloria nas delicias turve,
 Transportado verá banhar teu seio
 Correntes do prazer, de que é a origem,
 O magnanimo heróe, da pátria nume,
 Esse, em cujo natal florece o mundo,
 João, mimo d'um Deus, d'um Deus imagem.

Aos annos do mesmo Senhor

(13 de Maio de 1801)

*Serus in celum redeas, diuque
 Loethus interies **populo.***

Horat. Lib. I. Od. II.

Que alegre, desdobrando o véo de rosas,
 Que amena resurgiu, que abrilhantada
 De estreme, de amorosa claridade
 A aurora de João no céo de Lysia!
 Oh plaga sup'rior ás plagas todas,
 Que déste ao mundo antigo um novo mundo,
 Que, immensa no valor, no espaço curta,
 Transcendeste os confins da humanidade,
 Levaste execução lá onde apenas
 Ousára abalançar-se o pensamento !
 N'esta luz singular, n'este aureo dia,
 Da eterna protecção penhor formoso,
 trouxe de nove a ti mil dons celestes
 O Genio tutelar, que escuda, e véla
 Gran ministro de Jove, os teus destinos:
 Que vassallaem firme ás leis, aothrono
 Em teu seio arreigou, nutriu, reforça,
 Qual planta ingente, que, abarbando as eras,

Opulenta de aromas, flôres, tractos,
 Na viçosa altivez penetra, invade
 A terra co'a raiz, os céos co'a rama.

Recrea-te, oh nação ! divino indulto
 Além da méta humana alçou teu lustre.
 Colossos gigantêos no mar se abysmam,
 Marmoreos torreões dão baque horrendo.
 Da Fortuna as montanhas se desabam,
 D'este, d'aquelle imperio morre a fama;
 O Médo, o Assyrio cáe, cáe Roma, e Grecia,
 Maravilhas do globo, e ferros d'elle;
 Mas Fado universal não é teu Fado:
 Gravâme acerbo, aspérrimo tributo,
 Males, que a tudo impõe, não ousa impôr-te
 O tyranno commum, rei de minas.
 Elle acata a nação no heróe que a manda,
 Nos heroes que a mandaram, que a subiram
 A' grandeza, ao nivel do lacio nome.

Deuses na menle, se mortaes na essencia,
 Co'a rectidão por norma, os paes de Lysia,
 Os monarchas do Tejo á patria deram
 Leis amigas do céo, do mundo amigas,
 Leis, que um Deus confirmou, porque eram suas.

Magnanimos leões leões produzem,
 Frouxo arbusto não é do cedro a prole.
 Affnosos, Manueis, Dinizes, Sanchos,
 De vós, igual a vós, João proveiu !
 Decreto, pelos numes promulgado,
 Transpôz de dextra em dextra o sceptro luso,
 Até parar na mão, que ha de empunhal-o
 Com tanta duração, que espante os evos.

Astréa, a paz, o amor, virtude e graças,
 No mais que dôce jugo embellezados,
 Volvem dos astros, sem saber que volvem,
 O Olympo esquecem, de João no imperio,
 E suppõem convertida em tempos de ouro
 Negra idade de horror, que os pôz em fuga.

A turba etherea, ladeando o solio,
 Bafeja o coração do regio moço:
 Ali derrama da Clemencia o nectar,
 Ali, deidade austera, ali Justiça,

Teu rispido amargor com elle adoça;
 N'alma idéas prestantes lhe aposenta,
 Arduas combinações lhe induz, lhe aplaina;
 politica sublime entre ellas surge,
 Onde a sagacidade abrange a honra;
 N'um quadro luminoso o bem da patria
 Ante a face real prospéra, avulta:
 O presente, o porvir fulguram n'elle.

Oh tu, de um Deus contemporanea augusta,
 Voragem onde os seculos sossobram,
 Ignota, veneranda Eternidade !
 Debalde te abarream teus arcanos
 Contra audaz invasão da idéa em chammas.
 Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,
 Recondito mortaes, compõe teus muros;
 A nevoa dos mysterios te rodêa:
 Mas despedindo o vate ardentes vãos,
 Áquem deixando o globo, o vento, as nuvens,
 Qual a que arrosta o sol, e empolga o raio,
 A eternos penetraes os hombros mette,
 Obstaculos derruba, e lê nos Fados.

Lá onde altos Futuros majestosos
 Em sagrado silencio envoltos dormem,
 A todos sobre-sáe Destino excelso
 Do generoso heróe, que rege os lusos,
 Que impéra co'a virtude, e não co'a força,
 Que inda mais que no sangue, em si tem base
 A inviolavel direito, ao jus supremo
 De ser na terra o que no Olympo é Jove.

Sim, Príncipe immortal; se a longa serie
 De teus grandes avós te não guiasse
 A' brilhante eminencia, onde te adora
 Nos hemispherios dous um povo immenso,
 Sempre nos corações houeras throno.
 A tua gloria és tu, comtigo brilhas;
 Por ti fogem de nós communs desastres,
 Venturas entre nós por ti florecem.
 O céo te inspira, o céo te galardôa,
 E ethereo resplendor teus annos c'rôa.

6

Aos annos do mesmo Senhor

(Recitado no Theatro do Salitre, era 13 de Maio de 1801)

Interlocutores: AURORA. SECULO

Oh tu, prole recente, ultima prole
 Do numen, que aniquila o bronze, o ferro,
 Que absorve gerações, que exerce os Fados,
 Que vae minando o seio á Natureza,
 E como que assoberba eternidades!
 Filho do Tempo, successor não duro
 De seculo feroz, de irmão terrivel,
 Que Europa mergulhou n'um mar de sangue,
 Que a virtude, a razão, que as leis, e a gloria
 Eclipsou, perseguiu, desfez sem pejo ;
 Té -ao bojo infernal cavando abysmos,
 As Furias arrancou da noute immensa.
 As Furias, que, esparzidas no universo,
 Todo em reino da morte o converteram:
 Graças aos numes, o tyranno é cinza,
 O Seculo do horror volveu ao nada;
 Morta esperança de viçosos dias
 Resurge devagar, se move a medo;
 Imagem festival de bens vindouros
 Na terrea superfície em fim vislumbra:
 Por sombrio horisonte apenas ficam
 Rastos sanguineos dos forçados vôos,
 Com que a fera Discórdia, a negra Erynnis
 Da peste, que em seu halito dardejам,
 Extensas regiões purificaram.

Mas os tartáreos monstros não repousam.
 Nas extremas da terra inda retumba
 O medonho clamor, que sáe do raio.
 Talvez nova impiedade enlute o globo,
 Talvez. . . tão feia idéa os raios furta
 Da face com que alegre a Natureza.

Ah! Tu que aos penetraes do immobi! Fado,
 Lá onde o pensamento a custo adeja,

Foste a serie colher, serie sem conto
 De altos successos, em teu giro inclu-os:
 Tu que estancia onde os Futuros dormem,
 Com lume audaz a escuridão venceste,
 E o gremio do possivel revolvendo,
 Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça
 Deve sobre esta machina indecisa
 Reger sceptro de ferro, ou sceptro de ouro:
 Recrêa, oh numen, cujas leis supremas
 Observo pontual na rósea plaga,
 Recrêa indagador, tenaz desejo,
 Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SECULO

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem
 Grinalda de jasmims, docel de rosas.
 Mãe dos luzeiros com que douro as vestes:
 Amores de Titão, delicias, mimo,
 Que aljofares entornas sobre as flôres.
 Que dás puros cristaes ao leve arroio,
 Susurro ás virações, gorgueio ás aves,
 E o gosto de existir á Natureza !
 Bem que os mysterios do immutavel Fado
 Envolve escuridão, e acatamento,
 Que do mundo profano abate os olhos.
 Comtigo, que és deidade, e secia minha,
 Comtigo, que do Tempo exerces parte.
 As leis universaes vogar não devem.
 Enxuga o dôce pranto cristalino,
 Que entre as flôres de Amor, e a neve, e as graças
 Na face te reluz: socega, escuta.

Aos montes sempiternos, onde o Fado
 Em palacios de bronze as leis promulga,
 Resfolgando subi, subi tremendo
 Dos males, que este globo inficionavam,
 Onde meu féro irmão cevára os olho?.

Do gran templo fatal rangendo as portas
 Se abrem de par em par, me descortinam
 Aquelle, ante quem Jove é nume apenas.

Avulta, recostado em negro throno,

Curvos, absôrtos cortezãos o incensam,
 D'um lado a vida tem, tem de outro a morte,
 Um só rasgo que dê co'a férrea pluma
 No livro pavoroso, altêra o mundo,
 Ergue, prosta nações: a Gloria é sonho,
 A Fortuna é chimera, e Grecia, e Roma
 Relampagos, que sorve immenso abysmo.

A tôrva omnipotencia adoro a medo,
 E já trémulas preces vou formando
 A bem do triste globo, em que presido: .
 Eis o deus co'um sorriso a voz desprende,
 Dest'arte o coração me desaffronta:

«Fiel executor das leis do Fado,
 Herdeiro do poder, não do character
 De ministro cruel, que puz no mundo
 Para mais enrijar meu duro imperio:
 Depois que em scenas mil de sangue, e luto
 Minhas furias cevei, cevei meus odios,
 Os males que esparzi me horrorisaram.
 Quanto póde a Virtude até no Fado !
 Em honra de um mortal, me abrando a todos,
 Em honra de um mortal, que um Deus parece.

«Ferrolhadas no Averno as Furias gemam,
 A cruenta Discordia apague o raio.
 Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo:
 Tu, Seculo ditoso, ao mundo os guia;
 Este mimo dos céos na terra espraia,
 Enriquece com elle os climas todos,
 E mais que todos a benigna plaga,
 O imperio occidental, augusta herança
 Do heróe, do semideus, que lá contemplo.

«O solio de João ladêe a Gloria,
 A Justiça o ladêe: admire-o tudo;
 Base de corações lhe escore o throno:
 Só deixe de invejal-o apenas Jove.
 O dia em que emanou do seio eterno
 Seja um sorriso do melhor dos numes;
 Galas para adornai-o invente a Aurora,
 Saturno o purifique, e seu lhe chame.»

Disse, e nublou-se o deus, e de repente
 D'entre os astros um vórtice me arranca.

Eis venho respirar co'a Natureza,
 Ufano do character, que me é dado,
 Dos bens, que desparzir na terra posso.

Exulta, pois, oh deusa, e cumpre o mando,
 Que ledo recebi na voz do Fado:

« O imperio de João, seus aureos dias
 Gosem no mundo o resplendor do Olympo.»

AURORA

Oh transporte! Oh ventura! Oh céos! Oh Fado!
 Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

Aos annos do mesmo Senhor

(13 de Maio de 1803)

*... Ipse tibi jam brachia contrahit ardens
 Scorpius & coeli justa plus parte relinquit.*

VIRG. Georg. Lib. I.

Oh lustres do salão radioso, immenso,
 Fonte invisivel dos visíveis astros!
 Em torrentes de luz, perennes, vossas,
 Sem que naufrague a mente, é jus do vate
 Sondar a eternidade, abrir os Fados.

Sorria-se na terra o mez das flôres,
 Espelho eram dos céos as vitreas ondas;
 Do azul Favonio, da punícea rosa
 Tenues suspiros, candidos perfumes
 A leda Natureza embellezavam.

Eis ante o rei de tudo heróe, que outr'hora
 Gosára entre os mortaes o gráo de nume,
 O claro fundador do luso imperio,
 Dos altos promontorios a saudade,
 Aquelle, cujo nome os patrios eccos

Com lugubre memoria inda proferem.
 Curvo o joelho, supplice a palavra,
 Pios desejos exprimiu dest'arte:

«Gran Ser, que da medonha, antiga massa
 D'uma vez extraístes o térreo globo,
 Que n'um sorriso os céos e o sol creaste !
 Dá complacente ouvido ás preces minhas.

«O imperio occidental, por ti doado
 A mim, e ao sangue meu, que as leis te adora,
 O imperio occidental, theatro annoso
 De innumeros portentos, de alta gloria,
 A plaga venturosa, o dôce clima,
 (Que já sagraste co'a presença tua)
 Lustre de novos dons, de timbres novos,
 Em virtude, em grandeza, em majestade.
 A planta, de que fui raiz fecunda,
 Sempre mimosa de teu almo influxo,
 Brote por ordem tua um fructo ameno.
 Que adorne, encante, aformosêe a terra.

«De Lysia velador, propicio genio
 Tu me elegeste, oh Deus! Eu guardo, eu zelo
 Fiel, grata nação: mil, e mil vezes
 Se apuram no esplendor da eternidade
 Incensos, que te dá meu povo amado.
 Requistada ventura, um lustre, ignoto
 Ao resto dos mortaes, o galardoe:
 Primeiro templo teu no mundo é Lysia,
 Quasi como é nos céos, é lá teu culto.»
 Taes, e tantas de Affonso as preces foram,
 E ás preces annuiu o auctor dos astros.

Revolve a mão suprema o cofre eterno,
 E entre milhões de espíritos fulgentes
 Um, que mais brilha, bemfazejo, estrema.

Oh vós, de inextinguivel claridade
 Serenos filhos ! Impalpaveis entes !
 Nuncios da terra aos céos, dos céos á terra
 Quando implora o mortal, e outorga o nume !
 Vós, leves meneando as alvas plumas,
 Ao solio, que dá leis do Tejo ao Ganjes,
 Trazeis um dia, que atavie os tempos,
 Um dom trazeis, que divinize o mundo.

É teu natal, grande João, tua alma
Este dia, este espirito, fadados
De character sem par, de bens sem conto
Pela voz, que do sol regula o giro.

Donativo do céu, prazer da terra,
Que honras o mundo todo, e reges parte,
Príncipe excelso, Príncipe adorado,
Enlaças corações em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso terror, não leis de ferro.
Quaes folgam, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos elysios prados,
Vagam risonhos, festivaes teus povos,
Amplio dominio, que dos céos herdaste.

Tarde, mui tarde a teu principio voltes;
Depois que o tempo fatigar seus vãos
Vá sumir-se contigo a Natureza
No seio da lustrosa eternidade:
Eis os votos de Lysia, e do universo.

8

(Dramatico)

A ESTANCIA DO FADO

Para celebrar o dia natalicio da Serenissima Princeza D. Maria Thereza

(Representado no Theatro de S. Carlos, em 29 de Abril de 1797)

Actores: O FADO — O (GENIO LUSITANO — LYSIA

A scena se figura na estancia do Fado

SCE NA I

O Fado e o Genio Lusitano

GENIO

Oh tu, que já severo, e já benigno
 Ou prostras, ou mantens, ou dás, ou tiras,
 Despotico senhor da Natureza,
 Ente, de cujas leis é tudo escravo,
 Hoje desenrugada a fronte augusta
 Affavel te promette ás preces minhas.
 Ministro pontual dos teus decretos,
 Eu, que ha tantas edades vélo, oh Fado,
 Na gloria, no esplendor da egregia Lysia,
 De brilhantes heróes origem pura,
 Eu por ella te invoco: alto interesse
 A dirige, a conduz ante o supremo
 Throno, onde reinas, adoravel throno,
 Escorado na immensa eternidade.

Dá que a teu gran poder curvando a fronte,
 Honrada ha muito de apollinea rama,
 Lysia teus dons beneficos implore.
 De tudo quanto abrange a longa terra
 Nada tão digno de encarar seu solio.

FADO

Magnanima, fiel, constante, invicta,
 Lysia, qual a formei, dá lustre ao mundo;
 Ante o seu gosto minhas leis se torcem:
 Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.
 Venha, merece olhar-me, ouvir merece
 A voz, que ao proprio Jove o throno abala;
 Tóque a vedada, sempiterna Estancia
 Por onde em turbilhões mysterios fervem:
 Gloria, aos mortaes defesa, a Lysia cabe.

(O Genio rae conduzir Lysia).

SCENA II

Lysia e os mesmos

LYSIA

Fado, prole immortal da eternidade !
 Numen, de cujas mãos está pendente
 Cadêa em que os fuzís são bens, e males,
 A desgraça, a ventura, a morte, a vida;
 Dos Tempos movedor infatigavel,
 Que de ledas, pasmosas, tristes scenas,
 De espectaculos mil sempre matizas
 A curva superficie ao terreo globo !
 Se desde que assomei luzi no mundo,
 Se a tua protecção, commigo estavel,
 Das mais claras nações me fez modelo;
 Se, escudada por tí, dei ser, dei pasto
 A' bella emulação, e á fêa inveja;
 Se de illustres acções dourei a historia;
 Se a firme tradição c'roei de assombros;
 Se meu brado esparzi de clima em clima
 Nas férreas tubas da volatil Fama,
 Atando em aureo nó Virtude, e Gloria;
 Se em fim, qual sempre foste, és inda, oh nume,
 Para os desejos meus benigno, facil,
 Summa razão, que os move, os felicite.

FADO

O passado, o presente, o que inda ignoto
E' aos cegos mortaes, perante o Fado
Tão claros, n'um só ponto, resplandecem
Como rutila o sol no aereo cume.
Deves, Lysia, porém, gosar o indulto
De livremente expôr teus sãos desejos.
Ao que Lysia appetece o Fado annúe.

LYSIA

A promessa immutavel, que te escuto,
Affectos mil no coração me agita,
De altas idéas me povôa a mente.

Destinada por ti ao grande objecto
De honrar o mundo, e propagar portentos,
Mãe fecunda de heróes, teus fins cumprindo,
Sementes espalhei, de que brotaram
Candidas flôres, generosos fructos.

Desvelada, incansavel, conduzindo
Por entre abrolhos, precipicios, transes
A minha prole audaz, a lusa gente,
Com ella commetti, pizei com ella
O quasi inaccessible monte ameno,
Onde reside a perennal Memoria.
Com arrojado pé fomos subindo
Os marmóreos degraus do ethereo templo,
E, os estreitos vestibulos entrando,
Vida sem fim, moral eternidade
Corremos a colher nas aras de ouro.

Á turba dos heróes que ali brilhavam,
Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,
Extranheza não fez a nossa entrada:
Curvas as crespas, laureadas frontes,
Com sorriso amigavel nos saúdaram.

Do bafo empestador, que sáo dos vicios,
Jámais os fructos meus crestados foram:
Salvos da corrupção, a edade os traga;
Puros, formosos, como vivem morrem.

Mas dos ramos d'esta arvore, que alcança
 Os hemispherios dous co'a vasta sombra,
 Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
 Do amor da terra, da attenção do Fado
 Como o que eu distingui de mil, que nutro,
 E' de Bragança o ramo, o ramo annoso.
 De raras producções sempre adornado,
 Este, cuja grandeza anhélo, adoro.
 Em uma, em outra idade o viste, oh nume,
 Ao bravo repellão de horríveis Euros,
 De procellas fataes illéso, immovel;
 Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,
 Unir ao mando augusto exemplo,
 Assombrosos heróes crear co'a vista.

Por esta de mortaes quasi divinos
 Abalisada estirpe, a ti recorro
 N'este dia entre os meus de um sol mais puro,
 Maria, o tenro, o candido renovo
 Da planta que idolatro, eximio fructo,
 Dôces primicias, e penhor sagrado
 De caro, insigne par, João, Carlota,
 Dos lusos corações idolo, e gloria:
 Maria hoje raiou no alegre inundo.
 Hoje na rubra nuvem scintillante,
 De rosas, e jasmins bordando os ares,
 Aurora appareceu co'um riso novo;
 Hoje o suave, cristalino orvalho
 Mais alvo, e mais subtil caíu nas flôres;
 O ledro rouxinol, prazer dos bosques,
 Novos sons estudou para este dia;
 Tornou-se mais formosa a Natureza;
 Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados
 Mais lustroso matiz a primavera;
 E agora que renasce este almo instante
 As nuvens despe o céu, e o pégo as ondas:
 Qual outr'hora exultára o mundo exulta.

A seus, e a meus transportes sê propicio,
 Satisfaze os mortaes; ordena, oh Fado,
 Que Phebo vezes mil no plaustro de ouro
 Com dia tão feliz prospere a terra;
 Ordena que mil vezes se renovem

Annos brilhantes na vergontea bella,
 Na régia producção de tronco excelso.
 Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh nume.
 O tropel de recônditos mysterios,
 Sumido em negros véos, eternas sombras;
 Aclara, desenvolve a meus desejos
 Altos futuros da gentil princeza.

GENIO

Ás preces que te envia eu uno as minhas.
 Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

FADO

Eis o mais amplo dom, que póde o Fado
 Para vós extrair de seu thesouros.
 Silencio, que eu desligo, eu desentranho
 Da noute do vindouro os bens supremos
 Que á princeza immortal propicio guardo.

Fulgentes como a luz que resplandece
 Na pura habitação da eternidade,
 Seus destinos vereis, vereis seus dias,
 Da generosa avó, do pae sublime,
 Da idolatrada mãe retrato egregio,
 Virtudes, perfeições em si juntando,
 Por mil raros espíritos dispersas,
 A mimosa, gentil, real Maria
 Dará novo esplendor, á digna patria.
 Como o formoso irmão no avito imperio
 Dará sagradas leis em clima extranho,
 Leis, amigas do céo, do mundo amigas.
 Ligada em aureo nó, com fausto agouro,
 A regio, claro heroe, credor de obtêl-a,
 Fará que a seu louvor não baste a fama,
 E cance de espalhar-lhe as maravilhas.
 Seus thesouros serão, será seu throno
 Asylo maternal dos malfadados,
 Almo refugio da virtude oppressa,
 Dar sã Justiça, da innocencia amavel:
 Tristes que a virem ficarão contentes.
 Merito, e galardão, delicto, e pena

Debaixo do seu jugo hão de enlaçar-se;
 Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
 Mais ha de conferir-lhe a Natureza.

Tantas vezes o sol trará seu dia,
 Seu dia, pelas Graças enfeitado,
 Que antes que cesse de guial-o ao mundo
 Com tanto resplendor, qual hoje o doura,
 Hão de esparzir-se nos cerúleos ares
 Rotas as rédeas dos Ethontes fulvos.

Vai, Lysia, volve aos teus; co'a face augusta
 Regosija os mortaes, de ti saudosos.
 O Fado o proferiu: mil bens te esperam.

LYSIA

Graças, numen clemente! Eu corro, eu corro
 A derramar na terra o grande annuncio.

GENIO

Lysia, Lysia feliz ! Commigo exulta:
 Tudo se cumprirá; não mente o Fado,

Aos annos da mesma Senhora

(29 de Abril de 18...)

Além do firmamento, além do espaço
 Que por lei summa franqueara o seio
 A mundos sem medida, a sões sem conto;
 Aquelle, cujo throno immenso, immovel
 Vence ao diamante a consistencia, o lume,
 Tem por base e docel a eternidade;
 O só Principio dos principios todos,
 Co'm sorriso avivando o ethereo dia,
 Lançara a seu thesouro a mão suprema:
 Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,
 A que o tacto divino alteia o preço,

Surgem do eterno cofre; e alado genio,
 Que as barreiras do céu transpõe n'um vôo,
 Por entre o resplendor, que em torno espraia,
 Traz o gran donativo á Natureza;
 E vem com elle reluzindo os Fados,
 Que ao celeste penhor cingira o nume.

«Ministro, universal da omnipotencia !
 (Clama o nuncio radioso) a ella é grato
 Que d'estes sacros dotes se atavie
 Prole de reis, de heróes, um digno ramo
 Da planta, que immortal florece em Lysia,
 De olympicos orvalhos animada;
 Uma alma singular, idonea ao sangue
 Do mortal, que vencendo o gráo de humano,
 Foi pela voz de um Deus chamado, eleito
 A' virtude, á grandeza, ao throno, á gloria;
 Que possante, magnanimo, assombroso,
 C'o arnez da razão, da fé munido,
 Lybicos monstros de terriveis garras
 Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio;
 A cinzas reduziu, a pó, e a nada
 Os templos da impostura, as aras do erro;
 Depois que a divindade o véo rasgando,
 Esse véo sacrosanto, impenetravel,
 Que a recata do mundo, ante seus olhos
 No lenho remidor se fez patente;
 E com elle travando alta alliança,
 As insignias lhe deu, lhe deu o imperio.»

Disse o fulgente espirito; e soltando
 Das azas de áurea côr fragrancia e nectar,
 Em pélagos de luz desaparece.
 Tremeu de acatamento a Natureza
 Em tanto que o decreto absorta ouvia;
 Eis que volvendo a si risonha, ufana,
 No brilhante composto exhaure a industria;
 Une ás graças moraes externas graças,
 Divinaes perfeições á essencia humana:
 E exulta, e se revê nos dons que enlaça.

Adoravel princeza, estes encantos
 São teus, são teus: no espirito, na face,
 Na voz, no coração te resplandecem;

Com elles teu natal se aformosêa;
 Por elles de mil jubilos c'roadó,
 Um perfumes envolto, envolto em flôres
 No gremio puro de benigna Aurora
 Aos votos dos mortaes os céos o enviam.

10

Aos prsperos annoa da Sereniasima Princeza do Brazil
 a Senhora D. Carlota

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, em 25 de Abril de 1801)

Tu, patente á razão, velado aos olhos,
 Monarcha do universo, alma de tudo;
 Immenso, que em ti mesmo apenas cabes,
 Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno
 Fados, eternidade, omnipotencia,
 De que o raio é pregão, e o mundo é prova:
 Ah! Manda que teus jubilos sem conto,
 Que elysias flôres, Zephyros do Olympo
 C'rôem, bafejem de Carlota o dia;
 Que o sol, que o teu reflexo a imagem tua,
 Com elle avive a purpura d'Aurora,
 Com elle regosije, adorne, alteie,
 Gradue em divindade a Natureza,
 E vá com elle, ovante, além das eras.

Próle de um semideus, esposa de outro,
 (De outro, inf'rior, oh Jove, a ti sómente)
 Carlota e de teus dons, de teus thesouros
 Nas graças, no attractivo, a flôr, o extremo.
 Qual no céo reluziu quando, inda exempta
 Da corpórea prisão, sua alma bella
 Serena de astro em astro vagueava,
 Qual no céo reluziu, reluz na terra
 Em seu candido rosto encantos brilham,
 Razão lustrosa lhe atavía a mente,
 Sorrisos a grandeza lhe temperam:
 Tem mais sublime a indole que a Sorte,
 Maior o coração que a dignidade.
 Aos ais do afflicto, do infeliz aos prantos

Desde o cimo da Gloria, e da Ventura
 Dá materno favor, materno ouvido,
 Emulando, a par d'elle, os mil portentos
 Do consorte immortal, do heróe piedoso,
 Por quem, de aureas delicias esmaltado,
 O céo de Lusitania as trevas déspe,
 E é qual foi quando assidua primavera
 Cobriu de virações, ornou de rosas
 Ao tenro globo a superficie amena,
 Quando em correntes susurrava o nectar,
 E, o mesmo no zenitli, ou no horisonte.,
 O sol benignos lumes espraiaiva;
 Benignos lumes, como espraia a lua.
 Se com pleno fulgôr prateia os mares.

Os idolos da patria, o par brilhante,
 Dos mortaes o esplendor, João, Carlota,
 Oh rei da Eternidade, oh rei dos Fados,
 No throno avito, heroico, á sombra tua,
 De seculos, e seculos triumphem:
 D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,
 Dure-lhe a vida o que durar seu nome.

O Tejo, despejando as urnas de ouro,
 Ás plantas lhes deponha o gran tributo,
 Té que a terrestre machina abysmando,
 Sorva tempos mortaes o tempo eterno.
 Tua respiração, dos céos perfume,
 Purifique o natal formoso, e caro,
 Em que ufana, em que altiva a Natureza
 Se enleva, se revê, se ri, se encanta.

Já de Saturno as épocas voáram,
 Férrea, medonha idade agrava os entes.
 Ah! D'entre os mortos seculos surgindo
 Envolto em rosas, o melhor dos dias,
 Dos dias que perdeu console o mundo.

Taes, e tantas de Lysia as preces foram
 Ante o solio de Jove, e d'elle ouvidas
 Colheram n'um sorriso omnipotente
 Da implorada mercê penhor e annuncio.

São mimosos do Fado, a Jove acceitos,
 Cobre a sombra d'um Deus João, Carlota:
 Modelo das nações ! Oh patria ! Exulta.

11

Aos faustissimos annos da Serenissima Senhora
D. Maria Benedicta, Princeza do Brazil, viuva

(Recitado no Theatro do Salitre, em 25 de Julho de 1798)

Sacro delirio, creadora insania,
Que não paga de um Deus, de um céu não paga,
Ousaste pregoar mais céos, mais deuses;
Opulenta indomavel phantasia
Dos homens quasi numes, que, invadindo
Os bronzeos penetraes da Eternidade,
Presumiste erigir no centro d'ella
O paço a Jove, o tribunal aos Fados,
Os astros povoar de vãs deidades,
E, esforçando o terror da Natureza,
Depois arremetter do Averno ás portas,
Sumir teus vãos pelo immenso abysmo,
Erguer Plutão sanhudo em férreo throno,
Fingil-o ao Medo, figural-o ao Crime
Regendo as Furias, legislando á Morte:
Oh Genios sem limite, oh vós, que outr' hora
Dáveis aromas, templo, altar, ministros
A' virtude immortal das almas bellas,
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas
Que o filtrado clarão das eras de ouro !
Manes, sagrados manes! Se, arrombando
Da existencia, e do nada o muro eterno,
Volveseis a vagar no globo infausto,
No globo já corrupto, e não lustroso
Do primevo esplendor ! Se ao alto olhando
Por entre a névoa de apinhados vicios,
(Semente nunca esteril no universo)
Visseis em summo gráo, remoto d'elles,
Luzir dos hymnos meus o grande objecto,
Luzir Maria, a singular Maria,
Prole de reis, de heróes, de semideuses,
Do imperio universal por si credora,
Maior que os Fados seus, maior que a Fama !
Irieis com transporte, e jus mais sancto
Sagrar-lhe aromas, templo, altar, ministros.

Seu dia, que deveu aos céos cuidado,
 E no sol, como os mais, não teve origem,
 Seu risonho natal, quasi tão puro
 Como o seu coração, deu hoje á terra
 Prazeres, cuja idéa encantadora
 Foi ao estro dircêo talvez negada.

Hoje Aurora surgiu não somnolenta:
 Hoje Aurora, anhelando anticipar-se,
 Na orvalhosa madeixa desparzira
 Almos perfumes, a que céde o nectar:
 Flôres, que dispuzera, e que zelava
 Nos elysios jardins cultor divino,
 Para toucarem a manhã mais bella,
 A mais bella manhã, que sobre o Tejo
 Em chuveiros as Graças derramando,
 A' superficie azul subtis cardumes
 Attraheu dos Favonios brincadores,
 Por mais dôce fragancia enfeitçados,
 Uns após outros desdenhando as rosas.

Sorriu-se, como nunca, o rei dos entes
 No ponto em que raiou tão fausto dia,
 D'entre os ethereos orbes deslizado;
 Sorriu-se, e reflectiu no céo, na terra,
 Na face festival da Natureza
 O adoravel sorriso omnipotente,
 Capaz de produzir mil sóes, mil mundos,
 Torcer os Fados, e alegrar o inferno.

Então, a eternas leis curvado o Tempo
 Na corrente fatal dos bens, dos males,
 Em que é vida este anel, e aquelle é morte,
 O Tempo então, depondo a fouce, as azas,
 Poliu aureo fuzil, tão reforçado,
 Que o desabrido assalto, o pezo, o encontro
 Dos seculos em chusma, o não rompessem:
 Deve tanto a Virtude ás divindades !

És, brilhante fuzil, és a existencia
 Da régia, da magnanima heroína,
 Que n'alma florecente o céo resume;
 Augusto coração, cuja grandeza
 Quando aos miseros desce aos astros sóbe,
 E colhe em galardão a eternidade.

Encanto universal, matrona excelsa,
 Como que ao templo ingente, onde a Memoria
 Construe estatuas, que não róe a idade,
 Erguido, arrebatado o pensamento,
 Por entre as altas copias venerandas
 D'aquellas, que transpõem o horror do Lethes,
 Lá vê sobressair a imagem tua,
 E lê na, que a sustém, perpétua base:
 «A gloria de Maria é mais que a vossa:
 Ao bronze sup'rior curvae-vos, bronzes !»

12

Congratulação ao Príncipe, e á Patria
 na Paz Universal

(Anno de 1801)

... *Ferrea primum*
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo.

Virgil..ECLOG.IV.

Pezavam sobre a terra os ferreos Tempos:
 Do facho das Euménides saltava
 Em scentelha, e scentelha um novo crime,
 Extranho aos homens, e usual no Averno.
 Ardía o coração da triste Europa
 Em chammas, que a Discordia reforçava
 C'o ardor, que zune, estala, ondêa, eterno
 Nas frágoas immortaes do horrível Pluto.
 Pelo amplo continente, e além dos mares
 Entravam, bravejando, as leis, e as Furias:
 Ceres espavorida os ermos campos
 Ao numen da matança abandonava;
 De iniquas mãos espolio, o docil bruto,
 Socio fiel do válido colono,
 A robusta cerviz curvava ao ferro,
 A robusta cerviz, que dera ao jugo.
 Era sonho a razão, systema o crime,
 Era fado a crueza, instincto a guerra
 No attonito, infeliz, sanguineo globo.

O cáhos resurgia, inerte, opáco,
Do abysmo, onde o sumiste, oh Ente immenso !

Em hórridos baixeis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavam mortes:
O duro inglez, o déspota dos mares,
Torrente universal de cem victorias
Sustinha, represava ao gallo ovante.
Albion, portentosa, invulneravel,
De espumas, e trophéos cingida, ufana,
Ço'as barreiras equóreas blasonando,
Às miseras nações atropelladas
Mostrava o brio illeso, immune o seio,
Da patria o sancto amor perenne, intacto.

Delirante ambição de falsa gloria
Na Gallia turbulenta, e já não culta,
O peito revolvía aos igneos Martes.
Nas azas da invasão transpunham serras;
Aos rapidos guerreiros se ant'olhavam
Valles os Pyrenéos, planicie os Alpes
(Colossos, que dos céos o pezo aturam !)
Iberia vacillou, tremeu Germania,
As Aguias, os Leões se acobardaram:
Iberia, que fez face aos reis do mundo,
Do mundo á capital, e a gran Germania,
Que outr'hora as legiões sorveu de Roma,
Forçando o seu tyranno a dó pezado.

Tu, flôr das regiões, formosa Italia !
Dos Fabricios, dos Régulos, dos Fabios,
Dos Brutos, dos Catões tu mãe, tu nume !
Oh fóco da grandeza, e do heroismo !
Rival da Grecia, vencedora, herdeira !
Viste milagres seus desarraigados
De teu seio gentil, só digno d'elles !
Insana usurpação, brutal rapina
Extorquiu, profanou, desfez portentos,
Sacros á furia de hyperbóreos monstros,
Da tragadora idade á furia sacros.
As mestas Artes, co'a melhor na frente,
(Aquella que os heróes ergue da morte,
E em metro venerando os perpetúa)
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.

Teus póvos, infeliz, teus cultos póvos,
Dados ao ferro, á chamma, o céo rasgavam
Em lamentos, em ais; saudades tinham
Do sceptro, que os Caligulas mancharam,
Do tempo em que os tyrannos foram deuses !

Ai ! Que faria a miseranda Ausonia,
Sem ter Camillos, que oppozesse aos Brennos !
Afeito a dardejar tartáreas flammas,
O Vesuvio pasmou do estranho incendio,
E de enorme vulcão por entre as fauces
Alçando o torvo Dite a fronte adusta,
Quanto vira no inferno olhou no mundo.
O mundo agonisava. . . oh céos ! Nem Lysia,
A que á sombra de Jove altêa o cólo,
Nem Lysia se eximiu do mal nefando,
Lysia, de um semideus herança, e patria!
Nos seus, imagem vossa, elysios campos,
Já bramia o furor, manava o sangue;
Já ... mas subito, á voz do Omnipotente,
Que os Aquilões nos Zephyros converte,
Recolhe as azas a procella immensa,
Librada sobre o lugubre universo.

Ante o solio de innumerados luzeiros,
Que alumia os salões da Eternidade,
Teu nome, alto João, e as preces tuas
Contra o commum flagello empenhos foram.

«Eia, ministros meus: em risco é Lysia !
(D'entre milhões de soes o Eterno exclama)
Se a quiz exp'rimentar, salvai-a quero.
A promessa de um Deus não retrocede,
E d'ella inda lembrado Ourique exulta.
O que Affonso escutou João merece,
As virtudes do avô melhora o neto:
Vós sabeis ante mim quanto differe
O pacifico heróe do heróe guerreiro.
Momento, em que hei fadado a paz do globo,
Annexo ao p'rigo está, que Lysia corre.
Ide, Espiritos meus, Concordia, vôa:
Azedos corações adoce o nectar,
Que entorna em meus jardins manhã sem noute.
Concorrentes nações — Britannia, Galla —

Deponham timbres vãos tenaz orgulho;
 Em laço fraternal suffoquem odios,
 De que deixei pender do mundo a sorte.
 Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram.
 Em penetraes de bronze a mim só francos,
 Do universal contagio o fim permite'm.
 Etherea viração comvosco adeje,
 Que varra aos ares do orbe a estygia peste.
 Co'um aceno abysmae no Averno as Furias:
 Por ora sobre a terra apenas fiquem
 Os erros dos mortaes. innatos erros,
 Té que os lave o Remorso á Natureza.
 O commercio prospere, as artes brilhem,
 Floreça a paz, a industria, a gloria, tudo.
 Os homens o pareçam.» — Disse, e fez-se.

Emfim, Principe augusto, emfim, poderam
 Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!
 O que ao mundo negou por ti lhe outorga:
 Lysia vale o universo ante seus olhos.
 Imagem do teu Deus, pae de teu povo,
 Inunda o coração dos bens, que esparges:
 Exulta, vive, reina, e brando acolhe
 Offrenda, que a teus pés depõe submisso
 Quem, dado ás Musas, e anhelando a fama,
 Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

13

Consagrado ao nascimento
 da Serenissima Senhora Infanta D. Izabel Maria

(Recitado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1801)

Interlocutores : ACTOR E ACTRIZ

ACTOR

Musas, Musas do Tejo, alçae ao pólo
 Versos dignos de reis, da patria dignos.
 Desenruga-se o Fado, os tempos volvem
 Quaes a vate Cuméa os viu na mente

O mundo se renova, o cáhos triste,
 Com que oppressa gemia a Natureza,
 Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
 No manto côr de neve Astréa envolta
 As eras de Saturno á terra guia;
 Desliza-se dos céos estirpe nova;
 Sorriso virginal, penhor divino,
 Apura, formoseia os ares nossos;
 Em Zephyros mimosos se convertem
 Os duros Aquilões; luzeiro errante
 Surge, rutila da sinistra parte,
 E com faustos satélites discorre
 D'este a aquelle horisonte os céos de Lysia,
 Ingente, majestoso, e qual outr'ora
 Dourou a alma de Julio o céu de Roma,
 Phantasmas desvanece, agouros varre.

Salve, casta, benefica Lucina,
 Fautora do gentil, do amavel fructo
 Que brota de sagrada, eterna planta !
 Salve, prole de heróes, prole adoravel !
 Tu vens embrandecer com teus encantos
 A ferrea idade, o seculo das Furias;
 Amor, paz, innocencia ao mundo off'reces
 Dos olhos infantís no dôce lume,
 Luzindo, vicejando em mil virtudes,
 Irá no coração, maior que os annos;
 De glorias cingirás tua existencia;
 Por ti conciliado o céu co'a terra
 Veremos, e por ti verificar-se
 Quanto as mentes phebéas têm sonhado.
 Nos tempos de João, nos tempos nossos
 Ha de o passo de Jove a patria honrar-nos:
 Hão de os netos de Luso, ao deus tão gratos,
 Qual se vive no céu, viver no mundo:
 Mixtos os numes, e os heróes veremos;
 E, se rastos houver do crime antigo,
 Apagados serão por teus influxos.

De flôres se matiza em honra tua
 A leda Natureza: o térreo seio
 Levanta o myrtho ameno, a paphia rosa,
 O loureiro bonrador, e o molle acantho:

Nas varzeas para ti se está sorrindo,
 De aurea espiga toucado, o mez de Céres:
 Vae teus louvores murmurando o Tejo,
 E ao potente Oceano, ao rei dos mares
 Leva teu nome, o teu natal, teus fados
 Na voz, que adoça ao proferir o annuncio.

Atêam-se entre as alvas, brandas nymphas
 Dôces debates: entre si contendem
 Qual primeiro abrirá nas vítreas lapas
 Teu nome idolatrado; e qual primeiro
 Teu aureo berço, teu virgineo corpo
 Na tela imitará com sabia agulha.
 Tumultuando os céos trovão de bronze,
 Não murcha corações, não tolhe os hymnos
 Que o transporte, que o jubilo desata.
 O numen da braveza, o deus do sangue,
 Ouvindo que teu ser já luz no mundo,
 Do carro assolador saltando alegre,
 O elmo, a lança, o pavez arremessando,
 Ficarã tão sereno, e tão macio,
 Como quando entregava, acceso em gostos,
 De Venus ao regaço a crespá fronte,
 E co'as armas folgando os amorinhos,
 Do character deposto escarneciam.
 Character surdo aos ais, aos prantos surdo,
 Que uns olhos, que um sorriso amolleceram.

Melindrosa, gentil, real menina,
 Cópia das Graças, dos Amores cópia.
 Filha digna dos paes, delicia d'elles,
 Cresce, brilha, prospéra, exulta, vive:
 Quaes são teus olhos os teus dias sejam,
 Claros, formosos, innocentes, puros !
 Querida prole, a conhecer começa
 A carinhosa mãe, que magoaste
 Com agro pezadume em longos dias;
 Melhora os risos teus nos risos d'ella;
 E's semidéa, ficarás deidade.

ACTRIZ

Para o penhor mimoso
D'entre os syderios lumes,
Olhae, benignos entes,
Olhae, propicios numes.

A providencia vossa,
Vossa favor merece
Quem tanto, oh divindades,
Comvosco se parece.

Genio de luz composto
Córte os ceruleos ares,
E dos monarchas lusos
Orne os pomposos lares.

Ao marchetado berço
Risonho se approxime,
E ali requinte as graças
De espirito sublime.

Seus luminosos fados
Zelando em cofre de ouro,
Lustre, enriqueça o mundo
Co singular thesouro;

Afague a dôce prole
Dos que são mais que humanos:
D'ella um só dia ocupe
O que não cabe em annos ;

E quando em tardas eras
Voar d'entre os mortaes,
O céu na posse d'ella
Gose de um astro mais.

14

O Actor agradecido á Beneficencia Publica

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1798)

Interlocutores : THALIA, E O ACTOR

ACTOR

Filha de Jove, tutelar deidade
Dos vates immortaes, dos genios grandes.
Que sobre a scena golpeando o vicio,
Sementes da virtude arreigam n'alma,
E as fezes das paixões lhe extráem com arte;
Oh Musa festival ! Não menos grata,
Não menos util á moral, e á vida,
Meneando o pincel, com que semeias
A critica verdade, o sal, e o riso,
Não menos util, sim, não menos grata
Que a majestosa irmã, desentranhando
Da funda escuridão dos tempos mortos
Exemplos, que do mal nos acautelem,
Ou modelos, que ao bem nos encaminhem:
Os terriveis affectos da grandeza,
Os crimes da ambição, de amor os crimes,
As artes da politiea impostora,
O baque dos imperios derrubados;
Os Regulos, Catões, Horacios, Coaros,
Rivaes dos numes, victimas da patria:
A innocencia aeolá gemendo em ferros,
Ali torcendo as leis protervo abuso;
Ora o justo por terra, ora exaltado,
Ora ovante a maldade, ora abatida;
Já com brutas paixões a humana especie
Submersa no labéo, no horror, na infamia,
Já virtude alteando a Natureza,
Em amplos corações ardendo a gloria,
E, fertil de portentos, conseguindo
Que, envolta no heroismo, agrade a morte.

Assombros de Melpómene sagrada,
 Voltaires, Crebillons, ministros d'ella,
 Que a attenção subjugaes, o gosto, a mente,
 Vós culto mereceis, vós sois eternos,
 C'os outros, que immortaes vos precedêram
 D'alta memoria na fragosa estrada !

Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate,
 Tu, que dos corações sondando o abysmo,
 Com vista imperturbavel em si mesmos
 Estudaste os mortaes: pintor insigne,
 Que o prazer, e o proveito entrelaçando
 No engenhoso matiz das ledas côes,
 Quaes são, quaes foram debuxaste os homens
 Das meãs condições fizeste o quadro,
 E ao quadro breve reduziste o mundo !
 Tu, que, não pago de instruir co'a penna;
 Co'as vozes sazonastes os fructos d'ella,
 Tu és credor tambem da eternidade,
 Alumno de Thalia ! — E por teu nome
 Hoje espero impetrar da casta deusa
 Favor, benevolencia, abrigo, influxo:
 Hoje que, deferindo ás preces minhas,
 Do sacro monte as veigas desampara,
 Sáo d'entre o vario circulo brilhante
 Das divinas irmãs, do irmão divino,
 De Phebo, que revolve, entende os Fados,
 E no peito mortal se embebe ás vezes.

Oh Musa, que me attendes, que trocaste
 Pelas margens do Tejo as do Permesso,
 E no clima gentil, que aromatisas,
 Vês luzir florecente amenidade,
 Vês tão risonho o céu, tão verde a terra,
 Sentes de mil Favonios os suspiros,
 A ciciosa turba, que vagueia,
 Polindo os ares, namorando as flôres,
 Quaes lá no cume excelso, estancia tua:
 Digna-te de influir-me activas forças,
 Capazes de hombraear com meus desejos.
 De ti pende o regrar-me a voz, e o gesto
 Para que nem transponha a Natureza
 Nas azas de fervor desattentado,

Nem cobarde rasteje áquem da méta,
 Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,
 Mostrem meus labios a influencia tua,
 Agora que esplendido congresso
 Magnanimo favor me especialisa,
 Geral beneficencia a mim dimana.

Honre os suores meus, oh divindade,
 A gloria de attraír mais digno premio,
 A gloria de aprazer aos illustrados
 Nest'arte de sentir paixões alhêas,
 Quasi transmigração a essencia nova.

Ás supplicas mortaes propicia annues !
 Feliz meu coração ! Feliz meu rogo !

THALIA

Honrosa gratidão te inflamma o peito,
 Da patria o dôce amor te ferve n'alma,
 Sagrados, candidissimos objectos,
 Que da terra, e dos céos merecem tanto !
 Prometto de inspirar-te em honra sua;
 Não temas fraquear, terás comtigo
 Nos lances, nas acções de mais momento
 Não visiveis os manes instructores
 D'aquelles que no Tamisis, no Sena
 Ao claro nome seus padrões alçaram,
 Ou revocando as generosas cinzas
 De finados heroes, ou exprimindo
 Em character menor paixões mais brandas;
 Cingidos de tal arte á natureza,
 Que a mente, pelos seculos errante,
 Oh Grecia ! Oh Grecia ! Teus milagres via,
 E o mais em que se apraz a humanidade.
 Exerce, actor ditoso, exerce as forças,
 Que á patria, de que és filho, estás devendo;
 Confia na assembléa espectadora,
 Na sublime nação, que afaga as artes,
 Que, á virtude, ao saber, e ás Musas dada,
 Tambem com mestra mão colheu meus louros.

Lá onde entras não ousam tempo, e morte
 Os Ferreiras, os Sás perennes brilham;
 Elles no meu thesouro estão velando,

E o genio creador, que os fez eternos,
 Mil vezes das estrellas deslizado,
 Em lustrosos effuvios se reparte
 Por vós, oh lusos vates, que inda á Fama
 Dareis com que afadigue as linguas cento,
 E a plaga occidental por vós espante
 As outras, do renome alheio escassas.

ACTOR

Oh mais que fausto agouro! Oh patria! Oh numes!
 Oh deusa protectora! A teus influxos
 Sagrarei por altisonos cantores
 De ethereo resplendor c'roados hymnos.

15

Ao publico, em nome de Leocadia Maria da Serra
 no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro do Salitre, no anno de 1799)

Interlocutores : ACTOR E ACTRIZ

ACTOR

Por uma estrada só não se encaminha
 O genio lidador, votado á Fama:
 As diversas paixões tem fins diversos,
 São diversos os grãos, onde a virtude,
 Onde a gloria aos mortaes colloca os nomes.

Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte
 Raios de ferro, ou bronze arrosta aquelle:
 Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,
 Em quanto, do espectaculo aterrada,
 Parece que recúa a Natureza.
 Este em douta vigilia, e reclinado
 Da planta de Minerva, á sombra amiga,
 Estuda os corações, estuda os tempos,
 Sonda costumes, caracteres sonda,
 E, corrigindo os mais, a si corrige.

Est'outro, desdenhando a baixa terra,
 Nos extasis phebêos discorre os astros;
 Travam seus olhos do futuro esquivo,
 Da immensa eternidade arranca os Fados:
 Mortal na condição, na voz é nume.
 Renascem Raphaelis, Phidias renascem;
 O magico pincel prodigios véрте,
 E em milagrosas mãos a pedra vive.

Tu tambem, raro dom, tu, dom lustroso
 De exprimir as paixões, de erguer á vida
 Claros heróes, que no sepulchro dormem;
 Tu, ante quem o avaro ímpetos sente
 De ir desaferrolhar thesouro inutil,
 Malfeitor coração detesta o crime,
 O que em sangue esparziu compensa em pranto,
 E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,
 O mau se torna bom, e o bom perfeito:
 Portentosa illusão, que senhorêas,
 Que encantas corações co'a voz, e o gesto,
 Tu na posteridade aos que te exercem,
 Se és d'elles dignamente exercitada,
 Classe (e classe não infima) grangêas.

Quanto ao sexo mimoso apura as graças
 Est'arte, a mais irmã da natureza !
 Congresso espectador ! Vós o sentistes
 Quanto aquella, que é hoje objecto amavel
 Do publico favor, pintou nos olhos,
 Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos
 O terror, e a piedade, alma da scena,
 O affecto conjugal, e a dôr materna,
 Envolta em longos véos da côr da morte !
 Benignos corações, hallucinados
 De eloquente, pathética apparencia,
 Julgastes vêr surgir da morta idade
 A esposa de Raul, e em mil suspiros
 Mandar o pensamento á sombra amada.
 Soaram vivas, lagrimas correram,
 Do transporte geral não dubia prova;
 E a terna gratidão, sagrado affecto,
 Vem tributar-vos sentimentos puros
 Na dôce voz da revivente Elisa.

Chega, e vê que espectáculo pomposo,
De illustres cidadãos vê que assembléa
Concorre a proteger-te; ouve que applauso
Generoso te exalta, e vae fundando
Em robusto alicerce a gloria tua.
Os dous formosos dons — temor, e pejo, —
Realces de teu sexo, não supprimam
Da bella gratidão sensiveis mostras.
Solta a candida voz da singeleza,
Que em silencio te escuta um povo egregio,
Um povo, o mais feliz, e o mais amavel
De quantos sobre a machina terrena
Prodioios immortaes tem dado á Fama;
Um povo submettido a leis macias,
Que a mão de um semideus dos céos traslada,
O povo de João, do heróe, do amigo,
Do pae commum, do bemfeitor da patria,
D'aquelle em que a virtude é só grandeza;
D'aquelle, que de si por nós se esquece;
D'aquelle em cujos dias luminosos
D'entre os fuzis dos seculos dormentes
Rebentam de Saturno os aureos dias.
Enche um sacro dever, e a voz desprende.

ACTRIZ

Excelsa patria minha, espectadores,
Que tanto, e tanto honraes co'a voz, e os olhos
Meus timidos ensaios sobre a scena;
Propicio tribunal, em que é julgada
Débil mulher, que pávida caminha
Por espinhosa, incognita vereda,
Onde o genio talvez, onde o costume
Tambem se desacordam, se extraviam;
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:
Recentes para mim o exemplo, o ensino,
Fertilizar minha alma inda não podem,
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto
Com que um animo em outro se converte.
Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, afagado por vós, me aponta ao longe
Digna da patria n'um futuro honroso.

Da gloria no horisonte os olhos fito,
 E á publica, efficaz beneficencia
 Meus dias consagrando, anhélo o tempo
 Em que os esforços meus, os meus desvelos
 C'rôe mais a razão do que indulgencia,
 E eu clame, decantando alta victoria:
 «Porque é gloria da patria, estimo a gloria.»

16

Despedida de António José de Paula aos Portuenses

(Recitado no seu Theatro ao anno de 1802)

Alta virtude, sentimento augusto,
 Que, absorto no esplendor, na dignidade,
 Na grandeza, no ser, distancia, fôrma
 Das estrellas, do sol, do mar, da terra,
 De quanto constitue a Natureza,
 Ergues de céos em céos ao rei dos entes
 Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,
 Quando além do universo, além do espaço
 Se embebe a voz mortal no seio eterno !
 Divina Gratidão, que até rompeste
 Por entre immenso horror, de Lybia os ermos,
 Que déste nos leões exemplo aos homens,
 Que do novo espectaculo assombraste
 O vasto circo da orgulhosa Roma,
 Tornando carniceira, horrivel féra
 Ante o seu bemfeitor macia, e branda !
 Divina Gratidão, tu és, tu foste,
 O orgão de meu dever serás co'a patria.
 Meus labios com teus sons aromatisa,
 Dá-me a tua energia, impulso, alteza,
 Converte-me em ti mesma, ou sê meu nume.

Egregios, venturosos habitantes
 Do opulento, afamado, antigo emporio,
 D'a, que aos patrios annaes, ampla cidade
 Nos fastos deu materia, e nome a Lysia,

Filhos de excelsa mãe, da torreada,
Majestosa rival d'alta Ulysséa,
Sensíveis attendei-me, ouvi benignos,
Verdade, e gratidão, que sôam d'alma.

Nos campos desiguaes onde Thalia,
E' a carrancuda irmã, com riso, e pranto
Melhoram corações, o vicio punem,
Ousei com rosto imberbe, e planta incerta
Dos Barons, dos Le Kains seguir a estrada,
De fragoso terreno, e fim remoto.
No estudo, no suor, no ardor, no gosto
Meus dias envolvi, sonhei doural-os
De um brilhante futuro: honrar, e honrar-me.
Tentou ave rasteira os vôos de aguia,
Já no clima natal, já n'outros climas;
Cem vezes adejei, tremi cem vezes
Ante os cumes da Gloria, a mim vedados:
Queria o coração, não pôde o genio.

Co'a mente recuando ao gran principio
Do merito, que luz na scena heroica,
Do merito, que luz na média scena,
Vi que, emulos, eguaes, o actor, e o vate
Deviam florecer nas artes suas;
Que ao genio imitador, na voz, no gesto,
Nos ais, no pranto, no terror cumpria
Reforçar a illusão, que em igneo metro
De assombrosas paixões presente o quadro,
Ou mostra em tom meão communs affectos.

Eis aos olhos mentaes me off'rece Athenas
A terrivel tragedia, alçando o braço,
No semblante o furor, n'alma o remorso,
Entre luctos, punhaes, traições, venenos.
Além vejo Menandro, ali Terencio,
Plauto ali, motejando humanos vicios,
Correndo a grandes fins por tenues meios;
Olho os mestres da Scena, os orgãos d'ella,
Que fazem da illusão brotar proveitos,
Quaes nunca, ou mui d'espaco os dá verdade.

Venerando espectaculo da idéa,
Graves objectos, que aterraes audacias,
Serenos, todavia, ousos arrostar-vos.

A patria me protege, influe, excita,
A meu tremente adejo alenta os vãos,
Acolhe-me o fervor, me avulta o nada.

Illustres cidadãos, congresso amavel,
A' sombra de Ulysséa, á sombra vossa,
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.
Character grande, espirito sublime
Honra as margens ao Tejo, ao Douro as margens:
Aqui confere o genio, e lá confere
Beneficencia, amor, esteio ás artes.

Nadando o coração n'um mar de affectos,
Ao mais sentimental que sáe d'entre elles,
A' magoada saudade as vozes pede,
Que de violenta ausencia o custo exprimam...
Mas porque exerço a voz, se da amargura
A suprema eloquencia está nos olhos ?
Vai zelada em meu peito a vossa idéa,
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:
Da minha gratidão perenne, intensa
Serão mais um triumpho a Morte, e o Lethes.

E tu, que, attento ás leis, á patria, á gloria,
De Astréa imparcial cultor, e alumno,
O publico repouso estás velando;
Tu, alto pelos teus, por ti mais alto,
Que afagas, que mantens, que fertilizas
Magnanimo, illustrado, as artes bellas:
Prospéra, em honra tua, em honra d'ellas.
Dure, brilhe teu nome em quanto o Douro
Levar nas fartas ondas turbulentas
Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

17

Ao publico, em nome de um actor
no dia do seu beneficio

(Reitado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1803)

Requintado artificio além da méta
Tentava da illusão levar o imperio.
Graças mimosas, feminis encantos,
Espinhosos desdens, macio afago,
Prisão tão dôce aos corações, o riso,
E o pranto, aos corações prisão mais dôce;
Affectos, que dulcisonos se exhalam
Na voz, órgão de amor, feminea, branda,
Ha pouco, em som viril falsificados,
Um agro não sei que deixavam n'alma :
De ternas sensações (já dôr, já gosto)
Vazio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pediam
Mixto aprazível de verdade, e engano.

A sabia Natureza, a mãe das artes
Eis volve á scena lusa, e já com ella
Florece a formosura, attráe, sacia
Olhos sedentos, soffregos ouvidos.
Zenobia, Elysa, Cleofíde acordam
De eterna escuridão, de ferreo somno.
Dos seculos o pezo ellas sacodem,
E em niveas faces, em purpureos labios,
No talhe majestoso, em alma, em tudo,
Vem reinar sobre a scena, e são quaes foram;
O attento espectador palmêa, exulta,
E a fonte das paixões borbulha, e corre
Por flóreo, natural, gentil caminho.

Eu, oh d'alta Ulysséa illustre povo,
Eu de tenues paixões frouxo arremedo,
Em habito fallaz exercitando,
Os quadros distingí moraes, e amenos,
Onde alegre illusão com risos mente.

Meu passo, minha voz, vontade, affectos
 A' natureza em fim se restituem:
 Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico
 O que arte escassa, o que mesquinhas luzes
 A' mente escura, indocil me doáram.

Espectadores meus, que honraes meu dia,
 Risonha complacencia os erros doure
 Do inerte, humilde actor, que a patria implora.
 Sêde o que fostes, e talvez, surgindo
 D'entre os nomes communs, será meu nome,
 Oh claros cidadãos, prodigio vosso.

18

Ao publico, em nome de um actor
 no dia do seu beneficio

(Recitado no Theatro de...)

Musa de altas paixões não vem na scena
 Aos olhos franquear sanguineo quadro;
 Hoje as furias d'Amor punhaes não vibram,
 Nem véрте surda morte em peito incauto
 Co'a dextra da traição lethaes venenos:
 Não tendes que temer, almas sensiveis,
 Agra impressão de lugubres affectos:
 Não, não vereis o parricidio negro,
 Com serpes na melena, e serpes n'alma,
 Todo o inferno embeber no insano Orestes;
 Não, não vereis phrenetico ciume
 No silencio, nas trevas ululando,
 Nivea belleza em flôr murchar sem mágoa,
 Encantos divinaes sumir ao mundo,
 Gesto mimoso, de innocencia ornado,
 Olhos, e labios, que chorando, e rindo
 Dôce tumulto nos sentidos movem;
 Trança de anneis subtis, brincando em ondas,
 Cólo de amores, halito de rosas
 Zaira não soltará nas mãos do amante
 Entre os ais de ternura os ais da morte:

Não ha de enternecer-se, arripiar-se
A mente, e o coração na dôr de Elaire,
Na sanha de Orosman, de Atrêo na taça.

Surge á scena espectaculo attractivo,
Em que Amor com Virtude, em nó suave,
Os costumes abrande, ameigue a vida.
Notarás outra vez, congresso illustre,
Congresso bemfeitor, por quem mil vezes
Agros destinos meus se tornam dôces,
Outra vez notarás o puro exemplo
Dos muitos, que exercitas, dons sublimes;
Verás, desaggravando a Natureza,
Facticia condição não dar virtudes,
O character moral não vir da sorte,
E o genio dos heróes luzir nos servos:
Em quanto pavonêa inflado orgulho,
Cevando de illusões a idéa esteril,
Todo ufano de si, talvez de nada,
E os olhos de travez lançando apenas
Aos que em somenos gráo quiz pôr Ventura;
Porque nescio confunde os gráos, e as almas.

Generosa nação, que não confundes
O que deu Natureza, e deram Fados:
Oh patria, que hoje em mim teus dons semêas,
Acolhe, escuta com silencio honroso
Os exforços de actor submisso, e grato,
A quem renovam descaído alento
Louvor, e amparo, de prodigios fonte.
O prestimo é dever sagrar-se á patria,
O que valho, o que sou jurei sagrar-lhe:
(Se pouco valho, e sou, dar mais não posso).
Do publico favor medrando á sombra,
O pio sentimento em mim se arreiga:
No merito não lógro o jus da gloria,
Porém meu coração de vós é digno:
Immutavel comvosco, eterna, immensa,
A minha gratidão será meu fado.

19

Ao publico, em nome de uma actriz que representava
o papel d'Ericia na tragedia «A Vestal»

Das victimas d'Amor carpiste os fados,
Sensível assembléa, egregio povo
A Musa do terror, do pranto a Musa,
Mesclando affectos dous, que a scena regem,
A fonte ás sensações abriu nas almas.
Por artes de illusão revivem tempos,
Dos abysmos da morte heróes assomam,
E inda a ser existencia aspira o nada.
Aos vates, a mortaes, mas quasi numes,
Dos numes o maior de si deu parte;
Deu-lhes, que sobrepondo o genio aos fados,
Nos seculos por ser, e nos que foram,
Fizessem resurgir, nascer fizessem
Entes de alto character, de alto nome,
Ou indoles fataes á Natureza,
Ou ternas condições, escravas d'ella:
Taes vistas, foram taes — Ericia — Afranio; —
O féro Amor, ou déspota do mundo,
Que os homens agrilhôa, impõe aos deuses,
O cruel, que entre viboras, e flôres
Nectar, nectar promette, e dá veneno
Aos tristes corações, que mais o adoram:
Elle, o commum tyranno, aos dous amantes
Lamentados por vós, em vez de glorias,
Deu ancias, deu cyprestes em vez de myrtho:
Tenra belleza em flôr, virginea rosa,
D'elle por impia lei cahiu sem vida,
E o misero amador, que a vê luctando
Co'as angustias mortaes, no peito embebe
O ferro, com que Amor fadou seu termo;
Ferro, que inda goteja o sangue amado,
E em purpura trocou do seio a neve.
Assás haveis honrado, assás carpido
Os sem ventura, e candidos amores,
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,
A heroica intrepidez, verdugo d'ambos.

Descei vossa attenção, descei risonhos
 para objecto menor; sou eu, não ella,
 Não Eriçia, que falla: o chôro, as mágoas
 Convertem-se em prazer na face, e n'alma:
 Nem tormentos de Amor, nem fraudes suas
 Meus labios, olhos meus agora exprimem;
 Mas gloria, gratidão, que fervem, sôam
 Da protegida actriz na voz, no peito:
 Ao merito vulgar, que rója, e treme,
 Azas daes, com que imite adejos de aguia,
 E além da propria esphera afoute os vôos:
 Eu nada sou por mim, por vós sou tudo:
 Mais que humano poder, poder sagrado
 Por vós meu ser, meu gráo, meu fado altêa.
 Lysia, mimo do céo, da terra esmalte,
 No seio amigo me acolheu piedosa:
 Serenos dias meus são dons de Lysia,
 E até que os deixe o sol, que os turve a morte,
 Até que os desampare a luz da vida, .
 Os vossos mesmos dons vos sagro, oh lusos !

20

Ao publico, em nome da actriz Claudina Rosa Botelho

(Recitado no dia do seu beneficio, no anno de 1805)

ACTRIZ — *Claudina Rosa Botelho.*

ACTOR — *Victor Prophyrio de Borja.*

ACTOR

Os campos da Virtude estão desertos;
 Não vê, não descortina o pensamento
 De Lybia os areaes tão sós, tão tristes !
 Ao menos os leões ali campêam.
 Honram co'a majestade a Natureza,
 E na coma lhe ondêa o régio brio;
 Ao menos ante os sóes, que lá flammejam,
 De raio assolador, de raio infesto

Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,
 Multiplica os aneis, é mil, e é uma:
 Isto mesmo, este horror, esta fereza
 No quadro do universo é formosura.
 Oh campos da Virtude, estereis campos,
 Dos serenos mortaes delicia outr' hora!
 Mudou-se o gosto seu, de vós se temem;
 Tal do Caucaso bruto, ou bruto Atlante
 (Invasores do céo, crespos de rochas)
 Recúa o passageiro, e pasma, e foge!

«Volveste ao lar de Jove em rosea nuvem,
 Tu, mestra das acções, dos bens origem,
 D'alma, do coração lei viva, e sancta:
 Este globo, oh Moral, desamparaste!
 Com azas de relampago, seguindo
 Teu fulgurante adejo, a prole tua
 Dos astros muito além pousou contigo :>
 O azedo misanthropo assim vozêa,
 E céva o negro humor, o humor bravio
 Nas scenas immoraes, que a terra offrece.

Enrugado censor, não mais carregues
 O pezado sobr'olho! Em honra á patria
 Dos sabios, dos heróes, perdôa ao mundo:
 Dos sabios, dos heróes a patria é Lysia;
 Não fugiu para Jove o cõro amavel,
 Acolheu-se de Lysia ao seio intacto:
 Flôres ali desparze, ali perfumes,
 Que o halito de um deus de si vaporam.

Alveja o divinal, o ethereo enxame;
 Filtrado nectar seu, qual dôce orvalho,
 Cáe sobre as almas, e a Moral florece.

Não olhe a mente ao longe alto heroismo
 No luso, marcio peito, a quem regala
 Férreo costume de lidar co'a morte;
 Não veja torrear no pego immenso
 O immenso Adamastor, procellas todo,
 Que zela carrancudo as virgens ondas;
 Mas depõe, mas submette aos fados nossos
 A furia gigantêa, acceza em raios:
 De assombros immortaes, de acções que vivem
 Na idéa, o coração não se honra agora.

Guerreiras, e pacificas virtudes
 (Mixto com que os mortaes se tornam deuses)
 São de Lysia o character portentoso:
 Deu leis co'a mansidão, co'a força espantos,
 E a mansidão gentil vê como exerce
 Comtigo, hoje entre tantas distinguida
 Do publico favor, do patrio affecto;
 Olha a Beneficencia, o dom formoso
 Dos céos tão filho, e nos mortaes tão raro,
 Como te anima, te prospera, e c'rôa:
 Ah! Cumpre que ao dever ternura unindo,
 Mimosa gratidão te adorne os labios;
 Falia: sôe o dever, sôe a ternura.

ACTRIZ

Tropel de sensações, moral tumulto,
 Oh patria, oh dôce patria, me assaltê !
 De affectos na torrente alma soçobra,
 E só dá phrase nua á boca inerte.

Dizer que és mãe de heróes, que és mãe de justos,
 Que o genio enlouras, que o saber laurêas;
 Que ao merito commum, tremente e frouxo,
 O susto despes, a energia infundes:
 Que outra por teu favor me creio, ou sinto,
 E que aspiro com elle a dar-me á gloria;
 Que á vasta, majestosa, olympia estancia
 Onde entre os Fados a Memoria é nume,
 E onde os sellos impõe da eternidade
 A titulos humanos, já divinos,
 Do gran livro immortal nas folhas de ouro;
 Que lá, co'a intrepidez do entusiasmo
 Por milagre da patria eu sonho erguer-me:
 Isto já se escutou de gratas vozes,
 Isto a meu coração talvez não basta.
 Exhaure a phantasia os seus thesouros,
 E áquem do teu louvor desejos ficam.

Dotes brilhantes, sociaes virtudes,
 Aos ternos filhos seus de Lysia emanam,
 Com practica sublime, aureo costume:
 Sou terna filha sua, e da piedosa,
 Da benefica mãe, que a prole amima,
 Dotes, virtudes em silencio adoro.

ACTOR

Cumpriu-se alto dever, e a patria annúe
Ao nobre affecto com sorriso ameno.

ACTRIZ

Se aos sentimentos meus annue a patria,
Outra gloria, outro fado aos céos não rogo.

ACTOR

Fervam-nos sempre n'alma eguaes extremos.

AMBOS

O que a Lysia se deve a Lysia dêmos.

21

Ao publico, em nome
de uma actriz do Theatro da Rua doa Condes

(Anno de 1805)

A Musa, que nas scenas de Ulysséa,
Não sem gloria, ajustava o métro á lyra,
De Elmano o só thesouro (a socia mesta
Da, quasi muda cinza, aérea sombra)
Inda um salvé tremente á luz envia,
E dá versos á patria, ou dá suspiros,
Da nobre Gratidão pelo orgão puro.
Oh Lysia ! Escuta os sons, talvez extremos,
Que do seio affanoso, a custo, exhala:
(O cysne divinisa os sons na morte)
Ouve, em métro não baixo, ouve alto affecto,
Que me honra o coração, na voz me ferve,
E na patrio favor a ardencia nutre.

Recente arvoresinha em chão bravio,
De humor celeste definhando á mingoa,
(E mimosa jámais de um sol fagueiro)
Eu para a terra, para a mãe pendia,

Que os succos mesquinhava ao tenro arbusto,
 Talvez de produzil-o arrendida,
 Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
 Me extráe, propicio, do terreno avaro,
 E em liberal torrão me põe, me arreiga.
 Subito esperta, subito enverdece
 A planta moribunda, e qual se, oh Lethes,
 Aferrasse a raiz nas margens tuas,
 Que das Furias o bafo esterilisa.
 Influxo animador me altêa, e fólha;
 Halito ameno de vivaz Favonio
 Com macios vaivéns me embala os ramos,
 Flôres me adornam, fructos me ataviam:
 Os sorrisos da patria, os mimos d'ella
 Estas boninas são, são estes fructos.
 Das trevas, e da morte as aves feias,
 (De atra voz, em que o Fado ás vezes sôa)
 Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,
 Nas agras, negras furnas vão sumir-se;
 E na coma louçã gorgêa encantos
 Teu cantor, Primavera, o vosso, Amores.

Quanto sou, quanto valho, a Lysia devo,
 E a Lysia o coração na voz consagro.
 Acólhe com ternura, acólhe, oh patria,
 As offrendas por mim do triste vate,
 Que para te cantar surgiu da morte,
 E em ancias balbucia o tom dos numes:
 Honra déste ao cantor, dá honra ao canto.

22

Para servir de prologo á comedia
 «O Extremoso»

(Representada no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1800)

Extremos, phrenesis, queixumes, prantos
 Da funesta paixão, desejo insano,
 Que envolto no prazer saltêa o peito;
 Veneno abrazador, que os olhos bebem,

Que, disfarçado em nectar, se insinúa
 No illuso coração, na mente absorta;
 Sentimento oppressor da natureza,
 Da vã philosophia em vão repulso;
 Innata commoção contradictoria,
 Fonte de crimes, de virtudes fonte,
 O poder milagroso, inevitavel
 De um sorriso, de um ai: divino encanto,
 Cunho celeste, na belleza impresso;
 Delicias, afflicção, fraqueza, e força,
 D'entre um mesmo principio derivadas;
 Raiosas sensações, não menos furias
 Do que essas, que no Averno estão rugindo;
 Chammas de tanto ardor como as que zunem
 No tartáreo vulcão, de lava eterna;
 O rei dos Males, o rival da Morte,
 O Ciume, o teu raio, Amor tyranno,
 Teu raio, que a Razão derruba, estraga,
 Q'inda (oh pasmo! Oh terror!) depois de extincto
 Deixa longo trovão soando n'alma:
 Eis o quadro moral, de tristes côres,
 Mas quadro proveitoso, interessante,
 Que ao luso espectador se expõe na scena.

Benignos cidadãos, sensiveis entes,
 Que das ternas paixões sabeis o custo,
 A dôce tyrannia encantadora
 Com que uns olhos gentís dominam tudo;
 Extremosa nação, tu, que idolátras
 Tenue cópia do céu na formosura;
 Que elevas quasi além da Natureza
 Os dous affectos em que os mais se absorvem:
 Que tens no coração, que tens na idéa
 Presos em laço de ouro Amor, e a Gloria;
 Que, sentindo o que o mundo apenas sente,
 Choras no damno alheio o proprio damno,
 Nas fraquezas de um só vês as de todos,
 Reconheces que amor é quasi um fado,
 Um fado universal, que arrasta, e fórça
 A' loucura, á desgraça, ao precipicio;
 Que é despotico Amor, e o mundo escravo;
 Que este imperio fatal não tem rebeldes,
 Que a soberba Razão succumbe ao jugo,

E ás vezes (oh cegueira!) o jugo adora:
 Extremosa nação ! No grande objecto
 Emprega mudamente os olhos d'alma:
 E' tão digno de ti, quam variado
 De radioso matiz: verás que esmalte,
 Que preço, que attracção, que luz confere
 A' belleza exterior moral belleza;
 Por entre desatinos da vontade,
 Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,
 Por entre confusões, por entre sombras,
 Que do cego amador o acôrdo enlutam,
 Verás como florece, illesa, intacta,
 A suave innocencia, inda mais bella
 Se em lide porfiosa obteve a palma.

Virtude os meios ama, odêa extremos,
 Extremos, são no mundo ou erro, ou culpa:
 Do mesmo que abrilhanta a humanidade
 Longe, longe, oh mortaes, o injusto excesso!

Dramaticas acções tem só por alvo
 O proveito commum: sarar costumes
 Quando enfermos estão; com riso, ou chôro,
 Com brandura, ou terror, fazer que brilhe,
 Que triumphe a moral d'aqui se colhe
 Lição profícua, prestadio exemplo.
 A escola da verdade está na scena,
 E tão pasmoso effeito ás vezes brota,
 Que a virtude se aprende até no vicio.

23

Para servir de prologo ao drama
 «Nuno Alvares Pereira»

(Representado no Theatro da Rua dos Condes, no anno de 1801)

V arão digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,
 (Quando Grecia existiu, quando houve Roma);
 Alta planta de reis, até dos mesmos
 Que, só mortaes na essencia, o Tejo adora;
 Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,

A dragos, a leões Alcides novo,
 Vivo na tradição, na historia vivo;
 Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio
 Da intriga, da traição caíram monstros,
 E rôtas no alicerce, e derrocadas,
 As torres da ambição, do orgulho as torres;
 Aquelle, que, insoffrido a jugo extranho,
 Foi base onde João manteve o solio,
 Que aposta durações co'a eternidade:
 Nuno, o maior talvez dos lusos Martes,
 Que á publica razão, que ao bem da patria
 Deu sangue, deu suor, deu pensamentos;
 Que, surdo á natureza, em gloria absorto,
 No peito aniquilou privado affecto,
 E, de louros sombria a fronte excelsa,
 Fatigadas por elle as tubas cento,
 Em sagrado retiro ergueu da terra
 (Cá d'entre os reis de pouco ao rei de tudo)
 A mente, digna só da immensa Idéa;
 Illusões expulsou, despiu phautasmas,
 Achou verdade o homem, sonho o grande:
 Eis o que hoje na scena, honrando a, surge,
 Aos lusos esplendor, saudade, exemplo;
 Semente, que expelliu milhões de assombros
 Na idade em que medrou, nas que a seguiram.

Mas não sómente, oh patria, o claro objecto
 Te domine a attenção, te chame os olhos:
 Se abala os corações character grande,
 Infausta condição quem não comrnove?

A Musa em que apparece o gran Pereira,
 Negramente fadada, urdiu nas sombras
 Difficil têa, que palpava incerta;
 Do miserando auctor nos olhos tristes
 Eterna escuridão pousou mais cêdo.
 Nos abysmos da morte, á luz sumido,
 Fervendo em sancto amor, que as leis arreigam,
 Colhe entre espinhos de árida existencia
 Fructos de gloria com que brinde a patria,
 Propicio nome, que lhe ameigue os fados.

Que direito ao louvor ! Que jus ao pranto !
 Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome.

24

Fragmento

Para se recitar no theatro, por occasiao de regosijo publico

(Anno de 1805)

Na vasta perspectiva encantadora
Se embebe o coração, se embebe a mente:
Oh pae da Natureza, eterno, immenso,
Este imperio protege, onde a virtude
Erguida sobre o throno á sombra tua
O templo social reforça, estêa,
Manda que a paz celeste, e seus encantos
Em luminoso grupo abrindo as auras,
Baixem de Lysia novamente ao seio.
Ferva nos corações, nos olhos ferva
A ternura, esse bem por ti creado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo:
Maravilhas de um Deus um Deus amime:
E' do teu dôce amor João thesouro,
Não ouse negro véo nublar-lhe os dias;
Qual é seu coração seus dias sejam
Lustrosos, firmes, transparentes, puros:
Eterniza das leis o ardor sagrado
D'ellas escudo, consistencia d'ellas,
E o sol, reflexo teu, jámais aviste
Da tumba occidental ao berço Eô
Virtude, que a João no throno eguale,
Grandeza, que deslumbre a patria minha !
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo
Sentimentos fieis, delicias d'alma;
Eia, soccorre a voz tremente, incerta,
E em hymnos sôe o cordeal transporte.

(Cantam).

25

Fragmento de um prologo, para se recitar no theatro

(Anno de 1805)

Hoje surge ante vós, congresso illustre,
 A Musa, que fatal, que desgrenhada,
 Rege scenas de horror, scenas de sangue:
 Que nas cruentas mãos, nos olhos feros
 Traz desesperação, punhaes, venenos;
 Que as eras tenebrosas invadindo,
 Entrando por montões d'edades mortas,
 Co'a vigorosa mão revolve as cinzas,
 Tyrannos arrebatá, heróes arranca
 Ao silencio do nada, ao somno eterno.
 Colhe d'entre os annaes do antigo mundo
 Feias paixões, catastrophes medonhas,
 Virtudes, vicios, a innocencia, o crime;
 Colhe os males d'então, e os males de hoje,
 Esses, que a Natureza envenenaram,
 Esses, que a Natureza inda envenenam.
 Devorante Ambição tragando imperios,
 A Discordia brutal desfeita em raios,
 Rubras ondas fervendo em torno d'ellas;
 Politica feroz as leis calcando.
 Negra Perfídia vaporando infernos;
 Da razão, da vontade Amor dispondo,
 N'uns olhos, n'um desdem, n'um ai, n'um riso !

26

Offerecido ao juiz e mais festeiros de Nossa Senhora
da Graça da Carnota

Dôce filha do céo, dôce harmonia !
 Ao seio dos mortaes ás vezes désces,
 E qual rutilas na mansão dos numes,
 Sobre a terrena estancia resplandeces:

Principio da união, que liga os entes,
 E que n'um só paiz o inundo trôca,
 Honra meus labios de teus sons divinos,
 Anima o vate, cuja voz te invoca.

Celeste commoção, virtude augusta,
 Sagrado zelo, singular piedade,
 Conduz almas fieis a que celebrem
 Solemne culto á surama divindade.

Dos gratos corações escandecidos
 Nos extasis subindo os hymnos sôam,
 E os incensos, que o céu paga em sorrisos,
 Purificando a terra, aos astros vôam.

Prole da immensa luz, porções do Eterno,
 As harpas de ouro modulando afinam,
 E os olhos, onde o nume reverbera,
 Sobre a terrestre pia turba inclinam.

És da etherea attenção primario objecto,
 Tu, que presides ao fervor sagrado,
 Tu, magnanimo Silva, em cujo peito
 O character da gloria está gravado:

E tu, de malfadados meigo asylo,
 Tu, moral copia d'elle, amavel Serva,
 A quem na eternidade um gráo sublime
 Entre os amigos do homem se reserva;

E vós, eguaes na fé, no ardor, no extremo
 Aos dous egregios peitos, que decanto,
 Viannas, e os demais, em quem se apura
 De homens, e numes o commercio sancto;

Não menos vós, metades carinhosas
 Dos animos gentís, que entrego á lyra,
 Não menos mereceis, esposas bellas,
 As honrosas canções, que Phebo inspira,

Exercitae, cumpri, christãos ferventes,
 A fé, que os corações vos afoguêa;
 Tereis o galardão sobre as estrellas:
 O que a terra edifica, o céu premêa.

A CONCORDIA

ENTRE AMOR E FORTUNA

DRAMA PARA MUSICA, EM UM SÓ ACTO

Dedicado aos annos da illustrissima senhora D. Anna Joaquina Cardoso Accioli,
natural da Bahia

*S' asconda Amor n'ella mia cetra, e dia
Sol contenti d'Amor la Musa mia.*

Metast. Epithal.

ACTORES : AMOR — VENUS — A FORTUNA

*Côro dou Amores e das Graças. — Genios adados,
que. acompanham a Fortuna*

A scena se figura em um bosque aprazivel

SCENA I

Amor e os Amores

CÔRO

Oh seculos formosos,
De candidos costumes
Em vós mortaes, e numes
O jubilo equalou.

AMOR

Que encanto, que alegria,
Graça, esplendor, pureza
Na infante Natureza,
Em todo o ser, brilhou !

Então do tenro mundo
Á superficie amena
Descendo a Paz serena,
A terra em céu tornou.

CÔRO

Oh seculos formosos, etc.

AMOU

O sol, então recente
Lá na recente esfera,
De assidua primavera
Té brenhas esmaltou.

As ondas preguiçosas
A espaços desmanchando,
O mar fagueiro, e brando
N'arêa então brincou.

CÔRO

Oh seculos, etc.

AMOU

A um tempo ali se viram
O fructo, e flôr pendentes;
Em limpidas correntes
O nectar murmurou.

Em vós, oh almos dias
Amor era um thesouro;
Em vós, oh dias de ouro,
Tudo sentiu, e amou.

CÔRO

Oh seculos, etc.

AMOU

Ah que saudade eterna
Turvára ao mundo a face,
Se o Fado a Amor negasse
O bem, que lhe outorgou !

Dos dous ao rogo, ao mando,
Do somno em que jazia
Surgiu celeste dia.
E a Natureza ornou.

CÔRO

Oh seculos, etc.

AMOR

Um dia em que mais leda
A rara nuvem córa,
E vem trajando a Aurora
Galas, que nunca usou:

Um dia em que tão bella,
Ou mais do que Acidalia,
Nascendo a meiga Analia
O imperio meu firmou.

CÔRO

Oh seculos, *etc.*

AMOR

Alados socios meus, fervente origem
Do jubilo supremo,
Que as delicias do Olympo a Jove apura;
Numes do coração, reis do universo,
Amores, elle em nós hoje prospéra;
Hoje da fonte de immortaes luzeiros
De novo emana um dia,
Que exalte, que remoce a natureza.
Salvé, natal de Analia,
Salvé, luz, com que Aurora
Mais que de tantas mil se ensoberbece!
Quando apontou vaidosa a vez primeira
Na de purpura, e de ouro
Tenue, bordada nuvem,
Que aljofares entórna,
Não tinha o brilho, a côr de que se adorna.
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,
Aureo terreno amigo,
Por quem Paphos enjeito, enjeito Idalia:
Aureo terreno amigo,
Onde mais que mortal parece o gosto,
Onde embalsama os ares,
Onde serena os rios,
Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flôres

A salutar, fragrante
 Respiração de Analia.
 Analia, meu thesouro, e vosso encanto,
 Merece a Amor, aos céos, aos Fados tanto.

ARIA

Verdes bosques, viçosas campinas,
 Dos Amores suave morada,
 Onde Analia mimosa, engraçada,
 Qual a rosa louçã germinou:

Recamae-vos de tenras boninas,
 Com que brinque Favonio ligeiro,
 Que este dia, dos seus o primeiro,
 Dos prazeres nas azas voltou.

SCENA II

Os Amores e a Fortuna, que desce rapidamente
 em um globu, ladeada de Genios

AMOR

Porém aos olhos meus que objecto assoma !
 És tu, deusa fallaz, és tu, Fortuna,
 De phantasticos bens depositaria,
 Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

FORTUNA

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana
 No dia mais credor ás graças minhas,
 Entre os mil Genios que meu globo enfeitam,
 Venho sobre estes campos deleitosos
 Ratificar-lhe as ditas,
 Ditas, que, em honra á minha dôce alumna,
 Em honra á bella Analia,
 Soltas das leis do tempo aqui florecem.
 Pasma, insano Amor, de que a Fortuna,
 Cujas glorias motejas,
 Mais brilhantes, mais sólidas que as tuas,

Baixe ao feliz terreno,
 Onde raro penhor da Natureza,
 Mortal quasi divina
 Em dobro com meus dons, com meus afagos
 Triumphá, resplandece ?
 Mais que a ti me pertence honrar seu dia,
 Desdiz muito da minha a essencia tua,
 É de outro gráo meu nume.
 O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros
 São dadivas., são mimos
 D'esta mão bemfazeja,
 D'esta mão, que á de Jove apenas cede.
 Com ella o mundo antigo, o novo mundo,
 (Que, productór de Analia,
 Sobresáe ao primeiro)
 Com ella quanto existe abranjo, illustro.
 E tu de vãos de leites,
 Ou mortaes dissabores
 Frivolo auctor, e venenosa origem,
 De que os mesmos favores
 Ao que os possue affligem,
 Tu, que duros farpões atraídoados
 Ás molles almas, de que és deus, apontas,
 Assim com voz proterva, assim me affrontas ?

AMA

Queres, menino insano,
 Oppôr-te ás leis do Fado !
 De meu poder sagrado
 Teu nume é vão rival.

Senhoreava os entes
 Tua influencia outr'hora,
 Mas o meu sceptro agora
 E' sceptro universal.

AMOR

Debalde, varia deusa, te glorías
 Co'as dadivas, que choves sobre o mundo,
 Frageis, caducos bens, que o vulgo anhela,
 Do vicio vezes mil, e raras vezes

Da virtude instrumentos.
Analia encantadora,
Alma brilhante no favor não cega
D'essa mão, que nomêas bemfeitora.
Thesouros de candura, e de belleza,
Seus lucidos costumes
Tem dôce origem na moral dos numes:
Pensas acaso que teus dons seriam
Capazes de atear não puro affecto
No consorte preclaro,
A quem protege Amor, Minerva escuda?
Esse, que em laços de ouro unido á bella,
O nectar gosta nos encantos d'ella?
Muito se deve a mim, tudo a seus olhos,
Da gloria que remata os meus triumphos
Agentes milagrosos.
Atrêve-se a Fortuna a ter-me em pouco?
Entre as classes divinas
Presumes que teu gráo me sobr'eleva?
Eu sou pura nascente,
Manancial perenne
D'alta harmonia, universal, e eterna:
Sem mim ao mar, á terra, até aos deuses
Pezo insoffrivel a existênciã fôra;
Por mim na immensidade, errantes, fixos
Milhões scintillam de assombrosos mundos:
Por mim no seio das equóreas lapas
Ardem, cubicam, reproduzem, crescem
Os mudos nadadores.
Eu sou, que ás varias, enramadas plantas
Dou alma, dou fragrancia, flôres, fructos;
Sou eu, que aos bravos tigres,
Aos jubados leões converto as iras
Em rugido amoroso.
Por mim, tu, rôla, arrulas,
Geme a tenra, innocente, ingenua pomba;
Por mim subsiste, annexo á formosura,
Principio inexhanrivel de ternura.

ARIA

Por Amor conseguem vida
Homens, peixes, aves, flôres:
Do céo cabe aos moradores
Rir da morte,
Mas por sorte
Tambem meus escravos são.

Té Analia branda, e bella,
Que os encanta, que os desvéla,
Já pendeu da minha mão.

FORTUNA

Tu, que ostentas de rei da natureza,
Que sacrilego arrogas
Té no arbitrio de Jove imperio summo,
E crês que a teus virotes
Cede o raio, o pregão da omnipotencia,
Rende graças ao dia
Em que Analia mimosa
Dispoz o orgulho meu para a brandura.
Se não fôra este indulto,
Se o momento dourado este não fôra
Em que serena abrindo
Os olhos divinaes á luz primeira,
Em vez de brando chôro,
Soltou sorriso brando,
E ser dos astros vinda
Mostrou na face linda,
Fizera ...

AMOR

Que fizeras, que attentaras,
Caprichosa deidade,
Contra mais que celeste immuidade ?

FORTUNA

Toda a tua altivez por mim repulsa,
Opprobrio teu seria:
Em quadro viras de affrontosas côres

Teus males, teus perjuros;
 Pranto, e sangue por ti fervendo em rios;
 A Suspeita rugosa
 Perdida entre illusões, entre phantasinas,
 Sombras palpando, e crendo;
 Viras queixosas, pallidas Saudades,
 Já fitos sobre a terra os turvos lumes,
 Já vãmente alongados
 Para climas ditosos, onde os gostos,
 Os bens do coração lhe some a Ausencia;
 Viras sobre vulcão de flamma eterna,
 Respirando traições, venenos, furias,
 De viboras mordidos,
 E viboras mordendo,
 Os Ciumes, a peste, a morte d'alma;
 Viras... mas este dia é sacro a todos,
 N'elle até entre nós concordia reine.
 N'outro, aos céos menos gratos,
 Menos grato á Ventura, á Natureza,
 Confessarás, dobrando
 Ao pezo da verdade insanias altiva,
 Que o reforço, a columna,
 A base do universo é a Fortuna.

ARIA

Os bens, se alguns crias
 Com tua influencia,
 Eguaes são na essencia,
 Eguaes no prazer.

Os dons, que derramo
 Com placido rosto,
 Differem no gosto,
 Differem no ser.

AMOR

Da lívida suspeita, e vil perjurio,
 Da traição, da inconstancia, e da saudade,
 Do pranto, e do queixume,
 Do rabido ciume,
 Inferno de apurados amadores,

Fallas, oh deusa injusta,
 Como se fossem meus crueis ministros,
 Cruéis sequazes meus ! Não consideras
 Que o bando horrivel de tão negros males,
 Que de Jupiter mesmo azéda instantes,
 Prole não é de Amor, sim dos amantes ?
 Damnos sem conto, que aos mortaes fulminas,
 Onde estão, fraudulosa? Onde se occultam
 De raio vingador, que Analia vibra
 Dos olhos fulgurantes,
 Os companheiros teus, iniqua turba ?
 Onde enfunado Orgulho?
 Veladora Ambição? Mirrada Inveja?
 Onde inerte Preguiça,
 Que as almas adormenta
 D'esses que amimas, d'esses que te adoram ?
 Ah! Se não fôra d'este dia ameno
 A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,
 Que ethereo lustre eguala,
 Talvez, voluvel deusa,
 Talvez tuas pizadas não seguissem
 Beneficencia, Gloria,
 O Jubilo, a Brandura,
 Mais, mais socios de Amor que da Ventura.

ARIA

Quando á Virtude
 Ventura é presa,
 Tórna a belleza
 Mais singular:
 Que por si mesma
 Não é Ventura
 Arte segura
 Para enlevar.

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu gremio,
 De flôres, e delicias enfeitado,
 Commigo a linda infancia acalentaste
 De Analia melindrosa,
 Descuidas-te em seu dia,
 Dia das Graças, dia dos Amores,

Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,
 Com tua voz divina
 O solemne fervor, que tudo inflamma!
 Eia, apressa-te, oh mãe! . . . Com vivo adejo
 Dirige aqui, dirige
 Das pombas amorosas
 O niveo par gentil, que enfrêam rosas.

SCENA ULTIMA

Desce Venus em um carro tirado por pombas,
 entre as Graças, os Risos, os Encantos, etc.

VENUS

Socega, filho meu; não foi descuido
 Minha longa tardança,
 Antes cuidado, que de Analia bella
 Me deve o genial, brilhante dia:
 Era digno de mim, de Jove, e d'ella
 Findar tenaz porfia,
 Antiga opposição, fatal discordia
 Entre Amor, e a Fortuna.
 Attraídos vontade, e pensamento
 A tão prestante objecto,
 Na concha matizada os céos demandando,
 Entro de Jove os paços,
 E ante a face immortal, com brandas preces
 Extráio á mão suprema
 Alto decreto, que a Fortuna obriga
 A ser-te socia, oh filho, a ser-te amiga.
 Em sacrificio terno
 Aquella por quem és maior, mais nume
 Que por tantas, e tantas
 Com que o Tamise, o Tejo, o Tibre, o Sena
 Sussurram de ufanía:
 Oh que seculos vale a Amor seu dia !
 Aprouve, apraz aos fados
 Que de Analia se esquivem Tempo, e Morte.
 Em seus dotes absorta,

Razão me inspira que espontanea Venus
 O cinto vencedor a Analia ceda,
 E altar, e incenso, e culto.
 Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,
 Da nova deusa aos lares,
 De aureas Virtudes templo,
 Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

CÔRO

Acorde melodia
 Vêe, enfeitice os ares,
 E os magestosos lares
 Sõem prazer, e amor.

VENUS

Tu sempre a elle unida,
 Junto de Analia bella,
 Grossa nos olhos d'ella
 O olympico fulgor.

AMOR

Analia, que, sorrindo,
 De corações se apossa,
 E' mais que imagem nossa
 Na graça, no esplendor.

FORTUNA

Nada possui a terra,
 Que a tanto bem se eguale:
 Os meus thesouros vale
 Seu minimo favor.

CÔRO

Acorde melodia
 Vêe, enfeitice os ares,
 E os magestosos lares,
 Sõem prazer, e amor.

A VIRTUDE LAUREADA

DRAMA PARA MUSICA EM UM SÓ ACTO

Representado no theatro do Salitre, no anno de 1805

Nada.... occurrit, per se pulcherrima, Virtus.
Cardos. Cant. de Tripol.

ACTORES

A SCIENCIA— A HOSPITALIDADE — A INDIGENCIA—A POLICIA
— A LIBERTINAGEM—O GENIO LUSITANO

Logar da scena : Praça magnifica sobre as margens do Tejo

SCENA I

A Sciencia por um lado e a Indigencia por outro
com a Hospitalidade

SCIENCIA

Eu, que elevo os mortaes, e os esclareço;
Que méço a lua, o sol, que o mundo abranjo;
Que da vetusta idade aclaro as sombras;
Que entro por seus arcanos, e revóco
D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada
Ao seculo vivente as éras mortas;
Que dócil fiz o indómito Oceano,
Abysmo de pavor, de bojo immenso,
Que só por alta lei não sorve a Terra;
Eu, do gran Jove, confidente e imagem,
Que do Fado os mysterios desarreigo
E co'a moral dos céos cultivo o globo;
Eu, a Sciencia, eu fonte, eu mãe das Artes,
Que sei desirmanar na intelligencia
Entes, na fórma eguaes, na especie os mesmos,
Tornando-os entre si tão desconformes,
Qual dista do selvagem bruto e fero,
Macio cidadão, que as leis puliram:
Ah! não posso impetrar, colher dos numes

Para os alumnos meus pavez sagrado
 A teus golpes, Fortuna, inteiro, illeso !
 Sem que benigna mão lhe adoce os fados,
 Sem que escassa piedade o chame á vida,
 De vigílias mirrado o sabio morre.
 Almas corrompe do egoismo a peste;
 Camões, Homens na penuria cantam:
 Eil-os co'a gloria temperando a sorte:
 Sôam prodigios de um, prodigios de outro;
 Férrea caterva os ouve: admira, e foge.
 Só quando o vate é cinza, o muito é nada,
 Por elles se interessa o mundo ingrato;
 Na gloria esteril de epitaphio triste
 Sólidos bens o barbaro compensa:
 Controdictoria humanidade insana !
 No insensivel sepulchro os sabios honra,
 E os sabios não remiu na desventura !
 Quaes elles foram diz, não diz qual fôra:
 Nas almas frias o remorso é mudo.
 Ai dos alumnos meus! Soccorre-os, Fado,
 Risca do livro eterno o duro artigo,
 Que ao mérito, ao saber seus premios véda;
 Aquece os corações no ardor da gloria,
 Fraternalisa os mortaes, onde suspiram,
 Os poucos filhos meus co'a mãe prosperem;
 E onde com seus innumerados sequazes
 Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

INDIGENCIA

Mãe veneravel, teu queixume ouvindo,
 Amarga-me da vida o fel em dobro.
 A filha tua, a misera Indigencia,
 Que muda te escutou piedosas maguas,
 Comtigo vem gemer, carpir comtigo
 A moral corrupção, que empésta o globo.
 Plagas e plagas entre as socias minhas,
 Entre as mansas Virtudes hei vagado.
 Pela voz da Pureza (a que é de todas
 A mais formosa) deprequei o auxilio
 De inchado cortezão, que um deus se cria.
 Melindre, candidez, virginea graça

(Qual flôr, em que era orvalho o dôce pranto)
 Aos olhos do soberbo expoz seus males.
 De cesto accezo, ovante elle a contempla,
 Nem um momento á dôr constrange o vicio:
 Em vil proposição, que as furias dictam,
 Profana da Innocencia o casto ouvido,
 E em cambio da virtude exige o crime.

SCIENCIA

Céos ! Que infamia ! Que horror ! Prosegue, oh filha
 Succumbiu a Innocencia á vil proposta?

INDIGENCIA

Não, que nos olhos meus velavam deuses.
 Fautores da virtude: escuta, e fólga.
 O celeste rubor, que tinge a Aurora
 Sobe á face gentil, e as rosas brilham:
 Mas subito tremor branquêa-o logo,
 Eil-a, de olhos no céo, e geme;
 Eu porém, que no effeito observo a causa,
 Ao seductor pestifero arrebatado
 O objecto divinal, que o torna um monstro.

SCIENCIA

Olha o céo na Innocencia a imagem sua.

INDIGENCIA

Murchas no horror do abominavel caso,
 Inda comtudo as esperanças minhas
 Levei de lar em lar, devendo a poucos
 Piedade accidental; bati cem vezes
 Ás surdas portas de sumido avaro,
 (Sumido em subterrano abysmo d'ouro).
 Fallára o monstro, se fallasse a morte:
 O silencio dos tumulos o abrange
 Ante o metal (seu deus) que em ferreos cofres
 Co'a vista famulenta o vil devora;
 Servos d'elle (o poder é tal do exemplo !)
 Depois de longo espaço, e vans instancias,
 Co'um desabrido «Não» me affugentaram.

S CIENCIA

De tudo ha monstros mil na especie humana:
Mas todos vence da Avareza o monstro.

INDIGENCIA

Attende ao mais, e adoçarás teu pranto.
Do centro da Impiedade em fim retiro
Os fatigados pés, e os dirijo aos campos,
Absorta nas imagens carinhosas.
Com que afagaes a idéa, oh aureos tempos !

SCIENCIA

Se ali não ha virtude, onde é que existe ?

INDIGENCIA

Pobre choupana, que forravam colmos,
Humildes lares, que zelava um nume,
Attráem meus olhos, e meu passo animam.
Chego, e curvo ancião, que alli repousa,
Grande em seu nada, na indigencia rico,
Sorrindo-se me acolhe, amima, e nutre.
Sancta Hospitalidade ! Eras a deusa,
Que o rugoso varão, madura esposa
E imberbe prole sua abençoava !
Com milagrosas mãos os parcos fructos
Nas arvores fadadas avultando,
Para os errantes, pallidos, mesquinhos,
Que eterna Providencia lá dirige,
Leda colhías saboroso alento;
E qual outr' hora a um Deus, incluso no homem,
Muito do pouco a teu querer surgia.

HOSPITALIDADE

Conferiu-me esse dom quem té no insecto
Provê, do que lhe cumpre, á tenue vida.
Deixando influxos meus no casto alvergue
Onde Beneficencia, e Paz convivem,
Acompanhar-te quiz ao vasto emporio

De Lysia, do universo, á gran cidade,
Que espêlha os torreões no vítreo Tejo,
D'onde sagradas leis despede ao Ganges.
O globo é puro aqui, e aqui parece
Estar inda na infancia a Natureza,
Bella, serena, candida, innocente;
Príncipe amado, imitador dos numes,
Ao publico baixel menêa o leme:
Numéra os dias seus por dons, por graças,
E o merito sem susto encara o throno :
Se o gravâme do sceptro acaso inclina,
E' sobre os hombros de ministros puros,
Dignos do alto esplendor, que sâe da escolha.
Um d'elles, cujo nome é cáro aos justos,
Que tem, que exerce o ministerio sancto
De velar sobre o publico repouso;
Que encarcéra, agrilhôa, opprime o vicio,
O contagio dos maus aos bons evilta,
E em piedoso recinto abriga, instrue
A puericia, que em flôr dispõe ao fructo:
Luceno, o zelador dos sãos costumes,
Páe do infortunio, da sciencia amigo,
Guarida vos promette: expone, expone
Ao ministro exemplar, meu claro alumno,
A vossa condição: vereis descer-lhe
Dos olhos paternaes amavel pranto,
Proveitoso, efficaz, não pranto esteril,
Que momentaneas sensações produzem,
E o merito infeliz, qual viram, deixam.
Em Luceno o favor segue a piedade;
Mortal, que os immortaes sem custo imita,
E o bem, só porque é bem, desenha, opéra.
Eia, vinde; eu vos guio aos bemfazejos
Lares seus, lares meus: sereis ditosos,
Oh Sciencia ! On Penuria ! — Os céos o ordenam.

SCENA II

O Genio da Nação e as mesmas

GENIO

Os céos o ordenam, sim; vae, guia, oh deusa,
 Essa illustre infeliz, e a mesta prole
 Ao magistrado eximio, ao grande, ao justo;
 Cessem queixumes, esperanças folguem.
 Ide; o Genio de Lysia, eu que dos deuses
 Tive alta commissão de olhar por ella,
 De engrandecer-lhe, de afinar-lhe a gloria,
 E honral-a de opulencia incorruptivel;
 Eu, que espontaneo déra o gráo de nume
 Por este, que exercito, augusto emprego
 De escudar Lysia c'o pavez dos Fados,
 Oh Penuria ! oh Sciencia ! Eu vos abono
 Do ministro sem par, favor, e asylo.

SCIENCIA

O céo por ti se exprime: o céo não mente;
 Oraculo de Jove, eu te obedeço:
 Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
 Guia-me, oh deusa.

HOSPITALIDADE

Guio-te á ventura.

SCENA III

O Genio, só

Tereis o galardão, tereis o louro,
 Que á virtude compete, immota, illesa
 Entre os duros vaivens de iniqua sorte:
 Desgraçado o mortal, se o chão não trilha
 Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
 Que subito depois converte em flôres !. . .

Mas que ufano baixel retalha o Tejo !
 Brincam no tópe flammulas cambiantes,
 E cambiante bandeira as ondas varre !
 Eis vòa, eis se aproxima! ... Um quasi monstro,
 De aspecto feminil, tigrinas garras,
 De traje multicôr, lhe volve o leme !
 Que turba enorme á sua voz marêa,
 E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja !
 Desce a vaso menor a horrivel Furia,
 Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço. . .
 Lá vem, lá toca sobre a arêa e salta.
 Inimiga dos céos! ² És tu, profana !
 Sacrilega, fallaz, blasphemadora,
 Peste dos corações, orgão do Averno !
 Vens tambem macular com teus venenos,
 Com halito infernal, e atroz systema
 Campos, que meu bafejo elysios torna !

LIBERTINAGEM

Orgão não sou do Averno, o Averno é sonho ³
 Para mim, para os meus: não soffro o jugo,
 Que sobre corações tão férreo péza.
 Phantasticos deveres não me illudem;
 O sensivel me attráe, do ideal não curo,
 Só de palpaveis bens fecundo a mente;
 O bando, que allicío, e que prospero,
 Vire em prazeres, em prazeres morre.
 Compleição dos Catões, moral de ferro,
 Furia, Libertinagem me nomêa;
 Mas o character meu destróe meu nome.
 Delicias ao teu seio, oh Lysia, trago,
 Não cruas oppressões, nem agros males,
 Que o phantasma Razão produz, machfina;
 Eu sou a Natureza: ella não manda,
 Que o gosto opprimas, que os desejos torças;

¹ Aparece ura baixel, d'oude pouco depois desembarca a Libertinagem com sequito numeroso.

² Corre para ella.

³ Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Genio da Nação ...

As paixões contentar, não é loucura:
 Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,
 E' lei, necessidade, e jus dos entes.
 Olha: com sceptro de ouro impéro, oh Lysia;
 Franquêa o pensamento a meu systema,
 Despe imagens chimericas, e approva
 Que a posse do universo em ti remate.

GENIO

Enganas-te, perversa, os céos a escudam;
 De Lysia puro incenso aos numes sóbe,
 Arde em virtude, inflamma-se na gloria;
 Moral, religião, saudavel jugo,
 Que péza aos impios, que aos iniquos péza,
 Nunca foi grave a Lysia; heróe supremo,
 Que é na terra o que é Jupiter no Olympo,
 Aqui, não com violencia, e não com arte,
 Mas pelo exemplo morigéra os lusos,
 Só menos que as deidades venturoso?
 Não manches estes céos, tartáreo monstro,
 Não corrompam tens pés o são terreno,
 Onde jaz da Virtude o trilho impresso.
 Écco da magestade, a voz te aterre
 Do zeloso ministro infatigavel,
 Luceno, ao throno, ás leis, aos deuses curvo,
 Que, em vinculo fraterno atando os povos,
 Os vê curvos ao throno, ás leis, aos deuses.
 Negreja, a teu pezar, o horror, que douras,
 O inferno, que não crês, de ti fuméga,
 E o remorso tenaz te róe por dentro.
 Este povo de heróes, de irmães, de justos,
 Teu character maldiz, teu nome odêa.
 Aparta-te d'aqui . . . mas tu repugnas!
 Guerreiros da Virtude, e flôr da patria,¹
 Que limpaes a Moral de intrusa escória,
 Eia, apurae o ardor contra esse monstro:
 A vosso invicto exforço a Furia cêda,
 Do gremio da Innocencia o Vicio fuja.

¹ Sâe tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem, e os vae destroçando.

LIBERTINAGEM

Não se alcança de mim victoria facil.

GENIO

Satélites da Gloria ! Avante, avante !
A pérfida fraquêa, a palma é vossa.

LIBERTINAGEM

Colhêste contra mim triumpho inutil:
Lysia perdi, mas senhoreio o mundo.

SCENA IV

O Genio e tropa

GESIO

Graças, oh nubes, succumbiu a infame!
Heróes, eu vos bemdigo o mareio fogo,
O rapido valor, que n'um momento
A melhor das nações salvou do estrago . . .²
Mas, deuses, soffrereis que n'outro clima,
Talvez á infamia sua ignoto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a féra,
E toxico respire, e peste exhale !
O sacrilegio pune: um raio, oh Jove,
Um raio a torne cinza, um raio abysme
O ligneo torreão no *equóreo* centro! . . .³
Annuiste-me, oh deus! É chammas todo !
Lá cáe, lá se desfaz, e o Tejo o sorve !
Vae, monstro, vae saber, desesperado,
Se é phantasma a razão, se é sonho o inferno.

¹ Embarcam-se tumultuosamente, sempre acossados pela tropa.

² Vae-se a tropa.

³ Cáe o raio sobre o baixel da Libertinagem, e o abraza.

Vae no horrendo tropel dos teus sequazes
 De momentanea flamma á flamma eterna;
 E eu, ministro dos céos, submisso aos Fados,
 Vou por mão de ura mortal encher seus planos.

SCENA V

(Carcere subterraneo, onde estarão os Vicios e os Crimes agrilhoados, exprimindo variamente nos gestos a sua desesperação).

A Policia com Guardas

POLICIA

Contra os vicios communs, que pouco empecem,
 Exercer correcções não só me é dado.
 Velae, guardas fieis, sobre os perversos,
 Que a Policia commette ao zelo vosso,
 Até que o raio Némesis dispare
 Co'a ferrea voz de tribunal supremo.
 Eu dos crimes terror, dos crimes freio,
 A supplicio exemplar, que sare a patria
 D'impia contagião, reservo aquelle
 De todos o mais duro, o mais funesto.
 Que, instrumento servil de atroz vingança,
 Tingiu vendida mão no sangue alheio.
 Ao cutélo de Astréa em vão furtaste
 Colo rebelde ás leis, oh tu, cruento
 Lobo nocturno, que, vibrando as garras,
 A mansos cidadãos ouro, existencia
 De mixtura usurpavas, sem que ao menos
 Tremesse o coração, as mãos tremessem.
 Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
 Estes nas feias, subterraneas sombras
 Para o pavor da morte a mente ensaiem.
 Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo,
 Corro entretanto, a suggerir-lhe idéas,
 Com que os publicos bens floream, medrem.
 A Sciencia, e Penuria, antigas socias,
 Em seus lares por elle ha pouco ouvidas,
 O fertil patrocínio lhe imploraram.

Em lagrimas lhes deu penhor singelo
 De tirme protecção: vós, indigentes,
 Seus effeitos vereis, vereis, oh sabios,
 Que a mente, e o coração por vós divido.

SCENA VI

(Salão magestoso da Policia,
 adornado das estatuas de varias virtudes).

O Genio e a Hospitalidade

GENIO

Eis-me na estancia da Policia augusta,
 Cultora da razão, das leis, do solio.
 A titubante, a pávida Indigencia,
 Que já dos males seus allivio gosa,
 Por mão do bemfeitor, que os céos inspiram,
 Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,
 De interna gratidão sagrar-lhe os cultos;
 Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
 E o salão venerando entrar não ousam.

SCENA ULTIMA

Os ditos e a Policia, que, ouvindo as ultimas palavras,
 sae de repente

POLICIA

Foi sempre este logar franco á virtude,
 Entrae.¹

HOSPITALIDADE

Longe de vós um vão receio.

POLICIA

Cumprí vosso dever, tecei contentes
 De Luceno o louvor. Materia summa

¹ Entram as duas.

As virtudes vos dão, que resplandecem
 Em brilhantes estatuas magestosas
 N'este brilhante, magestoso alcaçar.
 Aquella, que risonha os olhos firma,
 Como que rosto supplice attentando,
 E' a Benevolencia, e diz no afago,
 Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
 Ante duro ministro enfrêam preces,
 E só do compassivo, e só do affavel
 A presença demandam, que os conforte,
 Que ao rogo n'um sorriso o effeito augure,
 E não de altiva injuria avilte o rogo.
 Esta é o Exemplo, est'outra é a Inteiraça;
 Alli Fidelidade o jaspe anima;
 Desinteresse além reluz, e avulta;
 Mais perto voluntaria Obediencia
 Curva o docil joelho: eis as Virtudes,
 Que formam, bom Luceno, o teu character,
 Todas egregias, necessarias todas.

SCIENCIA

Verdade, e Gratidão nos labios nossos,
 Approvam quanto sôa em honra d'elle.

INDIGENCIA

Oh reinante feliz com taes vassallos !

POLICIA

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga,
 Dado me é recrear-vos, ser-vos guia
 Ao Principe immortal, de quem reflectem
 Raios de luz para o ministro excelso,
 Que o seu mór premio tem na régia gloria.
 Curvae-vos, e admiraes o heróe sublime,
 Que Lysia adora, e que adorára o mundo,
 Se o mundo todo merecesse olhal-o.¹

¹ Abre-se o fundo do theatro, apparece o retrato do Principe Regente com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os votos mais puros da nação.

Vêde a seus pés o magistrado insigne,
Que n'elle se revê, que a bem da patria
A grandeza real submisso implora !

HOSPITALIDADE

Quanto a Virtude altêa a dignidade !

SCIENCIA

Oh jubilo ! Oh ventura !

INDIGENCIA

Eu pasmo, eu treno !

GENIO

Heróe, sacro aos mortaes, acceito aos numes,
Olympico fulgor compõe teus dias ;
Os céos na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu povo os céos vigiam ;
O commercio por ti de fé se nutre ;
As artes, a virtude, as leis triumpham ;
No solio, no poder tens base eterna:
Tua alma sobresáe aos teus destinos ;
E de teu puro arbitrio esse orgão puro,
E' digna escolha tua, aos astros vôa
No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.
Subditos de João, rendei mil cultos
Ao gran regente, ao inclyto character,
Que n'elle divinisa a especie humana:
A voz da gratidão se alongue em viras,
E cordeal ternura os labios honre.

CÔRO

Oh luso heróe ! Baixaste
Da estancia divinal !
Tu és um deus visivel,
Oh Principe immortal !

¹ Dirigiudo-se para o retrato do Principe Regente.

FRAGMENTOS DRAMATICOS

ORIGINAES

VASCO DA GAMA

ou

O DESCOBRIMENTO DA INDIA PELOS PORTUGUEZES

(TRAGEDIA)

ACTORES

O ÇAMORIR. — VASCO DA GAMA. — ATAIDE, official portuguez, seu confidente. — HARIL, principe de Cochim. — O CATUAL, regedor de Calecut. — ALMANSOR, mouro opulento em Calecut. ALAIDA, filha do Çamorim. — CREZINTA, confidente da princeza. — MONÇAIDE, africano. — Um BRACHMANE.

A scena é em Calecut, no palacio do Çamorim

ACTO I

SCENA I

Almançor e Monçaide

ALMANÇOR

Este estrangeiro audaz, que, desferindo
Por mar ignoto as temerarias velas,
Talhou de pégo immenso as virgens ondas,
De serra em serra no Oceano horrendo;
Que, lidando co'a morte, abriu caminho
Lá desde a foz do Tejo áquem do Ganges,
Trouxe de alta ousadia extranho exemplo,
E do gran Çamorin surgiu nos mares;

Gama, que embaixador de um rei potente
Com vozes tão seguras se nomeia;
Accezo contra nós em odio herdado,
Que de males dispõe aos musulmanos,
Que de males promette á India toda !
A constancia, o valor té-li não vistos
Com que o mundo assombrou na grande empreza,
E as mil promessas vãs, que tece astuto
De interesses communs, aparelhados
Ao povo portuguez, ao indio povo,
N'alma do Çamorim se insinuaram;
O illuso imperador dos Malabares
N'olle préza um heroe, e o bem do estado;
Em proficua alliança espera os fructos
Que do arteiro christão lhe finge a astucia.
Tem já tres luas circulado o Polo
Depois que em Calecut os frageis lenhos,
Vencedores das ondas, aportaram:
Aqui de voz em voz correndo a fama
No espanto desde então se nutre e esforça;
Abjectos poleás, altivos naires
Com cego enthusiasmo aqui proclamam
O forte conductor dos nautas duros.
Deslumbrada nação, não vês, não sentes
Forjar-se ao longe, e retinir teus ferros?
Entranha no vindouro a conjectura:
Esses, cujas acções com pasmo acclamas,
São heroes do valor: não da justiça;
Hoje alliados, amanhã tyrannos.
Acaso d'entre as artes, d'entre as honras,
D'entre o puro clarão de um céo risonho,
D'entre os mimos da patria, a nós é vindo
Esse chefe arrogante, e seus sequazes
Não mais que a merecer duravel nome,
Gráo entre aquelles, que eternisa a gloria ?
Ah! Na gloria a politica se envolve;
Politica feroz, que em paz machína
O nosso captiveiro, o nosso estrago;
Que espreita o modo com que lance o jugo,
Que ao triste Malabar transtorne os fados,
E que ás outras nações d'aqui se alongue.

MONCAIDE

Na audacia, na politica presumo
 O genio portuguez capaz de tanto;
 Mas soffre mil obstaculos a empreza...

ALMANSOR

Não duvides, Monçaide; atroz mudança
 Nosso estado terá, e o d'estes povos,
 Se tal gente, a prodigios costumada,
 De Africa incendio, horror da patria nossa,
 Aqui poder tambem vibrar seu raio;
 A seita musulmana então succumbe,
 Cáo o influxo, o favor, cáe a opulencia
 Que atendeis nos faz perante o solio.
 Cumpre não desmaiar na canta empreza;
 Por esforços extremos se remova
 A procella imminente ás nossas fronteas.

MONÇAIDE

Practicados ardís, tégora inuteis.
 Auguram pouco effeito a novas artes:
 As torres, que a ambição vai surda erguendo,
 Por braço experto, e para nós terrivel,
 A' sombra avultam do poder supremo;
 O incauto Çamorim não vê futuros;
 Ufano do esplendor, que lhe reflecte
 Da embaixada de um rei temido, e grande;
 De brilhantes chimeras encantado,
 E mais do firme tom, que as fortalece
 Nas vozes, no exterior de um homem raro,
 Faustas idéas da apparencia colhe.
 Debalde o Catual, cuja avareza
 Thesouros nos absorve insaciavel,
 Esperanças vendendo a preço de ouro,
 Debalde tem mil vezes machinado
 Dos atrevidos nautas a ruina:
 Se o poder, que do throno lhe dimana,
 Se a publica, orgulhosa auctoridade
 Que exerce em Calecut esse, que priva

Tanto c'o Çamorim, e o representa,
Eficazes não torna os teus projectos,
Porque da empreza vã não descorçôas ?
De infallivel tractando o contingente
Ao proximo regresso obstar desejas
Dos guerreiros varões, que odeias n'alma,
E queres o seu fim, não sua ausencia:
Já promptos nos baixeis a patria anhelam,
Completa a commissão que a nós os trouxe;
Soltas em breve as temerarias velas
Tornarão a arrostar o horror profundo
Das negras ondas em que ferve a morte;
Cedo entregues ao vento, ao mar entregues
Esses, que temes, livrarão teus olhos
De seus feros semblantes importunos:
E quem sabe se o turbido Oceano,
Que uma vez lhe soffreu a enorme audacia,
Agora mais indocil, mais soberbo
No horrivel bojo sorverá com elles
Ingentes, arriscadas esperanças?
Nem sempre o destemido é venturoso:
Da fortuna á desgraça o passo é curto...
Sim, Almansor: ao vento, ao mar, ao fado
Demos a empreza facil de extinguil-os.

ALMANSOR

Monçaide, o vento, e mar lhe obedeceram,
E que fiar não ha no fado incerto.
Importa-nos seu fim, não sua ausencia;
Não que, outra vez o pelago affrontando,
Esses lenhos fataes no Tejo ancorem;
Não que o fructo de prospera ousadia
Émulo ardor provoque a renoval-a,
E as artes multiplique, e apure as forças
Ao plano de politica, e de gloria,
Com que activa nação, que em si não cabe,
De seus curtos limites indignada,
Quer do ultimo occidente arremessar-se
Aos climas, onde o sol dá luz primeiro;
E aqui, ou na extensão de toda a terra
Projecta impôr seu jugo, honrar seu nome.

Tolher-se a execução do plano infesto
E' justiça tambem, não só proveito;
Apaguem-se as faiscas pouco accezas,
Que um vasto incêndio não remoto agouram:
Sempre exemplo feliz terá sequazes,
Nenhum, ou raros desgraçado exemplo.
N'alma do Çamorim terror se infunda,
Que perigoso apreço em odio troque:
Um só não fique illeso, um só não torne
Dos bravos, dos terriveis navegantes,
Que leve á patria o miserando annuncio
Do asperrimo castigo aos seus imposto:
Ou seja o captiveiro, ou seja a morte
Condigno premio da ambição, que injusta
Sobre a nossa ruina empreende alçar-se.
Em traír um traidor não ha vileza.
Mauritano, como eu, te cumpre, amigo,
Manear da vingança os instrumentos
Contra a feroz nação, que nos detesta,
Contra a feroz nação, que detestamos:
Reciproco interesse, a lei. e a patria
Tal zelo, tal fervor de nós exigem.

MONÇAIDE

O paterno destino acompanhando,
Bem sabes que de Tunes, patria minha,
Aqui vim exercer, qual tu, qual outros,
Esta correspondencia industriosa
De nação a nação, que as enriquece,
As pule, as encadêa, as fraternisa,
No cambio do que ao luxo, á vida serve:
Sabes que um pae, de que venero as cinzas,
Proveitosa união me urdiu contigo
N'est'arte, que as fortunas amplifica
(Arte, que ás vezes se desluz, se avilta
No illegitimo ardil, no torpe engano,
Arte porém, que em mil dá culto á honra)
São interesses meus teus interesses,
Teus damnos são meus damnos, em virtude
Da alliança fiel por nós mantida:
Atalhar-se o progresso aos portuguezes

Da gloria, da ventura, que ambicionam,
 A ti, e a mim convém, convém aos nossos,
 Ao grande Çamorim, e á India toda;
 Embora estratagemas se requintem,
 Se ainda t'os depára a phantasia,
 Para que de fadiga infructuosa
 Amargo desengano á patria levem,
 E obste a novas tenções tenção baldada;
 Sanguinarios porém, crueis não sejam
 Os meios que empregarmos; não se julgue,
 Não digam que é vingança o que é justiça:
 Que frouxos, incapazes de atterral-os
 Tentámos impiamente o desaggravo
 De tanto, e tanto mal, que tem soffrido,
 E que inda nossos climas soffrem d'elles.
 Amo a patria, amo a lei, sou musulmano,
 Mas odeio a traição, a astucia infame,
 Vicios que aos africanos se attribuem;
 A lei universal, a humanidade
 Deve a todas as leis ser anteposta:
 Este o meu sentimento agora,, e sempre.

ALMASOR

Se a amisade, se a fé que em ti respeito,
 Por longas experiencias apurada,
 Suspeitas naturaes não rebatesse,
 Namorado tambem te julgaria
 Da acção, que teve as ondas por theatro;
 Crêra que a superficie te deslumbra,
 E te não resta luz que indague o centro.
 Se brilhantes acções têm fins odiosos,
 Que vale o resplendor de acções brilhantes ?
 O heroismo é razão; não ha sem ella
 Proeza que eternise, acção que afame:
 E é da razão talvez, é do heroismo
 Vêr mil horrores, abarbar mil mortes
 Para tornar com arte, e com violencia
 Primeiro amigas, e depois escravas
 Innocentes nações, a quem pozera
 Procellosas barreiras o Oceano
 Contra insana ambição, contra esse monstro,

Que as fauces lhe abre ao longe, e quer tragal-a?
 A lei universal, a humanidade
 Reconheço também, também pondero;
 E, em pospôr um só povo a muitos povos
 Por elle iniquamente ameaçados,
 Cumpro o sacro dever, que ufano allegas
 Além de sustentar a propria, a justa,
 A grande causa onde omissões são crimes;
 Onde...

MONÇAIDE

O tom da suspeita, que em teus labios
 Sôa injusto, Almansor, também é crime,
 Antes delirio, que profana, insulta
 A amisade, e a razão: que ardor, que zelo
 Transcende o que atéqui mostrei na empreza
 Por tão altos estorvos contrastada?
 Se ao portentoso Gama, em cujos feitos
 Admiro o heróe, e o portuguez detesto,
 Tenho captado a confiança amiga
 Com publico louvor, sagaz obsequio,
 Teus conselhos segui; por teus conselhos.
 E interesses da patria, d'estes povos
 A desvelo impostor forcei minha alma,
 De meu livre character fui tyranno:
 O assombro involuntario, que me exprobras
 (Apalpa o coração) tu mesmo o sentes,
 O confessas tu mesmo: e quem podéra
 Não sentil-o, Almansor, não confessal-o ?
 Os novos Argonautas do occidente
 Na façanha immortal têm já transposto
 As metas do que é dado á Natureza:
 Esse, que os dirigiu da gloria ao cume,
 Universal pregão merece á Fama;
 Seu nome pelos séculos se estende,
 Nem tu podes, nem eu, nem quanto existe
 Negar-lhe a admiração, seu jus, seu premio,
 A admiração porém não tyrannisa
 Minha mente, capaz de refreal-a,
 E vêr pelo clarão do illustre feito
 Horridas nuvens, que promettem raios:
 Nossos intentos pois ao fim se levem,

Se possível nos fôr ao fim leval-os;
 Mas arte seja tudo, e longe a força.
 Além do Çamorim não consideras
 Que braço contrariá os teus furores ?
 Vê do rei de Cochim o augusto herdeiro,
 Vê o principe Haril como protege
 (Tambem n'alta façanha embellezado)
 A causa d'esses homens destemidos;
 E que para seu rei grata resposta
 Gama do Imperador por elle obteve.
 Na pompa, na grandeza d'este dia
 Attentado egualmente, as iras doma:
 Hoje que o Çamorim desposa a filha,
 Que Alaida em prisão dôce a Haril se enlaça,
 Que o paço imperial off'rece aos olhos
 Requintado esplendor em honra ás nupcias,
 Respeitemos, amigo, respeitemos
 O publico prazer, e o do monarcha:
 Ousar-se n'este dia acção, que o turbe,
 Aos céos, e á terra sacrilegio fôra;
 Bonançosa alegria hoje serene
 Tumultos de paixão, que o peito abalam.
 Depois...

ALMANSOR

Absorto em lúgubres imagens,
 Descuidei-me atéqui do grande objecto,
 Que exige o mais profundo acatamento.
 A amisade, e o dever me gritam n'alma
 Que peze teus conselhos, que os abrace:
 Estas agitações, o ardor que attento
 Tempéras co'a razão, tambem tempero;
 Um dia, um dia só, não mais que um dia
 Forcem-se as iras a dormir no peito,
 E colham do repouso alentos novos.
 Ao Cataul propor mais ardua empreza
 Era o vasto projecto, era o destino
 Que á morada real guiou meus passos;
 Mas a proposição pede outro tempo,
 E incentivo menor d'aqui me affasta.
 Tu, Monçaide fiel, prosegue emtanto
 Na cauta indagação dos pensamentos,

Que o suberbo europeu talvez te esconde:
 E' para nossos fins um bom principio
 Sondarmos o inimigo, e ler-lhe n'alma;
 O pezo d'este exame indispensável
 Deponbo todo em ti. Dissimulemos. ¹

SCENA II

MoKÇAIDX

Africano implacável, não me illudes
 Com essa de'repente alegre face:
 No silencio forçado a raiva opprimes:
 De affecto para affecto, e tão contrario
 Não passa o coração n'um só momento.
 Já parte do que eu sou presume o fero:
 No extremoso louvor, que transportado
 Consagrei ao varão de beróes modelo,
 Quasi descortinou toda a minba'alma.
 A. pezar d'interesses tão sagrados,
 Que meu character dobram, que o reduzem
 A precisão do engano; —a âer no rosto,
 A ser nas vozes parcial, e amigo
 Do mesmo, que ódio eterno em mim provoca;
 Do pérfido Almansor, o mais injusto,
 O mais duro, e feroz dos musulmanos;
 Teu fervoroso amor, ob pátria rriinba,
 Tégora na violência represado,
 Ia rasgando o véo, que encobre aos olhos
 Meu ser, e o meu destino. Horríveis monstros,
 Oppressores cruéis, que arrebatastes
 Aos braços maternaes a minha infância;
 Que no jugo do exemplo, e do costume,

¹ Estou certo que, se Bocage houvesse de dar esta peça ao theatro, evitaria o fastio de quasi trezentos versos na scena de abertura ; muito mais não envolvendo ella uma sufficiente próthase : porém aqui dá-se uma copia do que primeiro lhe produziu a pliantasia, e não do que elle approvou, depois de reflectir no que imaginara ; como bem claramente denota a imperfeição do seu autographo. (*Nota de Pato Moniz*).

Com sacras illusões me hallucinastes,
E, a minha alma cingindo a lei nefanda,
Fizestes (ai de mim!) que preferisse
Ás luzes da verdade as sombras do erro:
Oppressores crueis, baldadas foram
A vossa tyrannia, as artes vossas:
Seus direitos nm Deus em mim recobra;
Por veredas, que a mente humana ignora,
Aos meus, e a si me reconduz o Eterno.
Mas em que agitações; em que terrores
Meu animo fluctua? Ah! Que terrivel
Sombrio agouro o coração me enluta!
Que scehas de traição, de horror, de morte
No triste pensamento me negrejam! ¹

¹ Eis-aqui tudo o que me chegou d'esta tragedia, que Bocage levára ao fim do primeiro acto, que eu vi, e que elle me leu. (*Notade Pato Moniz*).

AFFONSO HENRIQUES

OU

A CONQUISTA DE LISBOA

(DRAMA HISTORICO)

ACTORES

AFFONSO HENRIQUES, rei de Portugal. — GUILHERME, principe inglez,— LIGEL, senhor flamengo. — EGAS MONIZ, fidalgo portuguez e confidente d'Affonso.— ARNALDO, seu filho.— ZAIDA, princeza moura captiva.— ZELINA, sua escrava.— ALMANSOR, mouro. — Officiaes portuguezes e estrangeiros. Soldados.

ACTO I

SCENA I

Affonso, Guilherme, Ligel, Moniz, o officiaes

AFFONSO

Famosos, destemidos companheiros,
Heroes, comigo affeitos á victoria.
Que o jugo sarraceno, o jugo infame
Ides com ferreas mãos anniquilando;
Tu, digno irmão do inglez monarcha,
Magnanimo Guilherme, e tu, brioso
Intrepido Ligel, de Flandres gloria;
Varões, que nos baixeis apparelhados

N. B. — Bocage esqueceu-lhe designar o logar da scena, assim como no andamento do drama lhe esqueceram muitas rubricas, que na leitura facilmente se dispensam, mas que lhe eram essenciaes quando houvesse de o fazer representar; porém os leitores, n'estas poucas scenas que existem, claramente acharão indicado que o logar de todas ellas era o acampamento portuguez. — (*Nota de Pato Moniz*).

Contra o fero oppressor dos santos lares,
Da captiva Sião contra os tyrannos,
Por alta providencia aqui surgistes;
E, de um Deus abraçando a causa excelsa,
As palmas do Jordão colheis no Tejo:
Amigo do teu rei, da patria tua,
Insigne portuguez, Moniz preclaro,
A quem o antigo esforço as cans não murcham;
A quem da trabalhosa, e crespa idade
Vivo ardor marcial derrete o gelo;
Heróe, que de outro heróe te vês herdado;
Que ao filho transmittiste o raro talento,
E no mancebo Arnaldo a fama estendes
Do gran tronco, de que és egregio ramo:
Chefes invictos, fervidos soldados,
Em vão do mouro adusto a resistencia
A' nossa grande empreza o fim retarda:
Debalde tem sustido há cinco luas
O rapido furor das nossas armas;
Tenaz opposição dobra o triumpho;
Na lida, no suor se nutre a gloria;
Lisboa cederá, verão seus muros
De um assalto geral o effeito illustre:
Esses templos sacrilegos, aonde
Adorando-se um Deus, um Deus se insulta,
Hoje, por dignas mãos purificados
Do culto, dos incensos da impostura,
Serão dos nossos votos sacro asylo,
Do Deus de nossos paes estancia augusta.
Não, para vos dispôr ao feito heroico,
A' façaha christã não necessito
De excitar, socios meus, na idéa a imagem
Do que vistes heróes, do que fizestes
Nos marcios campos do espantoso Ourique:
Duros netos de Agar além bramindo,
Immensa multidão enchia os valles,
Cubria as serras, esgotava as fontes;
O truculento Ismar dos seus na frente,
De quatro escravos reis obedecido,
Amotinando os céos com grita horrenda,
De olhos fitos em nós, como os emprega
Esfamado leão na facil preza:

Nós d'aquem, turba escassa, mas terrivel,
Confiados no céo, na fé seguros,
De um Deus na protecção, na gloria accesos,
Com fero encontro os impios arrostando,
Abrindo, e desfazendo escudos, malhas,
Dando tostadas victimas á morte,
D'espíritos brutaes o inferno enchendo,
Sentindo rebentar aos nossos golpes,
E ir pela rubra terra o sangue em ondas;
Os barbaros pendões do chão dispersos;
O estrondo, a confusão, o horror, o estrago
Por aqui, por ali; montões de mortos;
Anjo exterminador, nuncio do Eterno,
Sobre as frentes dos profugos troando,
Sobpezado na mão raio invisivel,
Com formidavel impeto espargindo
Por entre os infleis total derrota !
Este quadro, esta idéa, altos guerreiros
Necessaria não é para incitar-vos:
Temos o mesmo esforço, as mesmas armas;
O Deus, que nos valeu, nos vale ainda;
O que fostes sereis: Lisboa é nossa.

GUILHEME

Affonso nos commanda, e do triumpho
E' decisivo annuncio a voz de Affonso:
Calcaremos aos pés o orgulho insano
Do agareno infiel; n'aquelles muros
Nossos pendões, senhor, verás alçados,
Inda a luz da manhã não doura os ares:
Antes que raie a aurora, e se effectue
O vigoroso assalto, que apparellas,
Nós veremos talvez o afouto Arnaldo,
O meu prezado amigo apparecer-nos,
Volver aos arraiaes com palma insigne:
O barbaro tropel, que em seu auxilio
Chama o duro oppressor da gran Lisboa,
Talvez, egregio rei, já tenha sido
Do braço portuguez servil despojo.
De Arnaldo a condição fogosa, e prompta
Só se contenta em rapidas victorias;

Demoras no vencer lhe são desdouros:
 Sabido o seu valor, e o seu character
 Voluntario cedi ao caro amigo
 O que a ninguem cedera, o mando honroso
 Da generosa em preza, a que é tão proprio:
 Meus votos, meus desejos o aceleram,
 E como que já sinto o som guerreiro
 Nuncio do meu pezar, da gloria sua.
 Apenas entre nós o moço illustre
 Do sublime esplendor brilhar c'roadado,
 Fadigas a fadigas aggregando,
 Então, grande monarcha, aos inimigos
 Levemos o terror, a chamma, o ferro.

MONIZ

Na demora, senhor, se apura, e cresce
 O fogo marcial de teus soldados;
 Seus olhos devorando aquelles muros,
 Ha muito de assaltal-os, de invadil-os
 O momento, o signal com ancia pedem:
 Mas eu, subdito, e pae, bem que antepoñho
 A gloria do meu rei á de meu filho,
 Conciliar dous titulos quizera
 Para o meu coração de tanta estima:
 Quizera merecer ao meu benigno
 Greneroso monarcha a complacencia
 De retardar o assalto alguns momentos,
 Para que o filho amado, em quem reflecte
 Meu zelo, meu fervor, minha lealdade,
 Associar-se possa em nova empreza
 A seu rei, e a seu pae; não sinta Arnaldo
 O pejo, o dissabor de vêr-se inutil
 Na mais brilhante acção, que os céos nos guardam.
 As vezes, prolongando-se-lhe o termo,
 Projectos dos heróes se desconcertam;
 Bem sei, mas são d'heróes, que só se estribam
 No rapido valor, na mente astuta;
 Não d'heróes, como tu, do céu validos,
 Em que é fado o triumpho, herança a gloria.
 Verificado está quanto profiro
 Na celeste visão, que honrou teus olhos,

Lá quando a divindade o véo despindo,
Esse véo sacro-sancto, impenetravel
Que a recata de nós, á face tua
No lenho redemptor se fez patente;
E, travando comtigo alta alliança,
As insignias te deu, te deu o imperio.
O teu jus a vencer quem ha que o vede,
Depois de o conferir o Omnipotente?
Alguns momentos mais, que a furia prendam,
A furia dobrarão depois de solta.

AFFONSO

De solidas razões ceder ao pezo
E justiça, é dever; é recompensa
Do generoso ardor de um pae, de um filho
Tão uteis ao seu rei, tão dignos d'elle:
No que sou moralmente, o fructo vejo
Da tua educação, dos teus desvelos:
Meus passos dirigiste á gloria, ao throno;
Vive esta ideia em mim; sou rei, sou grato...
A gratidão n'um rei tambem se encontra.
Suspenso fique embora alguns espaços
O assalto estragador do mouro infando;
Esperemos Arnaldo, Arnaldo augmente
Nos duros torreões o duro embate,
E no sangue infiel de novo ensope
A cortadora espada irresistivel;
Góse... mas que rumor não bem distincto
Resôa em meus ouvidos!... Não me engano,
Sinto que se approxima a cada instante...
Talvez... Parte, Ligel, inquire a causa
Do subito ruido; este alvoroço
Que me revolve o peito, e que me inflamma,
È presagio feliz.

LIGEL

Corro a servir-te. ¹¹ Vae-se.

MONIZ

Paterno coração, como palpitas !
 Não mentes, não me illudes: eis meu filho.
 Ah ! Permite, senhor, que eu...

GUILHERME

Não: detem-te,
 Cede á minha amisade o grato exame;
 Eu vou... porém que vejo? Arnaldo? Oh gloria!

Moniz

Filho... ¹

SCENA II

Ligel, Arnaldo e os precedentes

ARNALDO

Meu rei, vencemos!... Foi teu nome
 Principio do triumpho portentoso,
 E a nossa intrepidez foi seu remate:
 O mouro usurpador, cedendo o campo,
 Fiou dos leves pés um debil resto
 Do exercito feroz, que jaz por terra.
 Com que prazer, senhor, com que transporte
 Teus guerreiros magnanimos travaram
 O conflicto mortal, que os fez eternos !
 Fervor de antecipar-te o ledo aviso
 Fez com que eu precedesse a marcha sua;
 Mas em breve os verás: em breve ás plantas
 Do nosso digno rei virão depôr-se
 As bandeiras ao barbaro arrancados,
 As armas, os trophéos, os prisioneiros.
 (Tu murmuras, amor ! Ah ! Soffre, e cala).

¹ Nada mais achei pertencente a esta primeira scena. —
 (Nota de Pato Moniz).

AFFONSO

Tuas claras acções, mancebo illustre,
 Já te vão franqueando a eternidade;
 Na classe dos heroes logar te assignam.
 A modestia gentil de que te adornas
 Supprime a narração da gloria tua;
 Mas o teu rei, que te ama, e que te admira,
 Da tua. voz exige as circumstancias
 Do feito denodado em que luziste:
 Falia pois, o triumpho se renove
 Pela bocca do heróe, que o fez completo.
 Dignamente de ti fallar tu podes:
 Tem direito a louvar-se o que é louvavel.

ARNALDO

Mais por obedecer no teu preceito
 Que para me exaltar, para exprimir-te
 A justa execução de meus deveres,
 Te figuro, senhor, o atroz combate.
 A dar prompto soccorro áquelles muros
 Torrados esquadões se arremessavam
 Com bruto ardor, com horrído alarido:
 Eis em longa planicie os avistamos
 Por entre o denso pó, que vae subindo
 Do chão revoltó; e subito inflammados
 Os teus, em cuja frente me abalanço,
 Ao signal, que lhes dou, vozeam, correm;
 Com fervoroso espirito proferem
 Em terrível clamor:—«Affonso ! Affonso !»
 E aos barbaros se arrojam n'um momento:
 Levanta a chusma vil mais altos gritos;
 E, com desprezo o numero notando
 Tantas vezes menor, que se lhe arrosta,
 Já divide entre si nossos despojos;
 Mas a imaginação decáe no effeito:
 Ao principio, senhor, d'um lado, e d'outro
 A victoria pendeu como indecisa:
 Mas, crescendo o furor na resistencia,
 Depressa o portuguez arrebatado
 A causa decidiu, desfez o enleio;

Espadanas de sangue a terra ensopam;
 Voam braços, cabeças, fervem mortes;
 N'um theatro de horror se torna o campo;
 Parece transferir-se ali o inferno !
 Em fim terror geral, geral destroço
 Na fuga aqui, e ali semêa, espalha
 As reliquias do exercito nefando:
 Algum tempo implacaveis o acoçamos,
 Unindo em muitos peitos morte, e medo;
 Mas, fartos de matar sem resistencia,
 Vendo que só no risco existe a gloria,
 A furia suspendemos; e voltando
 Aos nossos arraiaes com mil despojos,
 Buscámos, conseguimos, gran monarcha.
 No teu contentamento o premio nosso.

AFFONSO

O meu prazer não só, tambem meus braços
 Devem ser galardão do que te escuto,
 A teus nobres extremos costumado
 Meu coração previu teu lustre novo:
 Venturoso de um pae, que em ti prolonga
 A moral duração melhor que a vida !
 E' jubilo sem par vêmos que brilham
 Mais que nossos avós os filhos nossos.
 A Moniz este jubilo compete,
 O heroismo, que herdou, por ti se apura.

MONIZ

Dos braços do teu rei já foste honrado,
 Está já satisfeita a gloria tua;
 Satisfaze tambem o amor paterno:
 Vem, abraça teu pae, banha este rosto,
 Banha estas cãs de lagrimas suaves,
 Lagrimas da alegria, e da ternura.
 Seus fructos produziu minha esperança,
 Qual vêr-te desejei te vêr meus olhos:
 Ferreo somno da morte embora os cerre,
 Em ti deixo um heróe, contigo ficam
 Meu sangue, meu fervor, meus sentimentos,

E um braço mais funesto aos inimigos,
Mais prestadio á patria. Amado filho,
Fallece a voz, o coração não póde
Com tão novo prazer; e, a ti correndo,
Nas lagrimas, que verto, se derrete.

ARNALDO

Doctrinado por ti, de ti nascido,
Que menos pela patria ousar podéra?
Graças envio aos céos por vêr-me digno
Da tua educação, dos teus extremos,
Do heroe, do pae, que ao longe imito apenas.
Mas permite, senhor, que se dividam
Tambem pela amisade os meus affectos;
Que do excelso varão, que me honra tanto,
O bem da gratidão nos braços goste.

GUILHERME

Heroe, fructo d'heroes, eu te esperava
Como sempre te vi, qual és, qual foste.
Une a mão vencedora á mão do amigo,
Que não menos que tu teus louros gosa.

AFFONSO

As bellicas trombetas perto sôam:
Logremos e espectaculo pomposo
Dos guerreiros christãos, em quem revive
Da antiga Lusitania o bravo esforço.
No adequado louvor comece o premio
Das illustres fadigas, que os affamam:
Multiplica os heróes louvor, e exemplo.

MONIZ

Eis, senhor, teus intrepidos soldados,
Que, affeitos a vencer, trazem no rosto
Para os triumphos seus desdem sublime:

Vê como nas guerreiras, crespas fronte
Da gloria do seu rei brilha o reflexo. ¹

AFFONSO ²

Redemptores da patria, ah ! Vinde, vinde
Em nossos corações dobrar o alento,
O alento executor d'altas façanhas.
Vossos terriveis braços, despedindo
Inevitaveis golpes, vos grangeam
Memoria perduravel, fama eterna:
Aos estragos do tempo, ás leis da morte
Imperio não consentem vossos nomes:
Quaes vos vejo brilhar, quaes sois agora
Ireis luzir nos seculos vindouros:
O clarão das acções, que a terra espantam,
Rompendo a nevoa da remota idade,
Aos tardos, animosos descendentes
De heroica emulação será fomento;
Unido ao vosso exemplo o sangue vosso
Heróes produzirá, que heróes produzam;
Serie pasmosa de varões sublimes
Dareis ao mundo; morrerão com elle:
Acceza a phantasia o diz, o augura:
Nada menos que vós de vós se espera.
Ide em curto repouso apparelhar-vos
Para novo esplendor, fadigas novas.
Tu, Moniz, me acompanha: os meus projectos
Pela exp'riencia tua aperfeiçô.
Tu, principe, depois que saciado
Houveres da amisade os sentimentos,
Livrementemente abraçando o caro amigo,
Teus guerreiros fieis dispõe, e ordena
Para o férvido assalto.

¹ Vão passando os soldados.

² Saindo com os officiaes ao campo a enconral-os.

SCENA III

Guilherme e Arnaldo

GUILHERME

Em teu semblante
Transluz a viva dôr, que tens no peito:
Arde a paixão fatal, que em vão disfarças.
Misera condição da humanidade !
Duro mortal, que arrosta o ferro, a morte,
Ante uns olhos gentis desmaia, e treme !
Vencer não póde a si quem vence a tantos:
Mais que o furor de exercitos cruentos
Ousa fraca mulher com pranto, e riso!
Por culpa de attractivos seductores
Entre tanta ventura és desditoso:
De uma insana paixão tyrannisado,
Cego escravo de amor, sómes, apagas
Nas sombras da tristeza a luz da gloria.
Desgraçado mancebo ! Ah ! Nunca vissem
Teus olhos o damnoso, infausto objecto
Que a vontade te encanta, e senhorêa !
Nunca das mãos dos seus arrebatasses
Essa dos males teus formosa origem,
Veneno por mil graças adoçado !

ARNALDO

Veneno ao coração, veneno aos olhos,
Veneno que me encanta, e me repassa,
Que mil vidas me dá, me dá mil mortes.

GUILHERME

Oh céos! Tu portuguez, tu responsavel
De assombrosa virtude a Deus, e á patria,
Da lei, que segues, a inimiga adoras!
Zaida, prole de Osmin, prole de um monstro,
De um tyranno infiel, reina em Arnaldo !

Reina em ti, num christão ! E o despotismo
 Do barbaro oppressor, que em ferreo jugo
 Entre aquellas muralhas tem ligados
 Os teus irmãos, os teus compatriotas,
 Da filha pela mão tambem te abrange ! . . .
 Ah! Torna, torna em ti; combate, e vence
 O criminoso ardor que te hallueina:
 Teme que inuteis ais, téqui sómente
 Da causa do teu mal, de mim sabidos,
 Levem teu desacordo, e teu deslustre
 Aos ouvidos de um pae, de um rei, que te amam.
 Diversos interesses, leis diversas,
 Odios herdados, a justiça, a patria,
 O teu dever, e um Deus teu gosto impugnam:
 Que esperas, infeliz, de taes excessos?
 Que esperas d'esse amor ?

ARNALDO

Que espero ? A morte.

Do lugubre sepulchro a paz, o asylo.
 Sancta religião, se tu não fôras,
 Se os decretos de um Deus m'o não vedassem;
 Se outro estorvo não visse ás furias minhas
 Mais que o geral honor da natureza,
 Na presença de um termo inevitavel;
 Se da cega paixão no labvrintho
 Um resto de razão me não luzisse;
 Se de Zaida ao poder não se oppuzera
 A voz da carrancuda Eternidade,
 Já do sangue, que ferve em minhas veias,
 Mortifero punhal tingido houvera.
 Não me esquece o dever, a lei que adoro;
 Sou christão, portuguez, e heróe seria
 Se mais forte que Arnaldo amor não fosse.
 Eu me envergonho (oh céos!) eu me horroriso
 Do estado a que a paixão reduz minh'alma !
 Sei que é labéo, fraqueza, injuria, crime
 Este affeeto, este ardor; que sou por elle
 Rebelde ao culto meu, e á patria minha;
 Pejo, remorso, amor comigo luctam,
 Mas sempre no combate amor triumphava.

Senhor dos corações, Ente supremo,
 Ah ! Porque tão sensível me formaste ?
 Em vez de um coração tenho um verdugo !
 Forças contra as paixões nos foram dadas,
 Póde mais a razão que a sympathia,
 E aquella me abandona, e cedo a esta !

GUIHERME

Defeza não lhe oppões, domar não queres
 O fatal sentimento; elle é vencível,
 Mas cumpre que a virtude esmere as forças
 Na empreza não vulgar: sé resistisses,
 D'esse inimigo interno a palma houveras.

ARNALDO

Que bruto, ferreo peito resistira
 Ao suave attractivo, ao dôce pranto
 Que nos olhos da Zaida me encantaram ?
 Parece-me (ai de mim !) que ainda a vejo,
 Quando armados os seus a conduziam
 A distante logar, seguro asylo
 Longe dos muros, que rodeia a morte:
 Parece-me que a vejo, ao repentino
 Encontro com que a fuga lhe estorvamos,
 Estremecer, gritar, cair por terra,
 E em breve de cadaveres cercada,
 Tinta do sangue alheio, e se mpre bella
 Com seus olhos dourar o horror da morte !
 Ah ! Quando absorto, extatico, sem falla
 Em meus braços a ergui do chão sanguento,
 Furor, conternação gentil mistura
 De contrarios affectos, em seu rosto
 Honrava, ou transcendia a Natureza !
 «Christão (Zaida clamou) sou tua escrava;
 Meu negro fado o quiz, mas não profanes
 Uma infeliz princeza, uma donzella,
 Uma filha de Osmin; entre inimigos
 Exista ao menos da virtude o laço:
 Tua religião te impõe deveres
 Quaes a minha me impõe, quaes se derivam

Das generosas leis da humanidade.»
 Ouvi-a, e transportado ás plantas suas...

GUILHERME

Para que estás cevando o pensamento
 N'essa imagem fatal, que mais te affunda
 No abysmo da paixão? Bem sei; mil vezes
 Repetido me tens o lance infausto,
 Que decidiu tão mal do teu destino:
 Teu valor, teus respeitos excitaram
 Na bella prisioneira amor fervente,
 Mais forte que o dever, que as leis, que o sangue:
 Tudo sei, triste amigo, e tudo temo
 Do funesto poder de que és escravo.
 Condemno-te christão, homem te choro.
 Agras exprobrações nascidas foram
 Não do meu coração, mas do meu zelo;
 Relevar teus excessos é perder-te:
 Lucta, lucta comtigo; ou tarde, ou cedo
 Paixões fenecem como tudo acaba:
 Cuida em acelerar triumpho insigne;
 Do objecto, que te inflamma, evita os olhos;
 Árdua, cruel, penosa é esta empreza,
 Mas digna de um heróe por ser tão dura:
 Teu coração se aveze á triste ausencia;
 Não gastes do teu mal, não vás nutril-o
 Perante as perfeições que o produziram:
 O costume de amar captiva, e cega
 Os frageis corações a amor propensos;
 Roto o jugo ao costume, o peito enrija,
 E a custo se recáe n'um louco affecto.

ARNALDO

Principe generoso, em teus conselhos
 A singela amisade está brilhando;
 Vejo o preço em que tens a gloria minha;
 A voz d'alta virtude incontrastavel
 Ouço na tua voz, porém que importa
 Conhecer a razão sem abraçal-a
 Inda é mais triste que existir sem ella.

Ali! nem gózo o prazer de hallucinar-me!
Reconheço-me réo, confesso o crime,
Não me sinto porém capaz de emenda.
Mil pensamentos entre si contrarios
Na minh'alma em tropel combatem, fervem;
Qual negro turbilhão, que agita os ares,
Todos, todos de chofre me salteam:
Mas, despojo infeliz de atroz conflicto,
Detesto o meu amor, e adoro Zaida.
Cessa pois, claro heróe, piedoso amigo,
Cessa de apresentar-me o quadro feio
Dos desatinos meus, da minha injuria;
Ha de em breve apagal-o a mão da morte;
Em breve arremettendo áquelles muros
D'onde brotou meu mal, farei que brote
Meu socego, meu fim: por ferro, e fogo
A desesperação nadando em sangue
Minh'alma arrancará de meus tormentos;
Soberbos torreões cahindo em terra
Suffoquem meu furor, meu corpo esmaguem;
Nos horrendos montões d'altas ruinas
Se escondam para sempre a dôr, e o crime
De um misero mortal, de um cego escravo
D'esse encanto, a que chamam formosura.
Outros pereçam victimas da gloria,
Eu victima de amor: tal é meu fado;
Não posso resistir-lhe: em vão me acodem
Heroicos, arrojados pensamentos
Ludibrios da paixão que os desbarata.
Minha acerba catastrophe resôe,
Gire de voz em voz minha desgraça,
A causa lastimosa, o triste effeito:
Se applaudido não fôr, serei chorado.
Morrer é pouco, é facil; mas ter vida
Delirando de amor, sem fructo ardendo,
E' padecer mil mortes, mil infernos.
Existir sem vêr Zaida! Ah! Não, não posso
Concordar tanto mal co'a existencia:
Sómente o mudo horror da sepultura
Entra nós erguerá barreira eterna.

GUILHERME

Que proferes, oh céos !. Que desvario
Te occupa o coração, te abrange a mente !
Infeliz, em que trevas, em que horrores
Tão longe da razão te vás sumindo !
Voluntario dispões sacrificar-te
Ao phrenetico amor, que te arrebatava?
Teu pae, teu rei, teu Deus bradar não sentes
Dentro do coração, e a Natureza
Sacros direitos seus perdeu contigo ?
Que! Disseste, affirmaste que o sublime
Titulo de christão só te era estorvo
Ao suicidio feroz, só te arredava
Do amargurado peito agudo ferro,
E assim te contradizes! E rompendo
As leis universaes as leis mais sanctas,
Tentas, projectas espontanea morte!
Lançar mão de um punhal, ou de um veneno,
Ou machinar teu fim por outro modo
Egual crime não é? Não desacata
A Natureza, os céos da mesma sorte ?
Teu nome, que atéqui guardaste illeso,
Queres manchal-o de indelevel nodoa?
Ah! Jura pelo Deus a quem sagraste
Teu braço, teu valor, teu ser, teu zelo,
Jura de abrires mão do atroz projecto;
De respeitares a existencia tua,
Em quanto aos céos, ao heroismo, á patria
Necessario não fôr teu sacrificio.
Lembre-te o gran dever com que nasceste;.
Attenta no immortal, paterno exemplo;
Ou inda mais ao longe estende os olhos:
Venerandos avós, de que precedes,
Nos tumulos erguendo honradas fronte,
Te contemplam de lá, de lá te exclamam:
«Não fujas dos vestígios que trilhamos,
Do sangue dos heróes não degeneres;
Prosegue, aperfeiçoa a vasta empreza
A que os céos te encaminham; doma, expulsa
Do peito um criminoso amor, que o mancha,

Da patria os infieis usurpadores,
 Que em barbara invasão a agrilhoaram :
 Tua religião, teu Deus t'o ordenam:
 Restaura o culto seu, e os seus altares;
 Da vil superstição derriba os templos:
 Como os teus ascendentes vive, e morre.»
 Eis o que elles te dizem: dá-lhe ouvidos,
 Seus dictames adora.

ARNALDO

Oh ! pejo, oh furia !
 Em dous o coração se me reparte,
 E nas tristes porções, que a dôr lhe arranca,
 Terriveis sentimentos me atassalbam.
 Ali! Mil vezes morrer não é mais dôce
 Que este mal, que este horror, que este refluxo
 De encontradas paixões com que deliro?
 Ah...

GUILHERME

Cessa; para nós dirige os passos
 Não sei quem: prende os ais, compõe o aspecto,
 Recata o phrenesi, que te deslumbra.¹

SCENA IV

Um official portuguez, e os mesmos

O OFFICIAL

Enviado de Osmin chegou ao campo
 Almansor, entre nós bem conhecido
 Pelo audaz coração, e o fero orgulho;

¹ lista terceira scena, não obstante ser longa, não dá fastidio; e julgo que pouco se lhe deveria omittir: Guilherme tem verdadeiramente o character de um sisudo amigo; o Arnaldo o de um heroe mancebo, allucinado pelo amor. (*Nota de Pato Moniz*).

A audiência, que pede, o rei lhe outorga,
E ao regio pavilhão convoca os chefes:
Por ti, senhor, e por Arnaldo espera.

GUILHERME

Ambos já te seguimos: vae. Reflecte ¹
Que a tua agitação trahir-te póde
Diante de olhos mil em ti pregados:
Affectado socego ao menos leva
A' presença do rei, que te honra, e chama.
Vamos.

ARNALDO

Ah! d'esta sorte, acceza a face
Do pejo, e da paixão, terei o esforço
De ir contigo, senhor, de apresentar-me
N'um congresso d'heróes, quando o deslustro,
Quando a minha fraqueza é d'elle indigna?
O remorso talvez, supprindo as vozes,
Pela perturbação dirá meu crime.
Ah! Salva d'este lance o triste amigo,
Urde ao menos, oh principe, um pretexto
Que a demora me honeste, e deixe espaço
Para vêr se grangeio algum repouso,
Abafando a tormenta em que fluctuo.
Vae senhor, que eu te sigo! Um só momento
De solidão te rosa a minha angustia.

GUILHERME

Na solidão requinta-se a tristeza;
Se a dôr se communica, a dôr se abranda;
Mas, pois o queres, fica: estes momentos
Em serenar-te, amigo, eia, aproveita.
Fujam teus olhos, teus sentidos fujam
Do perigoso objecto que os enleia:
Emtanto c'o teu rei vou desculpar-te:
Não tardes em seguir-me; heroico esforço
Dos laços da paixão desate a gloria.

¹ Vae-se o offfiial.

SCENA V

ARNALDO

Que farás, coração ? Que lei, que jugo
Te dispões a soffrer? O amor, e a honra
Prohibe o fado meu que em ti se ajustem :
Se á honra me submetto, amor suspira;
Se para amor propendo, a honra clama.
Que trance tão cruel! Que alternativa !
Que horror!... Zaida perder! Perder a gloria!...
Sem esta, e sem aquella odeio a vida...
Mas hei de a cego amor sacrificar-me
Quando de mim carece a patria minha ?
Hei de murchar viçosas esperanças
No coração de um pae tão bem plantadas?
Hei de retrocedei-, hei de apartar-me
Da estrada que seguiu, que segue ainda,
C'roando honradas cãs de honrados louros,
Da curva idade repellindo o pezo ?
Tégora fervoroso apoz seus passos
Terei corrido em vão? Farei que aborte
O gran projecto de hobrear com elle,
Gloria que longe no futuro olhava?
Será seu filho, oh céos! o seu deslustre?...
Não, vós me acudireis, em vós espero,
Honra, patria, virtude. Ah! Eu vos sinto,
Vós me inflammaes a idéa: amor não póde,
Não póde o fero amor desarraigat-vos
Do coração de Arnaldo: é inda o mesmo,
E' capaz de vencer-se: e... Deus eterno,
Que objecto me apresentas!... Zaida. Zaida...
Honra, patria, virtude, ah! eu vos perco.

SCENA VI

Arnaldo, Zaida e Zelima

ZAIDA

Salvé, grão vencedor dos musulmanos,
Gloria, e flôr dos christãos, d'heróes modelo,
Impavido guerreiro... e frouxo amante,
Já no sangue dos meus fartaste a sêde ?
Ou teu negro furor mais sangue exige ?

¹ Este drama tinha lindos tres actos, e era talhado para cinco ; mas nem ao menos vemos acabado o primeiro, que fechava com esta sexta scena, jogada entre Arnaldo e Zaida ; e que me peza de não apparecer, porque era bellissima, e n'ella combatiam todos os affectos contra todos os deveres ; pois que elles reciprocamente se amavam com extremo, conhecendo que este amor era condemnado pelos interesses da sua lei e da sua nação. Esta scena de per si era bastante extensa, mas devia-o ser ; e junta com as demais, fazia o acto desmesuradamente grande ; porém ao menos era (como poucos) uma perfeita exposição de todo o enredo ; e, se Bocage lhe deitasse a lima, elle ficaria em tudo perfeitamente regular. (*Nota de Pato Moniz*).

O HEROE LUSITANO

ou

VIRIATO

(TRAGEDIA)

ACTORES

Viriato, chefe dos lusitanos. — Elania, filha de Viriato. — CRESINTA, confidente de Elania. — SERVILLO, tribuno romano. — FLAVIO, Centurião. — AUTLAGES, um dos cahos do exercito lusitano. — MINURO, chefe Aos calaicos. — ASTYR, official no exercito lusitano.

A scena se figura nos arraiaes de Viriato.

A C T O I

SCENA I

Servilio e Flavio

SERVILIO

Eis, Flavio, os arraiaes dos lusitanos:
Paternos um momento a contemplal-os.
Ali de Viriato, ali de um chefe
Destemido, illustrado, infatigavel
Contra os fados do Tibre impera o Grenio.¹

Este da Natureza horrivel fructo,
Guerreiro, que respira, anhela estragos,
A quem no duro ouvido alegres sôam
Os baques de amplos muros, de arduas torres;

¹ E quanto acho d'esta primeira scena, que abria excellentemente, declarando logo o logar d'ella, e dando idéa da acção. (*Nota de Pato Moniz*).

A quem da Humanidade é gloria o pranto,
 E são musica os ais, e o sangue é nectar:
 Execrando mortal, cruento, infrene,
 Que, na voz o trovão, na dextra o raio,
 Brama sumido em pó, sumido em fumo,
 E rios o suor, e os olhos brazas,
 E braza o coração, que as Furias sopram,
 Por entre esquadras cem vae solto em mortes,

Cominando heróes, sou Viriato, e posso
 Da patria, da razão levar o esforço
 Além dos Pyreneos, além dos Alpes:
 Em nova Trebia, em novo Trasimeno
 Do Tibre inda talvez baqueie a gloria;
 Com outro Viriato á testa os lusos
 Lá de sangue, e terror mancharam Roma:
 Na Italia, como aqui, já sabe o mundo
 Que vós, filhos de um Deus, tambem sois homens,
 Ou que os homens então venceram deuses.²

¹ Esta, falia, não sei a que acto nem a que scena pertence, nem quem a declama; presumo que seria um dos dons traidores Aulaces ou Minuro; porque o terceiro traidor e assassino de Viriato não foi Astyr, que entra em scena, foi Dictaleão, que não entra; porque taes phrases só podem aqui entender-se contra Viriato, e só as podera proferir um seu acerrimo inimigo; e finalmente porque julgo que não convém na bocca de Servilio, nem de Flavio, romanos, que usavam fallar com dignidade dos seus grandes inimigos, o mais estes, que logo na abertura da scena prorompem em elogios ao heroe lusitano.

² Estes versos claro está que os recita Viriato, mas tambem não sei em que acto, nem em que scena, nem é possível que me lembre depois de tantos annos; mas estou bem certo que d'esta tragedia, ordenada para cinco actos, havia dons finalisados, e que estes tenuissimos fragmentos dão bem que sentir-lhe a perda.

EULALIA

OU

A VINGANÇA DE AMOR.

(TRAGEDIA)

ACTORES

RAMIRO. rico-homem. — MATILDE, Contractada esposa de Ramiro.— ARNALDO, amante de Eulalia. — JAIME, velho, pae de Eulalia. — EULALIA.—ANTHERO, confidente de Ramiro. — ELVIRA, aia de Mathilde.— Servos de Ramiro.—Povo.

A Sceria se finge no solar de Ramiro, em uma das provincia do Norte.

ACTO I

SCENA I

Ramiro e Anthero

ANTHERO

Teu lugubre silencio respeitando,
Atégora, senhor, não tenho ousado
Sondar a interna origem da tristeza
Expressa nos teus olhos... Que! Ramiro,
O sangue dos heróes, o descendente
De Moniz, em virtude, em gloria, em armas
Insigne mestre do primeiro Affonso;
Tu, que és acceito ao rei, e á patria acceito,
Que ás hostes do Agareno has sido um raio;
Tu grande, tu feliz, que em ti reunes
Os dons da Natureza, os dons da Sorte;
Que, mimoso de amor, esposa tua
Verás em breve a singular Mathilde,
Da côrte portugueza esmalte, ornato,

Inveja de altas damas, que atavia
 A triste viuvez co'a flôr das graças,
 Co'a flôr dos annos, e um caracter puro;
 Tu por ella entre mil preposto, eleito,
 E que a ti sup'rior só vês o throno;
 Envolves estes bens, estas idéas
 Nas sombras de tenaz melancolia,
 Pezada, mysteriosa, incomprehensivel!
 Depois de longa ausência, ao berço, aos lares
 De teus grandes avós tornado apenas,
 Como que vives n'um desterro amargo,
 Em vez de te sorrir, de recrear-te
 No aprazivel theatro, onde exerceste
 Os dôces brincos da mimosa infancia !
 Ali! Se um servo fiel, se um servo antigo,
 Que, egual na idade a ti, seguiu tégora
 Teus passos, teu destino em toda a parte,
 Se Anthero, honrado sempre, e sempre digno
 Da confidencia tua, inda a merece,
 Rompe um duro silencio, e deposita
 Dentro em meu coração teus dissabores. ¹

JAIME

Rogério foi perjuro ao rei, o á patria;
 Não merece piedade, horror merece
 Quem ao dever, e ás leis faz alta injuria.
 E Eulalia, prole minha, horror não sente
 De nefanda traição, de atroz delicto
 Que, á falta de cutelo, exige o raio !
 E Eulalia chora o pae, lamenta o filho !. . .
 Que digo !... Ama-o talvez, e irreverente
 Ao dominio paterno, á voz do throno,
 Um criminoso ardor, defezo, indigno,
 Nos olhos, e nos labios denuncia!.. ²

¹ Nada mais achei pertencente a esta primeira scena.

² Acho declarado que esta falia pertence ao primeiro acto, porém não a que scena.

MATHILDE

Ramiro me abandona, é certo, Elvira,
 Mathilde tem rival; por outros olhos
 Enlouquece o traidor, arde o perjuro:
 Os votos, que lhe ouvi, que os céos lhe ouviram,
 Votos de um casto amor, lhe voam d'alma.¹

ARNALDO

Vencido estás, a tua espada é minha:
 Aprende a respeitar os desgraçados,
 A acatar a virtude, e .. vive.

RAMIRO

Oh raiva !
 Eu vencido por ti!.. . Mata-me, infame;
 Como dadiva tua odeio a vida.

ARNALDO

Essas injurias vãs são meu triumpho...²

RAMIRO

O filho de Rogerio...
 Desarmou-me.. . oh labéo ! Venceu-me... oh pejo !
 O braço me trahiu, trahiu-me o ferro;
 Pela primeira vez cedeu Ramiro
 A contrario poder: não mais contemples
 Meus titulos, meu grau ; perdi tudo,
 Indigno sou de ti; suppõe-me extinto,
 Suppõe-me aniquilado: a injuria é morte.³

¹ Egualmente esta, que pertence ao terceiro acto.

² Estas fallas tambem acho que pertencem ao quarto acto, mas não designada a scena.

³ Tambem pertence ao quarto acto, e julgo que é logo na scena immediata ao desafio.

(Notas de Pato Moniz).

EULALIA

Opressor da ternura, e da innocencia,
 Verdugo do infeliz, que extincto adoro,
 Torpe de sangue, da perfidia negro,
 De mim queres amor?... Eu só te posso
 Amar como no inferno as Furias amam.
 Eis o amor de que és digno: um ferro, a morte !... ¹

RAMIRO

Oh céos!... Traidora... eu morro! ²

EULALIA

Acaba, infame,

Perfido, acaba: tendes mais um monstro,
 Abysmos da medonha eternidade.
 Agora que me resta?... O que? Remir-me
 D'este carcere mundo, horrores todo. ³

SCENA ULTIMA

E ULALIA

Quer ante os olhos teus morrer Eulalia,
 Ao pae quer abraçar-se a terna filha
 No momento final: contente expiro,
 Ao vêr-te é para mim suave a morte;
 Teu odio, teu furor já se applicaram,
 A justiça real salvou do opprobrio
 A misera innocencia, e tu deploras
 Do meu querido amante o fado acerbo:
 Honra a memoria sua, e co'a saudade
 Minhas cinzas consola. Arnaldo!... Arnaldo!...

¹ Crava-lhe de repente um punhal.

² Cae.

³ Pertencem ao quinto acto, creio que na penultima scena.

Eulalia vai no céo, na gloria amar-te,
Vai longe d'este horror viver contigo:
Acolhe a tua... oh Deus... perdão, piedade. ¹

JAIME

Filha, filha infeliz !... Que dôr! Que trance !
Ah! Triste, eu não fui pae, fui verdugo...
Junto ao cadaver teu me puna o raio. ²

MATHILDE

Dos phrenesis de amor que amargo exemplo !
Quantos males consigo arrasta o crime ! ³

¹ Morre.

² Desfallecendo abraçado á filha.

³ Isto são pertenças ou accrescentos da ultima scena.

N. B. — Á excepção da primeira falia, tudo mais achei lançado em oitavos de papel, prova bastante de que eram accrescentamentos ou emendas aos logares a que pertenciam: d'estes mais podéra apresentar; mas como de per si valem pouco, pois que se ignora a sua ligação, contentei-me de colligir o que basta para demonstrar a verdade da minha asserção, relativa ao acabamento d'esta tragedia, que, sem duvida, era um grande abono para os creditos de Bocage.

VERSÕES LYRICAS

Á Existencia de Deus

(Extrahida do poema «A Religião» de Racino)

O Deus, a quem se deve a nossa crença,
Mortaes, é Deus occulto:
Mas oh! Que irrefragaveis testemunhas
Ante nós congregadas,
Pelas quaes se revele a gloria sua,
A sua omnipotencia !
Respondei, mar, e céo, responde, oh terra,
Astros, mundos brilhantes,
Que mão vos esparziu, vos tem suspensos
Na ethérea immensidade?
D'onde te veiu, oh noute, o véo lustroso?
Céos ! oh céos ! Que grandeza !
Que assombro! Que esplendor! Que magestade !
Em vós, em vós conheço
Quem milagres sem conto obrou sem custo;
Quem nos vossos desertos
As luzes semeou, como semêa
Na terra o pó volátil.
Oh tocha do universo, auctor dos dias,
Da aurora annunciado!
Oh astro sempre o mesmo, e sempre novo !
A que mando obedeces,
Porque preceito, oh sol, dos mares surges,
Restituindo ao mundo
O raio amigo, a fertil claridade?
De teus lumes saudoso
Cada dia te espero, e tu não faltas.
Ah! Sou eu quem te chama ?
Sou eu talvez quem te regula o passo ?
E a ti, pelago horrendo,
Que em teu bojo voraz como que intentas
Absorver toda a terra,

Que alto poder no carcere arenoso
Retem, constrange, enfreia ?
Em vão forcejas, assanhado e torvo
Para arrombar teus muros;
Morrem na praia as espumosas furias.
Esses, cuja avareza
No teu seio traidor corre a punir-se,
Quando em serras e abysmos
Ora os levas aos céos, ora aos infernos,
Imploram-te clemencia ?
De olhos fitos na abobada celeste,
Na fonte d'onde emana
Sobre os tristes mortaes macio orvalho
De amor, e de piedade,
Invocam, suspirando, o braço eterno
Domador das procellas.
Bradas n'aquelle extremo, oh Natureza,
E as vistas lhe diriges,
Guias-lhe as preces ao supremo asylo,
As preces, o tributo
Que aterrados espiritos não negam
Ao numen esquecido,
Ou trocado até li por mil chimeras.
As vozes do Universo,
Do assombrado Universo a Deus me chamam;
Sim; a Terra o pregôa.
«Fui eu quem produziu, fui eu (diz ella)
Quem compoz os matizes
Que a minha superficie aformoseam ?
Não fui eu, foi aquelle,
Aquelle, que assentou meus alicerces.
Ás mil necessidades
Que te vexam, mortal, se logo acudo,
Deus, é Deus quem o ordena:
Os dons, que me confere, a ti destina.
Flores, com que me adorno,
Vós da mão lhe caís sobre meu seio !
O creador, o eterno
Lá onde arida sou, e avara, e dura,
Lá no escaldado Egypto
(Para que folgue a timida esperança
Do cultor desejoso)

Em prescripto momento ao Nilo acena,
 Que trasborde, que innunde
 Meus campos, alongando-se das margens,
 E os orne, os enriqueça
 De douradas espigas susurrantes.»
 Assim se exprime a Terra; —
 E encantado de ouvil-a, e contemplando
 Travados uns com outros
 Por invisíveis, portentosos laços
 Milhões de entes diversos,
 Que á regra universal concorrem todos,
 Encontro, encontro em tudo
 A lei que os encadêa, a mão que os liga;
 E do plano sublime
 N'um jubilo sem termo admiro, adoro
 A pasmosa Unidade.

As forjas de Lemnos

(Traduzida livremente de J. B. Rousseau)

Na famosa caverna, onde Vulcano
 Forja, e tempêra do Tonante as armas,
 Venus pedia aos horridos artistas
 Recheassem de lucidos virotes
 O dourado carcaz do filho astuto:
 As Graças, os Prazeres
 Lhe prestavam seus dons, e seus encantos.
 O carrancudo esposo
 Junto á fragoa immortal crestado, e cheio
 Das saltantes faiscas,
 * As mãos do ferro e fumo enxovalhadas,
 * Nas faces crespas o suor em fio,
 D'est'arte affervorava
 Co'a voz, e exemplo os Cyclopes membrudos:

Eia, socios, trabalhemos,
 Obedeça-se ao que manda
 Venus bella, dôce, e branda,
 Mãe das Graças, e de Amor.

«Folies tumidos soprando
 Mais e mais o fogo atêem.
 Labaredas nos rodêem
 Com terrífico fragor:

«Rubro o ferro escume, e ferva,
 Lide a mão com força enorme,
 Settas, farpas, dardos forme;
 E, brandindo a cada instante,
 Na bigorna resonante
 Cáia o malho atroador.

«Eia, socios, trabalhêmos,
 Obedeça-se ao que manda
 Venus bella, dôce, e branda,
 Mãe das Graças, e de Amor.»

Instigado por elle, assim Vulcano
 Á voluvel consorte
 Obrava contra si terríveis armas;
 Quando o numen da guerra, inda horroroso
 Das mostras de recente mortandade,
 Entra, os olhos em braza, as mãos sanguentas,
 E — «Que fazeis (exclama)
 Filho de Juno; artífices do raio?
 Para entreter meninos ociosos
 Ante a forja voraz estaes suando ?
 Por isso, por tão pouco, e tanto á pressa
 Esta caverna horrisona rebomba ?

«Que trabalho vergonhoso !
 Eia, em cinzas transtornae-o:
 Ou deixae tão futil brinco,
 Ou não mais forjeis o raio.»

Mas em quanto vozêa, em quanto affronta
 O afadigado irmão, e as duras Brontes,
 Eis farpa vingadora o pune e fere.
 Que repentino ardor lhe inflamma o sangue !
 Que pejo, que rubor lhe accende as faces !
 Quer fallar, mas a voz nos lábios morre,
 Dirige a vista ao céo, turba-se e geme:

Cede emfim; perde a côm, e o orgulho, as forças,
 E seus olhos confusos, vagos, froixos
 Já presos por Amor, já namorados
 Param no seio da benigna Venus:
 Revendo-se depois no rosto amado,
 Terno sorriso o coração lhe acolhe.

Vós, que domaes a terra,
 Despi audaz furor;
 Sabei que o Deus da guerra
 Só é o deus de Amor.

Não lhe agraveis a gloria,
 Tremei de o irritar;
 E dares-lhe a victoria
 Querer-lh'a disputar.

Daplmis

(TraducçSo da Ecloga v de Virgilio)

Interlocutores: MENALCA E MOPSO

MENALCA

Já que n'este logar nos encontramos
 Eu versado no canto, e tu na flauta,
 Mopso, porque rasão nos sentamos
 Entre estas avelleiras, cujas folhas
 Quasi com as dos álamos se enredam ?

Morso

Tu és mais velho que eu, e a ti, Menalca,
 Me cumpre obedecer. Ou descancemos
 A sombra d'estas arvores, que tremem
 Co'as frouxas virações, ou antes vamos
 Para a gruta, que allí se nos offerece.
 Olha como verdejam dentro n'ella
 D'uvas agrestes pequeninos cachos!

MENALCA

Nos nossos montes disputaste a gloria
Pretende Amyntas só.

MOPSO

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Phebo?

MENALCA

Eia, Mopso, começa. Ou saibas versos
Aos amores de Philis, alva, e loura,
Ou em louvor de Alcão, ou á contenda
De Côdro, do bom rei, começa. Entanto
Tityro cuidará dos nossos gados,
Que na varia planície andam pascendo.

MOPSO

Antes exp'rimentar uns versos quero,
Uns versos, que são meus, que inda outro dia
D'uma faia entalhei no verde tronco:
Ora os ía escrevendo, ora entoando.
Ouve, e dize depois ao fofo Amyntas
Que ouse, que venha disputar-me o premio.

MENALCA

Quanto o molle salgueiro ás oliveiras,
Quanto o rasteiro arbusto d'alfazema
Cede á belleza do rosal corado,
Tanto, a meu parecer, te cede Amyntas.

MOPSO

Basta, mancebo. Já na gruta estamos.
«Desgrenhadas as nymphas pranteavam
De morte lastimosa extincto Daphnis:
Vós fostes de seus ais, de seus lamentos
Testemunhas, oh arvores, oh rios,
Quando a pallida mãe tendo nos braços

O misero cadaver de seu filho,
Crueis aos céos chamou, crueis aos fados.
N'aquelles dias ninguem houve, oh Daphnis,
Ninguem, que fartos bois levasse ao rio,
E quadrupede algum n'aquelles dias
Não gastou agua, nem boliu na relva.
Té n'Africa os leões te deploraram,
Dizem-n'o os montes, dizem-n'o as flores.
Daphnis instituiu, mandou que o jugo
Ao carro submettesse armenios tigres;
Em honra a Baccho introduziu corêas,
E a revestir de pampanos os thyrsos
Ensinou aos pastores. Como as vides
Trepando são das arvores adornos,
E adornos são da vide os prenhes cachos;
Como servem de pompa, e de ufanía
Ás manadas o touro, ao campo as mêsses,
Daphnis, eras dos teus o amor, a gloria:
Depois que os fados negros te levaram,
Pallés, e Apollo d'entre nós fugiram.
Estas nossas campinas, que abundavam
De barbadas espigas proveitosas,
Só brotam joio infesto, inuteis hervas.
Surge o cardo mordaz, a çarça aguda
Onde a molle violeta roxeava,
E o purpureo narciso. Oh vós pastores,
Mil folhas pela terra ide espargindo,
As fronte assombrae co'a rama agreste,
Daphnis quer que a memoria assim lhe honrem.
Um tumulto erigí gravæ-lhe em cima
Estes saudosos versos : «Eu fui Daphnis,
«Das selvas conhecido até os astros,
«D'um bello gado guardador mais bello.

MENALCA

E divino poeta, é o teu canto
Suave para mim, como é suave
O dormir sobre a relva aos fatigados,
Ou qual ao encalmado, ao sequioso
Matar a sede em límpido regato,
Que vae por entre seixos murmurando:

A teu mestre és igual, não só na flauta
 Mas no verso, e na voz. Feliz mancebo !
 Tu lhe has de succeder no dom, na fama.
 Nós com tudo, pastor, como podermos
 Algum verso tambem soar faremos:
 N'elle ás estrellas ergueremos Daphnis,
 O teu Daphnis aos céos irá com elle,
 Que Daphnis se dignou tambem de amar-nos.

MOPSO

Que prazer me darás maior que ouvir-te!
 Daphnis é digno assumpto d'esses versos,
 E ouvi a Stimicon louval-os muito.

MENALCA

«Do Olympo as aureas portas estranhando
 Pasma em almo prazer o ingenuo Daphnis:
 Vê debaixo dos pés nuvens, e estrellas.
 Eis a doce alegria occupa os bosques,
 Os valles, as montanhas, os pastores,
 O arcadio Pan, as driades donzellas.
 Nem o lobo ao rebanho insidias tece,
 Nem a rêde traidora engana os cervos.
 Daphnis ama o socego. Intonsos montes,
 Mil vozes de prazer soltaes vós mesmos !
 Proferem brando verso até rochedos,
 E o trémulo arvoredado está soando:
 Oh Menalca! Elle é deus!... É deus!... Oh Daphnis,
 Sê benefico aos teus. Eis quatro altares
 Eil-os, dous para ti, dous para Phebo.
 Aqui te sagrarei todos os annos
 Dous vasos, em que espume o leite novo,
 Com outros dous tambem, nos quaes loureje
 Da placida oliveira o grato sumo.
 Baccho, fervendo em prodigos banquetes,
 Com fogoso prazer ha de espertar-nos,
 E á sombra no verão, no inverno ao lume
 As taças encherei de Arvisio nectar.
 A Damêtas, e Egon direi que entõem
 Ledas canções, e os satyros saltantes

Ao leve Alphisibêo direi que imite.
 Sempre serás por nós d'est'arte honrado,
 Ou quando, amavel Daphnis, consagrêmos
 Votos solemnes ás formosas nymphas,
 Ou quando á roda dos nervosos campos
 Co'as victimas andemos, como é uso.
 Em quanto o javali na serra, em quanto
 O peixe nadador folgar no rio,
 Em quanto de tomilho a loura abelha,
 E de orvalho as cigarras se abastarem,
 Hão de permanecer por estes montes
 Teu nome, o teu louvor, tua saudade.
 Como a Ceres, e Baccho os lavradores
 Todos os annos te farão mil votos,
 E obriga-os tu, se acaso os não cumprirem.»

MOPSO

Que premio te darei, que valha os versos,
 Os versos immortaes, que me encantaram ?
 Tanto austral viração me não recrêa,
 Nem d'um mar brando arêas açoutadas,
 Nem o sussurro d'um arroio ameno,
 Que serpêa entre valles pedregosos.

MENALCA

Eu te hei de preceder nos donativos.
 Aqui tens esta flauta.. E' ella, oh Mopso,
 Quem fez com que eu cantasse aquelles versos;
 «O pastor Corydon, louco de amores,
 «Pelo formoso Alexis suspirava» —
 E os outros: «Esse gado a quem pertence ?
 «Talvez a Melibêo?»

MOPSO

Pois tu recebe
 Este cajado; tem de bronze o conto,
 E eguaes os nós. Antigenes mil vezes
 M'o pediu (e era então credor d'amar-se)
 Mas, por mais que lidou, não pôde obtel-o.

A sepultura, ou a morte de Adonis
por Bion do Smyrna

(Vertido fielmente da traducção litteral em latim)

Chóro Adonis, é morto o bello Adonis,
E' morto Adonis, choram-no os Amores.
Não mais envolta nas purpureas vestes,
Não mais durmas, oh Venus! Eia, acorda,
E lutosos véos trajando afflicta,
Fere co'a mão de neve o lindo peito,
Dize a todos: — E' morto o bello Adonis,
Eu chóro Adonis, choram-n'o os Amores.
Jaz na montanha Adonis, o formoso,
Mordidas de alvo dente as alvas carnes:
A triste Venus esmorece ao vêl-o
Ir exhalando os ultimos suspiros;
São do golpe fervendo o rubro sangue,
Nevoa da morte lhe entorpece os olhos,
Foge dos labios a punicea rosa,
Vão-se com ella os deleitosos beijos,
Em que de gosto desmaiava a deusa.
Inda no moço amavel, já não vivo,
Dar osculo amoroso é dôce a Venus;
Mas Adonis (oh céos !) não vê, não sente
Que Venus infeliz o abraça, o beija;
Eu chóro Adonis, choram-no os Amores.
Adonis junto á candida cintura
Tem mortífero golpe, e tu, oh Venus,
Tu tens no coração maior ferida.
Os fieis animaes á caça usados
Em roda ao gentil domno uivaram tristes;
Nos montes as Oreades o choram.
A anciosa Venus, soltos os cabellos,
Sem côr, sem atavio, e nua a planta
Pelos bosques vaguêa, e corre, e geme.
Na rapida carreira agudo espinho
Lhe extráe dos tenros pés o sangue puro.
Ella com alta voz atrôa os valles,
Chama o terno amator, o assyrio moço.
Ai! Entretanto o misero destilla

Rubicundo liquor das rôas vêas,
E purpurea apparece a nívea carne.
«Ah Venus! Venus!...» (os Amores gritam)
Dos olhos, e da face os mil encantos
Perdeu Venus, perdendo o bello amante.
Quando Adonis vivia era das Graças
Venus a deusa, Venus o modelo:
Toda a belleza d'ella, o riso todo
Quando Adonis morreu, morreu com elle.
Arvores, montes por Adonis clamam,
De Venus a tristeza os rios choram,
Vão por Adonis suspirando as fontes,
Roxas as flôres pela dôr se tornam.
Delira a consternada Cytheréa
A girar, e a carpir de valle em valle.
Ah Venus! Jaz sem vida o meigo Adonis.
Quem não lamentará da afflictiva deusa
O duro estado, os míseros amores?
Oh dôr! Quando ella viu, ser insanavel
Do seu mimoso Adonis a ferida,
E o sangue em borbotões correr do golpe,
Abrindo os braços, e arquejando — «Espera,
Espera, triste Adonis» (exclamava)
«Dá-me que eu gose este prazer extremo,
Deixa que me console um terno abraço,
Que inda meus labios nos teus labios toquem.
Abre os olhos, Adonis, abre um pouco,
Dá-me um beijo, um só beijo, em quanto a morte
Não te extingue o calor nos molles beijos.
Tua alma acolherei na minha bôca,
E d'ella descerá para meu peito;
Dôce amor beberei no beijo dôce,
E o dôce beijo guardarei saudosa
Como se fosse Adonis, já que ingrato
A Venus desamparas, foges d'ella
Para as medonhas margens de Acheronte,
Para o feio, implacavel rei do inferno.
Eu, infeliz, sou immortal, sou deusa,
Eu seguir-te não posso, eu vivo, e morres!
Recebe, oh tu, Proserpina, recebe
O meu formoso encanto, a gloria minha!
Ah! Quanto é sup'rior ao meu teu fado!

Tudo o que ha mais gentil, melhor no mundo
Tudo possuirás, e eu desditosa
Curtirei dôr sem fim, saudade eterna !
Temo a deusa tartarea, choro Adonis.
Morreste, oh suspirado, e teus carinhos
Como um sonho fugaz de mim voaram:
Em triste viuvez eis Venus fica,
E os Amorzinhos seus em ocio triste.
Do meu cinto a virtude encantadora
Comtigo pereceu !... Ah temerario,
Como sendo tão lindo, e tão mimoso
Ousaste acommetter sanhudas (eras ?...»
Assim carpia a mãe, e os Cupidinhos.
Ai Venus ! Ai que é morto o bello Adonis !
De Venus- tantas lagrimas correram,
Quanto sangue correu do louro amante;
E em flôres se mudaram sangue, e pranto:
Nasceu d'aquelle a purpurina rosa,
D'este nasceu a anemone brilhante.
Choro Adonis, é morto o bello Adonis.
Não mais no bosque, oh Venus, o prantêes ;
Em sublime logar já mão piedosa
Digno thoro aprestou ao teu querido.
Sobre teu leito jaz o morto Adonis,
E morto, e descorado é bello ainda:
Parece n'elle a morte um brando somno.
Depõe seu liso corpo em lisas vestes,
Vestes nas quaes envolto elle gosava
De noute ou mimos teus. ou gratos sonhos.
Ama, pois que extincto, Adonis ama,
Tece-lhe as c'rôas, e os festões de flôres,
Que depois que morreu ficaram murchas.
Réga do sumo de amorosos myrthos,
Perfuma de gratissimos aromas,
Perfuma os frios, delicados membros:
Pereçam, Venus, os perfumes todos,
Se Adonis pereceu, que era o perfume,
O suave perfume da tua alma.
Na purpura descança o tenro Adonis:
Em torno d'elle suspiraes, Amores,
As lustrosas madeixas decotadas
Em honra funeral do extincto amante.

Aquelle calca aos pés bicudas settas,
Este o arco desmancha, est'outro parte
Aureo carcaz de farpas abundante:
Um lhe descalça o nitido cothurno,
Outro agua cristalina em ricos vasos
Traz, carpindo, outro lava-lhe a ferida,
Co'as pennas outro em fim lhe agita os ares.
Os Amores lamentam Cytheréa,
E na porta Hymenêo seu facho apaga,
E a c'rôa nupcial desfaz saudoso...
Ah ! Não mais Hymenêo, não mais seus hymnos,
Só lagrimas, só ais borbulham, soam.
Oh misero Hymenêo, misero Adonis !
O filho de Cintra as Graças choram,
«E' morto Adonis» (entre si clamando
Em mais aguda voz, que a tua, oh Venus)
As tres negras irmãs, as mesmas Parcas
Choram em flôr cortado o moço lindo,
E até com mago verso á vida o chamam:
Elle escuta, elle attende, e fica immovel;
Não por estar contente onde se occulta,
Mas Proserpina o quer, e não permite
Que elle gose outra vez a luz do mundo.
* Cessem pois, Cypria deusa, os teus suspiros:
* Um terno suspirar não move os Fados.

Amor fugido

(Traduzido de Mescho)

Venus chamava o filho em altas vozes.
Se alguém viu pelo campo (a mãe dizia)
Andar vagando Amor, esse é meu filho,
Meu filho, que fugiu. Quem souber d'elle,
Quem noticias me der do meu Capido,
Premiado será; tem certo um beijo
Nos proprios labios da amorosa Venus:
Porém se m'o trazer, terá mais gloria,
Cousas mais doces do que um simples beijo.
Entre meninos mil este menino

Por diff'rentes signaes se reconhece.
 Não tem candida a tez, mas côm de fogo;
 São seus olhos espertos, scintillantes,
 Meigo o fallar, o coração maligno,
 Nunca sente o que diz: tem mel nas vozes,
 Mas torna-se feroz, traidor, insano
 Apenas se enfurece. E' mentiroso,
 E' sagaz, é cruel até brincando;
 Trança espessa e formosa ao ar lhe ondêa,
 Em dourados anneis lhe desce ao côlo:
 Nas faces lhe transluz o ardor, a audacia;
 Tem pequenina mão, porém tão forte
 Que arroja muito longe as fataes armas:
 A' margem do Acheronte ás vezes voam,
 E' colhem descuidado o rei do inferno:
 Seu corpo é nu, sua alma impenetravel;
 Com azas como um passaro voltêa
 Do sexo vigoroso ao debil sexo;
 Pousa nos corações, e alli se aninha;
 N'um arco delgadinho aprompta as frechas,
 As frechas, que assim mesmo, tenues, curtas,
 Se entranham pelos céos, alcançam Jove;
 Pejam farpas subtis a aljava d'ouro,
 Que ao lado traz suspensa, e de seus tiros
 Até eu, sua mãe, sou alvo ás vezes;
 Tudo o que lhe pertence inclue estragos,
 Mas nada do que é seu produz mais damno
 Que um curto, antigo, inextinguivel facho:
 O sol, o proprio sol com elle abraza.
 Mortaes, se o encontrases, eia, atae-o,
 Atae-o, e muito bem, porque não fuja.
 Se elle chorar, seu pranto vos não mova,
 Antes desconfiae, seu pranto engana.
 Se elle rir, apertae-lhe os nós do laço;
 Se quizer abraçar-vos, longe, longe;
 Fugi, não vos fieis; abraços, beijos
 Nada, nada: — seus labios tem peçonha,
 Seus beijos enfeitiçam. Se elle acaso
 Vos disser: «Aqui tendes estas armas,
 Tomae, eu vol-as dou» não pegueis n'ellas:
 Mimos de Amor são perfidos, e ardentes.

Euphrasia a Ramiro

(Traducção)

Adorado Ramiro, em fim triumphas!
Meu remorso expirou, de Amor sou toda;
De seu facho o fulgor meus passos guia:
O pharol da Razão dá luz mais frouxa.
Repousa a dôce paz dentro em meu peito:
Quem póde, sendo réo, ser tão ditoso?
Criminosa não sou: — do amante o crime
Está no pouco amor, ou na inconstancia.
Para sempre te adoro, a ti me entrego,
Outro bem para mim não ha no mundo,
Nem socego enfadonho; errada eu cria
Que era immortal brazão ser insensivel:
Tu me desenganaste: um brando raio
Solto dos olhos teus, brilha em minh'alma.
Perdôa (caro amante) ao susto, ao pranto,
Aos tímidos abraços, que afrouxava
De um dever inventado a turva idéa:
Perdôa aquelles ais, que me voavam
Do seio do prazer; na flôr dos annos
Não é licito o medo, em quem succumbe
Aos transportes d'amor, ás leis d'amante?
Este suave instincto irresistivel
Se converte em temor, antes da posse:
Estes' promptos, e incognitos desejos,
Se as paixões se vigoram, alvoroçam
As molestas lições, com que na infancia
Se vae torcendo o passo á natureza:
O mesmo, o mesmo excesso dos prazeres
Nos enche de pavor: quanto mais vivos
Então mais criminosos nos parecem:
Mas apenas o espirito começa
A conhecer o amor, e a julgar d'elle;
Apenas principia a comprazer-se
Na terna propensão, que os céos crearam;
Apenas este amavel sentimento
Rebenta, cresce, lavra, e se apodera
Das almas, que illudira a voz do Engano.

Eis cessa dos remorsos o rebate,
 Eis nos apraz a languida saudade;
 Só da ternura as lagrimas vertemos,
 Temendo que não seja muito ardente
 A paixão, que até ali nos assustava.
 Sancta Religião, que trovejando
 Espalhas o terror sobre os delictos !
 Transportes naturaes, ingenuos, dôces,
 Oppõem-se ás tuas leis!... Por mais que imploro
 Teu favor, tudo é vão, tudo é baldado;
 Tu, sem a converter, minha alma assombras;
 Suspiro, e a pezar teu, Ramiro adoro.
 Deu-se a Ramiro o coração, que exiges,
 Até junto do altar o escuto, o vejo:
 Falla-me, insta commigo, arde, e me inflamma;
 Podem seus olhos, podem suas graças
 O que ameaços teus em mim não podem.
 Se inutil resistencia ás vezes teuho,
 E' por dar ao meu bem mais um triumpho:
 Porque, se em disputar-lhe os meus affectos
 Lidas sempre, a victoria é sempre sua.
 Dá pois ao coração, que elle domina,
 Força para vencer, ou jus ao crime.
 O Ente, que a amar induz, o amor perdôa.
 Era no arbitrio meu não ser sensivel ?
 Por ventura eu sou livre ? Ah ! que ao supremo
 Nume adoravel obedeço amando:
 Sua eterna justiça eu acredito.
 Elle, que move esta alma, elle abriria
 Debaixo de meus pés medonho abysmo,
 Por ter o atroz direito de punir-me ?
 Dir-me-hia ao coração, que amasse o mesmo
 Que devo aborrecer?... Não, não, que apenas
 Meus olhos se encontraram com teus olhos,
 Desusada alegria, antes celeste,
 De fibra em fibra salteou meu peito:
 Um poder, sup'rior ás forças minhas,
 Senti, que o coração me arrebatava
 Para o ligar ao teu, ao teu que adoro !
 Este prazer sagrado, os meus transportes...
 Nunca tanto prazer se uniu ao crime !
 Até, para lograr maior triumpho,

Meu disputado amor tem contrahido
 As feições, o character da virtude.
 Quão feliz sou, e com que gloria o digo!...
 Amante, o mais amante, o mais amavel
 De quantos em ternura o peito inflamam,
 Tudo veio do céo, tudo foi justo:
 Alardêa, que pódes, alardêa
 Do encanto dos teus olhos — usa embora
 De todo o jus, que Amor te deu commigo.
 Agora, agora sei que antes de olhar-te
 Era a minha existencia igual á tua;
 Em languidez opposta á natureza
 Sem pena, sem prazer té'li jazia.
 O emprego, a rapidez da mocidade
 Eu ignorava, e consumia a vida
 Em cuidados inuteis; os mais sacros
 Deveres sem fervor desempenhava;
 Como um duro senhor, como um tyranno,
 O Eterno se off'recia á minha idéa,
 Sacudindo o trovão, brandindo o raio...
 Minha religião só era o medo.

Eu amo: que mudança, que deleite
 Doura meus puros, meus serenos dias !
 Quanto vejo Ramiro afformosêa:
 Quando luz no oriente a fresca aurora,
 Acordam meus desejos amorosos;
 Quando a noute ennegrece os céos, e a terra,
 Nos traz um véo, que é util aos amores.
 Nos dias da aprazivel primavera
 Reconditos abrigos nos off'rece
 Benefica, e risonha a natureza.
 Sinto-me renascer, e habito um mundo
 Brilhante, encantador, de que és adorno,
 Amor,— que é obra tua... Oh! dôce amante!
 Que digo?... Menos asperos e austeros
 Acho os deveres meus, acho o meu jugo
 Mais brando e não me pezam tanto os ferros:
 Deus um feroz despota enraivado
 Me não parece já, depois que te amo.

Quanto devo prezar a illustre amiga,
 A benigna matrona, em quem reside
 D'estes vedados muros o dominio ?

Ella em obsequio meu o horror lhe adoça.
 Propicia ao nosso amor, sem que o suspeite,
 Ella recompensando os meus desvelos,
 O ardor, com que me esmero em agradar-lhe,
 Caricias maternas commigo exerce:
 Ella me deu a conhecer um mundo
 Em que vi o que adoro; — ella não arma
 Das pezadas lições do rigorismo
 A sisuda prudencia. Ah! N'outro tempo
 Sem duvida seu peito ardeu de amores !
 Se não tivesse amado, assim não fõra !

Tudo pune por mim, tudo nos vale,
 A sombra do mysterio nos rodêa;
 Um deus ha, que preside ao bem do amante.
 Teu coração, e o meu só sabem d'isto:
 Vivêmos para nós, sem recearmos
 Olhos, a amor fataes, que nos espreitem.
 Nossos desejos o segredo aviva,
 E a subjeição do claustro é mais um gosto.
 Quando depois de rapidos instantes
 Aos férvidos colloquios da ternura
 Com reciproco adeus convêm pôr termo,
 Se avalia melhor um bem tão breve.
 Ah! que não sabes, não, quanto te devo!
 Quanto a minha eleição commigo approvo !
 Não fallo já das horas fugitivas,
 Que no meu pensamento estão paradas;
 Momentos, em que amor só é delicia,
 Que se póde sentir, não definir-se.
 Uma alma, que á paixão não dá descanso,
 Depois d'estes momentos deleitosos,
 Inda de ser feliz acha o segredo:
 Quando os sentidos meus em ocio jazem,
 Viva imaginação, tu vês, tu gosas;
 Seu jubilo se extingue, e o teu não morre;
 Comtigo meus prazeres se eternizam: .
 Thesouros tem amor, que duram sempre.
 Na ausencia do meu bem me afferro a grata,
 A suave illusão, que m'o affigura;
 Mil vezes o nomeio: as cantilenas
 De que se agrada mais, são as que entôo,
 E, absorto no meu bem meu pensamento',

Ás vezes a illusão suppre a verdade.

Mas que digo? Apparece, attende, acode
 A quem por ti suspira, a quem te implora;
 Sim; vem realisar meus ledos sonhos !
 Sem temor, sem reserva, Euphrasia é tua:
 Oh gloria dos mortaes, oh gloria minha !
 Nunca mais me ouvirás nem ais, nem queixas.
 Não tens que recear senão o excesso
 Da paixão, que me abraza; aos céos o juro:
 Foce dos braços meus, e n'outros braços
 Vae suspirar, meu bem, se eu fôr perjura.

Euphrasia a Melcour

(Traducção)

Nunca mais vos verei, olhos que adoro !
 Olhos, onde colhi doce ternura !
 Olhos, que para mim valieis tudo !
 Suave nutrição de meus desejos !
 Nunca mais vos verei !. . Que horror !... Que idéa !
 Ah! Castigaes-me por amar-vos tanto ?
 Objecto encantador, fatal objecto,
 Guiados da paixão lá te demandam
 Meus ais, e cá me ficam dentro n'alma
 Solitario pavor, funesto agouro
 De que já para mim não ha ventura.
 Faltava-te, infeliz, seres deixada,
 Faltava-te este mal depois de tantos!...
 Receando que languida esperança
 Affague, lisonjêe o meu tormento,
 Me diz o coração (voz dura, e triste:
 «Cessa de amar, oh credula, que esperas !)
 Que fructo hão de render-te os vãos lamentos ?
 Debalde com mil votos, mil suspiros
 Pelo teu surdo ingrato estás chamando;
 Em rapido baixel talhando as ondas
 Na patria já surgiu; descança, e folga
 As lêdas margens do agradavel Sena.
 De ti não quer amor, não quer extremos
 O fero vencedor, misera escrava;

No regaço da paz, em teu desdouro,
 Dorme sobre trophéos, que já desdenha;
 Nem se choras, ou não, sequer lhe importa...
 Que!... Traidor, e esquecido!... Ah! não, teu genio .
 E voluvel, meu bem, não é tyranno.
 Na memoria contemplo os teus desvelos;
 Que encantadores, incansaveis eram !
 Amei-os, gloria minha, amei-os muito.
 Para desvanecer tão grata idéa !
 Estas fieis, ternissimas lembranças
 Deviam converter-se em dôr, e em pranto ?
 Que noticia, meu Deus! que horrivel carta !
 Lia-a, fiquei sem voz, sem côr, sem alma.
 Como que o coração, desfeito em ancias,
 De mim se despegava, a ti corria !
 Eis soccorros fataes, eis prompto auxilio
 A vida a meu pezar me restituem:
 Ufana em me sentir morrer d'amores,
 Já triumphava da cruel, da triste
 Precisão de carpir na tua ausencia...
 E de tão fino amor é este o premio ?
 Não importa: eu jurei ser sempre tua,
 Sempre hei de sêl-o: imita-me a constancia,
 Vê com rosto indiff'rente as mais bellezas.
 Ah ! poderás soffrer em outros braços
 Paixão, que no fervor não chegue á minha ?
 Mil vezes me louvaste de formosa;
 Outras ha mais gentis, mas não tão firmes;
 O amor, que reina em mim, não reina em outras;
 E se amor se exceptua, o mais é nada.
 Recorda o juramento, que fizeste
 De vires consolar a amante afficta.
 Não, não sejas perjuro. . . Ah ! Se eu pudesse
 Rotos os ferros d'este claustro odioso
 Arremessar-me á foz do patrio Tejo,
 Ninguem me detivera: em outras praias
 Iria apaziguar minha amargura,
 Idolatrar Melcour em toda a parte,
 Renascer nos seus braços: que é, que importa
 Esse bem casual, que chamam patria ?
 Patria é onde o prazer nos acompanha. . .
 Sei o que digo, oh céos ? Sei o que penso ?

Ah ! não quero nutrir esta esperança,
 Inda que adoça o fel de meus desgostos;
 Tudo quanto os distráe detesto, expulso.

Mas dize, arrebataste-me os sentidos,
 Venceste-me, cruel, para entregar me
 Á desesperação, á dôr, e á morte ?
 Porque com mil excessos me encantaste,
 Sabendo que esta ausencia era forçosa?
 Porque no meu retiro escuro e feio
 Me não deixaste em fim ? Que atroz delicto
 Oommetti ? De que offensa estás queixoso ?
 Que te fiz eu ? . . . Perdoa-me, querido,
 Perdôa; do meu mal tu não tens culpa:
 É teu fado agradar, prender vontades,
 Carpir, morrer de amor é o meu fado;
 D'elle formar não ousa a menor queixa,
 E eis (oh céos!) o maior dos meus tormentos.
 Não tenho que temer já agora a Sorte:
 Que mais me ha de tramar, que novos damnos,
 Se o ultimo, o peor foi separar-nos?

Escreve-me por dó: sejam-te embora
 Molestas minhas supplicas; eu quero
 Miuda relação de quantas ditas
 O céo te conceder: quero gosar-as:
 Mais que tudo te imploro o vêr-te um dia.
 Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
 Deixa-me conceber esta esperança:
 Assim mesmo enganosa, ella me é dôce.

Adeus! A carta, que a gemer te envio,
 Vae de saudosas lagrimas banhada...
 Não a posso acabar!... Quanto é ditosa !
 As tuas mãos irá; teus olhos brandos
 N'ella se hão de empregar; e eu, miseravel...
 Ah! Que insanias profiro! O peito abafa.
 De pranto, e de soluços carregado !...
 A morte pelas veias me circula !...
 Porém se és meu, se a lagrimas te obrigo,

Das almas fortes opporei o escudo
 A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
 Sobre este coração fervei, tormentos;
 Mas vinde, mas voae á triste Euphrasia
 Suspiros do seu bem, thesouros d'ella.

EPISODIOS TRADUZIDOS

A morte de Lucrecia

(Extrahida do Livro o dos «Fastos» de Ovídio)

Cercada pelo exercito romano,
Um sitio pertinaz soffria Ardéa.

Em quanto a dura guerra está pendente,
Em quanto aventurar feroz combate
Teme a prudencia, os chefes, e os soldados
Folgam nos arraiaes em ocio ledó.

N'isto o filho do rei, Tarquinio o moço,
A esplendido festim convida os socios,
E, reinando a alegria, assim lhes falla:

«Agora, que de Ardéa o vagaroso
Assédio que nos detêm, nos não permite
As armas conduzir aos patrios lares,
Dos toros conjugaes a fé mantendo,
As esposas gentis, que suspiramos,
Suspirarão por nós, serão quaes somos ?»
Já cada qual sem termo a sua exalta;
Accezo pelo amor, cresce o debate,
Nos brindes do liquor feroso, e puro
A mente, o coração, e a lingua fervem.

Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle
A quem de alto appellido honron Colácia,
«As palavras são vãs, crêa-se em cousas;
A noute nos sobeja, esporeemos
Os robustos cavallo, eia, a Roma.»

O dicto agrada, enfream-se os ginetes
Os soffregos mancebos partem, voam.
Vão da estancia real primeiro ás portas,
Onde guarda nenhum velando encontram.
Entram, colhem de subito engolphada
Em festivo prazer, e em rubro nectar,
Nas tranças com mil flôres desparzidas
A que ao filho em consorcio o rei ligára:
Promptos caminham logo a vêr Lucrecia.

Alvejavam da candida matrona
 No fuso luzidío as mãos de neve:
 Dispostos ante o thálamo se olhavam
 De industriosa têa os brandos fios;
 Em torno á luz sollicitas escravas
 A nocturna tarefa promoviam.
 Lucrecia em tom macio, em voz mimosa
 D'est'arte lhes dizia, as incitava:
 «E' para Colatino, eia, apressae-vos:
 Cumpre mandar em breve ao meu consorte
 Isto, em que a nossa industria exercitamos.
 Vós, que tanto indagaes, e ouvis, soubestes
 Quanto ainda se crê que dure a guerra?
 Vencida cairás, Ardéa iniqua,
 Que de nossos esposos nos separas. .
 Tornem, tornem, oh céos!... Mas ai! Que idéa !
 O meu é destemido, é temerario,
 Tem genio de arrojarse ao fogo, ao ferro.
 Foge-me a luz, o alento, esfrio e morro
 Quando entre os inimigos o afiguro!...»

N'ísto o pranto amoroso a voz lhe córta,
 Cáe-lhe o fio da mão, e o lindo gesto
 Sobre o molle regaço inclina a triste:
 Dobram-lhe a graça as lagrimas pudicas,
 E mostra um coração igual ao rosto.
 Eis o esposo apparece, e «Não receies,
 Aqui me tens» (lhe diz). Ella revive,
 Ella os braços lhe lança, e longo espaço
 Pende do collo amado o dôce pezo.

Em tanto de amor cêgo o regio moco
 Arde, morre, e lhe attráe, lhe enleva os olhos
 A fórma, a nivea côr, e a loura trança,
 E o grave adorno, limpido, e sem arte;
 A falla o prende, as expressões o encantam,
 E o que á vil seducção não é sujeito:
 Quanto menos esperas mais desejas,
 Mais te affogêas, sequioso amante.

Cantara o nuncio da risonha aurora,
 E aos fortes arraiaes os socios volvem.
 Atonito, em paixão Tarquinio ferve,
 Grosando na revolta phantasia
 A bella imagem de Lucrecia ausente,

E ali tudo o que viu mais lindo observa.
«Assim (diz entre si) a achei sentada,
Era o seu traje assim, e a mão suave
O longo, tenue fio assim torcia;
D'esta arte lhe caíam no alvo collo
Aureas madeixas, ao desdem lançadas;
Tinha este modo, estas palavras disse,
Este o semblante, a graça, a côr, e a bôca...»

Como se vê no mar, depois que os ventos,
As azas sacudindo, o flagellaram.
Que, já puros os céos, inda esbraveja
Co'a rispida impressão do horrendo assalto:
Tal, postoque tão longe a bella estava,
O incendio, que ateou, no amante ardia.

Penando, e de paixão desesperado,
Projecta macular com força, e dolo
O thalamo sagrado, o casto objecto.
«O effeito é duvidoso (eis diz o insano)
Porém não se fraqueje, ousemos tudo;
Audazes corações proteje a Sorte:
Os Gábios sujeitei c'o atrevimento.»

Cala-se, e já pendura ao lado a espada,
Já d'um rapido bruto opprime as costas.
Corre, e chega a Colacia o moço ardente
Quando o sol mergulhava o carro de ouro.
O inimigo como hospede nos lares
Do ausente Colatino é logo acceito,
(Que o vinculo do sangue os dous prendia)
A dama com primor o acolhe, o tracta;
Ai que enganada está ! Manda que apromptem,
Sem suspeita do crime, a lauta meza.
Contente do alimento, o somno exiges,
Os lassa Natureza.— Era alta noute,
Na estancia lume algum não scintillava:
Levanta-se o traidor, um ferro empunha,
Vae, manso, e manso, ao thalamo pudico.
Mal que o toca: «Um punhal commigo trago,
Lucrecia (elle lhe diz) eu sou Tarquinio,
Sou o filho do rei.» — Nada responde,
Nem pôde responder Lucrecia absorta:
De assombro, de terror jaz fria, e muda;
Mas, como a lamentavel cordeirinha,

Que no tosco redil desamparado
 Entre as garras se vê do lobo infesto,
 Ante o fero amator Lucrecia treme.
 Que fará? Contender, luctar com elle?...
 Ella é débil, mulher, será vencida.
 Gritará?... Tem na dextra um ferro o monstro.
 Fugirá?... Dura mão lhe aperta o peito,
 Não manchado até ali de toque infame.
 Insta com rogos o inimigo amante,
 Com premios, e ameaços; mas seus rogos,
 Seus premios, e ameaços nada alcançam.

«Não cedes, inhumana, a meus transportes ?
 Pois (o barbaro diz) hei de arrahcar-te
 Com este ferro a vida, apregoando
 Que em adulterio vil co'um torpe escravo
 Te colhi: a teu lado o porei morto,
 E horrenda ficará tua memoria.»
 A matrona infeliz, temendo a fama,
 A' furia succumbiu do fementido.

Indigno vencedor, para que exultas ?
 Será tua ruina essa victoria:
 Ai! Quanto ao sólio teu custa uma noute!

Dissipando-se as trévas, apparece
 Lucrecia desgrenhada, e qual costuma
 Ir lacrimosa mãe do filho á pyra.
 O consorte fiel, e o pae longo
 Chama do campo: os dous acodem logo,
 Vêm-lhe o luto, e do luto a causa inquirem,
 Perguntam-lhe que mal, que dôr a ancêa,
 E as honras funereas a quem consagra ?

Ella fica em silencio um longo espaço,
 E no véo lutuoso esconde a face,
 Soltas em fio as lagrimas formosas.
 Consolando-a co'a voz, e com o afago,
 Caqui lhe roga o pae, d'ali o esposo
 Que falle emfim, que exprima o que padece,
 E choram, temem com pavor incerto.

Três vezes começou, parou tres vezes,
 E á quarta se atreveu a declarar-se,
 Mas sem a vista erguer: «Tarquinio a isto
 Me obrigará tambem! (profere a triste)
 Eu mesma hei de narrar a injuria minha !

Eu mesma, desditosa, hei de atfrontar-me !»
 Conta o que póde... resta o mais... e chóra,
 E o pejo lhe affoguêa a face honesta.
 O pae, e esposo o crime involuntario
 Perdoam. — «Perdoaes ! Eu não.» (diz ella)
 E aguçado punhal, que traz occulto,
 Co'a melindrosa mão no seio embebe.

Caê aos paternos pés ensanguentada,
 E olhando para si, já moribunda,
 Para vêr se o pudor na quêda offende:
 Este o cuidado da infeliz, morrendo.

Eis junto ao corpo amado o pae, e esposo,
 Deslembrados da gloria, e do decoro,
 Jazem carpindo o seu commum desastre.
 Bruto, que a scena infausta presencêa,
 O nome com o espirito desmente:
 Do peito semivivo arranca o ferro,
 E ali na mão com elle, que distilla
 Da victima formosa o puro sangue,
 N'um ar ameaçador taes vozes sólta
 Do affouto coração:—«Por este honrado,
 Por este varonil, egregio sangue,
 E por teus manes, que serão meus numes,
 Juro ao feroz Tarquinio um odio eterno,
 Juro de o proscrever, e á prole infame;
 Seus crimes infernaes serão punidos:
 Tens oh virtude, assaz dissimulado!»

Ao som d'estes impavidos protestos
 Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia:
 Meneando a cabeça, approva, e morre.

Sobre funereo leito se colloca
 O gentil corpo da heroina excelsa.
 O spectaculo triste expõe-se a todos,
 E deve a todos lagrimas, e inveja;
 Vae patente a ferida; — o denodado
 Bruto, vociferando, incita o povo,
 E do mancebo audaz lhe narra o crime.

Com a estirpe cruel Tarquinio foge:
 Foi aquelle o famoso, ultimo dia
 Em que o duro oppressor deu leis a Roma.
 Cessa o reinado, os consules se criam,
 E as redeas tomam de annual governo.

O bosque de Marselha

(Descripção tirada da «Pharsalia», de Lucano, Livro III)

Lá junto de Marselha havia um bosque,
 Nunca dos longos séculos violado.
 Co'a rama implexa os ares denegria,
 Amedrontava o sol co'as altas sombras.
 Nyniphas, Sylvanos, Pan, que rege as selvas,
 Ali não tem poder, ali só reinam
 Numes, que exigem barbaras offrendas;
 Aras crueis as Furias erigiram
 Roxêa em tronco, e tronco o sangue humano.

Ali, se fé merece a antiguidade,
 Sobre os ramos firmar-se as aves temem,
 Temem as feras acolher-se as covas.
 Não sôa o vento ali, nem bate o raio,
 Nem folha alguma os Zephyros consente :
 Um mudo horror as arvores abrange.
 De origens torpes negras aguas fervem;
 Dos deuses maus simulacros feios
 Carecem de arte, são informes troncos.
 A mesta pallidez, que os vultos cóbre,
 A surda corrupção, que os vai roendo,
 Nos absortos mortaes terror infunde;
 Receiam numes de apparencia extranha:
 Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta
 Ignorar que poder, que deuses teme !

Era geral rumor que ali se ouviam
 Mugir as grutas, vacillando a terra,
 Que o derrubado teixo ali soía
 Aos ares outra vez alçar a coma,
 Até sem consumir-se arder o bosque,
 E enroscados dragões silvar nas plantas.

Não dá proximo culto ás aras tristes,
 Nem o infesto logar frequenta a gente:
 Espavorida o cede aos deuses torvos.
 Quando no ethereo cume o sol chammeja,
 Ou quando a opáca noute afêa o polo,
 Dos ritos feros o ministro mesmo
 Teme entranhar-se nas funestas sombras,

E o senhor encontrar do bosque horrendo.

Cesar ordena que derribe o ferro
As arvores, que, intactas d'outras guerras,
E entre altos montes nus encadeadas,
Do romano arraial surgiam perto.

Eis os braços guerreiros estremecem,
Os fortes corações eis enregela
Do ermo escuro a terrível magestade:
Crêm que, se as sacras arvores ferirem,
Hão de os férreos, vibrados instrumentos
Voltar-se contra os impios, que os menêem.

Julio, que do terror os vê tomados,
Rápido a um d'elles a bipenne arranca;
Ergue-a, n'um tronco ingente a descarrega,
Ás cohortes se volve, assim lhes falla:
«Porque nenhum de vós talhar duvide
A selva, onde pensaes que habitam deuses,
Crede-me, embora, o réo do sacrilegio.»

Diz, e a pavida turma obediente,
Sem repellir o horror, succumbe ao mando:
Teme a ira dos numes, e a de Cesar,
Porém mais a de Cesar, que a dos numes.

Já nodosos carvalhos cáem por terra,
Cáem por terra os suberbos, duros olmos,
No chão baquea o funebre cypreste,
Que a lutos não plebeos é consagrado.
Pela primeira vez, Dodóneo bosque,
Depões a idosa rama, e já sem ella,
Sem sombra, que te ampare, o dia admittes.

Mas inda se mantem, caindo, a selva
Com seus restos espessos; Gralla geme,
Olhando o feito audaz; porém, reclusa
A crente mocidade entre as muralhas,
Exulta: quem julgára que seriam
Impunemente os deuses affrontados !

Latino e seus filhos

(Episodio da «Jerusalem» de Tasso, Canto IX)

Entre os heróes christãos, que pelo esforço
 Ante Jerusalem mais se afamaram
 Na do feroz Soldão nocturna guerra,
 Latino reluziu, nascido em Roma.
 Das lidas marciaes, da longa idade
 Inda gastas as forças não sentia:
 Com cinco filhos, quasi eguaes, ao lado
 Nas horridas pelejas sempre andava.
 Elles, anticipando ao tempo a fama,
 De férreo pezo as fronte opprimiam,
 E os membros juvenis, inda crescentes:
 Pelo paterno exemplo estimulados,
 Amolavam no sangue o ferro, as iras.

«Vamos (o pae lhes diz) lá onde um impio
 Co'a fuga dos christãos se ensoberbece:
 O horror, o estrago, aa mortes, que fulmina,
 Em vós o innato ardor não diminuem:
 E' gloria trivial, se a gloria, oh filhos,
 De algum passado trance não se adorna.»

Assim brava leôa os filhos bravos,
 A quem do collo a juba inda não desce,
 A quem das mãos crueis, da horrenda bôca
 Inda as terriveis armas não cresceram,
 Leva comsigo ás presas, aos combates,
 E os vae com torvo exemplo encarniçando
 No caçador, que os bosques lhe perturba,
 E as feras menos fortes affugenta.

Seguem o pae sublime os cinco incautos,
 O enorme Solimão saltêam, cingem,
 E n'um só ponto um só arbitrio, e quasi
 Um espirito só, seis lanças vibra.
 Mas, cegamente affouto, o de mais annos
 Sacode a sua ao chão, c'o turco cerra,
 E tenta em vão co'a penetrante espada
 Derribar-lhe sem vida o gran ginete.

Porém qual monte exposto ás tempestades,
 Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,

Supporta, firme em si, trovões, e raios,
Os indignados céos, ondas, e ventos;
Assim o audaz Soldão a altiva fronte
Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,
E áquelle que o ginete lhe golpêa,
Entre as faces, e os olhos fende o rosto.

Aramante ao irmão, que vae caindo,
Piedoso estende o braço em que o sustenta:
Piedade louca, e vã, que ao damno alheio
Une tragicamente o proprio damno.
O pagão contra o braço o ferro inclina,
E o que a elle se atêm com elle aterra:
Cáem ambos, um sobre outro desfallecem,
E misturam, morrendo, os ais, e o sangue.

Eis, de Sabino a lança espedaçando,
Com que o moço gentil de longe o infesta,
Lhe arremessa o cavallo, e de arte o colhe,
Que por terra, tremendo, o deita, o piza.
Do delicado corpo adolescente
Sáe a alma a grande custo, e deixa triste
Da vida as auras placidas, os dias
Ledos, e ornados de mimosa idade.

Vivos Pico, e Laurente inda restavam,
Com que um só parto os paes enriquecera,
Par florescente, equal, que tantas vezes
Origem fôra de suave engano!
Mas se os fez natureza indistinguiveis,
Já diff'rentes os faz a hostile braveza:
Oh dura distincção! Em um divide
Do busto o collo, ao outro o peito rasga,
O pae (ah já não pae!... Ah sorte injusta,
Que n'um ponto o privou de tantos filhos!)
A sua morte vê nas cinco mortes,
Na pro genie infeliz, de todo extincta:
Nem sei como a velhice é tão constante,
Tão forte, e tão vivaz na extrema angustia,
Que inda respire, que peleje ainda!
Mas as tristes acções, as faces tristes
Não viu talvez dos moribundos filhos,
E do acerbo espectaculo a seus olhos
Parte as amigas trevas encobriram.
Com tudo, não perdendo a infausta vida,

Nada lhe era o vencer. Do proprio sangue
 Prodigio freme, e soffrego do alheio:
 Nem se conhece bem qual mais deseja
 Se morrer, se matar. «Tão desprezível,
 Tão fraca é esta mão (grita ao contrario)
 Que de tantos esforços nenhum póde
 Contra mim provocar-te a negra sanha !»
 Cala, e golpe mortal despede ao fero,
 Que, rôto o rijo arnez lhe rompe o lado,
 E por larga abertura o sangue ferve.

Ao grito, ao golpe contra o velho ancioso
 O barbaro volveu a espada, as furias.
 A loriga lhe abriu depois do escudo,
 Que vezes septe duro couro envolve,
 E o ferro lhe embebeu pelas entranhas.
 Eis Latino infeliz soluça, expira,
 E com vomito alterno ora lhe salta
 O sangue da ferida, ora da bôca.

Qual no Apenino vigorosa planta,
 Que as iras desdenhou de Áquilo, e de Euro,
 Se tufão desusado em fim a arranca,
 Co'a quéda em torno as arvores derruba:
 Tal cáe o heróe, e o seu furor é tanto,
 Que leva apoz de si mais d'um que afferra,
 E de homem tão feroz é fim bem digno
 Fazer, até morrendo, altas ruinas.

Gildipe e Eduardo

(Episodio da «Jerusalem» de Tasso, Canto xx)

O ferido combate ardendo estava
 Entre o campo christão, e o campo egypcio.
 N'isto o bravo Soldão co'a morte, e as furias
 Corre, escumando, aos barbaros se aggrega,
 Gran reforço lhes é, mas breve, inutil:
 Parece horrendo, momentaneo raio,
 Que repentino vem, que bate, e passa,
 Porém que da veloz carreira infesta
 Deixa vestigio eterno em rotas penhas.

Cem guerreiros, ou mais derriba o turco:
Sequer entre milhões de extinctos nomes
A memoria de dous se roube ao tempo.

Tristes esposos, férvidos amantes,
Eduardo, e Gildipe, os fados vossos
Duros, acerbos, e os illustres feitos
(Se a meus toscanos versos tanto é dado)
Sagrarei entre espiritos famosos,
Porque a serie de evos, quaes portentos
De virtude, e de amor, vos olhe, e aponte,
E algum terno mortal com dôce pranto
Honre os lamentos meus, e a vossa morte.

A generosa dama, esporeando
O docil bruto audaz, lá se arremessa
Com o esposo fiel por entre as turbas,
Onde o feroz pagão derrota os Francos:
Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,
O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.

O cruel, que no traje a reconhece,
Diz com agro, cholericó sorriso:
«Oh! Eis o rufião, e a apaixonada!
Muito melhor te fôra agulha, e fuso
Que por defeza haver armas, e amante.»

Cala-se, e de furor todo abrazado,
Vibra estocada temeraria, e fera,
Que ousou, rompendo o arnez, entrar no peito,
Que dos golpes de Amor só era digno.
Subito a triste, abandonando o freio,
Indicios dá de quem desmaia, e morre:
Ai! Bem o observas, mísero Eduardo,
Não lento defensor, mas desditoso.

Que fará n'este lance? Ira, piedade
A varias partes n'um só tempo o chamam:
Uma a suster seu bem, que vae caindo,
Outra a vingai-o do horrído homicida.
Amor imparcial o persuade
A que a piedade escute, escute a ira:
Eis co'a sinistra mão sustêm a esposa,
E co'a raivosa dextra exerce o ferro.

Mas ah ! Vontade, e força, divididas
Contra o duro pagão bastar não podem;
Não mantêm a infeliz, nem o verdugo

Do seu dôce prazer conduz á morte;
 Antes o impio Soldão lhe corta o braço,
 Piedoso arrimo da consorte amada:
 Cair a deixa o misero, e comprime
 Os membros d'ella c'os seus proprios membros.

Qual olmo, a que a vinosa, a fertil planta
 Com abraço tenaz se enreda, e casa,
 Se ferro o parte, ou raio o desarreiga,
 Leva comsigo a terra a socia vide:
 Elle o verde atavio lhe desfolha,
 Elle mesmo lhe piza as gratas uvas,
 E como que lhe dóe mais que seu fado
 O fim da amiga, que lhe morre ao lado.

Tal cáe o amante, e só se dóe d'aquella
 Que em companhia eterna o céo lhe outorga.
 Querem, não podem proferir palavras,
 Formam suspiros em logar de vozes:
 Um olha ao outro, e por costume antigo
 Um com outro se abraça em quanto existe.
 O dia n'um só ponto aos dous se apaga,
 E as almas juntas aos elvsios vôm.

Descripção do Diluvio

(Traducção de Gessner)

As torres de extranhissima grandeza
 Estavam pelas aguas já cobertas,
 E a triste, malfadada humanidade
 Já não tinha outro asylo, outra guarida
 Mais que o cimo de um monte alcantilado,
 Que ainda além das ondas assomava.
 Soar em torno d'elle os ais se ouviam
 Dos miseros mortaes, que em vão lidavam
 Por trepar aos cabeços, e abrigar-se
 Da insaciavel morte, que, enrolada
 Na escumosa torrente, os perseguia.
 Eis que desaba em parte a gran montanha,
 Eis que a rota porção no mar se abysma,
 E na quéda fatal comsigo abate

Quantos ao vão refugio se acolhêram.
O filho cáe d'ali precipitado,
Lançando pias mãos ao páe caduco;
Das maviosas mães no seio amigo
Tenros meninos suffocados morrem;
Pavoroso motim retumba ao longe
Dos homens, e dos brutos, que perecem
Juntos no horrivel barathro dos mares.

Já não restava então mais do que um pico
Altissimo da serra ainda illeso
Do estrago universal. Fanor, mancebo,
* Heróe no coração, pastor no officio,
Para ali conduzira a dôce amante,
Semira d'entre as ondas arrancara,
E, apesar do furor das vagas todas,
O triumphante Amor, Amor piedoso
A donzella infeliz salvou da morte.

Tinham nascido os dous nos ferteis campos
Que banha o longo, celebrado Euphrates.
Fanor entre os que ali se distinguiam
Era o mais abastado, o mais amavel;
Semira a mais gentil, mais virtuosa
Das suas companheiras: os desejos
Tu ias, Hymenêo, satisfazer-lhes,
E o dia de vingança, o dia horrendo
Em que Deus castigar determinara
Do mundo os negros, os nefandos crimes,
Era o mesmo em que haviam de ligar-se
N'um laço deleitoso os dous amantes.
Jazia tudo o mais no bojo immenso,
Nos abysmos do mar: Fanor, Semira
Sós ao geral naufragio sobrevivem.
Em montes a seus pés as vagas mugem,
Por cima das atonitas cabeças
Lhe rebomba o trovão, reina-lhe em roda
Pezada escuridão, cujos horrores
O clarão dos relampagos não rasga
Senão para off'recer-lhe aos olhos tristes
O medonho espectaculo dos mortos,
O miseravel tumulo da terra.

Estreitára Semira o terno amante
Ao peito esmorecido, e melindroso;

Junto a seu coração, trémula, e fraca,
 Ella o quer, ella o tem, e assim modéra
 O terror em que a põe seus duros Fados.
 «Mas querido Fanor (lhe diz Semira),
 Já não ha para nós nenhum refugio,
 E' forçoso morrer !... Já, já nos cérca
 A vingança dos céos por toda a parte.
 Não houves o fragor, não vês as serras
 Do tormentoso mar ! Não vês, não ouves
 Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo !
 Já não ha para nós nenhum refugio,
 E' forçoso morrer... oh morte! Oh morte!
 Eras tu quem devia unir-nos hoje ?...
 Oh meu Deus! Meu juiz! Eil-a bramindo...
 Eil-a que se arremessa a devorar-nos...
 Ai! Como se revolve em cada vaga !...
 Sustenta-me, Fanor... entre os teus braços...
 As ondas... me arrebatam... me arrebatam...
 Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro...

Ditas estas palavras, cerra os olhos,
 Congela-se-lhe a voz, e cae sem forças
 Entre os braços do amante. Elle sem tino,
 Já não vê serpear o ethereo fogo,
 As ondas já não vê fervendo em serras,
 Não vê mais que Semira entregue á morte.
 A lassa robustez no mesmo instante
 A desesperação, e Amor lhe innovam:
 Em seus braços aperta a dôce amada,
 D'entre as ondas a arranca, e de mil beijos
 Cobre as macias, delicadas faces,
 Co'a triste pallidez inda formosas,
 E frias, e alagadas dos chuveiros.
 «Semira (elle lhe diz), meu bem, desperta,
 Esta scena de horror contempla ainda,
 Volve ainda uma vez a mim teus olhos,
 Dize ainda uma vez que has de, oh querida,
 Amar-me até morrer, dize-o, repete-o
 Antes que as bravas ondas nos engulam.»

Diz: ella torna em si, lança-lhe os olhos
 Cobertos de agonia, e de ternura;
 Sobre a destruição depois os firma:
 «Oh meu Deus ! Meu juiz ! (exclama a triste)

Já não ha para nós, não ha piedade ?
Ai! Com que furia as ondas vem rolando !...
Que horrorosos trovões!... Oh Deus eterno!
Meu pae ! Meu creador ! Não te commoves !
Não deixas abrandar vinganças tuas !
A.h! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,
Os annos de Fanor, e os de Semira
Iam correndo envoltos na innocencia.
Oh tu, claro exemplar de mil virtudes,
Tu, dos filhos dos homens o mais justo,
Como em fim mereceste... ai desgraçada!
Eu vi, vi perecer todos aquelles
Que faziam tão dôces os meus dias;
Eu te vi perecer, meu pae (que angustia !)
(Que amargosa lembrança!) Eu te apertava
Em meus convulsos braços, tu erguias
Para a filha os pezados, ternos olhos,
E para abençoal-a as mãos piedosas
Quando as terriveis ondas te sorveram.
O que era para mim de mais estima
Me foi roubado, oh céos ! Porém, comtudo,
Nos abysmos, Fanor, sumida a terra,
Presentára a meus olhos as delicias,
As graças do terrestre paraíso,
Se o céo me concedera o possuir-te...
Oh Deus! Oh summo Deus! Não ha clemencia !
Nossa vida innocente nos não vale !
Não poderá vencer... mas, cega ! Aonde
Me leva, me arrebatava a minha angustia !
Perdôa, oh meu juiz, meu Deus, perdôa;
Estas murmurações expie a morte.
Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,
Quanto a mesma innocencia é criminosa !»
Fanor aqui susteve a gentil moça,
Que ao repellão do vento ía caíndo,
E sustendo-a, lhe diz: «Sim, oh Semira,
Nosso final momento está chegando;
As ledas, as suaves esperanças
De um reciproco amor se esvaeceram :
Eis o termo fatal dos nossos dias;
Porém não acabemos como os impios.
E' forçoso morrer: mas, doce amada,

Além d'esta mortal vida penosa
 Vive a gloria, o prazer, a eternidade.
 Remontem-se, querida, as almas nossas
 Ao Deus seu creador; longe os terrores:
 Nós vamos exultar, e agasalhar-nos
 No seio paternal do Omnipotente;
 Abraça-me, e esperemos nossos fados.
 Do centro d'este horror, Semira, em breve
 Nossos livres espiritos, voando
 Engolphados n'um jubilo sem termo,
 Se irão sumindo pelo céo brilhante.
 Oh Deus! Oh grande Deus! Esta esperança
 Em nossos corações nutrir ousamos.
 Elevemos, Semira, eia, elevemos
 Enfraquecidas mãos ao nume eterno.
 Cabe em frageis, erradas creaturas
 Dos juizos de um Deus tentar o abysmo ?
 Aquelle, que nos deu co'um sôpro a vida,
 Que póde quanto quer, prepára, e manda
 A morte ao criminoso, a morte ao justo.
 Venturoso o mortal, feliz quem sempre
 Da virtude trilhou, seguiu a estrada !
 A vida já, meu Deus, te não pedimos,
 Execute-se em nós tua justiça;
 Mas accende, affervóra esta esperança
 De um bem, de um alto bem, summo, ineffavel,
 Vedado á turbação, e horror da morte.
 Brama então sobre nós, trovão medonho !
 Devorae-nos então, sanhudos mares !
 O sancto, o justo Deus seja exaltado,
 E ultimo sentimento, ultima idéa
 De nossos corações, de nossas almas
 Seja seu nome, sua gloria seja.»
 O jubilo, e valor asserenaram
 O rosto de Semira, e no seu rosto
 Os lumes immortaes da divindade
 Como que já luziam. — «Sim (diz ella,
 Alçando para os céos as mãos mimosas)
 «Eu te sinto, dulcissima esperança,
 Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,
 Lagrimas de alegria, até que a morte
 Com a gélida mão venha cerrar-vos.

Uma gloria sem fim por nós espera.
 Vós, parentes, vós, pães, delicias nossas,
 Arrancados nos fostes, mas em breve
 Nos vamos novamente unir comvosco.
 Dos justos, oh meu Deus, está cercado
 Lá no cume dos céos teu throno augusto:
 Tu de todas as partes do universo
 Os congregas, Senhor. Fervei, oh raios,
 Incha-e-vos, escarcéos, brami, oh ventos !
 Vós sois, vós todos sois da inevitavel
 Justiça eterna os canticos, e os orgãos.
 Abraça-me, querido... olha... esta vaga
 Escumosa, e feroz... nos traz a morte...
 Abraça-me, Fanor... não me abandones...
 Ai!... Já me erguem... as ondas... já me absorvem...»
 «Semira (diz Fanor) eu não te deixo,
 Eu te abraço, meu bem. Tu vens, oh morte,
 Tu vens em fim cumprir nossos desejos...
 Graças... mil graças á justiça eterna...»
 Assim fallaram, e em abraço estreito,
 Tragados pelas ondas, pereceram.

Sacrificio aos espiritos infernaes

(Episodio extrahido da «Henriada», de Voltaire, Canto v)

Em quanto féra chusma de rebeldes
 Ás portas de Pariz vai conduzindo
 O desleal, fanatico mancebo,
 Sobre o successo d'arrojada empreza
 Os Dezeseis sacrilegos intentam
 Dos fados aclarar a escuridade.
 Curiosa de Médicis a audacia,
 Mystérios de tão lóbrega sciencia
 Já outr'hora indagou, já quiz outr'hora
 Entranhar-se nas trevas, nos horrores
 D'esta arte superior á Natureza,
 Quasi sempre chimera, e sempre crime.
 Por todos foi seguido o feio exemplo,
 E o povo insano, que imitar costuma

Com animo servil dos reis os vicios,
Amador do que é novo, e do que assombra
Em multidão corria aos sacrilegios.

Para o centro de abobada horrorosa
Pelas nocturnas sombras o silencio
Guiára a detestavel assembléa.
Ao pallido clarão de maga tocha
Ara vil sobre um tumulo se erige,
Onde as imagens dos dous reis collocam,
Objectos de seus odios, seus terrores,
De suas maldicções, de seus insultos.
Ali por voz sacrilega se annexa
A nomes infernaes d'um Deus o nome:
Cruas fileiras de aguçadas lanças
Luzem debaixo dos medonhos tectos:
Tingem-se as pontas em sanguineas taças,
Horrida pompa de horrído mysterio !

O ministro do templo é um d'aquelles
Que, odiosos, dispersos, e proscriptos,
Giram, vagueam, cidadãos do mundo,
Levam de mar em mar, de terra em terra
O seu abatimento, a sua affronta,
E de superstições montão damnoso
Têm por todos os climas desparzido.

Uivando os Dezeseis em torno d'elle,
A's impias ceremonias dão principio.
As parricidas mãos no sangue ensopam,
De Valois vão no altar ferir o peito,
E inda com mais terror, com mais insania
A effigie de Bourbon derribam, calcam,
Crendo que a morte, a seu furor ligada,
Vai co'a dextra fatal, e inevitavel
Taes golpes transmittir aos dous monarchas.

O hebreu profanador com turvo aspecto
Une entretanto as preces ás blasphemias:
Os abysmos, os céos, o Eterno invoca,
Invoca esses espiritos impuros,
Do universo invisíveis turbadores,
E o fogo dos infernos, e o raio.
Tal foi o infando, occulto sacrificio
Que fez em Gelboé lá n'outra edade
Aos numes infernaes a pythonissa,

Quando perante um rei feroz, e injusto
 Chamou de Samuel a horrivel sombra:
 Assim contra Juda de vãos prophetas
 Troava em Samaria a impia boca;
 Ou tal se ouviu Atéio entre os romanos,
 Invocados os deuses, em seu nome
 Agourar, maldizer de Crasso as armas.

Aos escuros, aos magicos accents
 Que profere o maligno sacerdote,
 Resposta os Dezeseis do Fado esperam;
 Cuidam que hão de forçal-o a descobrir-se:
 O céu para os punir quiz attendel os.
 Eis interrompe as leis da Natureza,
 E do fundo da tacita caverna
 Eis sáe lugubre som, murmurio triste.
 Cem vezes o relampago espantoso
 Na densa escuridão se accende, e apaga.
 Entre a fulminea luz, de gloria accezo,
 Em triumphal carroça Henrique assoma
 Ante os olhos do attonito congresso.
 Cinge-lhe marcio louro a fronte augusta,
 O sceptro venerando a mão lhe adorna.

N'isto o fogo do raio infiamma os ares,
 O altar cáe abrazado, a terra o sórve,
 E os rebeldes, o hebreu vão assombrados
 Seu crime, e seu pavor sumir nas trevas.

O combate de Ailly com o filho na batalha de Ivri

(Episodio extrahido da «Henriada», Canto VIII)

O indomito valor do gran Turena
 Já de Nemours as tropas aterrava.
 D'Ailly, veloz qual raio, ia esparzindo
 Por entre os batalhões espanto, e morte:
 O valente d'Ailly, todo orgulhoso
 Com seis lustros de gloria, e de combates,
 Que da guerra no ardor sanguinolento
 Sente, a despeito da rugosa idade,
 Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.

Com elle um só guerreiro ousa affrontar-se,
Um destemido heróe na flôr dos annos,
Que n'este matador, e illustre dia
Os horrores mavorcios encetára.
De um suave hymenêo gosando apenas,
E mimoso de Amor, a Amor se esquiva:
Com pejo de que só na gentileza
Soasse, consistisse a fama sua,
Vôa aos conflictos, sôfrego da gloria.
Lamentando-se aos céos a linda esposa,
Os rebeldes maldiz, maldiz a guerra;
Resolvendo aggregar-se aos combatentes
O seu terno amador, convulsa, e triste
Lhe une ao corpo gentil o arnez pezado,
E humida a face de amorosos prantos,
Em capacete precioso esconde
Semblante, que devia ás graças tanto,
Olhos em que seus olhos se reviam.

Eis ufano, raivoso, arrebatado
Parte contra d'Ailly o audaz mancebo
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte.
Ambos, de egual braveza estimulados,
Os ardidos ginetes espoream,
Das féras legiões ambos se arredam,
E correm ambos á planicie hervosa,
Toda corada de purpureos lagos.
Carregados de ferro, em sangue envoltos,
Com pavoroso assalto os dous se encontram:
Resôa a terra, as lanças arrebetam,
Assim como n'um céu tempestuoso
Duas pejadas nuvens carrancudas,
Que, no bojo encerrando ignea materia,
E de enorme encontrão, de horrendo embate
Rotas nos ares, pelos ares vôam:
Gera o choque relampagos, e raios,
Estrondêa o trovão, e assusta o mundo.
Mas por subito impulso, e nova sanha
Ei-los dos brutos férvidos se arrojam,
Escolhendo outro genero de morte.

Já lhe reluz nas mãos o liso alfange
A cevar-lhe o furor corre a Discordia,
E o Genio torvo, que preside á guerra;

Segue-os a morte pallida, e sanguenta.
Miseros, esperae, detende os golpes...
Mas negro fado os animos lhe inflamma.
Este áquelle, raivando, aquelle a este
Tenta no coração cravar o alfange,
No exposto coração, que não conhece.
Do retalhado arnez faiscas saltam,
Golphando o sangue, as mãos lhes purpurêa;
O escudo, o capacete, á força oppostos,
De cem golpes crueis alguns mallogram,
Alguns aparam, rechaçando a morte.
Os rivaes entre si, como assombrados
De tão alto valor, se respeitavam;
Mas o annoso d'Ailly co'um golpe infausto
Lança em terra o magnanimo guerreiro.
Seus olhos para sempre á luz se fecham,
Cáe-lhe o elmo, descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... ah! E' seu filho...
Oh desesperação ! Oh desventura !
O deploravel pae, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privam.
Tremendo, soluçando, o triste velho
Foge d'aquelle horror, amaldiçôa
Seu criminoso, e barbaro triumpho;
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitarias brenhas vae sumir-se.

Ali, quer surja o sol, dourando os montes,
Quer se mergulhe nos cerúleos mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos eccos,
Aos eccos, de escutal-o enternecidos.

Do bello moço extincto a dôce amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacillante ao sitio corre
Por onde borbulhára o sangue em rios.
Aqui, e ali caminha, indaga, observa,
E da guerra entre as victimas cruentas
Distingue emfim o esposo. Ao vê-lo a triste
Cáe sem accordo na sanguinea terra,

Segue-os a morte pallida, e sanguenta.
Miseros, esperae, detende os golpes...
Mas negro fado os animos lhe inflamma.
Este áquelle, raivando, aquelle a este
Tenta no coração cravar o alfange,
No exposto coração, que não conhece.
Do retalhado arnez faiscas saltam,
Golphando o sangue, as mãos lhes purpurêa;
O escudo, o capacete, á força oppostos,
De cem golpes crueis alguns mallogram,
Alguns aparam, rechaçando a morte.
Os rivaes entre si, como assombrados
De tão alto valor, se respeitavam;
Mas o annoso d'Ailly co'um golpe infausto
Lança em terra o magnanimo guerreiro.
Seus olhos para sempre á luz se fecham,
Cáe-lhe o elmo, descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... ah! E' seu filho...
Oh desesperação ! Oh desventura !
O deploravel pae, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privam.
Tremendo, soluçando, o triste velho
Foge d'aquelle horror, amaldiçôa
Seu criminoso, e barbaro triumpho;
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitarias brenhas vae sumir-se.

Ali, quer surja o sol, dourando os montes,
Quer se mergulhe nos cerúleos mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos eccos,
Aos eccos, de escutal-o enternecidos.

Do bello moço extincto a dôce amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacillante ao sitio corre
Por onde borbuhlára o sangue em rios.
Aqui, e ali caminha, indaga, observa,
E da guerra entre as victimas cruentas
Distingue emfim o esposo. Ao vê-o a triste
Cáe sem accordo na sanguinea terra,

Nos olhos se lhe estende o véo da morte.
 «E's tu, meu caro amante?...» Estas palavras
 Cortadas pela dôr, estes suspiros
 Que sólta, desmaiando, ah! não se escutam.
 De novo os olhos abre, une de novo
 Os labios seus aos labios que idolátra,
 Os ternos beijos ultimos lhe imprime,
 Aperta o corpo misero entre os braços,
 Entre os mimosos braços côr de neve,
 Os olhos n'elle põe, suspira, e morre.
 Pae infeliz, misérrimos esposos,
 Lastimosa familia, exemplo triste
 Dos crimes, do furor d'aquella idade,
 Ah! Praza aos céos que a horrida lembrança
 D'este medonho, e tragico successo
 A comiserção, a humanidade
 Excite em nossos derradeiros netos,
 E aos olhos uteis lagrimas lhe arranque
 Para que o rasto dos avós não sigam !

O Templo do Amor

Traduzido do Canto IX da «Henriada»

Sobre o campo feliz da antiga Idalia,
 Lá no principio d'Asia, e fim de Europa,
 Alto edificio magestoso assoma,
 Do tempo assolador vedado aos damnos.
 Lançou-lhe a Natureza os alicerces,
 E tu, Arte subtil, depois brincando
 A simples, moderada architectura,
 Lidáste, e transcendeste a Natureza.
 Ali de verdes myrtos povoadas
 As circumstantes selvas, inda ignoram
 Os insultos do inverno enregelado;
 Ali por toda. a parte amadurecem,
 Por toda a parte ali formosos nascem
 Os fructos de Pomona, os dons de Flora;
 Ali para outorgar ampla colheita
 Nunca esperas, oh terra, oh mãe fecunda,

Nem pelas estações, nem pelos votos
 Do tostado cultor; ali parece
 Que os niortaes n'um equal, sereno estado
 Gosam tudo o que dava a Natureza
 Lá na ditosa infancia do universo:
 Aturado socego, alegres dias,
 A doçura, os prazeres da abundancia,
 Os bens, os gostos da primeira idade,
 Menos a mansa, e limpida innocencia.

Nenhum, nenhum rumor alli se escuta
 Senão dôce harmonia encantadora,
 Molle harmonia, que amollece o peito;
 Vozes do amante, canticos da amada,
 Que a deshonna, os delirios, as fraquezas
 Em verso adulador lhe vae dourando.
 Vê-se turba amorosa a cada instante,
 Toucada de odoríferas boninas,
 As graças implorar do deus, que adora,
 Concorrer sequiosa a seus altares,
 E n'elles á porfia ir-se ensaiando
 No methodo suave, e perigoso
 De attrair corações, ligar vontades.
 A risonha Esperança a mão lhe off'rece,
 E os guia dous, e dous ás aras de ouro;
 As tres lindas irmãs, as brandas Graças,
 Fagueira, quasi núas, e defronte
 Das francas portas do soberbo alcaçar,
 Unem veloz coréa a som divino.
 A preguiçosa, a placida Molleza,
 * A socia dos amantes, encostada
 Sobre a relva subtil, e as tenras flôres,
 Ali de vêr, e ouvir se apraz, e enleva.

* Dorme a par d'ella o tacito Mystério,
 Jazem-lhe em roda os magicos Sorrisos,
 O pontual Desvelo, a Complacencia,
 Jaz o Prazer, e os soffregos Desejos,
 Inda mais que o Prazer encantadores.

Tal é na entrada o templo sumptuoso;
 Mas quando além das portas, e debaixo
 Da rutilante abobada sagrada
 Passo audaz se encaminha ao sanctuario,
 Que espectaculo horrendo ateirra os olhos !

- * Ali não resplandece, ali não vò
- * Nitido enxame de louções Prazeres;
- * A celeste Harmonia ali não ousa,
- * As azas transparentes meneando,
- * Nos tristes corações insinuar-se.
- * Queixas, Tormentos, Desvarios, Sustos
- * Em densa multidão, tropel confuso
- * Choram, blasphemam, desatinam, tremem,
- * Geram n'este logar o horror do inferno.

O carrancudo, o livido Ciume
 Segue n'um passo trémulo a Suspeita;
 Odio, Raiva, entornando o seu veneno,
 Armados de punhaes, lhe vão na frente.
 Malicia, tu os vês, e satisfeita
 Co'um sorriso traidor a insania approvas:
 Eis o Arrependimento os vai seguindo,
 E em seus ais condemnando-lhe a fereza,
 De lagrimas inunda os olhos baixos.

Em meio d'esta chusma pavorosa,
 Companheira fatal dos vãos Prazeres,
 Tem conservado Amor seu domicilio
 * Desde que lá no azul, no ethereo vácuo
 * Cahiu das mãos de Jove o sol recente.
 Da terra os Fados tem na tenra dextra
 O cruel, tentador, gentil menino:
 Dá co'um sorriso a paz, com outro a guerra,
 Seu nectar derramando em toda a parte,
 Seu nectar, que depois torna em peçonha,
 E' alma do universo, e vive em tudo.
 * Do throno, em que dá leis á Natureza,
 Contemplando a seus pés milhões de escravos,
 Orgulhosas cabeças piza, esmaga;
 Mais pago do rigor que da piedade,
 Dos males que produz se desvanece.

- * Mortaes, tristes mortaes, que horrivel quadro !
- * Mas os males de Amor têm recompensa,
- * Têm dôce galardão: Mortaes, amemos.

A fome assolando Pariz

(Traduzido do Canto x da «Henriada»)

Vagueava em Pariz feroz caterva
De estrangeiros crueis, de horrendos tigres,
Tigres pela Discordia apascentados,
Mais terriveis que a fome, a guerra, a morte.
Uns das campinas belgicas vieram,
Outros lá das helvéticas montanhas,
Barbaros corações, á guerra usados,
Que vivem de matar, que fazem prompto
Sacrifício venal do proprio sangue.

D'estes novos tyrannos a cohorte
Em sôfrego tropel derriba as portas
Dos tristes cidadãos, e lhes presenta
Mil mortes, mil tormentos, mil horrores;
Não já para os privar de vãos thesouros,
Não já para arrancar aos ternos braços
De espavorida mãe filha chorosa:
Faminta precisão consumidora
As demais sensações lhe impede, e abafa.
Pesquisar, descobrir qualquer sustento,
Por escasso, por mau, por vil que seja,
E' a sua intenção, seu fim, seu gosto:
Attentado não ha, não ha martyrio
Que para o conseguir não excogitem.

Indigente mulher... (oh céos ! E eu devo
Urdir a narração da feia historia,
Do horrivel caso escurecer meus versos !)
Indigente mulher perdido havia
Por violencia dos monstros esfaimados
Unico, parco, e misero alimento.
Invadindo seus bens a negra Sorte,
Apenas lhe deixára um tenro filho,
Proximo a perecer do mal, que a mata.
Raivosa, desgrenhada, um ferro empunha,
Corre, bramindo, ao candido innocente,
Que estende as debeis mãos para afagal-a.
Do triste a infancia, a graça, a voz, o estado
A phrenetica mãe de dôr traspassam.

Põe n'elle os espantados, turvos olhos,
 Tintos de amor, de raiva, e de piedade.
 O cutélo da mão lhe cáe tres vezes,
 Mas a raiva triumphá, e, detestando
 O fecundo hymenêo, com voz tremente:
 «Oh d'esta alma infeliz porção mimosa !
 Caro filho ! (ella exclama) em vão teus dias
 Produzi, conservei com tanto afago.
 Em breve ou da penuria, ou dos tyrannos
 Fôras talvez a victima, o despojo
 Se a mãe piedosa te poupasse a vida...
 A vida! E para quê ? Para vagares
 Do deserto Pariz entre as ruinas,
 Desfazendo-te em ais, em dôr, e em pranto ?
 Morre, antes que o meu mal, e o teu conheças,
 Restitue-me, oh filho, o sangue, a vida,
 Que te deu tua mãe; vem sepultar-te
 Nas entranhas crueis; que te geraram,
 E veja-se em Pariz um crime novo.»

Isto dizendo, attonita, e convulsa
 No peito do filhinho embebe o ferro,
 Leva o corpo sanguento ao lar fumante,
 E, soffregas as mãos co'a fome horrenda,
 A funesta iguaria ali preparam.
 A força de voraz impaciencia
 Volvem, raivando, os barbaros soldados
 Ao theatro do crime atroz, e infando,
 Similhantes na horrída alegria
 Aos ursos, e aos leões que a prêa afferram !
 Apostados correndo, a porta arrombam;
 Entram... Céos! Que terror! Que assombro! A' vista
 Carrancuda mulher eis se lhe off'rece,
 Molle corpo infantil despedaçando,
 Abrazada em furor, e em sangue envolta:
 «Sim, féras, sim, crueis, meu filho é este!
 Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,
 Sejam vosso alimento a mãe, e o filho.
 Vinde, as sagradas leis da Natureza
 Ultrajar mais do que eu temeis acaso ?
 Que susto vos detêm, vos desalenta?
 Oh tigres! Este pasto a vós pertence.»

Phrenetica, e sem tino, assim fallando,

Agruçado punhal no seio enterra.
 Subito, da tragedia horrorizados,
 Confusos, e ululando, os monstros correm;
 Não ousam para traz volver os olhos,
 * Cuidam que os ameaça, os segue o raio;
 E o povo, por findar tão triste sorte,
 Alçando as mãos aos céos, implora a morte.

A Colombiada, ou a fé levada ao novo mundo

POEMA DE MADAME DU BOCAGE

(Tradução do Canto I)

Eu canto o Grenovez, de Urania alumno,
 Da inveja, e dos infernos perseguido,
 O nauta, que do Tejo foi tão longe
 Desencantar os indicos thesouros;
 Que da aurora ao poente o mar domando,
 Para a fé conquistou mundo ignorado.

Oh mãe de Orphêo (que pela voz de um filho
 Typhis, Jason no pégo enfeitiçaste !)
 Consente, para mais, á minha audacia
 Que do Ismario cantor imite os versos.
 Se bosques attraíu, monstros, e Furias,
 Homens enternecer meus sons não podem ?
 Musa, do sexo teu o imperio estende,
 Une á feminea voz a lyra eterna,
 Mostra aos humanos que tambem no Pindo,
 Assim como em Cythéra, os cantos nossos,
 Caros aos deuses, os heróes afamam.

Do solsticio do inverno á florea quadra
 Phebo precipitava os turvos dias,
 Desde que sobre os mares, vencedora
 Das procellas horrisonas, vagava
 Longe do patrio seio a frota ibera.
 De ilha em ilha evitava estereis climas
 O próvido Colombo: a seus desejos
 Ditoso, grato asylo em fim se off'rece,
 Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.
 Este heróe, nunca trémulo ante o p'rigo,

Na bonança acautéla as tempestades.
 Desce a noute; elle teme infesto escolho,
 E, até que a luz diurna o polo aclare,
 Congregando os baixéis áquem do porto,
 Assim de seus guerreiros falla aos chefes:

«Rivaes d'esses, que o Bosphoro venceram
 Compete a vosso, ardor mais alto premio:
 Os males nossos tem nos céos a palma.
 Quem das avitas glorias dorme á sombra
 Perde na escuridade a luz da origem.
 Nós, que havemos tégora em perigos cento
 Calejado a constancia, eia, surjamos
 N'essa fronteira, incognita enseada:
 De Fernando os pendões ali se arvorem.
 Dado que féros povos nos insultem,
 E' nosso escudo o céu: proezas nossas
 Para estender seu culto a vida eguaem.»

Diz, e d'est'arte lhe responde a turba:
 «Claro almirante ! Affronta o mar, o inferno,
 Que todos sem terror te seguiremos
 Aos dous pólos do mundo. Os annos vômam;
 Mas da injuria dos seculos vorazes
 Nada tem que temer lustrosos feitos.»
 Ferve a taes vozes o soldado, espera
 Novos mundos ganhar, vêr outra Colchos.

O nome dos heróes, que honraram Grecia
 Distinguia os baixéis. Um pinho annoso,
 Filho robusto da hyperbórea terra,
 Velas do Argus sustenta em aurea pôpa.
 O prudente Matheus, rival de Typhis,
 Guia um novo Jason, conduz Colombo.
 O cauto chefe, que a seus olhos sempre
 Tem de Helena os irmãos, sobre estes lenhos
 Atear-se a discordia viu cem vezes.
 Ali Julio encaminha illustre cabo,
 Mendes segue Pinzão; traidor Ximenes,
 Tu reges Telamon. Busca-se Alcides,
 Ah! Vãmente: escarcéos o devoraram;
 Torres, seu director, já não existe.

Patria do meu heróe, Genova illustre,
 Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,
 A seus feitos magnanimos se aggrega;

Alba no Orphêo conduz, e Boile, o docto.
Este sabio as estrellas não medita;
O iman, sujeito aos erros, não consulta:
Olha sómente o céo para imploral-o,
E o céo por elle annue á sancta empreza.

A gloria esquecerei, que haveis ganhado,
Invencivel Cortez, Pizarro affouto?
Ambos, um no Calais, outro no Zetes,
Dos alados heróes tomando o vôo ?
Vós de Castella, e de Africa os ginetes
A' expedição levaes. Morgan valente
Dogues no Hilas açama, exercitados
Em jogo marcial. Por chefe o tractam
Hastins, Arcy, Murrai, Stanhope, e activos,
Para alongar seu nome, a patria deixam.
O Neustroo Marcoussy, caro a Colombo,
O segue no Thesêo, que lhe é sujeito:
Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,
As suas leis submissos, lá florecem.
Triumphantes no Sena estes guerreiros,
Tentam novas emprezas: sobre os mares
Quer o valor francez dar pasmo ao globo.
Pelêo, e Ajax, na Andaluzia armados,
Pendem de Margarit, e de Garcia.

Vasos mais leves, de que escondo os nomes,
Em torno do almirante as ondas talham.
Dos chefes, que perdêra, o fim deplora;
Mas, applicando a magoa nos que restam,
Sem temor voga ao porto, e junto d'elle
Dos pilotos á voz se ferra o panno.

Em tanto que a esperanza industriosa
Promette aos hespanhoes mil bens, mil palmas;
Que Diana, esparzindo o raio incerto,
Nas aguas a folgar delphins convida;
Por ellas, onde brilha a sua imagem,
Manso, e manso os baixeis co'a terra emproam.
Mas entes infernaes, da Grecia deuses,
Que tem na India altares, e outros nomes,
Oppõem-se ao Genovez, de quem se temem.

Para traçar taes monstros, Musa minha,
Restituir Cythéra a Venus podes,
Podes restituir o Olympto a Juno:

Satân em meus pinceis Platão simelha,
E os manes do Cocyto as ondas passam.

Boiá, Teules, Zemês, estygios numes,
Que adora cego povo, a Europa ignoto,
Ajuntam de seu rei os estandartes.

No ruído de asperrimas correntes
As tartáreas phalanges se annunciam;
Serpentes, que das igneas testas brotam,
Os silvos formam lá, que em Lemnos se ouvem
Quando n'agua se extingue o ferro ardente.

Teules, que tem na Estyge Eólio mando,
Leva aos pés de Satân o horror, que inspira.
Nos seus olhos em braza é sangue o pranto,
Tem de um lado o terror, tem de outro a morte;
Das tormentas a chave á mão lhe é sceptro.
D'atra nuvem de enxofre, onde fluctuam
Mil cabeças medonhas, surge a d'elle,
E o turbulento inferno, á voz do monstro,
Como as aguas do Lethes, se abonança:
Té no perjuro, no traidor, no ingrato
O remorso emmudece alguns instantes.
«Rei d'esta região sombria, horrenda,
(Vozêa a Furia insana) onde aras tuas
Se perfumam de incensos, no indio clima
Do Tejo os filhos soffrerás que reinem?
De um Deus no outro hemispherio as leis se adoram,
Nosso inimigo eterno em parte o globo
Attrahiu com seus dons: ah! Se elle outr'hora
Cavou o immenso. abysmo onde penamos,
Golpe fatal, que nos prepara, ao menos
Cuide-se em rebater. Por novo mundo
Elle quer alongar suas conquistas,
Elle quer transmittir-lhe as leis, e altares.
Que! Debaixo dos seus os templos nossos
A' gloria sua servirão de base,
Gloria, que se eternize em nosso estrago!
Sem defender teu jus victorias cedes ?
Pondera que um mortal, do Averno injuria,
Contra nós o universo a armar se atreve.
O instructo Genovez, nos males firme,
Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,
Conquista os corações, subjuga as almas.

«De tão forte guerreiro empresas temo...
 Trance me é duro elogiar contrários,
 Mas o assustado orgulho ingenuo falla:
 Vencido do pavor, se os riscos peza,
 Jío interesse, e no p'riço é só que attenta.
 A esquadra, que receio, o termo attinge
 De alta intenção: meu unico regresso
 E' no centro das ondas sepultal-a.»

«Entrega aos furacões (Satân responde)
 Esse povo atrevido: os elementos
 Todos em damno seu se desenfrêm:
 Derrama no universo a raiva tua.»

O mar treme de ouvil-o, e todo o inferno
 Do embate de mil mãos faiscas saltam,
 Como das rochas sahem, que rompe o ferro;
 Ou quaes costumam rebentar de corpos
 Que inflamma o choque electrico. Eis o abysmo
 Ao magico motim responde em eccos,
 Como em crébros trovões o céo rebrama.

A passos gigantêos caminha Teules
 Às horriveis abobadas profundas,
 Onde as cohortes procellosas fremem.
 Abre co'a ferrea chave as bronzeas portas,
 Que, rapidas volvendo-se nos gonzos,
 Por pouco o monstro audaz não derrubaram.

Os subterraneos Sues, que assaltam nuvens,
 De cem respiradouros arrebetam,
 E o mar, em monte e monte, aos céos altêam.
 Que os heróes lhe exp'rimente um Deus permite
 Ao negro inferno. Subito a bonança
 Se converte em tormenta escura, enorme.
 Gemem de susto as Alcyoneas aves;
 Nas ondas os baixeis arrebatados
 Como que vem dos céos no mar sumir-se.
 Entre as torrentes, que derretem nuvens,
 Mãos congela o terror, e as prende aos cabos:
 Tudo estala, e, deixado o panno aos ventos,
 Debalde implora os nautas amarells.

Tres vezes viu Matheus luzir a aurora
 Desde que a frota errante em mãos de Eólo
 Foge da praia, a que aprou Colombo.
 Arte fallece em tanto mal; e os gritos

C'o estrepito das ondas misturados,
 Vão rebombar no pólo. O grande chefe,
 Colombo, cuja voz já não se escuta,
 Nas preces do pontifice encurvado,
 D'est'arte, a bem commum, seu Deus invoca:

«Creador, que, presente em toda a parte,
 Ares, terras, estrellas equilibras,
 Tu, que, remindo um povo, abriste as vagas !
 Podes pôr freio ao mar co'um volver d'olhos.
 Queres nossos baixeis sumir no abysmo?
 Se o fim da grande empreza é mallogrado.
 Ai! Quem trará teu nome a terra ignota ?
 Por ti, por ordem tua o p'rigo arrostado,
 E quantos me ladêam. Sorte avêssa
 A teu sabor, gran Deus, mudar-se pôde:
 Somente o favor teu nos punge, e alenta.
 Terra nos dá, senhor, que prometteste
 A nossos males, ás fadigas nossas.»

Todos applicam dolorosos prantos
 Do sacerdote á voz; do p'rigo o susto,
 Principio de mil votos, enternece
 O numen bemfazejo. Em breve as ondas
 A superficie alizam. Duros ventos,
 De espirito celeste agrilhoados,
 Outra vez, a tremer, entram nas grutas.

Mal que os Notos aos Zéphyros consentem
 Reconduzir bonança aos amplos mares,
 O Norte em nuvem franca offrece um astro,
 Dos navegantes esperança, e guia.
 Este lume os consola, e qual descende
 Sobre os mimos de Abril vapor suave,
 E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os fructos,
 Dos ares o socego ás almas vôa,
 E o que o medo abateu, o esforço eleva.

Colombo, que jámais provou receios,
 Ao seu Typhis commette as rédeas do Argus;
 Quer que a maior das Ursas deixe á dextra-,
 E, esperando a manhã, vogue ao poente.
 O horisonte branquêa: o fulvo Apollo,
 Occulto inda aos mortaes em atrios de ouro,
 No carro matinal roxêa os mares,
 E manso dia azul promette aos nautas.

O ar se esparze de aromas, quaes a Arabia
 De Africa, e de Asia nos confins vapóra.
 Porque farte o desejo aos navegantes,
 Este imprevisto bem de outro é seguido:
 O astro diurno aclara extensa costa,
 Que, vária, os olhos assaltêa, encanta.

Rochas de um lado sobre o mar pendentes
 A industria imitam, sem favor da industria.
 Por mão da Natureza affeiçoadas
 Em monstros, em gigantes, o murmurio
 Geram de vozes cento: ali parece
 Os povos d'este clima estarem juntos.
 Equóreo movimento, abrindo as penhas
 Em um, em outro assalto, entre ellas fórmam
 O rispido fragor, que ás praias Ecco
 Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.

O outro lado do porto, aos nautas franco,
 E flóreo, fructuoso amphitheatro;
 De arêas de ouro se orla, onde aguas puras
 De lindas conchas o atavio ostentam.
 Mil pescadores para encher canôas
 Nas ondas a colheita em vão não buscam.

De ferteis margens habitantes ledos,
 Que terror vos infunde a esquadra nossa !
 Pejadas redes d'entre as mãos vos fogem.
 Em quanto, por ganhar vossa alma incerta,
 Vos mostram dons, que vos destina o Chefe,
 Elle as velas dirige ás praias vossas.
 O prumo consultado abona o porto,
 E, vogando sem custo a prôa ás margens,
 Abre facil ingresso em fundo rio.

Verdes arbustos este asylo assombram
 Arroios mil nas proximas collinas
 Escorregando vêm de pedra em pedra.
 Arte em nossos jardins pintar costuma
 Estes brincos gentis da Natureza:
 Lá por cascatas humedece as hervas
 Deslizada corrente. As amplas cheias
 Valles diversos na carreira abrindo,
 Fecundos campos, e aceleram fructos,
 Bem que no mesmo gráo do hisperio clima,
 D'estes o estio inferteis os não torna:

Dos logares, que em fabulas se enfeitam,
Sois, oh ilhas, que eu canto, imagem viva.

O outono, que a miudo as annuvia,
Inundadas jámais as viu de chuvas;
Sem que aos olhos o dia apouque os lumes,
De nuvens brando véo tempéra as calmas.
Quando o ethereo cume o sol fervia,
Tutelares Favonios, adejando,
As fadigas do Ibero amaciavam.
Lança ferro, e cubica de repouso
Faz com que as aguas deixe, e salte em terra.

N'um visinho rochedo olhada turba
Lhes determina o passo, e pasma ao vêl-os.
O chefe, que a conduz, por cava senda
Vae dirigindo o pé. Da face as rugas,
As cãs dispersas, e avultados membros,
Sem arte, ou vestidura, o gráo lhe indicam
Melhor que inutil séquito pomposo:
A sua candidez encanta, e brilha
Mais que o ouro dos reis, que a Persia acata.
Se os trajes, as feições, e iberios lenhos
Attráem co'a novidade o velho agreste,
A voz da gente sua, e d'ella os gestos
Aos nossos europeus a vista assombram;
E igualmente admirado o vario povo
Se contempla entre si. Com alma ingenua,
Sem medo os indios a Colombo exprimem,
Apontando-lhe os céos, que o julgam vindo
Lá da estancia immortal das divindades.

O almirante caminha ao chefe inculto:
Moço europeu (que em ilha solitaria
N'aquelle mundo novo achado havia,
E na esquadra acolheu) de lingua serve.
Que dita inopinada! (é crivei fosse
Divina permissão) Penetra o velho
A linguagem do interprete, que explica
Os desejos do herée n'esta substancia:

«Oh tu, que d'este povo o rei pareces,
(Se é a hospitalidade aqui virtude,
Qual teu rosto benefico denota,
Em quanto estes amenos, faustos campos
Com vista esperançosa observo, admiro)

Sabe que injusto, que invasor projecto
 Aqui me não conduz por vastas ondas.
 O infortunio me traz: sê meu refugio,
 E além dos mares teus prometto em breve
 Ir de teus beneficios, de, teu nome
 Informar o universo.» A voz do chefe
 Os espanhoes a reverencia uniam,
 No campestre ancião fitando os olhos.

O indio dá puro credito ao que escuta:
 Seu coração lavado ignora o medo,
 Assim como as astucias desconhece.
 A seus amigos diz (sómente amigos
 Comitiva lhe são) — «Porque se agrade
 Dos alimentos nossos o estrangeiro,
 Exquisitos, gravissimos aromas
 Dêm aos nossos liquores nova graça.»

No chão curva o joelho, assim fallando,
 Quanto a caduca idade lh'o toléra;
 Passo a passo depois Colombo arrosta.

«Ente divino (diz) que o mar talhaste
 Sobre monstros alígeros, a terra,
 Onde has baixado, te dará sem termo
 Os bens de que a fornece a Natureza.
 Reino aqui: meu desejo é contentar-te.
 Segue-me aos valles nossos, vê, contempla
 Tão dítosa morada; os teus sequazes
 Terão lá, como tu, seguro asylo.»

Segue o chefe europeu do velho os passos;
 Com elle vae o interprete, e apoz elles
 Caminham Marcoussy, Morgan, Fieschi,
 E os mais abalizados filhos do Ebro.
 Toma tudo um ser novo ante seus olhos:
 Os fructos, e animaes n'aquelles bosques,
 Carregadas as arvores de incenso,
 Nada tem que arremede os campos nossos;
 O sol espraia ali fulgor mais vivo.
 Se da planicie aérea o leve bando
 Do alambre, e do rubi lá veste as côres,
 Seus desabridos sons a orelha offendem,
 Não sabem, philomela, o teu gorgeio.

Lá vive o colobri, lá tem seus ninhos
 Ave, cuja plumagem em nossos climas

De Réaumur por arte inda é formosa.
Selvatico animal n'aquellas plagas
Do homem gosa o valor, feições, destreza;
O alôes em cada seculo florece
Com grande estrondo ali, e o povo indiano,
Que um leite nutritivo extrae do côco,
De uma folha em vapores a preguiça
Costuma embriagar. Serve á molleza
Do algodoeiro o fructo; entre os manjares
Saboroso cacáo lhe suppre o nectar.
O ananaz, o cajú, e o mangue, e o cedro
As brandas virações aromatizam:
Com mil nomes ali, não só com estes,
Deusa das flôres, Zéphyro embellezas.

Ledos os hespanhoes, de bosque em bosque
A voz consultam do Nestor que os guia.
Era meio de seus fructos, aves, sombras,
De tão novos objectos, e tão varios
Elle a virtude, os prestimos ensina
Ao pasmado europeu, que o ouve, e o segue:
Se o velho devagar dirige os passos,
O que exprimindo vae resume o tempo.

De altos pinhos á sombra emfim se avista
A porta da selvática vivenda.
De enfadosos insectos ignorada
Esta aprazivel gruta, aos olhos deixa
Gostar sem turbação calados somnos.
De Apollo os raios pelo cimo aberto
Dos muros no alabastro a luz desparzem.
Este amplo abrigo os seculos cavaram;
A equidade, a candura, a paz o escudam,
E unico esmalte é ser gentil donzella,
Que ao velho amavel a existencia deve.
Nua, qual Eva está: sua innocencia,
Egal á de Eva, sem pudor aos olhos
Off'rece encantos seus, lhe é véo mimoso:
As Graças não conhece, e estão com ella.
Outro atavio algum lhe não consentem
Do que a plumage azul com que lhe abrangem
A candida cintura: é mais formoso
Este adorno, porém, que o de Acidalia:
O objecto, em que reluz, seu preço ignora.

Livres madeixas mollemente ondeam
 No seio virginal, por onde apenas
 Os thesouros de amor vem apontando,
 Que ainda não crestára o patrio clima.

Dos hespanhoes o numero, a presença
 No tenro coração lhe infunde assombro,
 Nos olhos divinaes lhe pinta o medo,
 E as delicadas mãos, que elegem fructos,
 Um momento, a tremer, suspensas ficam.

«Não temas (diz o pae) Zamá, não temas.
 Filhos dos céos, dos mares, ou do acaso,
 Estes entes, que vês, sem perturbar-nos,
 Hão de participar d'esses manjares
 Que para mim dispões com arte, e gosto.

«Eis de palmeiras em tecida casca
 A seccos peixes acompanham aves;
 Torquazes pombos vem, e os dons de Ceres
 Tu, fecunda banana, ali compensas.

A indiana mocidade, o velho, a filha,
 E a turba dos ibéros, assentados
 De pavilhão grosseiro á grata sombra,
 No banquete frugal têm todos parte,
 E n'abundancia a precisão se alegra.

A reinar começava entre os convivas
 Amiga confiança, o bem que apura
 Depois de longo tracto os gostos nossos.
 Apenas a vital necessidade
 Seus desejos fartou, sempre admirado,
 O bom pae de Zamá, o ancião benigno,
 Que pelo hospede seu de si se esquece,
 C'os olhos em Colombo, assim lhe falla:
 (O interprete ao heróe diz o que escuta.)

«Caro estrangeiro, cujo nobre aspecto,
 Cuja doce eloquencia me annuncia
 Que a tua geração provém dos numes;
 Vendo que ás precisões da humanidade
 Te submetto o destino, eu me atrevêra
 Dos homens entre o numero a contar-te,
 Se acaso nossos paes por seus maiores
 Não soubessem que, sós em todo o mundo,
 Os unicos senhores somos d'elle.

«Gerados pelo Sol no terreo seio,

Dia, e dia apressamos seu regresso
 Com votos, e com supplicas; sentimos
 Que só por seu fulgor tudo respira.
 Acatam-lhe o poder da noute os lumes,
 A luz dos raios seus absorve os astros.
 Ethereas flammæ, que nos ares vemos
 Tantas vezes caír, foram, por dita,
 Principio de teu ser? Vens d'esses mundos,
 Aonde por incognitos caminhos
 A morte nos conduz, e onde sem conto
 Mulheres divinaes o gosto encantam ?
 Os fructos, as delicias, os liquores
 D'aquelles formosissimos logares,
 Dando-te por ventura essencia nova,
 Entre nós as feições tornou discordes?
 Expõe-me os fados teus, dize que meios,
 Que assombros, que mysterios te hão guiado
 Por entre o ares á terrena estancia ?
 Tua sabedoria, e teus desastres
 Me commovem, me attráem; recente affecto
 Me interessa por ti, por teus destinos.»

Fragmento

Do Poema «o Merito das Mulheres» de Legouvé, Canto

Juvenal, que em seus versos vale Horacio,
 Boileau, que restitue os dous ao Pindo,
 N'um sexo de virtude, e graça ornado
 Fero carcaz satyrco exauriram:
 Vou ainda áquem de vós, oh genios grandes;
 Mas audaz defensor de um sexo, que honro,
 Opponho o encanto d'elle á furia vossa:
 Canto dos homens a melhor metade.

Depois que da profunda, immensa noute,
 Em que dormiam sóes, dormiam mundos,
 Um Deus, aos céos chamando, o mar, e a terra,
 Alçou montanhas, estendeu campinas,
 As florestas c'rou de verdes comas,
 E fez o racional (seu mór portento)

Espectador do espectáculo sublime,—
 A belleza creou; — depois mais nada:
 N'aquelle assombro um Deus parar devia,
 E a suprema invenção que mais fizera?
 Rosto celeste, onde a innocencia córa,
 Olhos, e labios, que chorando, e rindo
 Doce tumulto nos sentidos movem:
 Trança de anneis subtís, brincando em ondas,
 Collo de amores, halito de rosas,
 Véo transparente, que a existencia envolve,
 E de que um vivo sangue, um sangue puro
 Matiza em longos, azulados fios...

Fragmento

De um poema sobre a Arte Graphica

A poesia será como a pintura,
 A pintura será como a poesia;
 Ambas eguaes, irmãs se representam,
 Officios, nomes entre si revezam:
 A pintura se diz «muda poesia»,
 A poesia se diz «loquaz pintura».
 O que ouvidos attráe poetas cantam,
 Cabe aos pintores o que enleva os olhos:
 O que versos desluz, pinceis desdoura.
 As formosas rivaes, em honra aos deuses,
 Transpondo céos e céos, entram de Jove
 Nos sempiternos paços: lá desfructam
 A presença dos numes, e a linguagem:
 Attentam n'uma, n'outra, e vêm com ellas,
 E influem nos mortaes a etherea flamma,
 Que rutíla em seus quadros. Já vagueam
 Com émulo fervor pelo universo;
 N'elle o que é digno d'ellas vão colhendo,
 Revolvem tempos, tempos investigam,
 D'onde objectos extráem, quaes lhe relevam,
 Que na terra, no mar, no céo mereçam
 (Seja por accidente, ou por nobreza)

Ir durando entre os seculos vorazes;
 Vasto assumpto ao pintor, vasto ao poeta,
 Rico aos dous ! Vão d'ali soar no mande
 Com fama vividoura ingentes nomes:
 Magnanimos heroes d'ali resurgem
 Com gloria, que dos tempos se não teme,
 E d'um e d'outro artifice os portentos
 Apostam duração co'a eternidade:
 Tanto honraes, e podeis, artes divinas !
 O coro das Piérides e Apollo
 Não tenho que invocar, para que altêe
 Em verso magestoso as phrases minhas,
 E agricie expressões, e as abrilhante
 Em obra, que dogmaticos preceitos
 Sómente envolve, e que requer sómente
 Succinta locução, perspicua, facil:
 O lustre do preceito é a clareza;
 Contente de ensinar, o adorno escusa.

Não do artifice as mãos ligar desejo,
 Que só rege o costume, e não me é grato,
 Que as forças naturaes se embotem n'alma:
 Co'as muitas normas arrefece o genio.
 Quero que Arte potente a pouco, e pouco,
 De idéas, e de cousas fornecida,
 Se aggregue á Natureza, ao genio liasse,
 E por elle a verdade insinuando.
 Lá se naturalise, á força de uso.
 Primária, insigne parte é da pintura
 O melhor distinguir, que a natureza,
 Creou para os pinceis conveniente,
 E isto conforme o gosto, o modo antigo.
 Barbaridade temeraria, cega,
 D'elles sem o favor, desdenha o bello,
 Arte, que ignora, denodada insulta;
 Porque estimar não póde o que não sabe.
 Daqui nasceu dizer-se entre os antigos:
 «Ninguém mais atrevido, e mais insano,
 Do que pintores maus, e maus poetas.»

Para amar, conhecer é necessario;
 Deseja-se o que se ama, o gosto o busca,
 Buscando-o com fervor, por fim o alcança.
 Não presumas porém que dê o acaso

As graças, que te cumprem. Bem que sejam
Naturaes, verdadeiras, muitas vemos . . .

Fragmento

Do Poema Epico «Fingal» attribuido a Ossian

De Tura junto aos muros assentado,
E ao fresco abrigo de inquietas folhas,
Estava Cuculin. Perto da rocha
A lança lhe jazia, ao pé o escudo;
Tinha no gran Cairba o pensamento,
Cairba, que vencêra; eis lhe apparece,
Explorador do tumido Oceano,
Moran, prole de Titi. «Ergue-te (disse),
Ergue-te, Cuculin. Branquejam velas
De Swaran; o inimigo é numeroso,
Mil os heróes do mar.» — «Tu sempre tremes,
Prole de Titi (o chefe lhe responde)
Azul nos olhos, e esplendor de Erina;
Com teu medo os contrarios multiplicas;
O rei será talvez das ermas serras,
Que vem trazer-me auxilio.» — «Oh ! Não (replica
O nuncio do pavor) qual torre avulta
Swaran, ou qual do gelo alta montanha;
Eu o vi; quasi equal áquella faia,
E' a lança do heróe: nascente lua
O seu pavez parece. Em duro escolho
Sentado estava, e semelhante em face
A columna de nevoa.— «Oh tu, primeiro
Entre os mortaes (lhe disse) a que te afoutas?
São muitas nossas mãos, e em guerra fortes;
Chamam-te com razão possante, invicto;
Porém mais de um varão da excelsa Tura
Ostenta esforço e gloria. —«Oh (me responde
No tom de onda desfeita em ardua rocha)
«Quem me simelha? Heróes não me resistem,
Meu braço os prostra. Só Fingal, sómente
O gran rei de Morwen afrontar póde

As forças de Swaran. Luctamos ambos
 Nos prados de Malmor. Tremêram bosques
 Ao movimento nosso, e vacillaram
 Da raiz despegados os rochedos:
 Rios fugiram do combate horrivel,
 As correntes de medo extraviando:
 Tres dias combatêmos, descansamos,
 Volvemos á peleja. Ao longe os chefes
 De olhos fitos em nós estremeciam.

Fragmento ultimo

Pezavam sobre a terra os ferreos tempos:
 Da virtude priméva um só vislumbre,
 O minimo fulgor por entre as sombras
 Da geral corrupção não reluzia:
 No seio enorme da reinante infamia
 O Averno com seus monstros se acolhera,
 E d'ali, vaporando atrocidades,
 O mundo transformava em novo inferno:
 Inda illéso porém jazia o globo
 Das mais tremendas culpas, inda estava
 Das maldades o numero imperfeito.

Cinco ministros horridos de Pluto
 Crêram que seu terrivel ministerio,
 Usado a embrutecer no crime os homens,
 Cumpria alçar-se da impiedade ao cume.

Ante o solio de ferro, onde negreja
 O deus das maldições, o deus da morte,
 Seus projectos expõem, licença rogam,
 E á negra execução se deliberam:
 Pelo estygio tropel bramando rompem,
 Com duros encontrões a turba espancam,
 Correm á bronzea porta: eilos no mundo,
 E o mundo em convulsões, e o polo os sentem.
 De clima em clima se derramam logo,
 Ao nunca visto horror dão prompto effeito,
 E no abysmo infernal depois baqueam.

«Monarcha tenebroso (exclama um d'elles

Ao fero, que sedento está de ouvil-os)
 O plano executou-se: a natureza
 Mais não pôde aviltar-se: é já quaes somos !
 Ouve; e decide quem merece a palma
 No desempenho atroz da iniquidade:
 Eis o mal, que dispuz, e o que hei cumprido.

Nas amplas margens do orgulhoso Euphrates
 Prole de ternos pães, mimosa, e linda,
 Zelina, de tres lustros enfeitada,
 Zelina em flôr, tão virgem, como a rosa,
 Antes que algum dos Zéphyros a engane,
 Lanosas ovelhinhas côr de neve,
 Mansas, como a virtude, ou como a dona,
 Em viçoso retiro apascentava.

O riso no semblante, e n'alma o riso
 Trazia a bella, conhecendo apenas
 O crime pelo horror, que tinha ao crime:
 Ignorava paixões, eram sómente
 Amores seus as cordeirinhas suas.
 N'um seculo de infamias, de torpezas,
 Tão doce candidez olhei com pasmo,
 E, quasi em mim domado o torvo instincto,
 Ia depondo a raiva, ia esquecendo
 Minha essencia, meu voto. Eis indignado
 Da vil indecisão, requinto as furias,
 No remorso, no pejo, e sou mais monstro.
 Acaso a florea estancia, onde Zelina
 Na face resumido o céo pintava,
 Errante passageiro ia cruzando
 De membros gigantêos, melena hirsuta:
 A' virgem olha, extatico a medita,
 Duvida se é mulher, se é divindade
 E n'um suspiro um sacrilegio teme;
 Que idéas de algum nume inda lhe restam.

Eu, que attentava no amoroso effeito,
 ígneos desejos subito lhe entranho,
 Insoffridos, brutaes, a audacia, e furia,
 Que o mimo, a graça virginal profanem,
 Qual Euro, que em tufões desenfreado,
 A bonina gentil das folhas despe,
 Lhe esperdiça o perfume, a tez desbota.

Sobre as façanhas dos Portuguezes na expedição de Tripoli

Composto na lingua latina, e offerecido ao Serenissimo Principe Regente D. João, por José Francisco Cardoso, e traduzido por M. M. de B. du Bucage. Anno de 1800.

*Tels ont été les grands, dont l'immortelle gloire
Se grave en lettres d'or au temple de Membire.
Le Roi DEPRUSSE, Epit. I.*

Musa, não temas; vibra affouta o plectro.
Se tentas sublimar-te a grandes cousas,
Se mais que a força tua é tua empreza:
Eis numen bemfazejo inspira o canto,
Numen, de quem rival não fôra Apollo,
Nem de aonias irmãs turba engenhosa.
Sonham poetas vãoos Parnaso, e Pindo;
Hippocrene é chimera: a ti dimana,
Do solio desce a ti feliz audacia,
Que a mente acobardada esforça, agita.
Assim remontarás segura os vãos;
Assim transpondo os céos, transpondo os mares,
Irás desentranhar, colher arcanos,
Não corruptos na voz da Fama incerta.
Outros (como que folguem de illndir-se)
Mandem rogo importuno aos deuses do estro;
Cubicem na Castalia mergulhar-se.
João, cujo poder no mundo é tanto,
E a cujo arbitrio cabe alçar o humilde,
O elevado abater, protege, oh Musa,
Teus sons, teu merito; e com benigno acêno
Ordena, que altos feitos apregões:
Idéa, engenho, ardor de lá te influem.

A' sombra já de auspicios tão sagrados,
Claros louvores de immortaes guerreiros
Anhela celebrar fervendo a mente;
Dizer, com que perfidia atroz, e infanda
Foi pela maura estirpe despertado
Nos lusos corações o fogo antigo;
Qual soffreu nova pena a gente odiosa;
Té que Marte á justiça os constringesse.
Longe, longe as ficções, tua alma ingenua
Só quer, Principe Augusto, a ingenuidade.

Onde o mar pelas terras mais se alonga,
Em cuja boca é fama erguera Alcides
Arduas columnas, das fadigas termo,
Jaz annosa cidade, que parece
Do Carthago ás ruinas esquivar-se,
Olhando ao longe de Sicilia as praias:
Outr' hora fundação nobre, opulenta,
Em tanto que do intrepido Navarro
Opprimida não foi com duro assedio:
Hoje triste enseada, e mal seguro
Surgidouro aos baixéis. Dali costuma
O rapido chaveco atraídoado
As infestas rapinas arrojarse;
De miseros mortaes ali mil vezes
C'os sanguentos despojos volve alegre;
Nem se apraz só do roubo a raça infame,
Nodoa, horror da razão, da natureza:
Aos fracos agrilhôa as mãos inermes;
Quaes brutos, os alhéa a preço de ouro,
Ou lhe esmaga a cerviz com jugo indigno:
Eis seu louvor, seu nome, a gloria sua.

Ali preside asperrimo tyranno,
De torpe multidão senhor mais torpe;
Monstro, que desde a infancia exercitado
Em tudo o que os mortaes nomeam crime,
Sacrilego infractor das leis mais sanctas,
Delicto algum não vê, que em si não queira,
E dóe-se de o perder, se algum lhe escapa:
Maldade horrivel, que prodigio fôra,
Se estes dos homens sórdido refugio,
Desparzidos no globo, o não manchassem.
Oh quanto mais se deve estrago, e morte
Ao barbaro tropel, que um tracto amigo,
E aquella mutua fé, que enlaça os povos !
Mas se robustas mãos, que o sceptro empunham,
Não chovem contra os féros inda o raio,
Tempo, tempo virá que exterminada
(O coração m'o diz com fausto agouro)
Apraza acantoar a iniqua turba
Lá onde os invernos carregado,
Junto ás extremas Ursas vai Bootes
Regendo a custo o vagaroso carro;

Ou lá onde rebrama o sul recente,
 Haja taes cidadãos deserta plaga,
 Até que a eternidade absorva as eras:
 E das brenhas no horror, no horror das grutas,
 Companheiros das feras, monstros novos,
 Vivam de sangue, como as feras vivem,
 Na garra, e condição peiores que ellas.
 A maldade em character convertida
 E' sempre mãe do crime, e a natureza
 Já despir-vos não sabe, artes perversas.
 Como ha de a voz saudavel do remorso
 Melhorar corações, depois que n peste
 De corrupta moral se arreiga n'elles;
 Fermenta, lavra em fim de vêa em vêa,
 De seculos a seculos medrando ?
 Quando os dons se amontoam sobre a culpa?
 Quando a penuria a probidade ancêa,
 De um vulgo detestavel accossada?
 A tudo a negra turma inverte os nomes;
 O bom desapprovando, ao mau se afferra:
 E é tanta nos crueis do crime a sede,
 O exercicio do mal taes forças ganha,
 Domina tanto ali, que nunca omittem
 Opportuna estação de perpetrar-o,
 Ou do ardor de empecer, ou da cubiça
 Da illegitima presa esporeados;
 Como se a rectidão, como se a honra,
 O que a todos illustra, os deslustrasse.
 Não com lingua fallaz taes vozes sólto:
 Ninguem no mundo o que descrevo, ignora.
 Quem de olhos carecer, e quem de ouvidos,
 Só não conhecerá, quão vis alumnos
 Pela terra esparziu o audaz Mafoma,
 O refalsado auctor da seita infanda.
 Que dólos, que traições, que iniquidades
 Da caterva brutal provaste ha pouco,
 Tu dize, tu, magnanimo Donaldto;
 Conta os varios successos, conta os riscos,
 Os trabalhos, que a ti, e aos teus urdira
 Atro perjurio do bilingue chefe;
 Tudo porém trophéo das forças tuas.
 Lustroso do esplendor de imperio summo,

Tu foste quem primeiro apresentara
A dadiva da paz, que, apadrinhado
De um rei potente, o barbaro implorava.
Quando é que as condições mais leves foram ?
«Entreguem-se os francezes acolhidos
Brandamente de Tripoli nos muros,
Ao throno do sultão pezada offensa,
Grave infracção tambem do jus britanno,
Da assentada concordia, e laço antigo.
Bachá, cumpre o dever, e a tens desejos
Verás a conclusão, verás o fructo
Grã penhor te dará na fé, na dextra
Aquelle, cujas leis adora o Tejo,
Ufano revolvendo arêas de ouro;
Cujas leis teme o Niger, teme o Ganges;
São freio, acatamento do Amazonas,
Do Argenteo, que em torrentes resonantes
Immensos cabedacs aos mares levam.»

D'alta alliança o régulo sedento,
Folga, exulta, accelera-se, convida
O animoso guerreiro ao forte alcaçar.
Quer, comtudo, exercer primeiro astucias,
Que o feio coração lhe está brotando,
Bem que tanto aproveite, o tanto alcance
No que diz co'a razão, no que é justiça.

Dá-se pressa: ameacem muito embora
Caso fatal as horridas muralhas,
Encerre o que encerrar ambigua estancia;
Todo firmado em si, maior que o susto,
Vai demandar o heroe a hostile morada.
E' d'est'arte que só, que destemido
Carlos outr'hora ousou nos proprios lares
Encarar o inimigo exacerbado,
Volvendo illeso aos seus, depois de muito;
Ou tal, fieis annuncios desprezando.
Foi Cesar envolver-se entre os conscriptos,
Dispostos á catastrophe cruenta;
De indócil ao temor, de habituado
Só co'a presença a triumphar mil vezes.

Entre as sombras da noute absorto em tanto,
Mettido em pensamentos veladores,
Até que ás ondas volte o grande chefe,

(Se lhe é dado talvez tornar, qual fôra)
Impéra n'alta pôpa o delegado;
E o luto que'lhe cinge a phantasia,
Recata com semblante esperançoso.
Partindo prescrevera o cabo invicto,
Que, a negar-lhe o regresso indigna força,
Apenas alvejasse a grata Aurora,
Trazendo novo lustre ao céo, e á terra;
Com todo quanto impulso em lusos cabe,
Os perfidos contrarios commettessem.
Nada cura de si; nem quer ausente
Ser obstaculo aos seus: co'a idéa erguida
A bens de mais valor, de mais alteza,
A vida se lhe antólha um sonho, um nada.
A' mente perspicaz não se lhe esconde,
Sente no coração, votado á gloria,
Que da existencia a luz é luz de raio;
Que, se as tubas da Fama os não precedem,
Vastos nomes no Lethes se baralham
Entre escuro montão de escassos nomes.
O que affecta os sentidos deixa ao vulgo;
Enjeita o que o do vulgo, o que é da morte,
E mais que humano, e sobranceiro ao Fado,
Quer duração, que os seculos abranja.

Por que os Fabios direi, sós contra um povo
Todo o pezo da guerra em si tomando ?
E o rei, que deu, morrendo, aos seus victoria,
Rei derradeiro na Cecropia terra?
Ou porque os moços, que exhalando as almas,
Ferem, matam, derrubam densas hostes,
Estorvo das correntes, que bebiam?
Tropel dez vezes cento (oh maravilha!)
Maior que seis terríveis adversarios;
Não visto n'outro tempo, ou n'outros climas,
Nem por outrem guiado ao marcio jogo ?
Vetustos monumentos nada ensinam,
Que dê mais esplendor; ou antes nunca
Se affoutou a idear viril denodo
Empreza mais illustre, audaz, violenta.
Mas como transcender-se as métras podem,
Onde se crê parada a natureza,
Donaldo o manifesta, o prova ao mundo.

Alta fama de um só consente apenas
A Codro, aos Fabios, aos varões de Esparta
O secundario gráo Soltando a vida,
Chama o triumpho aos seus o heroe de Athenas,
Acção rara, exemplar; porém ao povo
O cidadão; e o rei deviam tanto,
E a tanto a voz dos céos o arrebatava.
Se os trezentos impavidos romanos
Aos arraiaes hostis se arremessaram,
Foram-lhe origem da proeza extranha
Velha aversão, trophéos imaginados,
E agouros de segura eternidade;
Além do outro incentivo inda mais caro:
Morrer nas armas, escudando a patria !
Lacônios campeões, sim defendestes
Com requintado alento, e planta immovel
Da apertada Thermópylas o passo;
Mas os deuses, os filhos, paes. e esposas
Os objectos do culto, e do amor vosso
A' vossa heroicidade objectos foram;
E deram-vos os fados, que a vingança
Aligeirasse em vós da morte o pezo.

Porém de circumstancias mais sublimes
O egregio, immortal feito se rodêa,
Que me cumpro levar por toda a terra:
Graveza aos hombros meus descompassada,
E excessiva talvez de Atlante aos hombros.
Não, aqui não se offrece abrilhantada
De attractivos externos a virtude:
Núa apparece aqui, por si formosa.
Donaldo, avesso ao crime, o crime odêa,
Por amor da virtude, ama a virtude.
Nada do que usa erguer ao alto as mentes,
Nem patria, nem desejos de vingança,
Nem propria utilidade, ou qualquer outra
Das humanas paixões Donaldo incita:
Ante si do dever só tem a imagem,
Seja qual fôr o effeito, ou ledô, ou triste.

Ai ! que tramas dispõe bando horroroso !
Que ciladas no astuto pensamento !
Plebe sem lei, sem fé prepara a furto
Traidores laços ao varão, que assoma.

Já na imaginação devóra a presa:
 De engenho mais sagaz se crê dotado,
 Mas jus colhe ao louvor quem da perfidia
 No atroz invento sobresa e aos outros;
 Quem das negras, pestíferas entranhas
 Crime inaudito, insólito attentado,
 Nova abominação vomita, arranca,
 Rugindo em torno rábida caterva.

Mal que na odiada arêa a planta imprima,
 Esperar n'um punhal o incauto, e ás ondas
 Em pedaços (que horror!) lançar-lhe os membros:
 E' d'este opinião;—voto é d'aquelle,
 Que subito assaltêe impia cohorte
 O immune orgão da paz, e ferreas pontas
 Daqui, d'ali no coração lhe embebam,
 Quando a infiel cidade entrar seguro.
 Quer outro, que de longe á frente heroica,
 De inviolavel character decorada,
 D'entre o lume sulphureo vôle a morte.
 Outro, que subterranea estrada infensa
 Debaixo de seus pés ardendo estoure.
 Nem occorre isto só: aევezam todos
 Horrores, que requintam sobre horrores.
 Emulo ardor nos animos damnados
 Tanta aos delictos affeição lhe atêa !
 Tão preciosa lhe é, tão doce a infamia !

Mas o Eterno desfez insidia enorme.
 Nos olhos do varão, na voz, no aspecto
 Tal reverencia pôz, pôz tal grandeza,
 Que vai por entre a luz, e os inimigos
 Incólume, e sereno. Eram famosos
 Por sanguineas, innumeras brutezas,
 Quantos d'esta (a maior) se encarregaram.
 Mas quando o pensamento abominoso,
 Lá já fito na presa, a mão dirige,
 Nega-se a mão (que assombro !) ao acto horrendo.
 Tres vezes a vontade resoluta
 Se abalança á traição: descáe tres vezes
 N'um frigido pavor o algoz congresso:
 Tres vezes foge o ferro ás mãos, que tremem;
 E, a seu pezar, baldada a vil perfidia,
 Conduz pela cidade insidiosa

Inerme o vencedor triumpho insigne.

Já pisa do tyranno os pavimentos,
(Não indignos de Caco) ou para dar-lhe
Penhor de amiga paz, ou o ameaço
Do trovão, que no bronze o pólo atrôa.
Eia, em que te deténs, varão prestante?
Porque inda não rebomba o som do raio
Nos insanos ouvidos? Porque em terra
Os féros baluartes não baqueam?
Porque o regio baixel não solta os pannos,
E o barbaro palacio não fulmina?
Crês, que te é dado achar sobre essa plaga
Uma só vez a fé? Jámais Astrea,
Desde que o globo é globo, estancia teve
N'esse terreno infesto, onde a verdade,
Onde os tractados, a razão se volvem
N'estes dous eixos só: ou *ouro*, ou *medo*.
Rompe, rompe as tardanças, não perdões
A' malvada nação: com ella expendam
Donativos os mais, tu ferro, e fogo.
A Politica em vão, que tudo aplana,
Em vão contradicções compôr quizera,
Com que as palavras entre si repugnam:
A progenie de Agar só teme a força.
Em quanto implora a paz subtis pretextos
Tece o arteiro bachá, para que frustre
Clausula, em que sómente a paz se estriba.
Não é porque o francez cubice amigo;
Mas é porque o francez, e o luso engane;
Debalde, que a sisuda sapiencia
Rege, illustre Donald, as vozes tuas;
E ao doloso africano o dolo argue.

Tu primeiro lhe expões, quão mal conforma
Co'a honra, de que tímido alardêa,
Dar manso gasalhado aos inimigos
Dos alliados seus, do gran monarcha,
A cujo imperio vassallagem deve.
Tu promettes depois, já que ao falsario
Egualmente o sultão de côr servia,
Mandar-lhe sobre a pôpa lusitana
A origem do debate, os prisioneiros,
De barbudas escoltas ladeados,

(Gloria nunca outhorgada a musulmanos).
Desmanchas do Agareno as fraudes todas;
Mas, aos mesmos princípios afferrado,
No objecto, em que insistiu, tenaz insiste,
E ás vozes da Equidade é surdo, é morto.
Colhido havias de experiencia funda,
Quanto a sanha mourisca apura extremos
Em odio da justiça, e quanto indóceis
Torne indulgencia os animos ferrenhos,
Que já da natureza assim vieram.
Mas prompto a derrocar soberbas torres,
E prompto a confundir no horror da morte
Mancebos, e anciãos, credores d'ella,
Artes macias sobre a impia turba
Todavia exhaurir primeiro intentas:
Vêr, se lugubre quadro de ruinas,
Pela voz da eloquencia reforçado,
Por dita amedrontava a casta imbelle,
Miserrimo espectáculo poupando,
Que o coração magnanimo te agrava:
De insolito rubor as ondas tintas,
Em sangue humano as terras ensopadas.
Mas a dôce piedade que aproveita?
Morre a esperança; infructuosos jazem
Cuidados, e fadigas: inda geme
A humanidade em ti, porém releva
Punir da humanidade os inimigos.

Em fim braveza hostile o heróe concebe;
Notando quanto é cega a gente infida,
São dos horridos tectos infamados,
São da féra cidade, e deixa o porto,
Quem facil até'gora ouvia as preces,
Já ferve por calcar insano orgulho:
Não de outra sorte pela selva umbrosa,
Ou quando sobre as lybicas arêas
Famulento caminha o rei das féras,
Desdenha generoso o passageiro,
Que, preso do terror, no chão palpita;
Mas se a pé firme alguém lhe está defronte,
Co'as garras o derruba, o despedaça;
E audaz, e truculento, e com rugidos
Onde ha mais resistencia, ali mais arde:

Succeda que o provoque, e desafie
 Duro esquadrão, de lanças erriçado:
 Arremessa-se a todas; e se morre,
 Morre, como leão, sem côr de medo.

Dos lusos entre os vivas sôa o bronze;
 E eis sanguinea bandeira açouta os ares,
 Presagio de terrifica matança,
 A bellicosa turba em si não cabe;
 «Armas, armas, (vozeam) guerra, guerra:»
 Tudo se apresta, e tudo aos postos vôa,
 Em quanto a não desfere as pandas vélas.
 Luz na dextra o murrão; e em fim patentes
 As éneas bocas cento agouram mortes.

Já treme a desleal cidade impura;
 Já para os céos estende as mãos profanas;
 Já se diz criminosa, e se pragueja.
 Breve espaço, em que o animo repouse,
 Em que dispa o temor, e se consulte,
 Manda ao luso implorar, que annue ao rogo.
 Retarda-se horas doze a justa pena,
 Justa ha muito, e que em fim será vibrada
 Sobre as infâmias da nação proterva.

Lume sereno, que azulava o pólo,
 Medonhas nuvens entretanto abafam;
 Sombras pezadas prognosticam males.
 E' voz, que lá no centro dos infernos,
 A bem dos consanguineos musulmanos,
 E em despeito aos christãos, que Lysia nutre,
 Que ora os muros mahométicos assombram
 Com proximos estragos, ante o solio
 Do torvo Dite eortezãos immensos
 Co'as mãos erguidas longamente oraram,
 Attento ouviu Sumano os impios votos;
 E um dos ministros seus, que jaz mais perto,
 Ordem recebe de surgir ao mundo,
 De voar n'um momento á vasta Eolia,
 E dos tufões ao rispido tyranno
 Taes vozes transmittir: «Que altiva gente,
 «Que indomita nação, capaz de tudo,
 «(Por quem malquistado sempre, e defraudado
 «O reino do pavor carece de almas)
 «Sobre quilha arrogante aparta as ondas,

«Os dominios do equóreo irmão lhe insulta,
 «Que tambem da intenção quer advertido;
 «Para que ambos co'as forças apostadas,
 «No mar cavando, erguendo abysmos, serras,
 «O lenho injusto, audaz sacudam, rompam,
 «Que apavóra de Tripoli as muralhas,
 «A elle, stygio rei tão importantes:
 «Perdidos os pilotos, e arrancada
 «Do alto pégo, ou nas férvidas arêas,
 «Ou nas sumidas rochas arrebente:
 «Os fremitos do auxilio em vão rogado,
 «A festiva cidade escute, e veja
 «Nas aguas os christãos bebendo a morte.»
 Disse, e o nuncio veloz ao mundo surge,
 A' basta Eolia vóa, e cumpre o mando.

Já rompem da masmorra os Euros bravos;
 Já comsigo arrebatam quanto encontram.
 Foje o molle Favonio, foge o dia:
 Os campos de Nerêo a inchar começam:
 Ao longe horrendamente o pégo ronca:
 Eis subito encanece, e todo é montes.
 Quasi, quasi a cair d'um, d'outro lado.
 Os mastros vergam, as cavernas rangem:
 Qual (se alguem a jogou) saltante péla,
 Roça o pinho os infernos, roça os astros;
 Vai, e vem vezes cento abaixo, acima.
 Carrancudos tres sóes a luz negaram,
 Por tres noutes o céu não teve estrellas!
 E se Éolo, em seu impeto afracando,
 Deu ao dia segundo algum repouso,
 O experto general o ardil penetra:
 A' guerra apercebidos cbamma, e ferro,
 Em tanto que, Neptuno fraudulento,
 Tomas serena face; ao alto a prôa
 Que se enderece, ordena, assim que os ventos
 As vagas sobre as vagas encapellam:
 Não succeda, que o pélago fervente,
 Os insanos tufões contra as arêas
 Com um, com outro embate o lenho atirem.
 Então, quanto se dá vigor em nubes,
 Na lide porfiosa os dous esmeram:
 Em roda novo horror carrega os mares.

Os sanhudos irmãos guerreara, berram,
 De regiões oppostas rebentando:
 Escarcéos, e escarcéos lá se atropellam:
 Por longo espaço treme o fundo aquoso;
 Como que está Plutão do stygio centro
 CVos duros hombros abalando a terra.
 De taes, e tantas furias assaltado,
 Que arte guiar podia o lenho indocil?
 Nem lignea robustez, nem cabos valem:
 Cáe com ruidoso estalo a rija antena,
 E batem susurrando as rotas vélas.

D'estes gravames nada oppresso em tanto,
 Por tudo se divide, a tudo acode,
 Todos co'a voz, e exemplo aviva o chefe,
 Grassando em todos émula virtude:
 Não ha frouxos: maream, saltam, correm.
 A engenhosa prudencia em fim triumphá;
 Vence a constancia audaz; e a largos pannos
 Vae-se amarando ovante a não veleira.
 Aquelle, cujo aceno os astros move,
 Que rege o mar, o vento, o mundo, o Averno,
 Progresso não permite á raiva undosa:
 E se até'li soffreu, que encarniçados
 Marulhos, furacões travassem guerra,
 Foi para que altamente as memorandas
 Forças do luso peito reluzissem.
 Noto, Austro, Boreas, Áquillo emmudecem
 Manso, e manso: e, despindo as prenhes nuvens,
 O céo veste um azul sereno, extreme.
 Volve o molle Favonio, volve o dia,
 E volvem mais que d'antes amorosos.
 Fôra imposto a Tritão pegar do buzio,
 Com que as ondas revoque: o buzio toma;
 Surde por entre espumas orvalhoso,
 A encher co'a voz sonora em torno os mares.
 Eis sópra a concha ingente, e mal que sópra,
 Resôa pela Aurora, e pelo Occaso.
 Tornam violentas a seu leito as vagas:
 Esta recua ás sículas paragens
 Por não vasto caminho; aquella ás Syrtes
 Fervendo em rolos vae; remotas margens
 Mais tarde outra revê, d'onde corrêra

Ao nome, que a attraíu, que á patria sua,
 E a Tripoli é commum: tambem alguma
 Foi visinhar co'as aguas do Oceano:
 Tal que d'antes jámais deixára o fundo,
 Ao fundo se desliza, e jaz, e dorme.

Na quarta luz emfim desde as alturas
 Tostada multidão, que lá vigia,
 Presume illusa descobrir ao longe
 Cadaveres boiantes, vergas, taboas:
 Ha entre elles alguem, que derramados
 Té de Lysia os thesouros vê nas ondas;
 E quem menos de lynce arroga os olhos,
 Se atreve a assoalhar, credulo, insano:
 «Que se o pégo poupára algum dos lusos,
 «Só reliquias a não desmantelada
 «Ia reconduzindo aos patrios lares.»
 Mas em quanto delira o povo adusto,
 A gavea se desfaz ao sopro amigo:
 Tentam de novo defrontar co'as praias,
 Que á merecida pena em vão se furtam.

Bem que findasse a noite, o róseo Phebo
 Não com tudo esmaltava, o mar, e a terra;
 Não era o tempo então nem luz, nem sombra.
 Porém como surgiu dos Thétios braços
 O filho de Hyperion, e os céos lustrando,
 Com seu raio expulsou de todo as trévas,
 Alcança de mais perto, e vê primeiro
 Navegante polaca a véla, e remos,
 Que aos nautas patentêa: o lenho a segue;
 Rapida foge: o remo, o vento a ajudam.
 Como no espaço azul medrosa pomba,
 Apenas a aguia sente, apressa os vôos,
 Contra as unhas crueis buscando asylo;
 E em seus tremores incapaz de escolha,
 De logar em logar sem tino adeja,
 Por ferinos covis, palacios, bosques,
 Assim (quão raramente!) escape ás garras:
 Cegual modo, apurando ás tenues forças,
 A curta embarcação, para salvar-se
 Do inimigo fatal, varia os bordos:
 Mas vendo que evital-o é vão projecto,
 Tomada do receio, a prôa inclina

A' conhecida arêa, e quasi encalha.
Já com menos affronta aqui respira;
Porque os baixios arenosos védam
A tremenda invasão da lusa quilha.
Então jactanciosa eleva a frente:
As flamulas no tópe lhe floream;
Guerra ameaça então, e á guerra chama
Braços, a que a distancia tólhe o raio.
Esta audacia, porém, não fica impune:
Que obsta a mortaes de espirito arrojado,
Quando iroso calor lhe accende o peito?
Ao mar leves bateis subito descem,
E commandados. de um, que os sobrepuja,
Vão co'a vingança fulminar o agravo.
Sobre elles, á porfia, a flôr dos lusos
Enceta heroicamente a grave empreza.
Gentilezas á Fama deram todos;
Todos em feitos grandes se estremaram.
Mas o louvor primeiro a ti compete,
Que d'arvore de Pallas te appellidas,
E cinges vencedor com ella a fronte.
Em saltar ao batel tu te anticipas;
Tu dos igneos pelouros não detido,
Fórças os remos, a inimiga aferras,
Quando a fusca equipagem temerosa,
Ao fragil seu baixel picando a amarra,
Nas praias dá com elle, dá comsigo,
E n'ellas imagina resoguardar-se:
Tu primeiro tambem sobre os contrarios
Disparas ferreos globos, que os cyclópes
Forjaram, fabricando a Jove as armas.
Mais inda remanesce, inda te sobram
No ensejo marcial discrimines duros,
Assombrosas acções, que te levantem
Ao cimo de fragoso, aereo monte,
Lá onde em paços de ouro a Gloria reina
Com sceptro diamantino, e circumdada
De numerosa, esplendida assembléa;
Entre a qual pela mão da Eternidade
Teu vulto surgirá, marmoreo todo.
Para tanto não basta, que empolgasses
O curvo bordo opposto, ou que o subissem

Os companheiros teus, depois de expulsa
A vil tripulação por vis terrores.
Os azares, e os jubilos se enleam,
Porque a mesma desgraça, o que no mundo
E' mal, é damno a todos, te aproveite.
Repentina resaca a dous contigo
Constrange a recuar no debil casco,
E á praia arroja os tres, quando refine.
Aqui se vê, qual és, que ardor, que alento
Te abrange o coração, te anima o pulso:
N'um feito herculeos feitos escureces,
E quando as musas fabularam d'elles.
Féra gente, de arabica linhagem,
De torva catadura, hirsuta, e negra,
Pelos serros contiguos vagueando
A' maneira de lobos, se apascenta
Nas rezes dos rebanhos desgarradas;
Ou, émula do tigre, as selvas rouba,
Rouba os redis: e o medo, o sangue, a morte
Diffunde aqui, e ali. Muniu-se agora
De armas de toda a especie: uns vibram lanças,
Outros forçosa vara, espadas outros,
Ou pedras, ou punhaes, ou fogo, ou settas.
Eil-os das agras serras vem correndo
Acudir aos irmãos: (quem ha que os conte ?
São quaes manadas, que devastam campos).
Como hardida phalange escalar tenta
Castello situado em cume alpestre,
Ou romper torreões de alta cidade:
Uma, e outra caterva os tres investe,
E quanto esforço tem, no ataque emprega.
Se a cada qual dos tres té'li se oppunham
Mouros cincoenta, os arabes, que occorrem,
A cada qual dos tres oppoem milhares;
Todos bravios, formidaveis todos !
Em que facudia taes portentos cabem ?
Quem ha que pasme assás de taes portentos ?
Quem, se não fôra testemunha o mundo,
Por fabula, ou por sonho os não teria ?
Troam da Fama no clamor; e vivem
Olhos, que os viram, braços, que os fizeram.
Era para attentar tão nova scena !

O denodado heróe, e os dous. que inflamma,
As bravuras sustêm de um povo inteiro.
Rue a raivosa, rustica torrente;
Retumba em valle, e valle a grita horrenda.
D'ambos os lados o guerreiro apertam:
Sibilam tiros, golpes se redobram;
Mas elle eo'a sinistra, elle co'a dextra
A multidão rechaça, illeso, immoto.
Aos barbaros o pejo atíça as furias:
De artes mil desusadas se refazem
Na espantosa refrega; mas sem fructo:
O varão permanece invulneravel,
E nas stygias aguas cem mergulha.
Para aqui, para ali a espada é raio,
Nunca em vão. D'um, que audaz de perto o arrosta,
Enterra-a nas entranhas; outro que era
De membros gigantêos, de lança enorme,
E exhortava na frente á guerra os tardos,
À dous golpes, não mais, do luso Achilles
Jaz inerme; e com um, com outro arranco
O espirito feroz lhe cáe no inferno.
A este, que na terra ancioso arqueja,
Vão as auras vitaes desamparando;
Aquelle é tronco só: por toda a parte
Voam braços, cabeças, fervem mortes.
Oh tu, que dos Almeidas tens o agnome,
Tu, que ligar podeste em nó lustroso
A's honras de Mavorte as de Minerva,
Tambem te faz eterno este aureo dia.
Se os lusos, que pelejam sobre as praias,
E aquelles, que a polaca prisioneira
(Sossobrado o batel) retêm no bojo,
Onde de longe os vexa o mauro insulto;
Se todos volvem salvos, obra é tua.
Em quanto por auxilio a uns, e a outros
Envias Alexandre, nunca esquivo
Da nobre estrada, que trilhara o *Grande*,
Ignivomo canhão, que infatigavel
Respondera a dezoito bronzeas bocas,
E silencio lhe impôz, de novo esparge
Por entre horrivel som, e opáca nuvem
No centro dos cerrados africanos

Granizo de lethifera metralha.
 O primeiro terror tu lhe infundiste,
 Tanto que a de Mafoma agreste chusma
 Viu córados de sangue arêas, mares:
 O mandado varão cr'ouou a empreza.
 Rapidamente o remo as ondas varre,
 E Sousa impetuoso aos socios chega:
 Contra os donos assesta o bronze adverso.
 E assim lhes restitue as ferreas balas.
 Já cede, já fraquêa a tropa escura,
 De convulso temor enregelada.
 Eil-os fugindo vão, nem que aves fossem;
 Por uma, e outra parte se tresmalham,
 Crendo sentir estrépito, que os segue.

Á bordo então Donaldto os seus convoca:
 Corre a abraçal-os, e na voz, na face
 O cordeal prazer exprime a todos.
 Memorando as façanhas uma a uma,
 Do condigno louvor as enche, as orna,
 Altivo de reger tão brava gente.

Mal que o descanso os animos sanêa,
 (Já declinante o sol do ethereo cume)
 A' terra se avisinha o mais que póde
 A bellicosa náó; e c'os primeiros
 Coriscos marciaes vareja o bando,
 Que em mór tumulto as praias enxamêa.

Do grande lenho á sombra os lenhos breves,
 (Porque estanhado o mar jaz em silencio)
 Artes, e forças empenhando, intentam
 A maura presa despegar da margem;
 Vãmente; que folgando o lindo côro
 Das filhas de Nerêo, sobre ella salta,
 A querem para si, lhe chamam sua.
 E quem de um nume á prole, aos seus direitos
 No patrio senhorio obstar podêra?
 Ou pulsos briarêos onde acharia,
 Para o trabalho immenso? Ella, com tudo,
 Nereidas, não foi vossa, inda que dignas
 Sois de mil dons, e como Venus bellas.
 O que á victoria escapa, engole a chamma;
 De jus: damno menor maiores véda;
 Mais facilmente detrimentos leves

Character pertinaz subjugam, domam,
Do que meigo favor o torna grato.
Arde o pinho, o furor vulcanico reina:
Nutre o pez, e o betume as pingues flammæ,
Tanto á pressa, que em vão, inda recentes,
Extinguil-as quizera industria humana.
Crebros estalos se ouvem: d'entre o fumo
Brotam centelhas mil, como que aspiram
Às estrellas volver, d'onde emanaram.
A lignea contextura, eis toda é fogo;
E o fogo em linguas cento as nuvens lambe.
D'entre penedos, e arvores, que a abrigam,
Ao longo da ribeira a má progenie,
Acceza em furias vãs, o incendio nota:
Cuidadosa de si, da luz não fia;
Artes, porém, que póde, a salvo exerce.
D'ali com mira attenta os marcios tubos
Uma vez, e outra vez dão som baldado;
D'áqui baldados seixos vem zunindo,
Ai! não todos baldados: mão tyranna
Em alvo, que lhe apraz, co'a morte acerta:
E aquelles, que a bem custo um só poderam
Tocar com leve golpe em campo aberto,
Da perfidia amparados, se gloriam
Ao vêr que um servi-morto os socios levam.
De Marte a crua irmã quer este sangue.
Havendo de lavar aos vencedores
Tudo quanto é mortal e dar-lhes vida,
Com que assuberm as idades todas.
Silva por isto os seculos invade
Em rapida carreira irresistivel;
França por mãos da Gloria enloura a fronte;
Rocha morrer não sabe; o mesmo ignora
Esse, a quem de *Homem* o appellido ajusta;
E o que chamam da *Guerra*, e que o merece:
E tu, claro Avellar, com elles vives,
Com elles viverás, em quanto a Honra
Tiver cultores, e existencia o mundo:
Ri-se Virtude assim das leis do Fado.

Era o tempo, em que a lassa Natureza
Appetece o repouso; em que os Ethontes
De nectar se roboram; quando a noute,

Diurnos pezadumes ameigando,
 Desdobra sobre a torra o véo dos astros.
 A quebrantada força então renovam
 Os descançados, os jacentes nautas:
 Inda estão repisando o que lidaram.
 Este a aquelle refere, aquelle a este,
 Que riscos evitára e que feridas;
 E quantos despenhou na sombra eterna.
 Fallam uns, outros fallam, té que o somno,
 Nunca tão brando, lhe entorpece as linguas.
 Mas da fallaz cidade o chefe injusto,
 De importunos cuidados perseguido,
 Os mimos de Morphêo gosar não póde.
 Seu negro coração ralam remorsos:
 Toma, pela desgraça, o pezo ao crime,
 Ao crime, indole sua, e seu costume.
 O baixel, que perdeu, não dóe ao féro;
 Os mortos cidadãos tambem não chóra;
 Olha sómente a si: já vê, já ouve
 As flammias vingadoras; sente o ferro
 Ir-lhe sobre a cerviz; escuta o baque
 Das muralhas, das torres: pendem, pasmam
 Alvedrio, Razão; que escolha ha n'elle ?

«Novamente o varão, que vezes tantas
 Illudiram traições (diz o tyranno)
 Emprehenderei mover? Submisso rogo
 Ha de sempre acalmar-lhe as justas iras ?
 Se os francezes lhe der, tão mal negados,
 Será bastante? O que exigia, havendo,
 Não ousará tambem quebrar promessas,
 E no abuso da fé regosijar-se ?
 Vingança é deleitosa ao resentido;
 Sómente se não vinga o que não póde.
 Que, pois?... Á dubia sorte dos combates
 A mim proprio exporei, e os meus prazeres ?
 Dubia disse?... Tentar-a é perder tudo.
 Se poderam só tres pôr medo a tantos,
 E esses mesmos a vida (oh pasmo! oh pejo!)
 A tantos arrancar, ficando illesos,
 Quem ha que lhe resista, unidos todos ?
 Foge, infeliz; e o que podéres, salva;
 Foge: assim pouparás vergonha, e morte.

Mas ah! triste! Em que plaga irei sumir-me? . . .
Que mar, ou que paiz, bem que deserto,
Guarida me dará, profugo, errante? . . .
Quem terei, que me siga, amigo, ou servo,
Já nua de esplendor minha grandeza ?
Antes vulgo infiel apoz meus passos
Bramindo correrá; e ou da existencia,
Ou dos haveres meus, ou d'ella, e d'elles
Por carniceiras mãos serei privado.
Não, não; nossos desastres custem caro;
Usemos toda a fraude, os crimes todos.
Cerque-se de traições esse guerreiro,
Vaidoso do trophéo: co'a falsa offerta
De tudo o que de mim quizer o avaro,
Posso aqui outra vez, posso attrail-o.
E quando imaginaria utilidade,
Vã cubica o trazer, se das ciladas
Intacto apparecer ante meus olhos,
Em pedaços farei co'as mãos, co'a bôca
A nefanda cabeça: ao peito aberto
O coração maldicto hei de arrancar-lhe;
Roel-o, devoral-o inda fumante.»

Tal esbraveja; e nem a si perdôa,
A si labios, e mãos morde, remorde:
Qual horrida serpente, encarcerada
Entre ferreos varões, se alguém a assanha,
Com rapido furor se desenvolve,
Cem vezes arremette ao que a provoca;
Mas vendo que debalde exerce a furia,
De sangue os olhos tinge, agudos silvos
D'entre as fauces veneficas despede,
Com que a farpada lingua está vibrando;
Em tudo o que rodeia, em tudo ferra
Os espumosos dentes, e em si mesma,
Enxovalhando o chão, e a varia cauda
Co'as sordidas peçonhas, que vomita:
Em tanto o mofador se ri seguro.

Da Aurora o nuncio amiudara o canto;
O matutino humor tempéra as magoas,
E os somnos insinúa até no afflicto:
Por isso do bachá desatinado
Virtude soporifera se apossa,

Lhe amansa os phrenesis, lhe cerra os olhos.
Como quem fatigado está das iras,
Pezadamente o barbaro resomna:
A seus males, porém, não colhe allivio,
Nem demorada paz lhe rega os membros.
Phantasmas, que velando o espavoriam,
Inda entre a dôce languidez o aterram;
Vê-se indigente, só desamparado,
Ermos em outro mundo a pé trilhando,
Ermos sem rasto de homem, nem de féra;
Onde ave alguma não discorre os ares.
Já sévo abutre de implacavel fome
Lhe atassalha as entranhas; já querendo
Fugir de hasta inimiga, que o persegue,
Que lhe toca as espaldas quasi, quasi
Treme todo, e mover não póde a planta;
Já pende de ardua rocha sobre as ondas.

Eis entre estas visões, que traça o medo,
Imagem verdadeira, agigantada,
Clara, como o que a luz nos apresenta,
Surge aos olhos do attonito agareno.
Aquelle a quem venera ainda o Ganges,
E o rio, que Imaús na origem banha;
Aquelle, que de jus nomeam *Grande*,
De Marte émulo não, mas luso Marte,
Albuquerque immortal, de amor eterno
Pelos seus penhorado, esquece o néctar;
E, escusando um momento os bens celestes,
Não desdenha baixar aos impios muros,
Nem co'a palavra serenar discordias.
A' náo, que do seu nome se engrandece,
Arde por madurar devidos louros.
Com vozes ponderosas accommette
O aterrado tyranno, que machina
Na desesperação atrocidades.
Resplandece o guerreiro; é tal, é tanto,
Como quando o temeu por vezes duas
A que do indico estado hoje é cabeça;
Como quando Malaca o viu triumphante;
E em ti, pomposa Ormuz, pendões erguia:
No magestoso olhar, na longa barba
Traz a veneração, e arnez e todo.

«Que intentas, miseravel? Que revolves
No espirito dobrado? (a sombra exclama).
Crês acaso afastar o mal, que te insta,
Perfídia com perfídia encadeando?
Não sabes, por ventura, a quem te atreves?
Que nação contra ti, que throno irritas?
Esquece-te, que nunca impunes deixam
Taes crimes? Quem melhor que mouros, deve
De Luso conhecer a ousada estirpe?
Inda que até dos teus a historia ignores,
Força é que saibas o que sabem todos:
Que estragos, que deshonnas grangeaste
D'este povo de heróes, em resistir-lhe.

«Sobre esmagados collos de reis mouros
O maior dos Affõsos, o primeiro
Impõe da monarchia a base eterna.
Flagello assolador da maura gente,
Em quanto a regia mão fulmina o ferro,
E o gran Mendo, nas portas entalado,
Abre caminho aos seus; eis se apoderam
Da celsa fortaleza, e da cidade,
Que é longa tradição fundára Ulysses;
Essa, que do aureo Tejo honrando as margens,
Alterosa, escorada em septe montes,
Taes fados mereceu, que ambos os pólos
Tiveram de acatar-lhe as leis sagradas.
Sancho, digno do. pae, com quantas mortes
Injustas possessões ao mouro arranca,
E ajunta novo reino ao reino avito!
Ondas de negro sangue mauritano
Pela terra, visinha, e pela herdada
Derramam, coriscando, outros Affoncos.

«Nem maculou sómente os nossos campos
A mortandade vossa. O quinto Affonso,
E o primeiro João restavam inda,
Que ao proprio seio d'Africa levaram
Ferro, e flamma, e terror: Manuel restava,
Feliz, (e com razão feliz chamado)
Que, maior do que o seu, quiz ter mais mundos,
E a quem prostrados reis seu rei quizeram.
Tangere o sabe; Arzilla, e Ceuta o dizem;
O attestam indios, númidas o attestam.

Relatar uma e uma acções tamanhas
 Para que ? Dos heróes sómente os nomes,
 Sem o immenso louvor, que os acompanha,
 Pedem horas: sobeja o que has ouvido,
 Para attentares bem, que lance estreito
 E' o lance, em que estás, e com que gente.
 Pondéra ainda mais, quão desprezíveis
 São para o portuguez ciladas tuas:
 Ha muito que a experiencia nos ensina
 Até que altura o mouro enganos sobe:
 A prudencia, e valor nos meus competem.

«Porque, pois, te detens ? Supplice, e curvo
 Uma vez, outra vez, porque não rogas
 Aos lusos teu perdão, bem que indevido ?
 Se elles se pagam de calcar soberbas,
 Se de punir delictos se comprazem,
 Apiedar-se do réo tambem lhe é uso,
 Quando os implora. Ao tempo, em que vingado
 O sol tenha o zenith, a não possante,
 A maior, que teus portos fortalece,
 Será do vencedor; sel-o-hão com ella
 Dois menores baixeis recém-captivos,
 E o chefe, e as equipagens numerosas.
 Mas não temas; co'a supplica rendida
 Tudo recobrarás. Cubiça de ouro
 Jámais vicía o peito aos generosos:
 Não quer servos, nem presas; quer amigos
 Minha honrada nação. Eia, aproveita
 O tempo, que te é dado: olha, que foge.»

Disse, e voou sem que resposta espere:
 Salta do leito o mouro arripiado,
 Volve em torno, e revolve os turvos olhos.
 Quasi arrombando as portas, corre tudo,
 Tudo vê, chama, brada, acodem servos;
 Mas não sabe o que diga, absorto, insano.
 N'isto ao mar de repente os olhos volta:
 Por todo elle os alonga, e fica immovel.

Em quanto as ondas soffrego examina,
 Não ser sonho a visão, no effeito observa.
 Vê como a lusa não demanda o porto:
 Como proxima a elle, em roda vira;
 Como enfunada, e mais veloz que os Euros,

Vae dar caça ao baixel, que ao longe aponta
Com remeira galé; vê como as toma:
Como as prezas conduz, e audaz campêa:
Como sobre a maior em fim subido
Castro, e nada tardio, á voz do chefe,
Outra, que sobrevem, combate, e rende.
Fôra melhor á triste o dar-se logo.
Daquella, bem que inutil resistencia,
Gloria, afouto Avellar, houveste em dobro.
Usado a presumir que a morte é nada,
Com poucos, e munido de ti mesmo,
Eis o mauro convez ganhas de um salto;
Gira o ferro, e triumphas, dous prostrando.

Tudo isto, verdadeiro em demasia,
E d'alta apparição vaticinado,
Caramáli do alcáçar descortina.
Primeiro o coração lhe agitam furias;
Não pára; vae, e vem; doudeja, freme;
As melenas arranca, arranca as barbas:
Pouco a pouco depois temor o abranda.
Gravado tem o heróe na phantasia;
E porque em tudo o mais o vê sincero,
No resto da visão firma esperanças.
Hesitando, com tudo, em si murmura:
«Quem do contrario seu fiar-se deve?»
Mas, passado um momento, assim não pensa.
« Em tentar que me vae? Senão, que resta ?»

Disse, e a um, entre os seus auctorizado,
Que lhe provara fé n'outros extremos,
Envia de Albuquerque á não temida
C'os «francezes» fataes, que á similhaça
Da gorgónea carranca damnam vistos.
Diz-lhe (se tanto ousar) «que em troco d'elles
Peça os varões, os lenhos apresados;
E tudo facilite ao grato assenso.»

Além das esperanças vae o effeito:
De nada para si querendo a posse,
Donaldo restitue (acordes todos)
O almirante infiel, varões, e lenhos:
E prende a tantos dons o dom brilhante,
Que suspira o bachá, de amigo o nome,
Promettendo que o throno ha de approval-o.

O coração do régulo não basta
 Ao jubilo inesp'rado. Alegres vivas
 A voz dos cortezãos, e a voz do povo
 Manda aos ares: no pélagó reflectem,
 E tocam dos lusiadas o ouvido.
 Que nectareas correntes inundaram
 Portuguezes espiritos, olhando
 Sobre as amêas das profanas torres
 As bandeiras de um Deus, de Christo as quinas,
 Do reino occidental eterno abono !
 Em quanto aclamações da infida plebe,
 E a espaços o trovão da artilheria,
 Já do mar, já da terra, os céos atroam !
 Eis de tanto suor o idóneo preço:
 Quem seu Deus, e seu rei a um tempo serve,
 Que mais quer, on da. Gloria, ou da Ventura ?

A ti, oh Lima, conductor supremo
 Da lusitana esquadra, a ti, que és grande
 Na ascendencia de reis, no gráo, nos fados,
 Inda maior no engenho, e na virtude:
 Tambem no caso illustre se deriva
 Applauso não vulgar: por ti mandado
 Fez o patrio valor tão raras cousas:
 Foi sua a execução, teu fôra o plano.

Nem menores pregões te deve a Fama,
 Nelson preclaro, da victoria filho,
 Que usurpas a Neptuno o gran tridente:
 O que o luso acabou, tu lhe apontaste.

Mas a origem de tudo a quem respeita,
 A quem melhor quinhão de gloria cabe,
 Ou falle a Musa, ou não, ninguem o ignora;.
 Soam praias seu nome, e soam mares.

A nautica pericia, que afamados
 Outr'hora os portuguezes fez no mundo,
 Que os levou a reinar a extremas plagas,
 Sem cultura jazia (oh vilipendio !)
 Do centro das brasilicas florestas
 Desarreigadas quilhas inda arfavam
 Sobre as tágicas ondas, mas em ócio:
 E se alguma imprudente ousava acaso
 Ás Hyadas expôr-se, expôr-se a Arcturo,
 Ronceira dividia o lago immenso,

Dos mares, e dos ventos esquecida;
incapaz do conflicto, e da procella.
Raro o nauta, e com alma entorpecida,
O ministerio seu desaprendera:
Obedecer, mandar nenhum sabia.
Eis Coutinho!... Eis o genio antigo acorda;
Eis nova geração com elle assoma.
Para Marte, e Nerêo sabia academia
Cultiva cidadãos: escolhe entre elles
O illustrado varão, quem se avantajá:
E, bem que repartido em mil cuidados,
O pezo de altas cousas sustentando,
C'o louvor afervora o que é louvavel,
E em quem merece o premio, os amontôa:
D'esta arte a mocidade aos astros sobe;
Assim com socios taes luziu Donaldo.

Oh três, e quatro vezes venturosos
Nós, a quem dado foi, que respiremos
Subditos de João, serenas vidas;
E ser de tanto bem participantes !
João, da patria pae, renovo insigne
De monarchas, de heróes, de semideuses;
Amor, gloria, esperança, e luz da gente,
Que, os mares invadindo, ousou primeira.
Vêr, e affrontar o adamastóreo vulto;
Desde a ultima Hesperia ir lá na Aurora
Arvorar contra as torridas phalanges
O estandarte dos céos, penhor do imperio;
João, que em quanto as guerras tudo abraçam,
Em quanto Erinnyes senhorêa o mundo,
Afaga, justo, pio, optimo, ingente
Com amorosa paz os largos povos,
Que o jugo lhe idolatram, perto, e longe;
Do exemplo dos avós illuminado,
D'elles nutrindo em si toda a virtude,
Na principal, na egregia se realça
De eleger (tudo o mais d'aqui depende)
Almas, com quem do sceptro adoce o pezo.
Astuto cortezão, que ambiciosos,
Sinistros, devorantes pensamentos
Com zelo vão fallaz, pallia, e doura,
E' por elle repulso; e chama aquelles,

Que as honras merecendo, ás honras fogem.
 O veneno dos paços, a lisonja
 Ante seus olhos em silencio treme:
 Só da verdade oraculos attende,
 Só da sciencia oraculos escuta:
 Pallas, Themis presidem-lhe aos conselhos;
 Ás acções lhe presidem Themis, Pallas.
 Não, para subjugar nações, imperios,
 Não despe o ferro aqui Gradivo iroso;
 Mas só porque na força a paz se estêe,
 E só porque sem nodoa permaneçam
 O decóro, os brazões de altos maiores.
 Não é seu, para si João não reina:
 O povo, a que dá leis, prefere a tudo.
 Orem nobre, plebeu, nautas, colonos.
 Ou diante do solio, ou não presentes;
 Ore o commerciante, ore o soldado;
 Provam merecimento? Os premios levam,
 Volve feliz o que infeliz o busca:
 A todos satisfaz, igual com todos;
 E até mesmo ao desejo o dom precede:
 Só com pezado pé se move a pena.

Oh Lysia! Oh patria! Surge, altêa a fronte:
 Que não cumpre esperar com taes auspicios?
 Eia, applaude a ti mesma, oh Lysia, applaude.
 As tres, em cuja voz os Fados soam,
 Prazeres de ouro para ti já fiam.
 Sáe (reinando João) sáe das estrellas
 Ordem nova de seculos ao mundo:
 Folga: Assombros tens já; — virão portentos.
 Soltas do coração, mil preces manda
 Aos climas immortaes; fatiga os numes,
 Porque da esposa ao lado excelsa, e cara
 O consorte real no throno exulte;
 Porque orvalho do céo fecunde, anime
 Os tempos de João, de nuvens limpos;
 Porque idolo dos seus, terror d'estranhos,
 Brilhe, viva, e dos netos netos veja;
 Até que tardas eras o arrebatem
 Aos astros, d'onde veiu honrar a terra:
 Elle é digno de ti, tu digna d'elle.

FASTOS

DAS METAMORPHOSES

DE

P. OVIDIO NASÃO

TRECHOS ESCOLHIDOS, POSTOS EM VERSO PORTUGUEZ

TRÁDUCCÃO DO LIVRO I

Desde o principio até á nova formação de todos os animaes
depois do diluvio

*Entre ferros cantei, desfeito em pranto
Valha a desculpa, se não vale o canto.*

(OTTRADUCTOR).

ARGUMENTO

O Cahos se reparte em quatro elementos. Zonas, ventos, criação dos brutos, e do homem. Seguem-se as quatro edades do mundo. Nascem homens do sangue dos gigantes. Lycaon é transfohnado em lobo. O diluvio converte tudo em agua. As pedras se mudam em *gente*. Os brutos renascem da terra.

Antes do mar, da terra, e céo que os cobre
Não tinha mais que um rosto a Natureza:
Este era o Cáhos, massa indigesta, rude,
E consistente só n'um peso inerte.
Das cousas não bem juntas as discordes,
Priscas sementes em montão jaziam ;

O sol não dava claridade ao mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavam
As pontas de marfim da nova lua.
Não pendias, oh terra, d'entre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Amphitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar, e pélagos, e terra estavam mixtos:
As aguas eram pois innavegaveis.
Os ares negros, movediça a terra.
Fórma nenhuma em nenhum corpo havia,
E n'elles uma cousa a outra obstava,
Que em cada qual dos embriões enormes
Pugnavam frio, e quente, humido, e secco,
Molle, e duro, o que é leve, e o que é pezado.

Um Deus, outra mais alta Natureza
A' contínua discordia em fim põe termo:
A terra extráe dos céos, o mar da terra,
E ao ar fluido, e raro abstráe o espesso.
Depois que a mão divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
Em logares diversos, que lhe assigna,
Liga com mutua paz os corpos todos.
Subito ao cume do convexo espaço
O fogo se remonta ardente, e leve;
A elle no logar, na ligeireza
Proximo fica o ar; mais densa que ambos
A terra puxa os elementos vastos,
Da propria gravidade é comprimida.
O salitroso humor circumfluyente
A possue, a rodêa, a lambe, e aperta.

Assim depois que o Deus (qualquer que fosse)
O gran corpo dispôz, quiz dividil-o,
E membros lhe ordenou. Para que a terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compôz na fórma de orbe.
Ao mar então mandou que se esparzisse,
Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,
E orgulhoso abrangesse as louras praias;
A' mole orbicular deu fontes, lagos,
Rios cingindo com obliquas margens,
Os quaes, em parte absortos pelas terras

Varias, que vão regando, ao mar em parte
 Chegam, e recebidos lá no espaço
 De aguas mais livres, e extensão mais ampla,
 Em vez das margens assaltêam praias.

O universal Factor tambem dissera:
 «Descei, oh valles, estendei-vos, campos,
 Surgi, montanhas, enramae-vos, selvas!»
 Como o céo repartido á dextra parte
 Tem duas zonas, á sinistra duas,
 E uma no centro mais fogosa, que ellas,
 Assim do Deus o próvido cuidado
 Pôz eguaes divisões no térreo globo;
 Elle é composto de outras tantas plagas;
 Aquella que das mais está no meio
 Em calores inhospitos se abraza;
 Alta neve enregela, e cobre duas;
 Outras duas, porém, que entre ellas ambas
 O Numen situou, são moderadas,
 Mixto o frio, e calor. Fica eminente
 A estas o ar, que assim como é mais leve
 O pezo d'agua que da terra o pezo,
 Tanto mais pezo coube ao ar que ao fogo.
 Deus ordenou que as nevoas, e que as nuvens
 Errassem no inconstante, aéreo seio;
 Que os ventos o habitassem, productores
 Dos penetrantes frios, que estremecem,
 E os raios, os trovões, que o mundo aterram:
 Mas o supremo auctor não deu nos ares
 Arbitrario poder aos duros ventos:
 Bem que rebentem de encontrados climas,
 Resistir-se-lhe póde á furia apenas,
 Vedar que em turbilhões lacere o mundo :
 Tanta é entre os irmãos a desavança !

Euro foi sibilar ao céo da aurora,
 Aos reinos Nabathêos, á Persia, aos cumes
 Que o raio da manhã primeiro alcança.
 O Véspero, essas plagas, que se amornam
 Com Phebo occidental, estão visinhas
 Ao Zéphyro amoroso; o fero Bóreas
 Da Scythia fera, e dos Triões se apossa ;
 As regiões oppostas humedece
 Austro chuvoso com assíduas nuvens.

O Numen sobrepoz aos elementos
 O liquido, e sem pezo ether brilhante,
 Que das terrenas fézes nada envolve.

Logo que tudo com limites certos
 Foi pela eterna dextra signalado,
 As estrellas, que oppressas, que abafadas
 Houve em si longamente a massa escura,
 A arder por todo o céo principiaram:
 E porque não ficasse do universo
 Alguma região deshabitada.

Astros, e deuses tem o ethereo assento,
 O mar aos peixes nitidos é dado,
 Aves ao ar, quadrupedes á terra.

A estes animaes faltava um ente
 Dotado de mais alta intelligencia,
 Ente, que a todos legislar podesse:
 Eis o homem nasce, e — ou tu, suprema Origem
 De melhor Natureza, e quanto ha n'ella,
 Ou tu, pasmoso artifice, o formaste
 Pura extracção de divinal semente,
 Ou a terra ainda nova, inda de fresco
 Separada dos céos, lhe tinha o germe.
 Com aguas fluviaes embrandecia,
 D'ella o filho de Jápeto affeição,
 Organisa porções, e as assimelha
 Aos entes immortaes, que regem tudo.
 As outras creaturas debruçadas
 Olhando a terra estão; porém ao homem
 O Factor conferiu sublime rosto,
 Erguido, para o céo lhe deu que olhasse.

A terra, pois, tão rude, e informe d'antes,
 Presentou finalmente assim mudada,
 As humanas, incognitas figuras.

Foi a primeira edade a edade de ouro:
 Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma
 Culto á fé, e á justiça então se dava,
 Ignoravam-se então castigo e medo;
 Ameaços terriveis se não liam
 No bronze aberto; supplice caterva
 A' face do juiz não palpitava:
 Todos viviam sem juiz, sem damno.
 Inda nos patrios montes decepado

Ás ondas não baixava o pinho ingente
Para depois ir vêr um mundo extranho:
De mais clima que o seu ninguem sabia.
Fossos ainda não cingiam muros,
As tubas, os clarins não resoavam,
Nem armas, nem exercitos havia:
Sem elles os mortaes de paz segura
Em ocios innocentes se gosavam.
O ferro sulcador não a rompia,
E dava tudo a voluntaria terra.
Contente do que brota sem cultura
Colhia a gente o montanhez morango,
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,
Ás duras silvas as'amoras presas,
E as lisas producções de tenue casca,
Que da arvore de Jupiter cabiam.
Eram todas as quadras primavera.
Mansos Favonios com subtil bafejo,
Com tépidos suspiros animavam
As flôres, que sem germe então nasciam.
Viam-se enlourecer, vingar as messes
Nos campos nem roçados de adubio,
Em rios ir correndo o leiteo, o nectar;
E da verde azinheira estar cahindo
O flavo mel em pegajosas gotas.

Depois que foi Saturno exterminado
Ao Tártaro, e ficou a Jove o mundo,
Veiu outra idade, se inferior á de ouro,
Superior á de cobre, a idade argentea.
Jove confráe a primavera antiga,
Verões, invernos, desiguaes outonos,
Curta, e branda estação, que anime as flôres.
O anno repartem, variando os tempos.
O ar então começou a esconder-se,
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;
Os humanos então principiaram
A demandar guaridas, a ter lares:
Grutas, choupanas os seus lares foram.
Pela primeira vez o grão de Céres
Se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,
E opprimidos do jugo os bois gemeram.
As duas succedeste, ahénea prole,

De genio mais feroz, mais prompto á guerra,
Mas não impio.— Eis a ultima, a de ferro.
Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella.
Subito fogem fé, pudor, verdade,
Occupam-lhe o logar mentira, astucia,
A insultuosa força, a vil perfidia,
Da posse, e do poder o amor infando.
Velas o navegante aos ventos sólta,
Aos ventos ainda bem não conhecidos;
Longamente nas serras arraigado,
O lenho já commette ignotas vagas;
A terra, que atéli de todos fôra,
Como os ares, e o sol, por cauto dono
Já se abalisa com limite extenso.
Não se lhe pedem só devidos fructos,
Uteis searas, vae-se-lhe ás entranhas,
Cavam-lbe o que sumiu na estygia sombra,
Cavam riquezas, incentivo a males.
Já se desencantára o ferro infenso,
E o ouro inda peor: eis surge a Guerra,
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
Vibrando as armas na sanguinea dextra.
Fervem os roubos: o hospede seguro
Do hospede não está, do genro o sogro;
A concordia entre irmãos tambem é rara.
Tentam morte reciproca os esposos,
As madrastras crueis dispõem venenos,
Conta os dias paternos filho avaro,
Jaz vencida a piedade, e são do mundo,
Do mundo ensanguentado a pura Astréa,
Depois que os outros deuses o abandonam.

Para não ser mais livre o céo que a terra,
E' fama que gigantes o assaltaram,
A etherea monarchia ambicionando,
Pondo até ás estrellas monte em monte.
O padre omnipotente, o summo Jove
N'isto com raios esbroando o Olympo,
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,
Sobre o tropel sacrilego os derruba.
Esmagados c'o pezo os feros corpos,
Diz-se que a terra, a mãe, no muito sangue
Dos filhos ensopada o fez vivente;

Homens d'elle creou, porque a memoria
Da progenie feroz permanecesse.

A nova geração também foi dura,
Dos nunes foi também desprezadora,
Amiga da violencia, e da matança,
Denotando que o sangue o ser lhe dera.

Saturnio viu dos céos estas maldades,
Gemeu, e recordando um impio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Lycaónia meza,
Iras concebe o deus dignas de Jove,
E o conselho immortal convoca á pressa,
Que á pressa congregado acode ao mando.

Ha nos céos um caminho alto, e patente,
(A nímia candidez o faz notavel)
Lácteo se chama; vão por elle os nunes,
Os graves cortezãos do grau Tonante
A' morada real. D'um lado e d'outro
Dos deuses principaes os lares brilham,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deuses menores outro espaço habitam,
E os potentes celícolas supremos
A' frente os seus Penates collocaram.
Este, a caber na voz audacia tanta,
O palacio dos céos appellidára.

Em marmoreo salão juntos os deuses,
Todos depois de Jupiter se assentam,
Que em logar sobranceiro, e sobreposta
A fulminante mão no eburneo sceptro,
Por tres, e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A terra, o mar, e os céos, taes vozes sóla
Com fera indignação: «Maior cuidado
O mundo me não deu n'aquella edade
Em que a turba de anguipedes gigantes
Queria o céu romper com braços cento;
Que ainda que era multidão terrivel,
Hoste feroz, com tudo d'um só corpo,
E de uma origem só pendia a guerra.
Eis-rne n'um tempo agora em que é forçoso
Fazer tremenda, universal justiça,
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo

Quanto abraça Nerêo circumsonante.
 Subterraneas, tristissimas correntes,
 Correntes que lambeis o estygio bosque,
 Até juro por vós que ao mal infando
 Mil remedios em vão tentei primeiro !
 Mas incuravel chaga exige o ferro,
 Cortada cumpre ser porque não lavre,
 Porque não fique o são tambem corrupto.
 Ha, porém, semideuses entre os homens,
 Campestres numes ha, Faunos, e Nymphas,
 Satyros, e os monticolas Sylvanos:
 Todos são attendiveis, todos nossos.
 Se ainda honral-os no céu não nos approveve,
 Nas dadas terras é dever que habitem.
 Mas podereis pensar que estão seguros,
 Oh deuses, quando a mim, que empunho o raio
 Á mim, que vos dou leis, tramou ciladas
 Lycaon, o afamado em tyrannia?»

N'esta interrogação freme o congresso:
 Querem todos o réo da enorme audacia,
 Em vinganças fervendo o pedem todos.
 Assim quando ímpia mão queria extincto
 De Roma o nome no Cesáreo sangue,
 Pelo terror da subita mina
 Atonita ficou a especie humana,
 Todo o mundo tremeu de horrorisado.
 Augusto, então dos teus não menos grata
 A ternura te foi, que a Jove aquella.
 Depois que ao gran susurro impoz silencio
 Co'a mão, e a voz, emmudeceram todos.
 Suffocado o furor no acatamento,
 O monarcha dos céos assim prosegue:

«Cuidado vos não dê a acção nefanda,
 O sacrilego auctor já foi punido:
 Direi primeiro o crime, e logo a pena.
 Do corrompido seculo as infamias
 Subiram-me á noticia: desejoso
 De achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,
 E a terra discorri com face humana.
 Relevára occupar moroso espaço
 Na feia narração do que hei sabido,
 De horrores, que encontrei por toda a parte:

Era a verdade em fim maior que a fama.
Passado havendo o Ménalo abundoso
De horrorosos covís, que alojam feras,
O Cylenio de rochas carregado,
E o frígido Lycêo, que os pinhos c'roam,
Do Arcadico tyranno os lares busco,
Entro os paços inhospitos já quando
Negrejava o crepúsculo da noute.
Dou mostras de que um deus era chegado,
E votos pios me dirige o povo.
Das preces Lycaon se ri primeiro,
Depois diz: — Saberei com prova inteira
Se é deus, ou se é mortal.— Dispõe matar-me
Quando os olhos tiver de somno oppressos:
Da verdade lhe agrada esta exp'riencia;
E inda não pago d'isto, a espada infame
Vibra contra a cerviz de um desgraçado
Que dos Molossos em refens houvera.
Aos semivivos, palpitantes membros
Parte amollecem as ferventes aguas,
As sotopostas brazas torram parte.
Já nas mezas se impõe, mas de repente
Co'a dextra vingadora o raio agito,
Sóbre o cruel senhor derrubo os tectos,
Os tectos, e os Penates, dignos d'elle.
Para o silencio agreste, agrestes sombras
Foge rapidamente, espavorido,
E querendo fallar, uiva o perverso:
Colhem do coração braveza os dentes,
C'o matador costume os volve aos gados:
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
A veste em pello, as mãos em pés se mudam,
E' lobo, e do que foi signaes conserva:
As mesmas cãs, a mesma catadura,
E os mesmos olhos a luzir de raiva.
Já uma habitação caíu por terra,
Mas digna de caír não é só uma.
Erinnys senhoreia o mundo todo:
Parece que os humanos protestaram
Não ter mais exercicio que o do crime !
A pena que merecem todos sintam;
Está dada a sentença.» E fica mudo.

O decreto de Jove alguns approvam,
 E á ira horrenda estimulos aggregam;
 Outros lhe prestam simplesmente assenso.
 Dóe a todos, porém, o immenso estrago,
 Da triste humanidade o fim lhes custa:
 Perguntam qual será da terra a face,
 Qual fórma a sua, dos mortaes vazia ?
 Quem ha de ás aras ministrar o incenso?
 Será talvez o mundo entregue ás feras ?
 O que dos homens foi será dos brutos ?
 Dest'arte os deuses o vindouro inquirem.

«Não temais (lhe responde o rei superno)
 Esse cuidado é meu, dispuz já tudo:»
 E melhor geração do que a primeira
 Com portentosa origem lhes promette.
 Ia já desparzir por toda a terra
 O numen vingador milhões de raios,
 Eis teme que a voraz, terrível chamma
 Com impeto crescida, e levantada
 Nos céos em fim se atêe, os céos abraze.
 A' memoria lhe vem que leu nos Fados
 Que inda a terra, inda o mar, inda as estrellas
 Seriam de alto incendio accommettidos,
 E a machína do mundo arruinada.

Depondo as armas, que os Cyclopes forjam,
 D'outra pena se apraz, com outros males
 Quer punir os mortaes, quer suffocal-os
 Co'as soltas aguas, derretendo as nuvens
 Por todo o pólo em rapidos chuveiros.
 Na gruta Eolia subito aferrolha
 Aquilão rugidor, e os mais que espancam
 Atras procellas, grávidos vapores.
 O Noto desencerra, e vôa o Noto,
 Longas as pennas mádidas, envolta
 Em densa escuridão a atroz carranca.
 Pezam-lhe as barbas com pejudas nuvens,
 Goteja-lhe a melena encanecida,
 Pousam-lhe as nevoas na cabeça horrenda,
 Co'as azas, e c'o peito orvalha os ares.

Tanto que espreme as procellosas sombras
 Um rispido fragor no céo retumba,
 E o céo rebenta em horrida torrente.

Iris, a nuncia da Saturnia Juno,
Trajando roupas de matiz lustroso,
Embebe as aguas, e alimenta as nuvens.
Morrem nas louras, trémulas searas
Ao cultor lacrimoso as esperanças,
Um momento destroe d'um anno a lida.
Para o furor de Jove os céos não bastam;
O azul irmão co'as ondas o auxilia:
Este os rios convoca, e mal que os paços
Entram do iroso, undivago tyranno:
«Não careço (lhes diz) pura comvosco
De longa exhortação, fieis ministros.
Ide, inchaê, derramae-vos pelas terras,
Vasem-se de repente as urnas vossas,
Rompa-se o dique ás profugas correntes,
Solte-se o freio ás aguas. Assim cumpre.»

Ordena, partem, correm, vão-se ás fontes,
E as bocas donde saem lhe desapertam:
Volvem depois ao mar desenfreados.
Neptuno vibra o cérulo tridente,
Fere a terra com elle, e treme a terra,
E ás aguas c'o tremor franquêa o seio.
Em brava rapidez correndo os rios,
Já dos campos se apossam, já derrubam,
Já comsigo arrebatam, plantas, gados,
Gentes, habitações, e os Lares sanctos.
Se ha por dita edificio que não cáia,
Se algum resiste ao pavoroso estrago,
A torrente voraz lhe cobre os tectos;
Tremendo as torres, ameaçam quéda,
Rotas, cavadas pelo embate undoso.
Já se confunde o pélago co'a terra,
Já tudo é mar, ao mar já faltam praias.
Qual sóbe, resfolgando, alpestre outeiro,
Qual vaguêa medroso em curvo barco,
E onde lavraram bois trabalham remos.
Sobre as perdidas, afogadas messes
Vae navegando aquelle, ou sobre o cimo
Das submersas aldêas, este encontra
Na copa de alto ulmeiro o peixo mudo.
Feiram-se acaso as ancoras ganchosas
Nos murchos prados, que viçosos foram:

De Baccho a planta, ás onda sotoposta,
 Jaz mordida, tambem dos férreos dentes;
 Na relva., que os rebanhos tosquiaram
 Pousa do equoreo vate o gado informe;
 Assombram-se as Nereidas de avistarem
 Debaixo d'agua bosques, edificios:
 Por entre as selvas os delphins voltêam,
 Co'as negras trombas pelos troncos batem,
 E o carvalho a vergar no encontro empurram.
 O lobo vae nadando entre as ovelhas,
 Em meio da torrente impetuosa
 Boiam fulvos leões, manchados tigres.
 Não vale aos javalis a força enorme,
 A summa rapidez não vale aos cervos.

Buscada longamente, e em vão buscada
 Pelas aéreas aves sendo a terra,
 Onde repousem do continuo vôo,
 Cançam-se em fim, despenham-se nas aguas.
 Eis em soberbos torreões de espuma
 Tenta, o pégo arrogante as arduas serras:
 Fervem-lhe em torno dos fragosos picos
 As ondas, que jámais ali ferveram.
 Assaltando os miserrimos viventes
 No vão refugio, quasi tudo absorvem,
 E aquelles, que da furia, se lhe esquivam,
 Em comprido jejum ralados morrem.

A Phócida, que os Ácticos separa
 Dos afamados campos da Beócia,
 E terra pingue foi, quando foi terra,
 E' já d'aguas envoltas lago immenso.
 Ali de cumes dous montanha ingente,
 Tendo a ramosa frente além das nuvens,
 E arremettendo aos céos, se diz Parnaso.
 N'ella Deucalion (porque dos mares
 Jazia tudo o mais em fim coberto)
 N'eila Deucalion tinha aportado
 Em pequeno baixel co'a terna esposa,
 Forçados pelos ímpetos das aguas.
 Desembarcando os dous, off'recem logo
 Interno culto aos numes da montanha,
 As nymphas de Corycio, a Thémis sacra,
 De quem ali o oraculo se ouvia.

Nenhum dos homens excedêra aquelle
 No amor ao justo, no temor aos deuses:
 Luzíam na consorte egnaes virtudes.
 Jove, que o mundo vê todo inundado,
 Vivos de tantos mil só um, só uma,
 Ambos tão pios, tão amaveis ambos,
 Cos soltos Aquilões sacode as nuvens,
 As pezadas carrancas dos chuveiros,
 E a terra mostra aos céos, e os céos á terra.
 Nem do pélogo a furia permanece:
 Co ferro de tres pontas mal que o toca
 As ondas lhe amacia o deus das ondas,
 E chamando Tritão, que levantado
 Sobre a agua está (cobertos de brilhante
 Purpura natural seus rijos hombros)
 O buzio roncador lhe diz que assopre,
 Que no usado signal ordene aos rios,
 E ao transbordado mar que retrocedam.

Da sonora, e concava buzina
 Lança mão de repente o gran mancebo,
 Da buzina, que em circulos, em roscas
 Da ponta para cima se dilata,
 Que tanto que no seio acolhe os ares
 D'um e d'outro hemispherio atrôa as praias;
 Eis aos labios a concha o deus applica
 Por entre negras barbas orvalhosas
 * Incham-lhe as faces ao robusto assôpro,
 Toca, e rios, e mar, que o som lhe escutam,
 Subito a seu pezar vem recuando.
 Este já praias tem, tem leito aquelles,
 E murmuram pacificos, e tardos:
 Os outeiros assomam, surge a terra,
 Os campos crescem, decrescendo as ondas.
 Depois de longo espaço os arvoredos,
 Os arvoredos nus se vão mostrando:
 Dos despojados troncos pendem limos.

Em fim renasce o mundo, e vendo o triste,
 O bom Deucalion vasia a terra,
 E.alto silencio derramado em tudo,
 A Pyrrha diz chorando: «Oh dôce esposa,
 Oh tu, que és só, que és unica de tantas
 Habitantes do mundo, e que ligada

Pelo amor, pelo sangue estás comigo,
Agora ainda mais pelo infortunio !
Do nascente ao poente, em toda a terra
Só habitamos nós, só nós vivemos:
Tudo o mais pelas ondas foi tragado,
E cuido que não tens inda segura
Tua existencia tu, nem eu a minha:
Estas nuvens, que observo, inda me aterram.
Ali triste! Que farias se arrancada
Ao fado universal sem mim te visses !
Onde, fria de susto, onde leváras
A planta vacillante e quem seria
Tua consolação na dôr, no pranto ?
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo
Te escondesse nas sôfregas entranhas,
Te houvera de seguir o afflicto esposo,
Socio te fôra em vida. e socio em morte.
Oxalá que eu com a paterna industria
Podesse reparar a humanidade,
Alma infundindo na formada terra !
Todo o genero humano em nós se inclue,
(Isto aos fados apraz, apraz aos deuses)
Ficámos para exemplo de que o mundo
Morada de homens foi.» Disse, e choravam.

Depois, tornando em si, resolvem ambos
Recorrer aos oraculos sagrados,
Da deusa Thémis invocar o auxilio.
Não tardam: vão-se do Cephyso ás aguas .
Que ainda não bem liquidas caminham,
E apenas pelas fronte, pelas vestes
Os gostados liquores desparziram,
Para o templo da deusa os passos torcem.

Manchava torpe musgo a frente, os tectos
Da estancia, veneravel, e jaziam
Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.
Como os sacros degraus tocado houvessem,
Sobre a mádida terra os dous se prostram,
E dão nas pedras osculo medroso:
Oram depois assim: «Se justas preces
Tornam benignos os frados numes,
Se a cholera dos céos com ais se adoça,
Dize-nos, deusa, dize-nos de que arte

Podemos instaurar a especie humana,
E soccorre piedosa o triste mundo.»

Movendo-se a deidade, assim lhes falla:
«Do meu templo saí; cobrindo as fronte,
Soltae as vestiduras, que vos cingem,
E para traz depois lançaes os ossos
De vossa grande mãe.» Tendo ficado
Atonitos os dous espaço grande,
Pyrrha primeiro em fim rompe o silencio,
Da divindade as leis cumprir não ousa,
E com trémula voz perdão lhe roga,
Porque teme, espalhando os ossos frios,
Aos manes maternas fazer injuria.
Depois d'isto repetem, pezam, notam
As palavras do oraculo sombrio;
Té que Deucalion, que o venerando
Filho de Promethêo com brandas vozes
Serena a cara esposa, e diz: «Se acaso
Não revolvo illusões no pensamento,
O oraculo da deusa é justo, é pio,
Não nos ordena o mal, não quer um crime.
A grande mãe, que ouviste, a mãe de todos
E' a terra; a meu vê são os seus ossos
As pedras, e essas diz, que ao chão lancemos.»

Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,
Esperanças com duvidas se envolvem,
E ambos das ordens sanctas desconfiam;
Mas n'isso que lhes vae se as effectuam ?
As aras deixam, as cabeças cobrem,
Soltam as roçagantes vestiduras,
E logo para traz as pedras lançam.
Eis (quem te déra credito, oh portento,
Se annosa tradição não te abonasse !)
Eis que subitamente ellas começam
A despir-se do frio, e da rijeza,
E despindo a rijeza, a transformar-se.
Crescendo vão, mais branda natureza
As tóca, as amacia, as amollece,
E n'ellas se perfeito o vulto humano
Logo ali se não vê, se vê comtudo
Em grosseiros signaes a similhança;
Qual na estatua, no marmore, a que apenas

Deu talbe a mão de artifice elegante.
Partes, que eram terrenas, e succosas
Nas carnes, e no sangue se convertem;
O que tem solidez, o que não dobra
Muda-se em ossos, e o que d'antes n'ellas
Veia se nomeou conserva o nome.
N'um breve espaço em fim (mercê dos deuses)
As que arroja o varão varões se tornam,
E as que sólta a mulher mulheres ficam.
Por isto somos fortes, somos duros,
Aptos a emprezas, propios a trabalhos,
E em nosso esforço, na constancia nossa
Claramente se vê que origem temos.

Os outros animaes nas fórmias varios
A terra os produziu, sendo escaldado
Pelos raios do sol o humor antigo;
Os encharcados, os lodosos campos
Com o activo calor se entumeceram,
E das cousas a próvida semente
Qual no materno claustro ali cerrada,
Nutriu-se, e de vagar cresceu, formou-se.
D'est'arte, havendo em fim retrocedido
A seu amplo deposito profundo
O gran Nilo, que sáe de bocas sete,
Co'a etherea flamma se afoguêa o lodo,
E por entre os terrões, quando os revolve,
De animaes o cultor acha milhares,
Uns a nascer, e em parte já formados,
Em parte os membros seus inda imperfeitos;
E vê-se muitas vezes que de um corpo
Metade vive já, metade é terra.
Humidade, e calor dão vida a tudo,
Se mutuamente se temperam ambos.
Bem que d'agua contrario o fogo seja,
Sáe do humido vapor quanto é gerado;
A discorde união fermenta, e cria.

Portanto a fertil mãe, a extensa terra
Do recente diluvio repassada,
E pelo aereo lume escandecida,
Innumeradas especies foi brotando:
Deu ser a algumas com a fórmula antiga,
N'outras em fim creou não vistos monstros.

Io

(Traduzido do Livro I)

Nos fundos lares Inaco escondido
Altêa com seu pranto as aguas suas;
Io, a filha gentil, perdida chóra:
Não sabe se está viva, ou se entre os manes:
Mas porque não a encontra em parte alguma,
Em nenhuma do globo a julga o triste,
E o peor se lhe ant'olha ao pensamento.

Volver do patrio rio a vira Jove:
«Virgem digna de Jupiter, guardada
Para felicitar (lhe disse o nume)
No thálamo suave um ente humano !
Procura as sombras dos fechados bosques,
(E aos bosques lhe apontou) a calma aperta,
Dos céos está no cume o sol fervendo.
Se temes ir sósinha aonde ha féras,
De um deus acompanhada irás segura;
Não de um deus inferior, porém d'aquelle
Que o sceptro universal na mão sustenta,
E o raio irresistivel arremessa.
Não, não fujas de mim. — (Que ella fugia).

Já de Lerna as pastagens, e os frondosos
Arvoredos Lircêos Io passára:
Eis em nevoas o deus sumindo a terra,
Lhe prende os passos, e o pudor lhe usarpa.

Juno os olhos em tanto aos campos volve.
E extranha em claro dia haver tal nevoa,
Nevoa tão densa como os véos nocturnos,
Que das aguas não sáe, nem sáe das terras.
Olha em torno de si, não vê o esposo,
E suspeitosa, pelo haver colhido
Já vezes cento em amorosos furtos,
Não o achando nos céos — «Ou eu me engano,
Ou lá me aggravam » — (diz) e, deslizada
Da etherea habitação, parou na terra,
Onde o sombrio horror desfez n'um ponto.

Mas o consorte presentiu-lhe a vinda,
E em candida novilha por cautela

De Inaco a prole transformado havia,
Que depois de novilha inda é formosa.

Saturnia, a seu pezar, lhe dá louvores,
Pergunta de quem é, d'onde viera,
Pergunta a que manada enfim pertence
(De estar longe do caso indícios dando)
— Que a terra a produziu — responde Jove,
Para não ser o auctor mais inquirido:
N'isto Saturnia em dadiva lh'a pede.

O amante que fará? Cruel, se entrega
Os seus amores; — se os não dá, suspeito;
O que o pejo aconselha, amor impugna:
Vencido pelo amor seria o pejo;
Porém se a Bua irmã, se a sua esposa
Negar uma novilha, um dom tão leve,
Póde talvez; não parecer novilha.

Já na posse da adultera, não despe
A deusa todavia o seu receio;
Teme a Jove, e do aggravo está mordida.
Argos, o filho de Arestor lhe occorre,
E quer que lh'a vigie, e d'elle a fia.

De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,
Olhos, que dous a dous o somno alternam:
Desvelados os mais na presa cuidam.
Em quaesquer posições attento a guarda,
Volta-lhe as costas, e tem Io á vista.
Permitte-lhe pascer em quanto é dia;
Em transmoutando o sol vae ferrolhal-a,
E um laço injusto lhe tornêa o collo.

Folhas agrestes, amargosa relva
Morde, ruma a triste; em vez de leito
Dão-lhe, nem sempre de herva o chão forrado.
Matam-lhe as sedes em corrente impura.
Supplices braços estender quizera
Para o seu guardador; mas que é dos braços?
Intenta dar um ai, solta um mugido:
Treme do som, da sua voz se espanta.

Um dia ás margens vae, onde brincava,
As margens paternaes; vê n'agua as pontas,
E, medrosa de si, foge do rio.
Inaco ignora, as Náíades não sabem
Quão pertencente lhe és, gentil novilha.

Eil-a os segue; ás irmãs, ao pae, que a admiram,
 Não só deixa que a toquem, mas se off'rece.
 O velho hervas lhe colhe, e chega aos beijos:
 Ella lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija;
 Terno pranto lhe corre, e se podéra
 Soccorro a desditosa invocaria,
 Seu nome, os fados seus articulára:
 Mas, com letras em fira supprindo vozes,
 Servindo-se do pé, na arêa exprime
 O triste annuncio da mudada fórma.

«Oh pae desventurado! (Inaco exclama
 Abraçando a cerviz, pegado ás pontas
 D'alva bezerra, da chorosa filha)
 «Oh pae desventurado ! (Elle repete)
 Es tu, filha infeliz, tu, procurada
 Tantas vezes por mim, e em tantas partes?
 Antes que vêr te assim, nunca te vira,
 Menor seria então minha amargura.
 Ah malfadada ! Responder não sabes,
 Altos suspiros sós do peito arrancas,
 Mugir á minha voz é quanto podes.
 Não prevendo tens fados, eu outr'hora
 O toro nupcial te apercebia.
 Duas bem ledas esperanças tive:
 Primeira o genro foi, segunda os netos;
 Esposo, e filhos nas manadas brutas,
 Querido meu penhor, terás agora.
 Nem posso tanto mal findar co'a vida;
 Empece-me o ser deus; afferrolladas,
 Defesas para mim da morte as portas,
 Se estende a minha dôr á eternidade.»

O oculoso pastor, que lhe ouve as mágoas,
 Ao lamentavel pae remove a filha,
 E vae apascental-a em outros campos:
 Sentado, de alto monte a vê, e a tudo.

Que ella sinta, porém, tão duros males
 Não pôde o rei dos céos soffrer mais tempo:
 Chamando o filho, que de Maia houvera,
 Lhe ordena, lhe commette a morte de Argos.
 Mercurio logo aos pés segura as azas;
 Toma a vara somnífera, o galéro,
 E, ataviado assim, demanda a terra.

Galéro ali depõe, depõe talares,
 Sómente o caducêo na mão conserva;
 Leva-o como pastor, que seu rebanho
 Co'o toque do cajado aos pastos guia,
 E de canora flauta os sons diffunde.

Da nova, dôce musica tentado,
 Argos ao numen diz : «Quem quer que sejas,
 Comigo aqui, pastor, sentar-te pódés.
 Sitio melhor não ha para o rebanho,
 Nem para o guardador, assim na sombra,
 Como em fertilidade.» O deus se assenta;
 E em razões varias, que profere, e escuta,
 Vae-se-lhe o dia. Adormécer intenta
 Com a avena os cem lumes veladores,
 Porém repugna o monstro aos molles somnos,
 E bem que os acolheu parte dos olhos,
 Parte d'elles vigia. Em fim, porque era
 Da flauta a invenção recente ainda,
 A Mercurio o pastor pergunta como,
 Por quem fôra inventada. A isto o nume
 Diz então: «Nas arcádicas montanhas
 Teve nome entre as nymphas Nonacrinas,
 Foi entre as Hamadryadas o assombro
 A náíade Syrins, Syrins, a esquiva.
 Aos sátyros hirsutos se furtava,
 E aos mais deuses campestres, que a seguiam;
 Honrava nos costumes, no exercicio,
 E na flôr virginal a Ortygia deusa.
 Em traje venatorio era Diana:
 A similhaça os olhos enganára
 Se arcos diversos não tivessem ambas,
 Syrins um de marfim, Latónia um de ouro,
 E assim mesmo enganava. Ella, deixando
 O sombrio Lycéo, de Pan foi vista,
 De Pan, c'roado do pinheiro agudo,
 E o deus fallou-lhe assim... «Narrar faltava
 O que lhe disse o deus; que accezas preces
 A nympha repulsára, e que fugira,
 Perseguida por elle até ás margens
 Do sereno Ladon; que ali parando,
 Pelo estorvo das ondas, deprecára
 Ás ceruleas irmãs que a transformassem;

Faltava referir que em vez da amada,
 Crendo que já nas mãos a tinha presa,
 Pan sómente abraçou palustres canas;
 Que em quanto suspirava, os ares n'ellas
 Fizeram tenue som, quasi queixume;
 Que n'arte nova, que na voz suave
 Enlevando-se todo, o deus dissera:
 «Taes colloquios se quer terei contigo.»
 Que ás canas desiguaes, com cêra unidas,
 Dera seu nome a nympha. Ia Cylenio
 Proseguir, eis que vê do somno oppressos
 Os olhos todos. Subito emmudece,
 Roça-os co'a vara, e lhe carrega o somno.
 Rapido logo alçando o ferro curvo,
 No vacillante collo o golpe acerta:
 Cáe a cabeça; espadanando o sangue,
 O sangue em borbotões macúla o monte.

Argos, jazes, em fim; de todo extincta
 A claridade está de tantos lumes:
 Sombra eterna te occupa os olhos cento.
 Saturnia lh'os extráe, na cauda os prende
 D'ave sua, e com elles a abrilhanta.

Mas freme a deusa, não retarda as iras;
 Da Argólica rival aos olhos, e alma
 Expõe a vexadora, horrenda Eriunys.
 Seus crueis agrilhões lhe enterra a Furia,
 Por todo o mundo a prófuga persegue.

Nilo, ao trabalho immenso, á espavorida
 Carreira universal tu só restavas.
 Tanto que imprime o pé nas margens tuas,
 Sobre os joelhos cae, e aos céos erguendo
 O que erguer só lhe é dado, os olhos tristes,
 Com prantos, e mugidos lutosos
 Parece que se está queixando a Jove,
 E que dos males seus o fim lhe implora.
 Elle, o collo abraçando á sacra esposa,
 Roga-lhe que remate a pena acerba.
 «Perde o temor (lhe diz) crê que incentivo
 Io não mais será de teus desgostos:»
 E o protesto formal co'a Estyge abona.

Apenas se embrandece ao rogo a deusa,
 Torna á mimosa nympha o gesto antigo,

Torna a ser de repente o que era d'antes.
 Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas,
 O orbe, a fórma ocular se lhe restringem,
 Abbrevia-se a bôca, os braços volvem,
 Volvem-lhe as mãos tambem, tambem as unhas;
 Já sómente em dons pés está sustida,
 Da novilha não tem senão a alvura.
 Receando mugir, fallar não ousa,
 E a desusada voz ensaia a medo.

Celebérriima deusa, agora a honram
 Aras, e incensos dos egypcios povos.

O precipicio de Phaetonte

(Fragmento traduzido do Livro II)

Porém leve era o pezo, era diverso
 D'aquelle, que os Ethontes conheciam:
 Quaes sem lastro bastante os curvos lenhos
 São das ferventes ondas sacudidos;
 Tal, co'a leveza insolita pulando,
 Parece que vasio o carro foge.

Eis a quadriga rapida percebe
 Que os passos lhe não rege a mão de um nume:
 Eis salta impetuosa, e deixa o trilho,
 E bate o campo azul por nova estrada:
 Treme Phaetonte, e como as redeas torça,
 E qual seja o caminho elle não sabe,
 E inda, sabendo, não domára os brutos.
 Pela primeira vez se escandeceram
 Os gélicos Triões co'a etherea flama,
 E banhar-se no pégo em vão tentaram.
 Do pólo glacial visinha a serpe,
 D'antes molle de frio, e não terrivel,
 Ganhou no extranho ardor braveza extranha.

Diz-se, oh Bootes, que a tremer fugiste,
 Bem que és tardio, e te retenha o carro:
 Vê jazer muito ao longe o mar, e as terras,
 O misero Phaetonte; amarellece,

E subito pavor lhe agita os membros:
Seus olhos em luz tanta encontram noute:
Triste ! quizera já não ter tocado
O coche de seu pae: já se arrepende
De conhecer quem é: de haver podido
O effeito conseguir do rogo incauto.

A gruta da Inveja

(Traduzido do Livro II)

É a estancia da Inveja em gruta enorme,
Lá n'uns profundos valles escondida,
Aonde o sol não vae, nem vae Favonio.
Reina ali rigoroso, eterno frio,
De humidas, grossas nevoas sempre abunda.
O monstro vive de vipereas carnes,
Dos seus tartáreos vicios alimento.
Da morte a pallidez lhe está no aspecto,
Magreza, e corrupção nos membros todos;
Olha sempre ao revez; ferrugem torpe
Nos asquerosos dentes lhe negreja;
Vê-se o fel verdejar no peito immundo,
Espumoso veneno a lingua véрте:
Longe o riso lhe jaz- dos negros labios,
Só se nos mais ha pranto ha n'ella riso,
Em não vendo chorar lhe acode o chôro:
Não gosa de repouso um só momento,
Os cuidados que a roem não soffrem somno:
Mirra-se de pezar, ao vêr nos homens
Qualquer bem; rala, e rala-se a maligna,
E' verdugo de si, odio de todos.

O roubo de Europa por Jupiter

(Traduzido do LivroII)

O gran Jove no céu Mercurio chama,
 E sem lhe declarar o amor, que o fere,
 «Vae, ministro fiel dos meus decretos,
 Vae, filho meu, co'a sólita presteza;
 Desce á terra (lhe diz) d'onde se avista
 Tua mãe reluzindo á sestra parte,
 E que os seus naturaes Sidon nomeam.
 O armentio real, que ao lorjge a relva
 No monte anda a pascer, dirige á praia.»

Disse, e já da montanha o gado expulso
 Caminha á fresca praia, onde costuma
 A do sidonio rei mimosa filha
 Espairecer, folgar co'as tyrias virgens.

A magestade, o amor não bem se ajustam:
 Jámais o mesmo peito os accommoda.
 Do sceptro a gravidade em fim depondo
 O pae, e o rei dos deuses, Jove, aquelle
 Que armada tem do raio a sacra dextra.
 E que ao minimo aceno abala o mundo,
 Veste fórma taurina entre as manadas
 Muge, e piza formoso as brandas hervas.

E' côr da neve, que nem pés calcaram,
 Nem co'as azas desfez o sol chuvoso;
 Altêa airosamente o mobil collo;
 Das espadoas lhe pende, e bambalêa
 A candida barbella, as breves pontas
 D'industriosa mão lavor parecem,
 Ganham no lustre á pérola mais pura.
 Não tem pezado cenho, olhar terrível,
 Antes benigna paz lhe alegre a fronte.

A filha de Agnor admira o touro,
 Extranha ser tão bello, e ser tão manso.
 Ao principio, inda assim, teme tocar-lhe;
 Vae-se depois avisinhando a elle,
 E as flôres, que apanhou, lhe applica aos beiços.

Eil-o já pela relva salta, e brinca,
 Já põe na fulva arêa o niveo lado.

Á virgem pouco a pouco o medo extingue,
 E agora off'rece brandamente o peito
 Só para que lh'o afague a mão formosa,
 Agora as pontas, que a real donzella
 De recentes boninas lhe engrinalda.

Ella, em fim, que não sabe a que se atreve,
 Ousa nas alvas costas assentar-se.

De espaço á beira-mar descendo o nume,
 Põe mentiroso pé n'agua primeira,
 Vae depois mais ávante. .. em fim, nadando,
 Leva a preza gentil por entre as ondas.
 Ella de olhos na praia, ella medrosa
 Segura uma das mãos n'u,ma das pontas,
 Sobre o dorso agitado a outra encosta;
 Enfuno o vento as susurrantes vestes.

Despida finalmente a falsa imagem,
 Eis apparece o.deus, eis brilha Jove,
 E em teus bosques, oh Creta, Amor triumpho

A morte de Pyramo e Thisbe

(Traduzido do Livro IV)

Pyramo, singular entro os mancebos,
 E Thisbe, superior em formosura
 A todas as donzellas do oriente,
 Tinham contiguas as moradas suas
 Lá onde é fama que de ingentes muros
 Semiramis cingiu alta cidade.

A amor a visinhança abriu caminho,
 N'elles foi com a edade amor crescendo,
 E unir-se em doce nó votaram ambos.
 O que injustos os paes não permittiram.
 Em vivo, egual desejo os dous ardendo,
 (Que isto os pães evitar-lhes não poderam)
 Sem confidente algum, só por acenos,
 Por signaes se entendiam, se afagavam.
 Quando o amor se recata é mais activo.
 Parede, que os dous lares dividia,
 Rasgada estava de uma tenue fenda

Desde o tempo em que foram fabricados.
 Ninguem tinha notado este defeito;
 Mas que não sente Amor, que não adverte ?
 Vós amantes fieis, vós o notastes,
 E d'elle se valeu sagaz ternura.
 Soíam por ali passar sem medo
 Brandas finezas em murmurio brando.

De uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,
 Prestando unicamente, e recebendo
 Seu halito amoroso, assim carpiam:
 «Invejosa parede, a dous amantes
 Porque, porque te oppões? Ah! Que importava
 Que perfeita união nos consentisses?
 Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses
 Ao osculos de amor logar bastante ?
 Mas não somos ingratos, confessamos
 Que os nossos corações a ti só devem
 Dôce conversação, que os desafoga.»
 Separados assim, e em vão diziam.
 Dando um saudoso adeus já quasi á noute,
 Ao partir cada qual suave beijo
 Na parede insensível empregava,
 Nem que o terno penhor chegar podesse
 Aonde o dirigia o pensamento.

Um dia quando, roto o véo nocturno,
 Tinha ante os lumes da serena Aurora
 Desmaiado nos céos a luz dos astros,
 E Phebo com seu raio ía seccando
 Sobre as hervas subtís o frio orvalho,
 Ao logar do costume os dous volveram.
 Depois de mutuamente se queixarem
 Da pezada oppressão, que os constringia,
 Com mais cautéla ainda, em tom mais baixo
 Concertam entre si que em vindo a noute
 Haviam de illudir os paes, e os servos,
 De seus lares fugindo, e da cidade;
 Que, por não se perderem vagueando
 Pelo campo espaçoso: ao pé da antiga
 Sepultura de Nino ambos parassem,
 Póstos á sombra de arvore frondosa.
 Esta arvore, que ali ao ar se erguia,
 Carregada de fructos côm de neve,

(Então da côr de neve até maduras)
Era a grata amoreira: amena fonte,
Fervendo junto d"ella, o chão regava.

Quadrou o ajuste, e nas ceruleas ondas
Caindo, tardo o sol para os amantes,
E d'onde o sol caíu surgindo a noute,
Achada occasião, por entre, as sombras
Thisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus, e sáe. Cubrindo o rosto,
Caminha para o tumulto de Nino,
Chega, e debaixo da arvore se assenta:
Dava Amor ousadia á linda moça.
Eis que feroz leôa, ensanguentada
De recente matança a boca enorme,
Assoma, e vera depôr na fonte a sêde.
Porque o pleno luar cubria o campo
A vê ao longe a babylonia Thisbe,
E com timidos pésem? gruta umbrosa
Vae sumir-se, correndo, e palpitando,
E na carreira o véo lhe cáe por terra.
Depois que o torvo bruto a sêde ardente
Nas aguas apagou, tornando aos bosques
O solto véo sem Thisbe acaso encontra,
E no sanguíneo dente o despedaça.

Pyramo, que do lar saíu mais tarde,
Que vê no erguido pó signal de féra,
E de féra no chão pégadas nota,
Descorando estremece, e tinto em sangue
Acha o caído véo. «N'uma só noute
(Diz elle) dous amantes se perderam;
Perdeu-se a bella, a triste, a desgraçada
Que de longa existencia era tão digna.
Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,
Eu fui quem te matou, fui quem te disse
Que de noute, que só te aventurasses
A tão ermo lugar, tão pavoroso,
E para te acudir não vim primeiro.
Lacerae-me este corpo abominavel,
Devorae-me estas barbaras entranhas,
Oh leões, que jazeis por essas grutas !
Mas chamar pela morte é só dos fracos.»
Já da terra levanta o véo de Thisbe,

E para a fertil planta se encaminha,
 Vae com elle ao logar do tenro ajuste.
 Cubrindo-o lá de lagrimas, e beijos,
 «O meu sangue (lhe diz) tambem te regue,
 Recebe, oh triste véo, tambem meu sangue.»
 E subito, despindo o ferro agudo
 Que ao lado lhe pendia, em si o enterra:
 Da ferida mortal o extrae, o arranca,
 E de costas no chão depois baquêa.
 Em rôxos borbotões lhe ferve o sangue,
 E lhe salta com impeto, á maneira
 De alto, e cheio aqueducto, que rebenta,
 Que estrondoso arremessa ao longe as aguas,
 Co'a soberba impulsão rompendo os ares.
 Da ramosa amoreira os alvos fructos,
 Pela rubra corrente rociados,
 Em triste, negra côr a antiga mudam,
 E do sangue a raiz humedecida,
 Logo ás amoras purpurêa o sumo.

De todo não perdido ainda o medo,
 Volta a gentil donzella ao fatal sitio
 Porque a não ache em falta o caso amante.
 C'os olhos, e c'o espirito o procura,
 Desejosa de expor-lhe o grave risco
 De que pôde escapar. Notando a planta
 Mudada no exterior, a desconhece,
 Duvida se é a mesma. Em quanto hesita
 Vê tremer, e arquejar na terra um corpo,
 Na terra, que de sangue está manchada.
 Recúa de terror, pallida, absorta,
 Arripia-se, e freme, á similhaça
 Do rouco mar, se as virações o encrespam.
 Mas depois que attentando em fim conhece
 A porção da sua alma, os seus amores,
 Rompe em chôros, em ais, maltracta o peito,
 O peito encantador, que o não merece,
 Arranca delirante as louras tranças,
 Entre os braços aperta o corpo amado,
 Verte amargorosas lagrimas no golpe,
 Correndo misturados sangue, e pranto;
 Piedosos beijos dá no rosto frio,
 Clama: «Oh Pyramo! Oh céos! Que duro caso

Te arreбата de mim ? Pyramo, escuta,
Responde-me, querido: a tua amada,
A tua fiel Thisbe é quem te chama;
O semblante abatido ergue da terra.»

Ouvindo proferir da amada o nome,
O malfadado moço eis abre os olhos,
Já do pezo da morte enfraquecidos:
Volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.

N'isto aquella infeliz o véo distingue,
Vê do extinto amador a nua espada.
«Teu amor, tua mão te hão dado a morte !
Eu tambem tenho mão (exclama a triste)
Eu tambem tenho amor capaz de extremos,
Que esforço me dará para seguir-te.
Sim, eu te seguirei, serei chamada
Da tua desventura a causa, a socia.
Ai ! Só podia a morte separar-nos. ..
Mas não, nem ella mesma nos separa.
Oh vós, dae terno ouvido ás preces de ambos,
Miseros paes de miseros amantes,
Que une por lei do Fado Amor e a Morte;
Deixae que o mesmo tumulo os encerre.
E tu, arvore, tu, que estás cubrindo
Agora um só cadaver miserando,
Logo dous cubrirás. Signaes conserva
Da tragedia que vês, e por teus fructos
Difunde sempre a côr de luto, e mágoa,
Monumento fatal do negro caso.»

Cala-se, encosta o peito á férrea ponta,
Do sangue do infeliz tépida ainda,
E traspassa-se, e cae. Das preces tristes
Comtudo os céos, e os pães se enterneceram.
Nos ramos da frondifera amoreira
Quando maduro está negreja o fructo;
E a lacrimosa, paternal piedade
Guardou n'uma só urna as cinzas de ambos.

Cadmó e Hermione

(Traduzido do Livro IV)

Da serie de teus males já vencido,
 E de fataes, maleficos portentos,
 Tu, filho de Agenor, tu, triste Cadmo,
 Sáes da cidade, que erigido havias,
 Como se os Fados d'ella, e não teus Fados
 Te perseguissem lá. Depois de longos
 Terrenos vaguear, parou na Illyria
 Co'a profuga consorte. Ali, gravados
 Da desgraça, e da idade, a estrella adversa
 Memorando dos seus, e discorrendo
 Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama :

«Ah ! Sagrada talvez era a serpente
 Que no bosque matei quando expellido
 De Sidonia me vi por lei paterna !
 Sacro seria o monstro, em cujos dentes
 Pela terra espalhei semente infensa !
 Pois se dos numes o furor se apura
 Tanto, e tanto em vingal-o, imploro aos numes
 Que em comprida serpente me transformem.»

Disse, e como serpente eis que se alonga,
 Eis na cutis nascer vê dura escama,
 Ceruleas nodoas variar-lhe o corpo:
 Na terra cáe de peitos: manso, e manso
 Os membros se confundem, que o sustinham,
 E em buliçosa cauda se affeioam.

Restam-lhe braços; braços que lhe restam
 Estende o malfadado, e diz, banhando
 De lagrimas a face, ainda humana:

«Vem, dôce, vem, miserrima consorte,
 Em quanto ainda em mim de mim vês parte;
 A mão, em quanto é mão, recebe, aperta,
 E em quanto não sou todo enorme serpe.»

Queria proseguir, mas de improvisó
 A lingua se lhe fende, ei-o com duas;
 Fallecem-lhe as palavras: quantas vezes
 Se intenta deplorar, tantas sibíla:
 Só lhe deixa esta voz a Natureza.

Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama:
 «Cadmo, espera; infeliz, despe esse monstro !
 Que é isto! Que é dos hombros, que é dos braços !
 As mãos, os pés, e a côr, e o rosto, e tudo !
 Porque, poder do céu, porque, Destinos,
 Me não mudaes tambem na fórma horrenda ?»

Diz, e elle da consorte as faces lambe,
 E o (que ainda conhece) amado peito:
 O collo, que lhe foi, que lhe é tão caro,
 Cinge com mimo, e como póde abraça.

Todos os companheiros, que o rodeam,
 Aterrados estão, porém co'as linguas
 Os lubricos dragões vão afagal-os,
 Que subito são dous, e os juntos corpos
 Fazendo um só volume, e serpeando,
 Se escondem pela proxima floresta.

Dos homens todavia inda não fogem;
 Não têm dente mordaz, não têm veneno,
 Não fazem damno algum: do que já foram
 Os benignos dragões inda se lembram.

Atlante convertido em monte

(Traduzido do Livro IV)

Trazendo o espolio do vipéreo monstro
 E equilibrado em azas estridentes,
 Presas aos leves pés, vagava os ares
 O Argolico Persêo, prole do nume
 Que a Danae seduzira em aurea chuva.

Sobre as crestantes, lybicas arêas
 Pendente o vencedor, cahiram n'ellas
 Da Gorgonea cerviz sanguineas gotas,
 E bebendo-as a terra as faz serpentes:
 Desde então de serpentes Lybia abunda.

Logo, agitado por discordes ventos,
 Para aqui, para ali, qual gira a nuvem,
 Descobre o moço errante ao longe as terras,
 E sobre o vasto globo anda voando.

As Ursas boreaes viu já tres vezes,

E já tres vezes viu do Cancro os braços;
 Mil ao occaso foi, mil ao nascente,
 Pela aérea violencia despedido.
 Em fim, proximo á noute, e receando
 Persêo fiar-se d'ella, o vôo abate
 Na hespéria região, reinos de Atlante.
 O heróe pede ao monarcha um breve asylo,
 Té que phosphoro esperte a luz d'Aurora,
 E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos homens todos
 Era o filho de Japeto, era Atlante.
 Deu leis na terra extrema, e leis nos mares
 Onde os lassos frisões mergulha Phebo.
 Ali manadas mil do rei gigante,
 Mil rebanhos ali pascendo erravam,
 E ao seu não confrontava extranho imperio.
 Tinha um vergel com arvore lustrosa:
 As folhas eram de ouro, e de ouro os ramos,
 Aureos os pomos, que pendiam d'elles.

«Gran rei (Persêo lhe diz) se amas a gloria
 D'alta stirpe, o meu ser provém de Jove:
 E se és admirador d'acções famosas,
 Hão de maravilhar te as acções minhas.
 Rogo-te a graça de nocturno hospicio.»

Mas de oraculo antigo o rei se lembra;
 A Themis no Parnaso ouviu outr'hora:
 «Ha de vir tempo, Atlante, em que dos fructos
 A arvore tua despojada fique:
 Filho o seu roubador será de Jove.»

Receoso do furto, havia Atlante
 Torneado o pomar com rijos muros,
 E horroroso dragão lhe pôz de véla:
 A forasteiro algum nos seus dominios
 Guarida não concede, expulsa todos,
 E a este diz tambem: «Vae para longe,
 Se não queres de ti vêr longe a gloria
 Dos mentirosos feitos, se não queres
 Longe, mais longe ainda o pae, que ostentas.»
 E, ajuntando a violencia aos ameaços,
 Intenta repellir além das portas
 Persêo, que lhe resiste, e substitue
 Palavras fortes a palavras brandas.

Nas forças inferior se reconhece:
 Quem podia egualar de Atlante as forças ?
 «Já que a minha amisade em pouco estimas,»
 (Diz o affrontado heróe) recebe o premio.»
 N'isto co'a mão sinistra, e desviando
 Primeiro os olhos para a parte adversa,
 Lhe mostra da Medusa a face horrenda.

Eis feito o enorme Atlante um monte enorme:
 Barbas, melênas se lhe tornam selvas:
 São recostos da serra as mãos, e os braços,
 O que já foi cabeça agora é cume,
 Dos ossos os penedos se formaram.

Para todas as partes se dilata;
 Crescendo mais, e mais, altura immensa
 Toma em fim: (vós, oh numes, o ordenastes)
 Todo o pezo dos cêos descança n'elle.

O roubo de Orithya por Boreas

(Traduzido do Livro VI)

O affamado Erecthêo regia Athenas,
 Heróe na rectidão, e heróe no esforço.
 Quatro filhos houvera, e quatro filhas:
 Em duas florescia igual belleza.
 Foi Procris, uma d'ellas, esposada
 Por Cephalo, de Eólo egregio sangue;
 A outra, inda donzella, era Orythya.

Arde em seus olhos o Estrymonio Bóreas,
 Arde ha muito, e do pae ha muito a espera,
 Brando rogo antepondo a dura força;
 Mas vendo as preces vãs, lesada a gloria,
 Horrida co'a braveza a que anda affeito,
 Crua, espantosa, natural ao vento,
 E da razão munido, assim declama:

«Porque, porque depuz, insano, as armas,
 Fereza, robustez, e voz terrivel,
 Usando o rogo, que a meu ser não quadra?
 Só me convém, me é propria a força, a ira:
 Com ellas arrebató as altas nuvens,

Com ellas em montanhas ergo os mares,
 Torço os carvalhos, endureço as neves,
 A redonda saraiva arrojô á terra:
 E se os bravos irmãos nos céos encontro,
 (Que vós, oh vastos céos, vós sois meus campos)
 Com tanta audacia, tanta furia lucto,
 Que nosso embate horrendo atroa o pólo,
 E d'entre a cerração rebenta o raio.
 Se o gran seio investigo á curva terra.
 Se ás intimas cavernas metto os hombros,
 Turbam-se os manes, estremece o mundo.
 Dest'arte me cumpria haver a esposa,
 Devia usar da força em vez das preces,
 Não rogar Erethêo, mas constrangel-o.»

Isto, ou mais Bóreas diz, e as azas bate,
 E abana as terras, e revolve as ondas.
 Pelos cumes altissimos dos serros
 Manto pulverulento o deus arrasta;
 Varre o chão, e escondido em nevoa grossa,
 A timida Oríthya envolve, abraça
 Co'as fulvas pennas, e remonta o vôo.

Em quanto adeja rapido com ella,
 As flammag agitadas mais se atêam:
 E na aérea carreira impetuosa
 O activo roubador se não reprime,
 Até que pouza nos Sithonios muros.

Ali a Actéa, singular princeza
 Esposa foi do aligero tyranno,
 A mãe dos gemeos inclitos, que abriram
 Não vistos mares no baixel primeiro.

Progne, Tereo e Philomela

(Traduzido do Livro VI)

Barbaros esquadrões, que o mar trouxera,
 As muralhas de Athenas aterravam.
 Terêo, da Thracia rei, com presto auxilio
 A' cidade acudiu, e os pôz em fuga,
 Colhendo na victoria egregio nome.

O grato Pandion ao gran monarcha,
 Nas forças, na opulencia abalisado,
 E alta progenie do immortal Gradivo,
 Deu, como em recompensa, uma das filhas:
 O uniu com Progne em vinculo amoroso.

Ao rito, á festa nupcial não foram
 Presidente Hymenêo, pronuba Juno;
 Nenhuma das tres Graças veiu ao toro:
 As horrorosas Furias o erigiram,
 Em torno d'elle as horrorosas Furias
 Nas dextas negrejantes empunharam
 Tochas, roubadas a funerea pompa.
 Sobre o docel do thalamo sinistro
 Pousou na infausta noute ave agoureira;
 Muda assistiu ao conjugal mysterio:
 Ante ella esposos foram, paes ante ella.
 Co'a vergontea dos reis a Thracia folga,
 Mil incensos aos céos, mil graças manda,
 E a festejo annual consagra o dia
 Em que ao feroz Terêo foi Progne dada,
 Em que o fructo de amor, Itys mimoso
 Veiu dar gloria aos paes, e ao longo estado:
 Tanto o mortal ignora o que lhe é util !

Cinco vezes o sol já voltara
 Os céos, de primavera em primavera,
 Quando Progne, afagando o duro esposo,
 «Se um favor te mereço, ou me conduze
 A abraçar minha irmã (lhe diz) ou corre,
 Corre a buscal-a, Ao sopro encanecido
 Jura restituil-a em curto espaço.
 Uma impagavel dadiva, um thesouro
 Na irmã te deverei.» Terêo se aprompta,
 Arma os curvos baixeis, e a véla. os remos
 Pelo porto Cecropio se introduzem.

Já surge, e do Pirêo já desce ás praias,
 Ledo o recebe o sogro, as mãos apertam,
 Travam conversação com triste agouro.
 O Thracio a referir em fim começa
 Os desejos, as supplicas da esposa,
 E a affirmar o promptissimo regresso.
 Ante elles Philomela eis apparece,
 Rica em traje, riquissima em belleza,

Como ouvimos dizer que nas florestas
As Dryades, as Nayades passeara,
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.
Terêo, á face da estremada virgem,
Fica absorto, encantado, arde em silencio,
Qual flamma, que, nos campos ateadas,
A relva, as folhas, as searas come.
Da bella os olhos este ardor merecem;
Mas férvido appetite impetuoso
Pula no peito do anciado amante,
E a torpe, viciosa natureza
Do seu clima brutal, propenso a Venus.
Cego anhelando a candida donzella,
Impulsos tem de corromper-lhe as servas,
E a mãe segunda, que a nutria ao seio.
Não só deseja obter por dons sublimes
A origem da paixão, que o desespera,
Mas estragar por ella o mesmo imperio,
Ou antes arrancal-a, e defendel-a
Em pertinaz confhcto, em brava guerra:
Nada vê, que não ouse, ou que não tente
Seu criminoso amor desenfreado.
No acceso coração não cabe a chamma,
A demora fatal soffrer não póde.

Da saudosa consorte eis o perverso
As preces, as instancias exaggera,
E nos desejos d'ella os seus disfarça:
Energia, e facundia Amor lhe empresta.
Quando além do que é justo eleva o rogo,
De Progne com o ardor o córa, o doura:
Té lagrimas co'as supplicas mistura,
Como oue fossem lagrimas da esposa.
Oh deuses! Quanto é cega a mente humana!
A maldade em Terêo se crê virtude:
No crime, na traição louvor grangêa.

Onde, ah! onde, innocente Philomela,
Queres ir c'um tyranno ! Eil-a amorosa
Aperta o triste pae nos lindos braços;
O bem de ver a irmã com ancia pede,
Pela irmã contra si de orar não cessa.
Com famulentos olhos a devora
O soffrego Terêo, pasmado n'ella,

E, tocando-lhe, a insta a que affervore,
A que duplique as supplicas urgentes.
Os braços, com que cinge o patrio collo,
Os beijos, que na mão paterna imprime,
Tudo aviva os estimulos, o fogo,
O tacito furor, que o vae ralando.
Quantas vezes a filha ao pae se abraça,
Tantas de o pae não ser ao Thracio peza:
Mais torpe fôra então, mais impio fôra,
Ambos o velho rei com rogos vencem;
Ella folga, ella exulta, e dá mil graças

Á paternal bondade: a si, e a Progne
O que lhes é fatal propicio julga.

Sómente um curto giro ao sol já resta;
Os ferventes cavallo espumosos
Batem soberbos no declive Olympo:
Aprestam-se as reaes, as lautas mezas,
Aureo liquor borbolha em aureas taças:
Depois o grato somno aos olhos vôa.
Mas, longe dos encantos que o transportam,
Não dorme, não repousa o fero amante:
Arde, e pinta na idéa a face, os olhos,
Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhara,
E finge, como o quer, o que não vira:
Ao prazer afferrado o pensamento,
Lhe atiga a flamma, lhe desvia o somno.

Luziu a aurora, e Pandion, chorando,
Ao genro, cuja mão saudoso aperta,
O querido penhor commette, e roga
Que o guarde, que o vigie. «Amadas filhas,
«Vós assim o quereis (diz soluçando)
E tu tambem, Terêo. Pois causa justa
Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,
Eis a filha te dou. Por mim, por ella,
Pela fé, por ti mesmo, e pelos numes
Te imploro a amimes com amor paterno,
E que este dôce allivio de meus annos,
(Annos cançados já) me restituas,
Cedo, ah !... Cedo. Não tardes, não me enganes,
Que longa me será qualquer demora.
Tu, tambem; se tens dó de um pae magoado,
Vem logo, oh filha minha, oh meu thesouro:

Bem basta tua irmã viver tão longe. »

Assim fallando, o misero a beijava,
E as lagrimas na face lhe caíam,
Depois que a dextra mão por segurança
Um ao outro pediu, deu um ao outro,
O ancião consternado á prole, ao genro
Para o neto mimoso, e filha ausente
Dá mil tenras saudades, mil suspiros:
Apenas balbucia entre soluços
O lacrimoso adeus, presagio triste,
Carrancudo terror lhe sobe á mente.

Em pintado baixel eis Philomela,
Eis o remo a compasso as ondasolve
O mar ferve na prôa, e foge a terra.
«Vencemos, (diz o barbaro) vencemos!
Meus desejos, meus gostos vão comigo.»
E exulta, e póde apenas moderar-se,
Reter a execução de atroz intento.
Nunca os olhos distráe do objecto amado,
Bem como a carniceira ave de Jove,
Que tem bico revoltado, e curvas garras.
Fraca lebre depõe no aéreo ninho:
Conhece que fugir não póde a preza,
Seguro o roubador contempla o roubo.

Já do equoreo caminho os vasos leves
Venceram a extensão; já fatigados,
No patrio fundo as ancoras arrojam.
O audaz, Threicio rei a antiga selva,
A deserto palacio tenebroso
Guia de Paudion a triste filha,
Ali, pallida, trémula, chorosa,
Pela irmã perguntando inutilmente,
Em remoto aposento o monstro a cerra-
Phrenetico lhe expõe o amor nefando,
E com força brutal, com fera insania
Mancha, corrompe a virginal pureza
Da misera, que em vão mil vezes clama
Pelo pae. pela irmã, por vós, oh numes !

Ella ainda depois está tremendo,
Qual cordeira mansissima, que ao lobo
Foi por bravo rafeiro arrebatada,
E nem comtudo então se crê segura;

Ou qual candida pomba, que escapando
D'entre as unhas mortaes do açor cruento,
Tintas no proprio sangue as alvas pennas.
Se arripia de horror, e inda se teme
Do rapido inimigo. Em fim, tornando
A ter alento, e voz a profanada,
Lastimosa princoza, estraga, arranca
Os formosos cabellos desgrenhados ;
Fere e peito gentil, desfaz-se em pranto,
E, alçadas para os céos as mãos de neve,
«Oh barbaro! Oh traidor! Oh tigre! (exclama)
Nem supplicas de um pae curvado, e triste,
Nem a fraterna fé, que me devias,
Nem da inerme innocencia o puro estado,
Nem as leis conjugaes te commoveram !
Todas tens quebrantado: os teus furores
Mancham duas irmãs com torpe affronta...
(Pena tão dura não mereço, oh numes !)
Para não te escapar nenhum delicto,
Ah! que fazes, cruel, que não me arrancas
Uma vida infamada, abominosa ?
E oxalá, que a tivesse arrancado
Antes do horrivel, execrando incesto !
Ao Lethes minha sombra fôra illesa.
Porém se os deuses tem poder, tem olhos,
Se tudo em fim não pereceu comigo,
Castigado serás; serei vingada:
Sacudido o pudor, direi teu crime.
Se entre povos me achar, sabel-o hão povos,
Se entre bosques por ti ficar sumido,
Os meus males farei saber aos bosques,
Farei saber ás pedras os meus males,
E hei de apiedar com elles bosques, pedras.
Este firme protesto os céos me escutem,
E um Deus, se acaso um Deus no céu reside !»

Com estes ameaços o tyranno
Sente no coração ferver-lhe a raiva,
Mas não menor que a raiva é n'elle o medo;
E de uma, e de outra cousa estimulado,
Da lustrosa bainha o ferro despe,
E ás tranças da infeliz a mão lançando,
Em duros nós lhe enlêa os tenros braços.

Inclina Philomela o niveo colo,
Da espada, que vê nua, espera a morte;
Mas o duro, o feroz, por mais que a triste
Lucte, resista, invoque o patrio nome,
Com rígida torquez lhe afferra a lingua,
A lingua, que fallar em vão procura,
Lh'a extráe da boca, e rapido lh'a corta.
A purpurea raiz lhe nada em sangue,
Cae o rosto no chão, murmura, e treme.
Qual da escamosa serpe mutilada
A cauda palpitante, e moribunda,
Que ao corpo em que viveu pretende unir-se.

Completa a negra acção, se diz que o monstro
Inda mais de uma vez (horror não crivei !)
Cubiçou, repetiu prazer infame.

Depois de tão crueis, tão feios crimes,
Atreve-se o malvado a ver a esposa.
Progne entre sustos pela irmã pergunta:
Elle exhala do peito um ai fingido,
Diz que é morta, e com lagrimas o abona.

Das régias vestiduras se despoja,
Traja a sentida Progne escuras vestes,
Erige um vão sepulchro, e sagra n'elle
Inuteis oblações a falsos manes,
Carpindo a irmã, que assim carpir não deve.

Já tem corrido Apollo as doze estancias
Depois do caso enorme. Ah ! Philomela
Que fará ? Guarda attenta impede a fuga,
Rijos muros de marmore a rodêam,
Seu mal narrar não póde a muda boca.
Tens, oh necessidade, agudo engenho,
Ás grandes afficções industria acode.
Subtil, candida têa urdindo a furto,
Entre alvos fios põe purpureas letras,
Indicios da ferina atrocidade,
E do sagaz lavor ao fim chegando,
O confia em segredo a meiga escrava,
Lhe roga por acções o léve a Progne:
Ella o conduz, e o que Conduz não sabe.

Eis a rainha desenvolve a téla,
E lê, e entende a miseranda historia,
E cala-se (calar-se é quasi incrível !)

A dôr lhe tolhe a voz; termos, que expressem
 A sua indignação, Hão tem, não acha;
 Nem se occupa em choror: confusa, absorta,
 Mil horrendas tenções volve na mente,
 E embebe-se na imagem da vingança.

Era o tempo famoso, oh deus de Thebas,
 Em que as Sithonias moças te festejam.
 Aos ritos bacchanaes preside a Noute;
 No Rhódope de noute a voz aguda
 Dos éreos instrumentos vae soando,
 E de noute a rainha os paços deixa.
 Do deus nas ceremonias já se instrue,
 Já toma as armas furiaes, já cinge
 A cabeça de pampanos, e pendem
 Pelles cervinas do sinistro lado;
 Ritual hastea leve ao hombro encosta.

Seguida das terriveis companheiras,
 Progne terrivel pelas selvas corse,
 E nos furores, que a paixão lhe excita,
 Vae simulando, oh Baccho, os teus furores.
 Chega á dura prisão de Philomela,
 Brama, grita: «Evohé!» E arromba as portas;
 Arranca a triste irmã do horror que a cerca,
 Nas bacchias insignias a disfarça,
 Recata-lhe as feições co'as folhas de hera,
 E a conduz assombrada aos regioz muros.

Vendo que toca o pavimento infando,
 Philomela infeliz treme, descora.
 Mettidas em recondito aposento,
 Progne d'afflicta irmã descobre as faces,
 As faces lacrimosas, e inda bellas;
 Terno abraço lhe dá, mas pôr lhe os olhos
 Não ousa a desgraçada, e se horrorisa
 De haver sido (apezar de o ser sem culpa)
 Cumplice, origem da fraterna offensa.
 O macerado rosto unido á terra,
 Jurar tentando, e referir-se aos nunes,
 Não podendo co'a voz, co'as mãos exprime
 Que a violencia lhe fez tão vil opprobrio.

Arde Progne, conter não sabe as iras;
 Da malfadada irmã condemna o pranto.
 «Lgrimas (diz) não servem, serve o ferro,

Ou cousas mais crueis que o ferro: a tudo,
 Por barbaro que seja, estou disposta.
 Ou tragarei co'a chamma os regios lares,
 Suffocando no ardor das igneas ondas
 O artifice infernal da injuria nossa;
 Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve
 Parte na torpe acção, n'acção maldicta,
 Co ferro hei de arrancar, ou por cem golpes
 A vida roubarei ao impio monstro.
 São grandes, são terriveis quantos modos
 De vingança ideei, porém vacillo
 Na escolha do peor.» Em quanto Progne
 Falla assim, para a mãe vem caminhando
 Itys, o terno principe formoso.

A' rainha, «ao sentil-o, ao vêl-o, occorre
 Nova maneira de vingar a infamia,
 E, vibrando-lhe os olhos assanhados,
 «Ah ! Como ao pae na fórma é semelhante !»
 Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe
 Acto espantoso, e ferve em ira muda

Comtudo, ao tempo em que o menino amavel
 A saúda com jubilo amoroso,
 E os bracinhos gentis lhe altêa ao collo;
 Quando o vê misturar beijos suaves
 Com dôces mimos, com puerís branduras,
 Um tanto se commove a mãe raivosa,
 E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.
 Porém do coração, que bate, e arqueja,
 Já se desliza o mavioso affecto.
 De novo á triste irmã volvendo os olhos,
 E ora n'ella attentando, ora no filho,
 «Porque falla, e me attráe com mil caricias
 Um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra !
 Este, oh céos ! Livrementemente a mãe nomêa,
 E aquella nomear a irmã não póde !
 Olha, vê com que esposo estás ligada,
 Filha de Pandion ! Tu degeneras:
 Com Terêo a piedade é crime horrendo.»

Não continúa, e subito, á maneira
 D'um tigre da gangetica espessura,
 Que por bosques opacos arrastada
 Da veloz corça leva a tenra cria,

Progne as mãos arremessa ao delicado,
 Ao candido filhinho, e vae com elle,
 E com a irmã cerrar-se em erma estancia.

Ali ao infeliz, que já conhece
 Os negros fados seus, que as mãos levanta,
 Que treme, que prantêa, e que se abraça
 Ao seu querido algoz «Mãe! Mãe!» clamando,
 Ali ao infeliz no peito embebe
 A vingativa Progne agudo ferro:
 Nem torce o rosto, nem repete o golpe,
 Que um só golpe lhe rompe o debil fio.

Philomela o degola, e dilacera
 Os membros em que ha inda um resto d'alma.
 Já parte d'elles pula em éneos vasos,
 Parte range em subtil, duro instrumento:
 Vae pelo chão correndo o sangue em rios.

Das cruentas porções a fera esposa
 Prepara detestaveis iguarias
 Ao marido infiel, que tudo ignora.
 Um sacrificio finge ao patrio modo,
 No qual um só varão ter deve ingresso:
 Servos, e cortezãos assim remove.

Assoma já Terêo no throno herdado,
 E em alta, festival, purpurea meza
 Come parte de si, devora o filho:
 Tanta cegueira lhe ennegrece a mente !
 «Itys aqui trazei» (diz elle). Eis Progne
 Dissimular não póde o gosto infando,
 E, resolvendo em fim manifestar-se,
 «Tens dentro (lhe responde) o que desejas.»
 Elle olha em torno de si, pergunta: «Aonde?»
 E de novo procura, e chama o filho.
 Mas n'isto Philomela, em sangue envolta,
 Olhos accezos, desgrenhada a trança,
 Entra, e do filho a mádida cabeça
 As faces paternaes subito arroja.

Não teve em tempo algum tanto desejo
 De fallar, de poder com agras vozes
 Patentear seu jubilo ao tyranno.
 Elle sólta um clamor, que atrôa as salas;
 Derriba a fatal meza, invoca as Furias,
 E ora tenta expulsar com ancia horrenda

As tragadas, funestas iguarias,
 Ora lagrimas véрте, e de seu filho
 Sepulchro miseravel se nomêa.

Em fim de Pandion persegue a prole,
 Brandindo o ferro nu com mão tremente.
 O corpo das cecrópidas parece
 Que em azas se equilibra, e não é sonho,
 Em azas se equilibra, e muda a fórma.
 Uma rapidamente aos bosques vôa,
 Outra, egual na presteza, aos tectos sóbe,
 E do assassínio as máculas não perde:
 Inda do rubro sangue desparzido
 Evidentes signaes lhe estão no peito.

Terêo, fóra de si, e arrebatado
 Pela dôr, pelas furias da vingança,
 Ave adeja tambem, que na cabeça
 Traz erguido penacho, e tem por armas
 Longo bico mordaz: seu nome é poupa.

O successo fatal, sabido apenas
 Despenhou Pandion na sepultura.

A descida de Orpheu aos infernos a buscar Eurydice

(Traduzido do Livro X)

De rutilantes vestes adornado
 Hymênêo rompe o ar, e á Thracia vôa,
 Lá d'onde o chama Orpheu, porém de balde.

O deus sim presidiu do vate ás nupcias,
 Mas não levára ali solemnes vozes,
 Nem presagio feliz, nem ledô rosto.
 Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,
 E em vez de viva luz soltar um fumo
 Lutuoso, e fatal: vãmente o nume
 Tentou c'o movimento erguer-lhe a chamma.
 O effeito foi peor que o mesto agouro.

Em quanto a linda noiva os prados gira,
 Das nayades gentis acompanhada,
 Áspide occulto fere o pé mimoso:
 Morre a moça infeliz, e o triste amante

Depois de a lamentar aos céos, e á terra,
Emprehende commover do inferno as sombras,
Affouto desce a voz, Tenarias portas.

Por entre baralhada, aerea turba
Cujos restos mortaes sepulchro logram,
Aos negros paços vae do rei das trevas,
Vê do tyranno eterno o throno horrendo.
Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,
As deidades crueis lá diz: «Oh deuses,
Deuses do mundo sotoposto á terra,
No qual se ha de sumir tudo o que existe !
Se acaso a bem levaes que ingenuas vozes
O artificio removam, crede as minhas.
Não venho para vêr o opáco Averno,
Nem para agrilhoar as tres gargantas
Do monstro Medusêo. que erriçam cobras.
Attráe-me ao reino vosso a morta esposa,
A quem pizada vibora o veneno
Nas vêas desparziu, a flôr murchando
Dos annos festivaes, inda crescentes.
Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.
Este deus é nos céos bem conhecido,
Aqui não sei se o é, mas se não mente
No rpto que pregôa antiga fama,
Vós tambem pelo Amor ligados fostes.
Ah ! por este logar, que abrange o medo,
Por este ingente cahos, silencio vasto,
Que do profundo imperio o seio occupam,
De Eurydice gentil á dôce vida
O fio renovae, tão cedo roto.
Ella, todo o immortal vos é devido,
Vem tudo, agora, ou logo. á mesma estancia,
Para aqui pende tudo, é este o nosso
Derradeiro, infallivel domicilio;
Vós tendes, vós gozaes, a vós compete
Da especie humana o senhorio immenso;
A que exijo de vós ha de ser vossa
Por inviolavel jus, por lei dos Fados,
Tocando o termo da vital carreira:
O uso do meu prazer em dom vos peço.
Se e Destino repugna ao bem, que imploro,

Se a esposa me retêm, sahir não quero
D'este horror: exultae co'a morte de ambos.»

O triste, que assim une o verso á lyra,
Os exangues espiritos deploram:
A fugaz lympha Tantalo não corre:
A roda d'Ixion de assombro pára:
Os abutres crueis não mordem Ticio,
As Bélides os crives cahir deixam,
Tu, Sisypho, te assentas sobre a pedra.
Das vencidas Euménides é fama
Que pela vez primeira os negros olhos
Algumas tenues lagrimas verteram.
Nem a esposa feroz, nem Dite enorme
Ousam negar piedade ao vate orante,
Chamam subito Eurydice. Envolvida
Entre as recentes sombras ella estava:
Eis o mordido pé manso, e manso.
Recebe o thracio Orpheu co'a bella esposa
Lei de que para traz não volte os olhos
Em quante fôr trilhando o feio abysmo,
Se nulla não quizer a graça extrema.
Por duro, esconso, desigual caminho,
De escuras, bastas névoas carregado,
Um apoz outro es dous, vão em silencio:
Já do tartáreo fim distavam pouco.

Temendo o amante aqui perder-se a amada,
Cubiçoso de a vêr, lhe volve os olhos:
De repente Ih'a roubam. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o misero sómente o vento abraça.
Ella morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do esposo; e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido;
E recáe a infeliz na sombra eterna.

Fica attonito Orpheu co'a dupla morte
Da malfadada esposa, com aquelle
Que n'um dos collos viu com rijos ferros
Preso, arrastado á luz o cão trifauce,
E que o mudo pavor despiu sómente
Quando despiu a natureza humana,
Transformado em rochedo immoto, e frio;

Ou qual o que a si mesmo impôz um crime,
 Oleno, que de réo quiz ter o nome
 Por te salvar, miserrima Letéa,
 Orgulhosa de mais com teus encantos,
 Tu, que foste c'o esposo outr'hora uma alma
 Repartida em dous corpos, que hoje és pedra
 Com elle, e juntos no Ida estaes sustidos.

O estygio remador expulsa o vate,
 Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.
 Sete dias jazeu na margem triste
 Sem nutrimento algum: só a saudade,
 As lagrimas, a dôr o alimentaram.

Depois de prantear vossa fereza,
 Numes do inferno, ao Rhódope se acolhe,
 E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.
 Dera o giro annual tres vezes Phebo,
 E sempre o terno Orpheu de amor fugia,
 Ou porque o mal passado o refreava,
 Ou porque eterna fé jurado houvesse
 A miseranda esposa: repulsadas
 Mil bellas nymphas seus desdens carpiram.

Cinyras e Myrrha

(Traduzido do Livro X)

*Do crime os quadros a virtude apuram.
 Esmalta-se a moral no horror ao crime.*

O TRADUCTOR.

Cinyras, um dos reis da equorea Chypre,
 Podéra numerar-se entre os ditosos,
 Se próle não tivesse. Eu determino
 Cantar cousas terriveis: longe, oh filhas,
 Lono-e, oh paes!... E se acaso as mentes vossas
 Ficaram de meus versos attrahidas,
 Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;
 Ou, crendo o caso atroz, crêde o castigo:
 Se permite, com tudo, a Natureza
 Que tão negros horrores a enxovalhem.

Feliz a Ismária gente, o mundo nosso,
 Que jáz distante do brutal, do indigno
 Paiz onde nasceu paixão nefanda !
 Embora seja fértil, seja rica
 De mil perfumes a Panchaica terra,
 Tenha alta fama em arvores, em flôres,
 Dê custo redolente, e grato amomo,
 N'ella cheiroso incenso os troncos súem,
 Que a myrrha, que produz, a faz odiosa:
 Não vale o que ha custado a nova planta.

Nega o filho de Venus que em teu peito
 Seus lustrosos farpões cravasse, oh Myrrha!
 Vinga seu facho da supposta infamia.
 Com o estygio tição, e inchadas cobras
 Vibrou lethal vapor sobre a tua alma
 Uma das tres irmãs. Ao pae ter odio
 Se é gravissimo crime, é crime horrendo
 Amal-o como tu. Por tí suspiram,
 Ardem por tí mil principes famosos;
 Mil brilhantes mancebos do oriente
 Contendem pela gloria de gosar-te:
 Um de tantos heróes escolhe, oh Myrrha,
 Mas não seja o que tens no pensamento.

Em criminoso amor ella se inflamma,
 Em criminoso amor ella repugna,
 E diz comsigo: «Onde me leva a, mente !
 Que espero, que imagino ! Eternos deuses !
 Sancta religião ! Sanctos deveres !
 Direitos paternaes ! Tolher-me o crime,
 Refreae meu furor, minha maldade;
 Se com tudo é maldade o que em mim sinto.
 Tão dôce propensão porque a reprovam ?
 Os livres animaes amam sem culpa,
 Sem culpa gosam, e a união do sangue
 Mais suave união lhes não prohibe.
 Felizes animaes, feliz destino !
 Creou penosas leis o orgulho humano,
 Negando o que permite a natureza.
 E' constante porém que existem povos,
 Que ha gentes entre as quaes a mãe ao filho,
 A filha se une ao pae, e as leis do sangue
 Com duplicado amor se arreigam n'alma.

Oh ! misera de mim ! Porque não tive
A dita de nascer n'aquelles climas?
Minha patria é meu mal... que idéas nutro !
Vedadas, importunas esperanças,
Ah! Ide-vos: o pae de amor é digno,
Mas sómente do amor que aos paes se deve.
Se filha de Cinyras eu não fosse,
Podéra de outro modo amar Cinyras;
E' meu como o céo quer, não como eu quero,
Aparta-nos fatal proximidade:
Se não fôra o que sou, feliz seria.

A remoto paiz correr desejo,
Fugindo á patria por fugir ao crime;
Mas o nocivo Amor detem meus passos;
Quer que veja Cinyras, que lhe falle,
Que o beije, se aspirar a mais não posso...
E mais, oh impia, a cubicar te atreves !
Não vês que nomes, que razões confundes !
Rival da mãe serás ! Irmã do filho !
Mãe do irmão ! Não recêas, não te aterram
As negras Furias, de vipérea grenha,
Que os olhos dos perversos horrorizam,
Que ás almas corrompidas se arremessam,
Brandindo o facho de sulphurea chamma !
Pura no corpo, no animo sê pura ;
Não profanes, oh cega, não profanes
Da natureza o vinculo sagrado !
Suppõe que affecto egual no pae fervia,
Suppõe que era contigo o que és com elle:
Alta virtude lhe opprimira o gosto,
Sacrosanto dever a amor obstára...
Mas se o que sente a filha o pae sentisse,
Que importára o dever...» — Calou-se, e em tanto
Cinyras, a quem traz irresoluto
A turba dos excelsos pretensores,
Para em fim decidir consulta a filha,
Um a um lh'os nomêa, e d'ella inquire
Qual d'elles mais lhe apraz, que esposo elege.
Em silencio, no pae fitando os olhos,
Arde a triste, e lhe luz na face o pranto.
De virgineo temor crê isto effeito
O illudido Cinyras: que não chore

A' filha pede, as lagrimas lhe enxuga,
 E une a ternas palavras ternos beijos.
 Myrrha folga com elles; e, obrigada
 Do pae que lhe insta, que outra vez pergunta
 Qual dos amantes quer: «Um (lhe diz ella)
 Um quero igual a ti.» Louva Cinyras
 A resposta sagaz, que não penetra.
 «Tão pios sentimentos nutre, oh filha,
 Conserva essa virtude.» (O rei lhe torna)
 A' palavra «virtude» abaixa os olhos
 A misera, por vêr que a desmerece.

Era alta noute; os corpos, e os cuidados
 Em suave prisão ligára o somno;
 Mas a Cinyrea virgem desvelada,
 Da indomita paixão curtia as furias,
 Louca, fóra de si. Já desespera,
 Já quer tentar abominosa empreza:
 Pejo, remorso, amor lhe luctam n'alma;
 Não sabe o que fará. Qual tronco ingente
 Em que abriu fenda o rustico instrumento,
 Agora pende a um lado, agora ao outro,
 Por toda a parte ameaçando a queda:
 Assim, de impulsos varios combatido,
 Vacilla o coração da acceza virgem;
 Anda de sentimento em sentimento,
 E asylo contra Amor só vê na morte.
 A morte em fim lhe agrada, e quer, e ordena
 Perder n'um laço urgente a vida acerba.
 Em alta, longa trave o cinto prende,
 E diz com surda voz: «Adeus, Cinyras,
 Do meu tragico fim percebe a causa.»
 N'isto accommoda o laço ao niveo collo.
 Mas o murmurio das sentidas vozes
 Vae aos ouvidos da fiel matrona,
 Que aos peitos a creou, que a serve, e guarda,
 Repousando no proximo aposento.

Surge, corre, abre as portas, vê pendente
 O instrumento da morte, e solta um grito;
 Magôa o peito, as faces, e lançando
 As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,
 Em pranto se desfaz, abraça a triste,
 Da desesperação lhe inquire a causa.

Muda fica a donzella, e de olhos baixos,
 Com pena de escapar-lhe o bem da morte.
 Insta a velha matrona amargurada,
 E ora lhe mostra o peito a que a nutrirá,
 Ora os cabellos, que mudou a idade;
 E pelo antigo, maternal desvelo,
 Pelo dôce alimento, e dôce afago
 Com que a tractára na mimosa infancia,
 Lhe implora a confissão do mal que sente.
 Myrrha volta o semblante, e geme, e cala;
 Mas a velha importuna as preces dobra,
 E, além de prometter-lhe alto segredo,
 Lhe diz: «Consente, que eu te preste auxilio;
 Frouxa, inutil não é minha velhice.
 Se um phrenesi te deu, com magos versos,
 Com hervas virtuosas sei cural-os:
 Se olhos maus te empeceram, não te assustes,
 Serás purificada em mago rito.
 Se é cholera dos céos abrandaremos
 A cholera dos céos com sacrificios.
 Que mais te hei de suppôr? Tu não provaste
 Golpe algum da fortuna: és adorada,
 És feliz: tua mãe, teu pae são vivos...»
 Ao patrio nome um ai do peito arranca
 A inflammada princeza, e bem que a velha
 Do suspiro não vê a origem torpe,
 Que nascera de amor suppõe comtudo.
 Tenaz em seu proposito, não cessa
 De explorar-lhe a razão do que padece;
 Ao seio a chega, e n'um estreito abraço,
 «Amas, bem sei (lhe diz) temor não tenhas;
 Falla, quem é o amante? A industria minha
 Fará com que teu pae nunca o suspeite.»

N'um subito furor lhe sáe dos braços
 A anciosa donzella, e sobre o leito
 As faces apertando, eis diz: «Ah! Foge,
 Ah! deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,
 Deixa-me, ou cessa de indagar meus males:
 O que intentas saber é crime horrendo.»
 A rugosa matrona, ouvindo-a, treme;
 As mãos, co'a idade, e c'o temor convulsas,
 Levanta, aos pés lhe cáe, e ora com mimos,

Ora com ameaços quer vencel-a.
 Protesta-lhe, se em fim lhe não descobre
 O terrível segredo, ir accusal-a,
 Ir declarar ao pae tudo o que vira:
 Protesta-lhe tambem que, se a contenta,
 Ha de ajudar-lhe os tácitos amores.

Ergue a cabeça a misera donzella,
 De lagrimas lhe inunda o seio annoso;
 Mil vezes quer fallar, fallar não póde,
 E o lacrimoso aspecto envergonhado
 Tapa co'as lindas mãos, até que exclama:
 «Oh feliz minha mãe com tal consorte !»
 Mais não disse, e gemeu. Subito á velha
 Um frígido tremor penetra os membros,
 As carnes, os cabellos arripia.
 Ella entende o terrífico mysterio,
 E quer com mil conselhos vêr se applaca
 A detestavel chamma incestuosa.
 Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,
 Sabe que morrerá, se o fim não logra
 Dos activos, phreneticos desejos.

«Vive (lhe torna a fragil conselheira)
 Em breve gosarás de teu...» Não ousa
 Dizer pae, e com sacro juramento
 Sellou no mesmo instante impia promessa.

As festas annuaes da flava Céres
 Então as mães piedosas celebravam;
 Com roupas côr de neve então cobertas,
 Davam louras primicias das searas
 A' deusa tutelar, urdiam c'rôas
 Das proveitosas messes, e se abstinham
 Do tacto varonil por nove noutes:
 De amor lhe era o prazer então defeso.

Do Paphio rei a esposa ás mais se aggrega,
 E com ellas exerce o rito augusto.
 No tóro conjugal só jaz Cinyras.
 Eis a velha subtil vae ter com elle,
 Que perturbado está de cyprio nectar,
 E de uma illustre virgem lhe declara
 Verdadeira paixão com falso nome.
 Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos,
 Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,

* D'elle exigindo consentir que expire

* O virginal pudor na escuridade.

Os annos da donzella o rei pergunta:

«E' (lhe torna a sagaz) igual a Myrrha.»

Ordena-lhe que subito a conduza;

Volve ao seu aposento a seductora,

E á virgem diz: Alegra-te, princeza,

Vencemos.» — Não sentiu a malfadada

Gosto completo, o coração presago

Não sei que lhe annuncia; inda assim folga:

Tanto em discordia traz os pensamentos !

Era o tempo em que reina alto silencio;

Na immensa esphera o gélido Bootes

Entre os frios Triões volvia o carro.

A donzella infeliz caminha ao crime:

Envolvem densos véos a eburnea lua,

Negro, térreo vapor enluta os astros,

Dos claros lumes seus carece a noute.

Icaro, tu primeiro o rosto escondes,

E Erígone piedosa, a prole tua,

Do filial amor sagrado exemplo.

Tres vezes a misérrima tropeça:

Como que o céo lhe diz que retroceda:

Tres vezes sólta ao ar agouro infausto

No lugubre clamor funéreo môcho:

Ella, comtudo, não suspende o passo;

A muda escuridão minora o pejo.

Leva a sinistra mão na mão rugosa

Da torpe, abominavel conductora,

E vae co'a dextra tenteando as trévas.

Da estancia paternal já chega á porta,

Abrem-lh'a já, já entra: os pés fraquêam,

Foge a côr, fuge o sangue, e cáe o alento.

Quanto da atrocidade está mais perto,

Tanto mais se horrorisa, e se arrepende,

E deseja voltar desconhecida.

A infame confidente a vae puxando;

Do rei com ella ao thalamo se encosta,

E diz-lhe: «o que eu conduzo é teu, recebe-o.»

Eis no thalamo o pae recebe a prole,

E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe

Com mil caricias o virgineo medo.

Pela idade, talvez, lhe chama filha,
 E ella chama-lhe pae (ao negro crime
 Nem taes nomes faltaram). D'entre os braços
 Do incestuoso amante em fim se aparta
 Myrrha, levando em si da culpa o fructo.
 Coube á noute seguinte o mesmo opprobrio,
 E outras mais d'este horror manchadas foram.

Finalmente Cinyras, cubiçoso

De vêr o objecto, que entre sombras gosa,
 Com repentina luz, que tinha occulta,
 Encara, e reconhece o crime, e a filha.
 O excesso da paixão lhe embarga as vozes;
 Cholerico se arroja ao duro ferro.
 Foge Myrrha, e da morte a noute a salva,
 Foge Myrrha infeliz, discorre os campos,
 Sâe da Arabia Palmífera, e Panchéa.

Nove luas vagar sem tino a viram,
 Té que no chão Sabêo parou cançada.
 Já do fructo recondito, e molesto
 Apenas sustentar podia o pezo.
 Sem saber o que faça, o que deseje,
 Temendo a morte, aborrecendo a vida,
 Dest'arte implora o céo: «Numes ! Oh numes !
 Se ante vós aproveita ao delinquente
 Confessar seus delictos, eu confesso
 Que o meu crime é crédor d'alto castigo.
 E á pena que mereço eu me conformo.
 Mas porque nem vivendo affronte os vivos
 Oh deuses, nem morrendo affronte os mortos,
 Mudando a minha essencia, a minha fôrma,
 A morte me negae, negae-me a vida.»

Taes preces algum deus lhe ouviu propicio:
 Eis, abrindo-se a terra, os pés lhe sorve,
 E em subita raiz ao chão se afferram,
 Alicerce tenaz do tronco altivo.
 Os ossos ganham forças mais que humanas,
 Em succos vegetaes se torna o sangue,
 Os braços, que ergue ao céo, mudam-se em ramos,
 Os dedos em raminhos se convertem,
 E a lisa pelle em desigual cortiça.
 Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,
 Já vae cobrindo o collo: esta demora

Não soffreu a infeliz, curvou-se um tanto,
E o semblante gentil sumiu no tronco.

Bem que despisse a antiga intelligencia,
Chora comtudo, e d'arvore sensivel
Tépidas gotas inda estão manando.
Co'as lagrimas dá honra, co'a figura
Myrrha não perde o nome, e de evo em evo
Sua historia fatal será lembrada.

Midas convertendo tudo em ouro

(Traduzido do Livro XI)

Não contente Lyêo de ter vingado
A morte acerba do Apollineo vate,
Até dos campos barbaros se ausenta:
Como sequito melhor dirige os passos
A vêr do seu Tmolo as fartas vides,
E do Pactólo as margens, bem que ainda
Não tivesse o crystal mudado em ouro,
Nem co'as arêas suscitasse invejas.

Usada turba, satyros, bacchantes,
Folgavam junto ao deus, mas não Sileno:
Por phrygios montanhezes foi colhido,
Dos annos, e liquores titubante,
E preso em laços de travadas flôres,
A Midas, a seu rei o apresentaram.
Este do thracio Orpheu, do grego Eumolpo
Outr'hora as orgias recebido havia.
Dos sacrificios conhecendo o socio,
Vendo o mestre de Bromio, logo ordena
Do hospede á vinda geniaes festejos:
Dez dias, noutes dez a solemnisa.
Phosphoro já dos astros a cohorte
Pela undecima vez afugentara:
Risonho parte o rei aos Lydios campos,
Sileno restitue ao moço alumno.
Do achado preceptor Lenêo gostoso,
De qualquer dom a escolha off'rece a Midas.
Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,

Porque elle, usando mal do grande arbitrio,
 «Numen (lhe respondeu) manda que tudo,
 Que tudo o que eu tocar se torne em ouro.»

Ao rogo annue o deus, porém sentindo
 Que para dom melhor não fosse o rogo.
 Contente o phrygio vae do mal que leva,
 Quer da promessa exp'rimentar o effeito,
 Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,
 O braço estende a uma arvore não alta,
 Verde ramo lhe extráe, e é ouro o ramo:
 Do chão ergue uma pedra; a pedra é ouro:
 Roça um terrão, e ao tacto portentoso
 Fica o negro terrão lustrosa massa.
 Louras espigas n'um punhado arranca:
 Eil-o ja convertido em aurea messe;
 Um pomo tem na mão, colhido apenas
 Parece das Hespéridas um mimo.
 Se acaso os dedos põe nas altas portas,
 As portas de improviso estão brilhantes:
 Agua em que lava as mãos, das mãos caíndo,
 E tal que a Dânae seduzir podera.
 Tudo mudado em ouro imaginando,
 No peito a custo as esperanças cabem.

Os servos lhe aprestaram lauta meza,
 Mas de Ceres aos dons se a dextra move,
 Enrijam-lhe na dextra os dons de Céres;
 Se avido applica ao dente as iguarias,
 Lustram-lhe as iguarias entre os dentes;
 Une o liquor do nume, auctor do assombro
 Com agua crystalina, á boca os ergue:
 Da boca se deslizam pingos de ouro.

Attonito do mal terrível, novo,
 O opulento, o infeliz fugir deseja
 Das riquezas fataes, detesta o mesmo
 Que ha pouco appeteceu. Nenhuns manjares
 Podem matar-lhe a precisão que o mata:
 Árida sede tórta-lhe a garganta;
 O ouro mal cubicado é seu tormento,
 E' seu justo castigo. Aos céos alçando
 As mãos luzentes, os luzentes braços:
 «Perdoa, gran Lenêo, pequei, perdoa,
 Commove-te de mim (lhe diz) e afasta

D'um misero este damno especioso.»

Os deuses são benignos. Baccho ao triste,
 Que péza a culpa, que a maldiz, que a chora,
 A promessa retráe, e o dom funesto.
 «Mal para que não fique a ti ligado
 Mas, que julgaste um bem (lhe adverte o nume)
 Vae ao rio visinho á grande Sardes.
 Pelo cume da serra, ao lado opposto
 Áquelle d'onde as aguas escorregam
 Caminha até chegar onde ellas nascem.
 Na parte em que ferver mais ampla a fonte
 Mergulha, lava o corpo, e lava o crime.»
 Na apontada corrente o rei se banha,
 Aurífero virtude as aguas tinge,
 Passa do corpo de repente ao rio.
 No espraído liquor participando
 Do germe, que dourou a antiga vêa,
 E' fama que inda agora amarellejam
 Com mádidos terrões aquelles campos.

A gruta do aomno

(Traduzido do Livro XI)

Junto aos Cimmérios, n'um cavado monte
 Já's uma gruta, de ambito espaçoso,
 Interna habitação do somno ignavo.

Nos extremos do céo, do céo nos cumes
 Nunca lhe póde o sol mandar seus raios;
 A terra exhala escurecidas nevoas,
 O crepusculo incerto ali é dia:
 Ali não chama pela aurora o galo;
 Do logar o silencio nunca rompe
 Os solícitos cães, os roucos patos,
 Sagazes inda mais, mais presentidos.
 Não fera, não rebanho ali se escutam,
 Nem ramo algum, que os Zephyros embalem,
 Nem alterados sons de voz humana;
 O calado socego ali reside.

De baixa, e rôta pedra sáe, comtudo,

De agua do Lethes pequenino arroio,
Que, por entre os mexidos, leves seixos
Com murmurio suave escorregando,
Convida mollemente ao molle somno.
A boca da sombria, ampla caverna
Floreecem mil fecundas dormideiras;
Innumeraveiservas lá se criam.
De cujo sumo, oh Noute, extráes os somnos,
Que humida entornas pela terra opáca.
Porta alguma não ha na estancia toda:
Volvendo-se, ranger, bater podéra;
Ninguém vigia na fragosa entrada.

De ébano um alto leito está no meio,
E em negras plumas, que véo negro envolve,
Repousa o deus co'a languida Indolencia.
Emtorno; varias fórmassimitando,
Jazem os Sonhos vãos: são tantos quantas
Na loura messe as trémulas espigas,
Quantas na selva umbrosa as inoveis folhas,
E os grãos de arêa nas equoreas praias.

O Somno em tantos mil não tem ministro
Mais destro que Morpheu, que melhor finja
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,
A propria locução; porém somente
Este afigura os homens; outro em fera,
Em ave se converte, ou em serpente:
Icélon pelos deuses é chamado,
Os humanos Phobétor o nomeam.
Ha terceiro tambem de arte diversa:
E' Phantasos, que em pedra, em terra, em onda
Em arvore, e no mais, que não tem alma,
Subito, e propriamente se transforma.
Uns atterram de noute os reis, e os grandes;
Outros por entre o povo errantes voam.

Ésaco e Esperia

(Traduzido do Livro XI)

Esaco, irmão de Heitor, se não sentira
 Na flôr da bella edade extranhos fados,
 Gran nome entre os heroes talvez tivesse,
 E á fraterna igualasse a gloria sua;
 Posto que fosse Heitor de Hécuba filho,
 É Ésaco de Alexirhoe, a qual é fama
 Que a susto o produziu lá no Ida umbroso.

Aborrecendo a pompa das cidades,
 Remoto do paterno, insigne paço,
 Nos montes se escondia, amava os campos,
 Illesos de ambição: mui raramente
 No cortezão tumulto ía envolver-se.

O character, porém, bravo, agreste,
 Inimigo de Amor não tinha o moço.
 Um dia ás patrias margens a formosa
 Cebrena Hesperia viu, do sol aos raios
 A livre trança de ouro estar seccando;
 Hesperia, a quem mil vezes entre os bosques
 Já seguira infiammado. Ao vê-lo a nympha
 Com tanta rapidez foge do amante
 Qual do lobo voraz medrosa corça,
 Ou como a fluvial ádem ligeira
 Foge ás unhas crueis, se é assaltada
 Longe do lago pelo açor violento

Corre o troyano ardente apoz a ingrata,
 Persegue amor veloz o veloz medo:
 Eis serpe occulta no caminbo hervoso
 Volve á planta fugaz o curvo dente,
 Nas vêas lhe introduz mortal peçonha,
 Supprime a fuga, supprimindo a vida.

O misero amator, de mágoa insano,
 Abraça o lindo corpo agonisante.
 «Eu me arrependo (grita) eu mo arrependo,
 Nympha, de te seguir, mas não previa
 Este caso fatal, nem desejava
 Victoria tão custosa, e tão funesta.
 Dous foram, infeliz, os teus verdugos:

Deu a serpente o golpe, eu dei a causa,
 E eu fôra inda peor que o seu veneno
 Se a morte minha não vingasse a tua.»
 Disse, e do cume de cavada rocha
 Ao pélagos se dá; — porém doída
 Tethis o acolhe brandamente, e logo
 Véste de plumas o nadante corpo,
 Seu cubiçado fim negando ao triste.
 Elle, raivoso de existir por força,
 De ter com duros laços opprimida
 Alma, que da prisão sahir deseja,
 Menêa, assim que as sente, as azas novas,
 Vôa mas outra vez baixando ás ondas,
 Se intenta submergir: védam-lh'o as pennas.

Mais o amante se enraiva, e teima, e torna
 A sumir-se no mar: da morte a estrada
 Tenta, retenta ali, sem fructo.
 Amor lhe gasta, lhe macêra as carnes;
 O collo se lhe alonga, o mar lhe agrada,
 E dos mergulhos seus provém seu nome.

O sacrificio de Polycena
 e a metamorphose de Hecuba, sua mãe

(Traduzido do Livro XI)

Lá defronte da Phrygia, onde foi Troya,
 Jaz terra pelos Thracios habitada;
 D'ella Polymnestor o imperio tinha,
 A quem furtivamente, oh Polydoro,
 Teu pae te confiou, para educar-te
 Longe da confusão, e horror da guerra:
 Arbitrio salutar, se ao deshumano
 Comtigo não mandasse aureos thesouros
 Premio do crime, estímulo do avaro.

Apenas cáe Dardania envolta em cinzas,
 O Bistonio tyranno empunha um ferro,
 O crava na cerviz do tenro alumno;
 E, como se a traição sumir podêra

Co miserrimo corpo assassinado
 Do cume de um rochedo ao pégo o lança.
 Na Thracia fundeára o bravo Atrides,
 Mar sereno esperando, e vento amigo:
 Eis da terra, espaçosamente rôta,
 Tão grande Achilles sáe qual era em vida,
 Co'um ar ameaçador, c'o mesmo aspecto
 Que tinha quando horrível quiz vingar-se,
 E contra Agamemnôn brandiu a espada.
 « Esquecidos de mim, partís, oh Gregos !
 (A féra sombra diz) morreu comigo,
 Comigo se enterrou minha memoria !
 A idéa do que fui ! Sêde mais gratos,
 Sem honra não deixeis o meu sepulchro:
 Polycena, por vós sacrificada,
 De Achilles indignado applaque os manes.»

Cala, e desaparece. Os socios duros,
 Ao terrivel phantasma obedecendo,
 Do regaço materno a triste arrancam,
 Da materna anciedade unico allivio.
 Forte, e mais que a mulher, a infeliz virgem
 Ao tumulto funesto é conduzida,
 Para victima ser da irada Sombra.

Co'a phantasia em si, depois que a chegam
 Para as aras crueis, onde conhece
 Que ao sacrificio barbaro a destinam,
 E depois, vendo em pé, vendo a seu lado
 Pyrrho c'o ferro nú, e os olhos n'ella:
 «Um sangue generoso eia derrama,
 Derrama (ao impio) não te demores,
 No peito, ou na garganta o ferro embebe,
 (N'isto a garganta offrece, offrece o peito)
 «Polycena de escrava odêa o nome;
 Deus nenhum com tal victima se abranda
 Mas quizera que a mãe desamparada,
 Mãe deploravel me ignorasse os fados;
 Só ella de morrer me encurta o gosto
 Bem que não minha morte, a vida sua;
 Ella deve carpir. Vós affastae-vos;
 Meu rogo é justo: do virgineo corpo
 Tirae as mãos viris, não morra escrava:
 A'quelle, que intentaes (qualquer que seja)

No sacrificio meu tornar benigno,
 Ha de ser mais acceito um sangue livre.
 Se ha, com tudo, entre vós alguém, oh gregos,
 Piedoso a extremas supplicas, a prole
 De Priamo, d'um rei (não a captiva)
 Vos pede que entregueis, mas sem resgata,
 O cadaver sanguento á mãe chorosa.
 Com lagrimas alcance, e não com ouro
 O lutuoso jus de honrar-me as cinzas,
 De lhes dar sepultura: em quanto pôde,
 Com ouro a triste mãe remia os filhos.»

Disse: e o pranto, que intrépida sustinha,
 O povo não susteve: até chorando
 O ministro feroz lhe enterra a custo
 Consagrado punhal no eburneo collo.
 Eis o pé lhe fallece, ao chão baquêa,
 E um ar de intrepidez mantêm morrendo,
 Ao cair inda então se não descuida
 De encobrir o que é lei ter-se encoberto,
 Resguardando o decoro ao casto pejo.

As Troyanas, carpindo-se, a levantam,
 De Priamo a progenie ali recordam;
 Quanto sangue vertêra uma família,
 Que em outr' hora choram. Choram hoje
 O teu destino, oh virgem, choram hoje.
 Régia, misera esposa, o teu destino;
 Régia, misera mãe ! Nos tempos faustos
 De Asia fecunda symbolo florente !
 Agora inutil, desdenhado espolio,
 Que Ulysses vencedor não quereria,
 Se o memorando Heitor á luz não déras !
 O gran nome do filho apenas serve
 Para obter um senhor á mãe anciosa,
 Que, nos trementes braços estreitando
 O corpo, falto já de alma tão forte,
 As lagrimas, que deu á patria, aos filhos,
 E ao consorte infeliz, dá hoje a esta.

A ferida co'as lagrimas lhe inunda,
 Ternos beijos depõe nos labios frios,
 E afaga o virginal, querido seio.
 Revolvendo, empastando as cãs no sangue,
 Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:

«Oh filha, ultima dôr (pois que me resta ?)
Ultima dôr da mãe!... Sem vida jazes!...
Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito !
Todos, todos os meus assim morreram.
Tambem ferida estás! Seres isempta
Do ferro, por mulher, eu presumia,
E, mulher, succumbiste ao ferro iniquo !
De teus irmãos o algôz foi teu verdugo,
O mal, o horror de Troya, o fero Achilles!

«Quando ás frechas mortaes de Apollo, e Páris
O barbaro cahiu, eu disse: — Agora
Já que temer não ha do infesto Achilles —
E havia que temer: tornado em cinza,
Os restos de meu sangue inda persegue,
No tumulto o tyranno é sempre o mesmo.
Para fartar-lhe a crua, a negra sanha
Fecunda fui. Dardania jaz por terra,
Em catastrophe atroz findou seu fado;
Mas inda para mim Dardania existe,
Lavra da minha dôr inda o progresso.

«D'antes tantas grandezas possuindo,
Tantos genros, e filhos. c'rôa, esposo,
Hoje em desterro, na indigencia agora,
Do sepulchro dos meus desarraigada,
Sou quinhão de Penélope, que altiva
Ha de ás matronas de Itaca mostrar-me
Curvada ás suas leis, dizendo: «E' esta
A mãe de Heitor, de Príamo a consorte.»

«Depois de tantas perdas tu, oh filha,
Que do luto materno eras allivio,
Sobre tumulto hostile verteste o sangue!
Dei-te o ser para victima de Achilles.
Porque vivo, ai de mim ! Serei de ferro ?
A que, rugosa idade aborrecida,
Me reservas no mundo? Injustos deuses,
Para que me guardaes, senão sómente
Para novos horrores, prantos novos!

«Quem venturoso a Príamo julgára
Depois da, que deu Troya, horrivel queda !
Foi feliz em morrer, não te viu morta
Filha minha, e perdeu co'a vida o throno.

«Serão teus funeraes, oh virgem régia,

Dignos do teu natal ? Será teu corpo
 Nos avitos sepulchros encerrado?
 Não, já nos não compete essa fortuna:
 Chôro, e tosca porção de extranha teria
 (Dadiva maternal) só te pertencem.
 Perdemos tudo... ah! Não, resta-me um filho
 Por. quem supportarei mais tempo a vida,
 Unico filho agora, o que algum dia
 Da estirpe varonil era o mais tenro,
 E que ao Ismário rei foi commettido
 N'este mesmo logar... Mas porque tardo,
 Triste filha, a lavar-te o peito, e rosto,
 Do mortífero golpe ensanguentados ?»

Com vagaroso pé caminha á praia,
 Desgrenhados os candidos cabellos.
 «Urna me dae, troyanas (diz a triste)
 Para as aguas colher de que preciso.»
 Eis o corpo infeliz de Polydoro,
 Lançado pelo mar, vê sobre a arêa,
 E do Threicio ferro o golpe fundo.

As troyanas exclamam: fica muda;
 Ao peito a voz, e o pranto retrocedem,
 Afflicção lh'os devora: está qual pedra.
 Já põe n'adversa terra olhos immoveis,
 Já furibundo, aspecto aos céos levanta;
 Olha do filho o rosto, olha a ferida,
 Porém mais a ferida do que o rosto:
 Com isto se arma de ira, e de fereza.

Requintada a paixão, dispõe vingar-se,
 Dispõe como se fosse inda rainha,
 E enleva-se na imagem da vingança.

Qual braveja a leôa, a quem furtaram
 Tenra prole feroz, que inda criava,
 E do seu roubador, com ancia horrivel,
 No rasto vae, — tal Hécuba, envolvendo
 Os phrenesís, e o pranto, a dôr, e a raiva,
 Lembrada do que fôra, e não do que era,
 Corre a Polymnestor, ao réo do crime,
 Um colloquio lhe roga, e n'elle affecta

Que lhe quer entregar thesouro occulto,
Para que chegue illeso ás mãos do filho.

O fraudulento a crê, e estimulado
Da fome de ouro, a segue a ermo sitio.
Astuto, em brando tom lhe diz: «Não tardes,
O thesouro me dá, que ao filho envias.
Quanto me tens entregue, e me entregares
Que tudo elle possua aos deuses juro.»

De olhos sanhudos Hécuba o contempla,
Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,
E subito, em socorro as mais chamando,
Arremette ao perjuro, ao fementido,
Pelos olhos crueis lhe enterra os dedos,
(Dá-lhe forças a raiva) e lh'os arranca.
As mãos tenta embeber pelas feridas,
E, do perfido sangue enxovalhada,
Lacéra mais, e mais: não ceva a furia
Nos olhos (que os não ha) mas onde os houve.

As gentes do tyranno, embravecidas
Do cruento spectaculo, arremessam
A' vingadora mãe pedras, e lanças.
Pouco, irado murmurio ella soltando,
Contra as pedras investe, e morde as pedras:
Os labios se lhe alongam de repente,
E ergue canina voz, fallar querendo.

Ao sabido logar deu nome o caso:
Hécuba (ainda assim) por longos tempos
Teve dos males seus tenaz memoria,
Mesta ululando na Sithonia plaga.

Os gregos commoveu seu duro fado,
Dos troyanos fieis dobrou a angustia:
Aos deuses fez piedade, e a propria Juno,
Juno até confessou que Hécuba triste
Seu desastre fatal não merecera.

Pico e Canente

(Traduzido do Livro XIV)

Pico, de Ansonia, rei, Saturnia prole,
 Nas graças corporaes era estremado,
 Do espirito nos dons não menos bello.
 Quarta vez o espectaculo guerreiro,
 Que em Elide se usou de lustro em lustro,
 Não podendo o mancebo inda ter visto,
 Já olhos, já suspiros attraía
 Das Dryades gentis nos Lacios cumes.

Vós o amaveis também, vós o seguieis,
 Candidas filhas das serenas fontes,
 Oh Nayades do Tibre, e do Numicio,
 Deusas do Nar veloz, do Arno pequeno,
 Do Farfaro sombrio, e do Anio puro,
 Co'as outras, que da Scythica Diana
 Moram nos bosques, nos visinhos lagos.

Mas todas enjeitava, e quiz só uma,
 Só uma o captivou, penhor mimoso,
 Que lá no monte Palatino a Jano
 (Segundo é tradição) Venilia dera.

Nos annos de hvmeneu florece a nympha;
 Preferido entre mil competidores
 Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.
 Rara na gentileza era Canente
 Rarissima porém na voz, no canto:
 Com elle pedras, arvores movia,
 Detinha os rios, amansava as feras,
 Tirando ás aves o temor, e o vôo.
 Ella o seu dôce amor cantava um dia,
 Quando aos Laurentes campos contra os bravos,
 Cerdosos javalís saiu o esposo.

De alentado ginete o dorso opprime,
 Tem na dextra, e sinistra agudas lanças,
 Preso o phenicio manto em laço de ouro.
 Fôra a filha do Sol aos mesmos bosques
 Para colher no monte as hervas novas,
 Distante dos Circêos, a quem deu nome.
 D'uns ramos escondida o moço vendo,

Se assombra, cáem-lhe as hervas que apanhára;
 Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa.
 Apenas volve a si do vivo assalto
 Tenta manifestar o ardor interno,
 Mas do ginete a fervida, presteza,
 E os circumstantes guardas o estorvaram.
 «Nem que te roube o vento has de escapar-me,
 Se inda eu sou a que fui, se inda ha virtude
 Nas plantas, e meus versos não me enganam.»

Diz: e eis um javalí de aereo corpo,
 Finge-o, perante o rei correr o manda,
 E mostrar que se acolhe aos densos matos
 Em parte onde o cavallo entrar não possa.
 De imaginaria presa hallucinado,
 Salta o mancebo das fumantes costas,
 Segue esperança vã, fallaz objecto,
 Discorre aqui, e ali pela alta selva.

Já Circe principia as magas preces,
 Em verso ignoto adora ignotos deuses,
 Verso com que ennegrece, esconde a Lua,
 Com que o Sol, com que o pae de sombras mancha.
 Assim que os sons do encanto o céu condensam,
 Que um vapor tenebroso a terra exhala,
 E pelo bosque os mais vaguêam cegos,
 No escuro as guardas já do rei perdidas,
 Apto o lugar, e o tempo achando a amante:
 «Oh tu entre os mortaes o mais formoso,
 (Suspirando lhe diz) por esse aspecto,
 Por esses que os meus olhos encantaram,
 E fazem com que eu deusa te supplice,
 Premêa activo amor, em que me inflammas;
 O Sol, que tudo vê, por sogro acceita,
 Duro não fujas da Titânia Circe.»

Disse, porém feroz elle a regeita,
 Elle rogos, e affagos lhe repulsa,
 Responde: «Não sou teu, quem quer que sejas;
 «Outra me tem captivo, e praza aos numes
 Que dure longamente o captiveiro.
 Os laços conjugaes, os puros laços
 Não hei de enxovalhar de amor externo
 Em quanto amigos fados me guardarem
 De Jano a filha, a singular Canente.»

Circe (enfadada de lhe instar sem fructo)
 Diz: «Não, não has de impunemente amal-a,
 Nem jámais tornarás a vêr a esposa.
 Mulher depois d'amante, e de offendida
 Conhecerás o que é para teu damno
 Sou mulher, offendida, amante, e Circe.»

Ao occaso, ao nascente então se volta,
 Duas vezes áquelle, a este duas;
 Depois no corpo do gentil mancebo
 Tres toques dá co'a vara, e diz tres versos.
 Elle foge, e da propria ligeireza,
 Da nímia rapidez vae admirado:
 Eis que subitamente em si vê azas.
 Affrontado, raivoso de sentir-se
 Ave nova adejar nos lacios bosques,
 Despede o féro bico aos duros troncos.
 Com furia aqui, e ali golpêa os ramos.
 Côr de purpureo manto as pennas ficam,
 Em pennas o aureo nó tambem se torna,
 Lista dourada lhe rodêa o colo,
 E a Pico do que foi só resta o nome.
 Entretanto por elle os seus clamavam,
 Sem podel-o encontrar na longa selva.

Circe em fim lhe apparece (as auras tinha
 Adelgado já, já pernittido
 Que o sol, e o vento as nevoas dissipassem)
 Mil crimes exprobrando á vingativa,
 Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,
 E dispõe-se a cravar-lhe as ferreas lanças.
 Succo de atro veneno a maga entorna,
 A Noute, os numes d'ella, o Cahos, o Averno
 Pelo forçoso encanto ali convoca,
 E óra á terrivel Hecate, ululando.

Eis salta do logar (que espanto !) o bosque,
 Amarellece a folha, e geme a terra,
 Tingem-se as hervas de sanguineas manchas,
 Roucos bramidos sáem das rotas penhas,
 Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,
 Vê-se o chão d'ellas negro, e tenues sombras
 Nos ares em silencio andar girando.
 Attonitos de horror descoram todos:
 Mas co'a vara tremenda, e venenosa

Toca-lhes Circe as bocas assombradas.

Pelo tacto fatal se tornam monstros
De improviso os mancebos lastimosos,
E enbun permanece a antiga fórma.

Já no occidente o sol fechara o dia,
E com olhos, com alma em vão Canente
Pelo perdido esposo inda esperava.
Pizam bosques, e bosques servos, povo
E com fachos nas mãos exploram tudo.
A nympha de chorar não se contenta,
Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças,
Quantos extremos ha, todos pratfca;
Sae, corre, vaga, insana, os lacios campos.

Seis luas (infeliz!) seis sóes a viram
Em continuo jejum, continua véla
Por valles, por floresta, por montanhas,
Por onde o desacordo a foi levando.
Do pranto, e do caminho emfim cancada,
O Tibre a viu caír na margem sua,
Ali ao desamparo, ali sósinha
A triste, modulando acerbas magoas,
Soltava um tenue som, qual canta o cysne
O debil verso precursor da morte.
A amante deploravel manso, e manso
Em lagrimas saudosas se liquida,
Vae-se ali pouco a pouco attenuando,
E nas auras subtis se desvanece.

Pelo caso o logar ficou famoso:
Vós, do nome da sympha miseranda
Canente, oh priscas Musas, lhe puzestes.

A apotheosis de Eneas

(Traduzido do Livro XIV)

Já do piedoso Enéas a virtude
Enter necera os deuses, extinguiu
Da propria Juno a malquerença idosa;
E, firme a herança do crescente Ascanio,
Reposou ao pae cabia, era já tempo

De ir lograr-se dos céos o heróe troyano.

Venus por elle interessara os numes.

E de Jove abraçando o collo augusto:

«Pae, nunca repugnante a meus desejos,

De teu amor (lhe diz) o extremo apura.

Clementissimo attende ás preces minhas.

Meu caro Enéas, que é por mim teu neto,

Gráo de nume inferior alcance ao menos,

De algum modo nos céos meu filho admitte.

Bem lhe basta uma vez entrar no reino

Onde é tudo aversão, tristeza tudo,

E haver passado por estygias ondas.»

Soou a approvação dos deuses todos,

Nem Saturnia ficou de aspecto immovel,

Antes affavel annuiu ao rogo.

Então lhe disse o pae: «Sois dignos ambos

Tu, e teu filho da celeste graça.

Cumpre o desejo em fim.» — Calou se Jove.

Com vozes gratas a exultante deusa

A mercê retribue, e, conduzida

Nas auras leves pelas niveas pombas,

Desce á margem Laurente, onde serpêa

O Numicio, de canas assombrado,

Levando ao mar visinho as vitreas agoas.

A linda Cytheréa ordena ao rio

Que tudo o que é da morte a Enéas lave,

E em silencio no mar depois esconda.

As ordens o deus humido executa;

Tudo quanto é mortal extráe de Enéas,

E co'a pura corrente o volve puro:

A parte só que é optima lhe deixa.

Eis a amorosa mãe o aromatiza,

Unge de oleo divino o corpo amado,

Honra-lhe os labios de ambrosia, e nectar,

Deus o faz, que dos povos de Quirino

Indigete é chamado, e sobe ás aras.

A apotheosis de Romulo, e Hersilia

(Traduzido do Livro XIV)

Tacio morrêra, e Romulo aos dous povos
Equilibrava as leis, quando Mavorte
Dos mortaes, e immortaes ao rei supremo
(Deposto o morrião) fallou d'est'arte:

«O tempo é vindo, oh pae (por quanto Roma
Em robusto alicerce está segura,
E um só braço a modera) é vindo o tempo
Em que alto galardão, promessa antiga
A mim, teu filho, a Romulo, teu neto,
Credor do grande premio, se effectue,
E o destinado ao céo se roube á terra.
No conselho dos deuses tu outr'hora
Me disseste, senhor: (e o pio annuncio
Gravei no coração, gravei na mente)
— Erguido aos céos por ti será teu filho: —
Ratifica a palavra sacro-sancta.»

Ao guerreiro annuiu o omnipotente:
Os ares condensou de opacas nuvens,
No raio, no trovão pôz medo á terra.
O impavido Gradivio, á luz, o estrondo,
Vê que é dado o signal do rapto augusto.
E, firmado na lança, ao carro salta.
Brutos, oppressos de temão sanguento.
O sonoro flagello açouta, espérta,
Dirigindo-se o deus por entre os ares,
Pára no Palatino, umbroso cume,
E ao filho, que ali julga os seus Quirites,
Arrebata d'ali co'a mão nervosa.
Nas auras se lhe vae quanto é da morte,
Qual a plumbea porção que sáe da funda
Seu reçumante humor perde voando.
Toma o romano heróe radiosa face,
Face mais digna da morada eterna,
Tal como a que se vê na purpurada
Imagem de Quirino, imagem sua.

Por morto o claro esposo Hersilia chora:
Eis dos céos a rainha ordena a Iris

Que baixe ao mundo, e que á viuva excelsa
Estas benignas vozes pronuncie:
«Oh da gente sabina, e lacia gente
Honra primaria, singular matrona,
Já digna esposa d'um varão sublime,
Do deus Quirino agora esposa digna !
Não chores: se teu Íncrito consorte
Morrendo estás por vêr, segue-me os passos,
Comigo ao bosque vem, que lá verdeja
No cimo Quirinal, e assombra os lares
Do monarcha romano.» — Iris submissa
Pelo arco immenso de vistosas côes
Desce rapidamente: eil-a na terra,
E o que ella a Juno ouviu lhe escuta Hersilia.

«Oh deusa ! (proferiu a alta matrona,
De pejo os olhos elevando apenas)
Qual d'ellas és não sei, mas sei que és deusa:
Não cabe esse esplendor a um ente humano.
Guia, ah! Guia-me a vêr o ausente esposo:
Se olhal-o inda uma vez me daes, oh Fados,
A presença dos céos terei na sua.»

N'isto ao Romuleo monte se encaminha,
E lêda o sóbe co'a Thaumantia virgem.

Subito, das estrellas despegado,
Vem direito á montanha ethereo lume;
Os cabellos de Hersilia toca, inflamma,
E com ella apoz si revôa aos astros.

De Roma o fundador nos céos a acolhe;
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,
Ora lhe chama, e de Quirino ao lado
Gosa com elle dos romanos cultos.

A alma de Julio Cesar mudada em Cometa

(Traduzido do Livro XV)

Da tua morte, oh César, teve o mundo
 Não duvidosos, tétricos presagios.
 E' fama que em fulmineas, atras nuvens
 Tubas horrendas, armas estrondosas,
 Duros clarins os pólos atroaram,
 Do negro parricidio annuncios dando;
 E' voz geral tambem que o Sol tristonho
 Um pallido clarão mandava á terra,
 Que nos ares arder se viram fachos,
 E em chuviros caír sanguineas gôtas;
 De ferrugineo véo surgir a Aurora,
 De sangue o carro teu vir tinto, oh Lua.
 Com dolorosos sons o môcho esquerdo
 Logares mil entristeceu de agouros,
 N'outros mil o marfim se viu chorando.
 Foram cantos, e vozes de ameaço
 Sentidos nas florestas consagradas;
 Aceita aos numes victima não houve:
 Feros tumultos, imminentes males
 Tinham na reta fibra apparecendo;
 Achou-se nas fatidicas entranhas
 Decepada cabeça gotejante;
 No fôro, em torno aos templos, ante os lares
 Os cães nocturnos ulular se ouviram,
 Roma tremeu, por ella andaram sombras.

Tolher o effeito de vindouros fados,
 De medonha traição tolher o effeito
 Não puderam do céo com tudo avisos.
 Entram punhaes sacrilegos no templo:
 Que theatro da barbara tragedia,
 Da acção nefanda, o teu Senado, oh Roma !

A alma Venus, porém, baixando á curia,
 Entre os conscriptos invisivel pára,
 Em quanto da perfidia os golpes ferverem.

Eis de Cesar o espirito arrebatá
 Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,

Quer apural-o nos ethereos lumes.
Erguendo-o, vê que a luz, vê que se inflamma :
Ella o sólta, elle vôa além da Lua.
De acceza grenha, de espaçosa cauda,
No céo girando, resplandece estrella.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

Pag.	
ODES ANACREONTICAS.....	5
Armia (pastoril).....	12
Á III. ^{ma} e Ex. ^{ma} Sr.« D. Marianna Joaquina Pereira	
Continho.....	18
CANÇONETAS — A Armania.....	23
Aos annos da Sr. ^a D. Maria do Carmo.....	25
A Rosa.....	30
Filis e Amor.....	31
A Noute.....	33
ENDECHAS — A Armia.....	39
A gruta do Ciume.....	46
RETRATOS.....	49
QUADRAS.....	53
A Armia.....	55
Inalia melhor que a Rosa.....	56
TRABALHOS DA VIDA A HUMANA.....	59
ALLEGORIAS — A Anarda.....	65
O Zepbyro e a Roza.....	67
GLOSAS.....	69 a 121
APOLOGOS — O passarinho preso.....	123
O lobo e a ovelha.....	125
O amante e a borboleta.....	127
O curvo e o rouxinol.....	129
As damas e a borboleta.....	131
O leão vencido pelo homem.....	132
A raposa e as uvas.....	133
O corvo e a raposa.....	133
A cigarra e a formiga.....	134
A montanha que pare.....	135

	PAG.
O leão velho.....	135
O leão caçando com o burro.....	130
O cão e a cadella.....	137
O corvo o o pavão.....	137
O cão de fralda e a raposa.....	138
O macaco declamando.....	131
Os dous burros e o mono.....	139
Os cães domesticos c o cão montanhez.....	140
O lobo, a raposa e a ovelha.....	141
O tigre e a doninha.....	143
Os dous cães.....	145
O elephante e o burro.....	146
A mona e o filho.....	147
O papagaio e a gallinha.....	148
A macaca.....	149
O leão e o porco.....	149
Os dous gatos.....	150
O rouxinol, o cuco e o burro.....	152
 ADIVINHAÇÕES.....	 155
 EPIGRAMMAS.....	 157 a 185
 ELOGIOS.....	 187 a 245
 A CONCORDIA ENTRE AMORE A FORTUNA.....	 247
 A VIRTUDE LAUREADA.....	 259
 FRAGMENTOS DRAMATICOS.....	 273
 O HERO ELUSITANO.....	 303
 EULALIA.....	 305
 VERSÕES LYRICAS — Á existencia de Deus.....	 311
As forjas de Lemnos.....	313
Daphnis.....	315
A sepultura, ou a morte de Adonis por Bion de Smyna.....	320
Amor fugido.....	323
Euphrasia a Ramiro.....	325
Euphrasia a Melcour.....	329
 EPISODIOS TRADUZIDOS — A morte de Lucrecia.....	 333
Latino e seus filhos.....	340
Gildipe e Eduardo.....	342

	PAG.
Descrição do Diluvio.....	344
Sacrifício aos espiritos infernaes.....	349
O combate de Ailly com o filho na batalha de Ivri.....	351
O Templo do Amor.....	354
A fome assolando Pariz.....	357
A Colombiada, ou a fé levada ao novo mundo.....	359
Fragmentos.....	370, 371 373 e 374
Sobre as façanhas dos Portuguezes na expedição de Tripoli.....	376
PASTOS — DAS METAMORPHOSES.....	403
Io.....	419
O precipício de Phaetonte.....	424
A gruta de inveja.....	425
O roubo de Europa por Jupiter.....	426
A morte do Pyranno e Thisbe.....	427
Cadmo e Hermione.....	432
Atlante convertido em monte.....	433
O roubo de Orithya por Bóreas.....	435
Progne, Teréo e Philomela.....	436
A descida de Orpheu aos infernos a buscar Eurydice.....	446
Cinyras e Myrrha.....	449
Midas convertendo tudo em ouro.....	457
A gruta do somno.....	459
Ésaco o Esperiá.....	461
O sacrificio de Polycena e a metamorphose de Hécu- ba, sua mãe.....	462
Pico e Canente.....	468
A apotheosis de Enéas.....	471
A apotheosis de Romulo e Hersilia.....	473
A alma de Julio Cesar mudada em Comet.....	475

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)